



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SÁVIO ANDRÉ DE SOUZA CAVALCANTE

**EFEITOS PROTOTÍPICOS DA INTERCALAÇÃO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS
CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL**

FORTALEZA
2020

SÁVIO ANDRÉ DE SOUZA CAVALCANTE

EFEITOS PROTOTÍPICOS DA INTERCALAÇÃO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS
CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan.

FORTALEZA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C364e Cavalcante, Sávio André de Souza.

Efeitos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol mexicano oral / Sávio André de Souza Cavalcante. – 2020.
215 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.

1. Protótipo. 2. Intercalação. 3. Orações temporais. 4. Espanhol mexicano oral. 5. Linguística Funcional Centrada no Uso. I. Título.

CDD 410

SÁVIO ANDRÉ DE SOUZA CAVALCANTE

EFEITOS PROTOTÍPICOS DA INTERCALAÇÃO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS
CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 20/03/2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márluce Coan – Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Xosé Henrique Monteagudo Romero – 1º Examinador
Universidade de Santiago de Compostela (USC)

Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat – 2ª Examinadora
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profa. Dra. Violeta Virginia Rodrigues – 3ª Examinadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes – 4º Examinador
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos que, com seus cuidados e amor, fizeram-me o cidadão que sou hoje:

Minha querida mãe, Rita.

Meus padrinhos, Socorro e Nilton.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à unção do Espírito Santo, que me ensinam todas as coisas.

À minha mãe, por sua luta, força e persistência. Verdadeiramente, és uma mulher de fé!

À minha irmã Cíntia, que, em sua bravura, também acreditou e torceu por mim.

Aos meus amigos-irmãos lindos, os “momentos” Thomas de Castro e Rebeca Nagle. Thomas, você sabe que já estamos com saudade, mas logo iremos visitá-lo. Rebequinha, minha filha, “momentinhos”, sabe que considero muito nossa amizade, né? Irineu Fernandes, você também entra nessa lista, por ser um homem muito sábio!

À minha avó Maria André, *in memorian*, por seu amor e carinho durante minha infância.

Aos meus padrinhos Socorro e Nilton e seus filhos Lanna, Nilton e Nilson. Levo por toda a vida o que aprendi com vocês, pelo exemplo e pela boa educação que também me deram.

À minha madrinha Derlange, por ser uma verdadeira mãe, sempre presente.

Ao meu pai Mano e à minha “boadrasta”, Irlândia. Sei que vocês se alegram com minhas conquistas.

Ao vizinho Alencar (*in memorian*) e à florzinha Maria Tilde (*in memorian*), Christiane e Karízia Cavalcante (irmãs), Jacinta e Lúcia (tias), Gigi, Dudu, Sara, Geovane e Graciele (os primos): meus parentes paternos que sempre vibraram com cada conquista minha.

À minha primeira orientadora na graduação, profa. Dra. Fernanda Coutinho. Devolhe meu espírito de pesquisador e as orientações durante os primeiros passos na investigação científica.

À profa. Dra. Inês Cardoso e sua linda família (Martin, Marina e Ciene): meus queridos amigos, com quem compartilhei (e ainda compartilharei) deliciosos momentos, incluindo torradas e geleias finas.

À profa. Dra. Márluce Coan, minha orientadora na Língua Portuguesa desde o Mestrado. Quão valiosos são seus comentários de revisão e orientações! Realmente, sou um homem abençoado por Deus em ter pessoas tão especiais em minha vida.

À profa. Dra. Márcia Nogueira, pelas conversas dentro e fora da sala de aula e por sua participação em minha qualificação, com comentários tão ricos e relevantes.

À profa. Dra. Maria Elias Soares, pela amizade e pelos comentários sempre tão “pertinentes, oportunos e necessários” (Quem lê entenda!).

À profa. Dra. Claudete Lima, uma amiga tão especial, que despertou em mim, ainda na graduação, o gosto pela Linguística e por estudar a posição das Temporais. Além disso, ensinou-me a manejar o SPSS. Agradeço a amizade, a parceria e a oportunidade de trabalhar na Entrepalavras.

Ao prof. Dr. Paulo Mosânio (*in memoriam*), por todas as vezes que ele falou: “ – Sávio, termine sua tese e me envie. Ultimamente estou lendo sobre Funcionalismo, e o tema me interessa”. Obrigado pela força e sabedoria, professor. E por me deixar fazer parte de seu grupo de amigos.

Ao prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes, que participou de minha trajetória acadêmica desde a graduação, como professor, e, durante a pós-graduação, esteve em todas as minhas bancas, desde o Mestrado. Obrigado por suas leituras, comentários e sugestões a esse texto.

À profa. Dra. Beatriz Decat, pelo jeito doce com que ensina e pesquisa articulação de orações. A Linguística brasileira ganha muito com cada publicação sua!

À profa. Dra. Violeta Rodrigues, que amiga especial! Violetinha, talvez você não faça ideia do quanto te admiro e agradeço a Deus por nossa amizade. Admiro demais o jeito como você pesquisa e como ministra suas aulas. Obrigado por estar sempre perto, mesmo em cidades diferentes, e por me permitir fazer parte de seu grupo de pesquisa.

Aos professores Xosé Henrique Monteagudo Romero e Leandra Cristina de Oliveira, pela disponibilidade em participar da banca, como examinador e suplente, respectivamente.

À profa. Dra. Mônica Cavalcante, por seu exemplo de carinho com os seus. É tão bom estar perto e ouvir seus ensinamentos! Obrigado pela preocupação constante comigo.

Aos Power Rangers Mayara, Hélio, Victor, Priscila e Rogy, amigos mui queridos e amados! Juntos, choramos, rimos e enfrentamos os momentos bons e ruins da vida. Adoro ouvir as conquistas de vocês e celebrarmos juntos. Em especial à Mayara, anjinho, dona do abraço mais caloroso da UFC. May, você é uma amiga e tanto! Também à Pri, que me ajudou com a versão em inglês do resumo desta tese. Sou muito grato!

Ao amigo Álisson Hudson, com quem comecei o Doutorado. Amigo, sua companhia foi muito especial no início do curso. Hoje vivemos em cidades diferentes e estamos, juntos, encerrando o ciclo deste curso. Ainda temos muita parceria a firmar.

Aos amigos Lorena, Jards, Hermínia, Leila, João Paulo Eufrázio, Claudinha, Rosaly, Alexandra e Dr. Airton. Vocês sabem que têm um lugar especial em minha vida e em meu coração.

Aos estimados servidores do PPGL: Antônia, Eduardo, Vanessa, Rodrigo e Valdirene. Também à coordenadora, Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin. Parabéns pelo trabalho!

Ao CNPq, pelo apoio financeiro, crucial para o desenvolvimento desta e das outras pesquisas pelo Brasil e fora dele.

Aos pastores Vera e Gilmar Cavalcante, com quem aprendi lições tremendas para utilizar não só na vida natural, mas também na espiritual.

Aos pastores Rossana Lira e Judvan Dantas, por seu exemplo de família e de vida dedicada a Deus. Amo vocês!

Ao meu pastor Filipe Scarcella, por me permitir usar meus dons naturais a serviço do Reino de Deus. Obrigado pela força nos momentos difíceis e pelas conversas tão profundas sobre Deus, Jesus, Bíblia e temas afins. Também ao meu líder de louvor, Henri Santos, porque aprendo muito com seu comportamento de líder e de Filho de Deus.

Ao meu amigo Gabriel, por sua amizade tão sincera. Amigo, você é um presente de Deus para mim.

Aos amigos da família Soul Livre, mais chegados que irmãos: Acauan, Bruno e Ítalo. Vocês são bênção para mim!

Aos amigos do curso de Letras-Espanhol da UFC: Dieyme, Vladinise, Eveline, Leidiane, Lívia, Jaqueline, Magno, Victor, Zulmira e Ravena. Também à Neuri, amiga desde antes da graduação. Alegro-me com vossas conquistas!

A todos os meus companheiros de trabalho no IFCE Boa Viagem, docentes e TAEs, além dos alunos. Em especial, agradeço aos moradores da República dos Calangos: Davi, Cezar, Iarli e Jeison, pelos momentos tão divertidos. Mais especial ainda é o irmão Davi, sempre disposto a ouvir e a ser, verdadeiramente, um grande amigo!

Aos amigos Eduardo Seyki, Antônia (Acauan), Viviane (a bencinha), Shirley, Verônica, Célia, Fran e Naldo Barroso, Silvana Cavalcante, Helena Cordeiro, Eunice, Emerciana, Fábio e Samary, os vizinhos D. Franci e Sr. Raimundo, Valdênia e família, à Dra. Juliana Aderaldo e Quênia.

Para todos vocês, deixo-lhes a seguinte palavra: permaneçam firmes e não se deixem abalar por nada. Não se esqueçam das palavras do apóstolo Paulo: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

“Com dor ou sem dor
ficarei de pé.
Mesmo que os joelhos dobrem,
Mesmo que os pés se ulcerem.

Com dor ou sem dor
usarei as mãos.
Mesmo que as mãos se firam.
Mesmo perdendo os dedos.

Com dor ou sem dor
subirei de joelhos
e mãos postas, meu Deus,
Até meu próprio fim.

Mas dai-me vida
com dor ou sem dor
a fim de que eu termine
minha obra. E ela fique de pé.”

(Stella Leonardos – Prece do Aleijadinho)

RESUMO

A intercalação é escassamente definida nas pesquisas em Linguística. Considerando a complexidade do fenômeno, esta tese analisa a intercalação de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol mexicano oral, sob pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Para tanto, (i) identificamos critérios para sua caracterização; (ii) mapeamos seus *loci*; (iii) propusemos uma configuração escalar, prototipicamente orientada; (iv) analisamos seus usos, observando traços sintático-semântico-discursivos; e (v) correlacionamos os resultados à iconicidade e marcação (GIVÓN, 1995, 2001a). Defendemos que a intercalação pode ser analisada como fenômeno gradiente, compondo-se de subestruturas escalarmente hierarquizadas, que exibem efeitos prototípicos. A Metodologia envolveu coleta, codificação e análise de Temporais intercaladas em 54 entrevistas do *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México* (CSCM). Os resultados dos 514 dados localizados apontam para preferência de intercaladas não prototípicas (449/87.3%), reveladas nos seguintes *types*, entre os quais os dois primeiros foram considerados mais distantes do protótipo de intercalação: a) *Marcador discursivo* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração Nuclear*, b) *Conector de oração coordenada* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração coordenada*, c) *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Marcador discursivo*, d) *Tópico* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração Nuclear*, e) *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Antitema*, f) *Adjunto adverbial* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração Nuclear* e g) *Conector de oração subordinada* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração subordinada*. Esta primeira grande categoria apresentou os seguintes traços: (i) quanto à posição e extensão: pré-verbal (437/97.3%), distância curta em relação ao verbo (298/66.4%), distância curta da margem esquerda (331/73.7%), distância longa da margem direita (304/67.7%), extensão longa (177/39.4%); (ii) quanto à sua apresentação formal e de seus verbos: desenvolvida com *cuando* (339/75.5%), compartilhamento de tempo/modo com o verbo da nuclear (321/71.5%); (iii) quanto ao sujeito: alta acessibilidade tópica (206/45.9%), alta persistência tópica (123/27.4%) e não persistência (118/26.3%), correferencial (204/45.4%) e não correferencial ao da nuclear (231/51.4%), de primeira pessoa (231/51.4%) e de terceira pessoa (195/43.4%), evocado (381/84.8%), elíptico (281/62.6%); (iv) quanto às relações cronológicas e semânticas: simultaneidade (251/55.9%); tempo e motivo (126/28.1%); tempo, condição e motivo (118/26.3%) e tempo prototípico (106/23.6%). As prototípicas manifestaram-se nos seguintes *types*, entre os quais o último foi considerado o mais similar ao protótipo: a) *Sujeito* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verbo*, b) *Verbo* (Δ) *Temporal* (Δ) *Adjunto adverbial*, c) *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Complemento nominal*, d) *Verbo* (Δ)

Temporal (Δ) *Objeto indireto*, e) *Verbo* (Δ) *Temporal* (Δ) *Objeto direto* e f) *Verbo auxiliar de perífrase* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verbo principal de perífrase*. Além de baixa frequência de uso (65/12.7%), suas características são: (i) quanto à posição e extensão: pré-verbal (54/83.1%), distância curta (30/46.2%) e contígua (27/41.5%) em relação ao verbo, distância curta da margem esquerda (40/61.5%), distância longa da margem direita (37/56.9%), extensão média (23/35.4%); (ii) quanto à sua apresentação formal e de seus verbos: desenvolvida com *cuando* (51/78.4%), compartilhamento de tempo/modo com o verbo da nuclear (54/83.1%); (iii) quanto ao sujeito: alta acessibilidade tópica (49/75.4%), alta persistência tópica (27/41.5%), correferencial ao da nuclear (49/75.4%), de primeira pessoa (38/58.4%), evocado (61/93.8%), elíptico (52/80%); (iv) quanto às relações cronológicas e semânticas: simultaneidade (41/63.1%); tempo, condição e motivo (21/32.3%) e tempo prototípico (16/24.6%). Percebemos que a complexidade estrutural das Temporais intercaladas é compensada por mecanismos que tendem a reduzir ou suavizar os esforços de codificação, corroborando iconicidade, marcação (GIVÓN, 1995, 2001a) e expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012). Seu comportamento híbrido, inclusive dentro de um mesmo grupo, revela um mecanismo complexo e heterogêneo de articulação de cláusulas, atestando a viabilidade de analisar e segmentar seus variados *types*.

Palavras-chave: Protótipo. Intercalação. Orações temporais. Espanhol mexicano oral. Linguística Funcional Centrada no Uso.

RESUMEN

La intercalación es escasamente definida en la investigación lingüística. Teniendo en cuenta la complejidad del fenómeno, esta tesis analiza la intercalación de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciales Temporales en el Español mexicano oral, bajo los supuestos de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso (LFCU). Por lo tanto, (i) identificamos criterios para su caracterización; (ii) mapeamos sus *loci*; (iii) propusimos una configuración escalar, orientada prototípicamente; (iv) analizamos sus usos, observando características sintáctico-semántico-discursivas; y (v) correlacionamos los resultados con iconicidad y marcación (GIVÓN, 1995, 2001a). Argumentamos que la intercalación puede analizarse como un fenómeno gradiente, que consiste en subestructuras escalarmente jerárquicas, que exhiben efectos prototípicos. La metodología incluyó la recolecta, codificación y análisis de Temporales intercaladas en 54 entrevistas del *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México* (CSCM). Los resultados de los 514 datos localizados apuntan a una preferencia de intercaladas no prototípicas (449/87.3%), reveladas en los siguientes *types*, entre los cuales los dos primeros se consideraron más distantes del prototipo de intercalación: a) *Marcador discursivo (Δ) Temporal (Δ) Oración nuclear*, b) *Conector de oración coordinada (Δ) Temporal (Δ) Oración coordinada*, c) *Oración nuclear (Δ) Temporal (Δ) Marcador discursivo*, d) *Tema (Δ) Temporal (Δ) Oración nuclear*, e) *Oración nuclear (Δ) Temporal (Δ) Anti-tema*, f) *Adjunto Adverbial (Δ) Temporal (Δ) Oración nuclear* y g) *Conector de oración subordinada (Δ) Temporal (Δ) Cláusula subordinada*. Esta primera categoría principal presentó las siguientes características: (i) en cuanto a posición y extensión: preverbal (437/97.3%), corta distancia en relación con el verbo (298/66.4%), corta distancia del margen izquierdo (331/73.7 %), larga distancia desde el margen derecho (304/67.7%), extensión larga (177/39.4%); (ii) con respecto a su presentación formal y sus verbos: flexionadas, introducidas por cuando (339/75.5%), tiempo/modo compartido con el verbo de la nuclear (321/71.5%); (iii) con respecto al sujeto: alta accesibilidad tópica (206/45.9%), alta persistencia tópica (123/27.4%) y no persistencia (118/26.3%), correferencial (204/45.4%) y no correferencial al de la nuclear (231/51.4%), de primera persona (231/51.4%) y de tercera persona (195/43.4%), evocado (381/84.8%), elíptico (281/62.6%); (iv) con respecto a las relaciones cronológicas y semánticas: simultaneidad (251/55.9%); tiempo y motivo (126/28.1%); condición, tiempo y motivo (118/26.3%) y tiempo prototípico (106/23.6%). Las prototípicas se manifestaron en los siguientes *types*, entre los cuales el último se consideró el más similar al prototipo: a) *Sujeto (Δ) Temporal (Δ) Verbo*, b) *Verbo (Δ) Temporal (Δ)*

Complemento Circunstancial, c) Oración nuclear (Δ) Temporal (Δ) Complemento preposicional, d) Verbo (Δ) Temporal (Δ) Complemento indirecto, e) Verbo (Δ) Temporal (Δ) Complemento directo y f) Verbo auxiliar de perífrasis (Δ) Temporal (Δ) Verbo principal de perífrasis. Además de la baja frecuencia de uso (65/12.7%), sus características son: (i) con respecto a la posición y extensión: preverbal (54/83.1%), distancia corta (30/46.2%) y contigua (27/41.5%) en relación con el verbo, corta distancia desde el margen izquierdo (40/61.5%), larga distancia desde el margen derecho (37/56.9%), extensión media (23/35.4%); (ii) con respecto a su presentación formal y sus verbos: flexionadas, con cuando (51/78.4%), tiempo/modo compartido con el verbo de la nuclear (54/83.1%); (iii) en cuanto al sujeto: alta accesibilidad tópica (49/75.4%), alta persistencia tópica (27/41.5%), correferencial al de la nuclear (49/75.4%), de primera persona (38/58.4%), evocado (61/93.8%), elíptico (52/80%); (iv) con respecto a las relaciones cronológicas y semánticas: simultaneidad (41/63.1%); tiempo, condición y motivo (21/32.3%) y tiempo prototípico (16/24.6%). Notamos que la complejidad estructural de las Temporales intercaladas se compensa con mecanismos que tienden a reducir o suavizar los esfuerzos de codificación, corroborando la iconicidad, marcación (GIVÓN, 1995, 2001a) y expresividad (DUBOIS; VOTRE, 2012). Su comportamiento híbrido, incluso dentro del mismo grupo, revela un mecanismo complejo y heterogéneo de articulación de cláusulas, lo que demuestra la viabilidad de analizar y segmentar sus diversos *types*.

Palabras-clave: Prototipo. Intercalación. Oraciones temporales. Español mexicano oral. Lingüística Funcional Centrada en el Uso.

ABSTRACT

Intercalation is sparsely defined in linguistics research. Considering the complexity of the phenomenon, this thesis analyzes the intercalation of Temporal Circumstantial Hypotatic Clauses in oral Mexican Spanish, under the assumptions of the Usage-based Functional Linguistics. Therefore, (i) we identified criteria for its characterization; (ii) we map its *loci*; (iii) we proposed a scalar configuration, prototypically oriented; (iv) we analyze its uses, observing syntactic-semantic-discursive features; and (v) we correlate the results with iconicity and markedness (GIVÓN, 1995, 2001a). We argue which the intercalation can be analyzed as a gradient phenomenon, consisting of scalarly hierarchical substructures, which exhibit prototypical effects. The Methodology involved the collection, coding and analysis of Temporal Clauses interposed in 54 interviews of the *Corpus Sociolingüístico de la Ciudad de México* (CSCM). The results of the 514 localized data point to a preference for non-prototypical intercalation (449/87.3%), revealed in the following types, among which the first two were considered more distant from the intercalation prototype: a) *Discursive marker* (Δ) *Temporal* (Δ) *Nuclear Clause*, b) *Coordinated Connector* (Δ) *Temporal* (Δ) *Coordinated Clause*, c) *Nuclear Clause* (Δ) *Temporal* (Δ) *Discourse Marker*, d) *Topic* (Δ) *Temporal* (Δ) *Nuclear Clause*, e) *Nuclear Clause* (Δ) *Temporal* (Δ) *Anti-theme*, f) *Adjunct adverbial* (Δ) *Temporal* (Δ) *Nuclear Clause* and g) *Subordinate connector* (Δ) *Temporal* (Δ) *Subordinate Clause*. This first major category presented the following traces: (i) regarding the position and extension: pre-verbal (437/97.3%), short distance in relation to the verb (298/66.4%), short distance from the left margin (331/73.7 %), long distance from the right margin (304/67.7%), long extension (177/39.4%); (ii) regarding its formal presentation and its verbs: developed with *cuando* (339/75.5%), time/mode sharing with the nuclear verb (321/71.5%); (iii) regarding the subject: high topical accessibility (206/45.9%), high topical persistence (123/27.4%) and non-persistence (118/26.3%), co-referential (204/45.4%) and non-co-referential to the nuclear (231/51.4%), first person (231/51.4%) and third person (195/43.4%), evoked (381/84.8%), elliptical (281/62.6%); (iv) regarding chronological and semantic relations: simultaneity (251/55.9%); time and motive (126/28.1%); condition, time and motive (118/26.3%) and prototypical time (106/23.6%). The prototypes were manifested in the following types, among which the latter was considered the most similar to the prototype: a) *Subject* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verb*, b) *Verb* (Δ) *Temporal* (Δ) *Adverbial adjunct*, c) *Nuclear Clause* (Δ) *Temporal* (Δ) *Nominal complement*, d) *Verb* (Δ) *Temporal* (Δ) *Indirect object*, e) *Verb* (Δ) *Temporal* (Δ) *Direct object* and f) *Periphrasis auxiliary verb* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verb*

main periphrasis. In addition to low frequency of use (65/12.7%), its characteristics are: (i) regarding position and extension: pre-verbal (54/83.1%), short (30/46.2%) and contiguous distance (27/41.5%) in relation to the verb, short distance from the left margin (40/61.5%), long distance from the right margin (37/56.9%), medium extension (23/35.4%); (ii) regarding its formal presentation and its verbs: developed with *cuando* (51/78.4%), time/mode sharing with the nuclear verb (54/83.1%); (iii) as to the subject: high topical accessibility (49/75.4%), high topical persistence (27/41.5%), co-referential to nuclear (49/75.4%), first person (38/58.4%), evoked (61/93.8%), elliptical (52/80%); (iv) regarding chronological and semantic relations: simultaneity (41/63.1%); time, condition and motive (21/32.3%) and prototypical time (16/24.6%). We perceive which the structural complexity of the interposed Temporals is compensated by mechanisms which tend to reduce or soften the codification efforts, corroborating iconicity, markedness (GIVÓN, 1995, 2001a) and expressiveness (DUBOIS; VOTRE, 2012). Its hybrid behavior, even within the same group, reveals a complex and heterogeneous mechanism for articulating clauses, attesting the feasibility of analyzing and segmenting its various types.

Keywords: Prototype. Intercalation. Temporal Clauses. Oral Mexican Spanish. Usage-based Functional Linguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Cruzamento entre extensão da Temporal e distância da margem esquerda.....	122
Gráfico 2 – Cruzamento entre extensão da Temporal e distância da margem direita.....	122
Mapa 1 – Zona Metropolitana da Cidade do México (ZMCM).....	88
Mapa 2 – A Zona Pertinente (ZP)	89
Quadro 1 – Marcação e ordenação das orações temporais no <i>Corpus Sociolinguístico da Cidade do México</i>	39
Quadro 2 – Princípio de marcação e princípio de expressividade.....	41
Quadro 3 – Paralelismo dos <i>continua</i> de ligação de cláusulas.....	59
Quadro 4 – <i>Continuum</i> da combinação de orações.....	60
Quadro 5 – Propriedades gradientes da combinação de orações.....	60
Quadro 6 – Síntese dos resultados.....	64
Quadro 7 – Nível sintático.....	74
Quadro 8 – <i>Continuum</i> de graus de prototipia das Orações Temporais intercaladas.....	78
Quadro 9 – Entrevistas consideradas na pesquisa.....	91
Quadro 10 – Comparação entre os traços dos <i>types</i> de intercaladas não prototípicas.....	161
Quadro 11 – Graus de afastamento do protótipo de intercalada.....	163
Quadro 12 – Comparação entre os traços dos <i>types</i> de intercaladas prototípicas.....	186
Quadro 13 – Graus de aproximação do protótipo de intercalada.....	188
Tabela 1 – Distribuição das cláusulas Temporais intercaladas prototípicas e não prototípicas.....	116
Tabela 2 – Distribuição das orações intercaladas prototípicas e não prototípicas no <i>Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México (CSCM)</i>	116
Tabela 3 – Tipo de intercalada e posição.....	118
Tabela 4 – Tipo de intercalada e distância entre Temporal e verbo de sua nuclear.....	118
Tabela 5 – Tipo de intercalada e distância da margem esquerda.....	119
Tabela 6 – Tipo de intercalada e distância da margem direita.....	119
Tabela 7 – Tipo de intercalada e extensão.....	121

Tabela 8 – Tipo de intercalada e forma/conector.....	125
Tabela 9 – Tipo de intercalada e compartilhamento de tempo/modo entre a Temporal e sua respectiva nuclear.....	125
Tabela 10 – Tipo de intercalada e distância referencial/acessibilidade anafórica do sujeito da Oração Temporal.....	127
Tabela 11 – Tipo de intercalada e grau de persistência tópica do sujeito da Oração Temporal.....	127
Tabela 12 – Tipo de intercalada e correferencialidade dos sujeitos da Oração Temporal e de sua respectiva nuclear.....	127
Tabela 13 – Tipo de intercalada e pessoa do discurso do sujeito da Oração Temporal.....	130
Tabela 14 – Tipo de intercalada e estatuto informacional do sujeito da Oração Temporal.....	130
Tabela 15 – Tipo de intercalada e manifestação do sujeito da Oração Temporal.....	131
Tabela 16 – Tipo de intercalada e relação cronológico-temporal.....	133
Tabela 17 – Tipo de intercalada e relações lógico-semânticas.....	135
Tabela 18 – Distribuição das orações intercaladas não prototípicas no <i>Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México (CSCM)</i>	139
Tabela 19 – Resultados relativos à intercalada não prototípica <i>Marcador discursivo (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear</i>	140
Tabela 20 – Resultados relativos à intercalada não prototípica <i>Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Marcador discursivo</i>	143
Tabela 21 – Resultados relativos à intercalada não prototípica <i>Tópico (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear</i>	146
Tabela 22 – Resultados relativos à intercalada não prototípica <i>Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Antitema</i>	148
Tabela 23 – Resultados relativos à intercalada não prototípica <i>Adjunto adverbial (Δ) Temporal (Δ) Oração nuclear</i>	151
Tabela 24 – Resultados relativos à intercalada não prototípica <i>Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada</i>	154
Tabela 25 – Resultados relativos à intercalada não prototípica <i>Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada</i>	157

Tabela 26 – Distribuição das orações intercaladas prototípicas no <i>Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México (CSCM)</i>	167
Tabela 27 – Resultados relativos à intercalada prototípica <i>Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo</i>	168
Tabela 28 – Resultados relativos à intercalada prototípica <i>Verbo (Δ) Temporal (Δ) Adjunto adverbial</i>	171
Tabela 29 – Resultados relativos à intercalada prototípica <i>Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Complemento nominal</i>	174
Tabela 30 – Resultados relativos à intercalada prototípica <i>Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto</i>	177
Tabela 31 – Resultados relativos à intercalada prototípica <i>Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto</i>	179
Tabela 32 – Resultados relativos à intercalada prototípica <i>Verbo auxiliar de perífrase (Δ) Temporal (Δ) Verbo principal de perífrase</i>	182

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AdjAdv	Adjunto Adverbial
Ant	Antitema
ComplNom	Complemento Nominal
ConecCoord	Conector de Oração Coordenada
ConecSub	Conector de Oração Subordinada
CSCM	<i>Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México</i>
E	Entrevistador
H	Homem
I	Informante
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
M	Mulher
Marc	Marcador discursivo
N	Oração Nuclear
Objeto direto	OD
OCoord	Oração Coordenada
OI	Objeto Indireto
OSub	Oração Subordinada
OTs	Orações Temporais
P	Outro Participante
SAdv	Sintagma Adverbial
SN	Sintagma Nominal
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
Suj	Sujeito
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
SVO(C)	Sujeito-Verbo-Objeto (Complemento Circunstancial)
Temp	Oração Temporal
Top	Tópico
V	Verbo
V1	Verbo auxiliar de perífrase
V2	Verbo principal de perífrase
ZMCM	Zona Metropolitana de la Ciudad de México

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)	28
<i>2.1.1 Categorização e Prototipia</i>	31
<i>2.1.2 Marcação, expressividade e contrastividade</i>	38
<i>2.1.3 Iconicidade</i>	42
<i>2.1.4 Informatividade e perspectivização</i>	45
<i>2.1.5 Relevância discursiva: figura/fundo e Funções textual-discursivas</i>	47
<i>2.1.6 Relações lógico-semânticas</i>	50
2.2 Síntese da discussão	54
3 A ORDEM DE TEMPORAIS NO ESPANHOL	57
3.1 Articulação de orações: do tratamento normativo à descrição funcionalista	57
3.2 A ordem de Orações Temporais: anteposição e posposição	63
3.3 A intercalação	69
3.4 Síntese da discussão	81
4 METODOLOGIA	84
4.1 Método de abordagem	84
4.2 Métodos de procedimento	84
<i>4.2.1 Níveis de pesquisa</i>	85
<i>4.2.2 Delineamento da pesquisa</i>	86
<i>4.2.2.1 Delimitação do universo</i>	87
<i>4.2.2.2 Etapas da pesquisa</i>	93
<i>4.2.2.3 Descrição da coleta e codificação dos dados</i>	94
<i>4.2.2.3.1 Dados descartados</i>	108
<i>4.2.2.4 Tratamento estatístico dos dados linguísticos</i>	109
4.3 Questões e hipóteses	110
<i>4.3.1 Questão geral e hipótese básica</i>	110
<i>4.3.2 Questões específicas e hipóteses secundárias</i>	110
5 AS CLÁUSULAS TEMPORAIS INTERCALADAS PROTOTÍPICAS E NÃO PROTOTÍPICAS – FORMA E FUNÇÃO	115
5.1 A posição e a extensão das Cláusulas Temporais intercaladas	118
5.2 Apresentação formal das intercaladas e de seus verbos	125

5.3 O sujeito das Temporais intercaladas.....	127
5.4 As relações cronológicas e semânticas	133
5.5 Síntese da discussão	136
6 AS INTERCALADAS NÃO PROTOTÍPICAS.....	139
6.1 O padrão <i>Marcador discursivo</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Oração Nuclear</i> (<i>Marc</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>N</i>).....	140
6.2 O padrão <i>Oração nuclear</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Marcador discursivo</i> (<i>N</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>Marc</i>).....	143
6.3 O padrão <i>Tópico</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Oração Nuclear</i> (<i>Top</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>N</i>).....	145
6.4 O padrão <i>Oração nuclear</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Antitema</i> (<i>N</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>Ant</i>)	148
6.5 O padrão <i>Adjunto adverbial</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Oração nuclear</i> (<i>AdjAdv</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>N</i>).....	151
6.6 O padrão <i>Conector de oração coordenada</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Oração coordenada</i> (<i>ConecCoord</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>OCoord</i>).....	154
6.7 O padrão <i>Conector de oração subordinada</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Oração subordinada</i> (<i>ConecSub</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>OSub</i>).....	157
6.8 Nível de afastamento do protótipo	160
6.9 Síntese da discussão.....	163
7 AS INTERCALADAS PROTOTÍPICAS.....	167
7.1 O padrão <i>Sujeito</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Verbo</i> (<i>Suj</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>V</i>).....	168
7.2 O padrão <i>Verbo</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Adjunto adverbial</i> (<i>V</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>AdjAdv</i>)	170
7.3 O padrão <i>Oração Nuclear</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Complemento nominal</i> (<i>N</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>ComplNom</i>).....	174
7.4 O padrão <i>Verbo</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Objeto indireto</i> (<i>V</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>OI</i>).....	176
7.5 O padrão <i>Verbo</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Objeto direto</i> (<i>V</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>OD</i>)	179
7.6 O padrão <i>Verbo auxiliar de perífrase</i> (Δ) <i>Temporal</i> (Δ) <i>Verbo principal de perífrase</i> (<i>V1</i> (Δ) <i>Temp</i> (Δ) <i>V2</i>).....	182
7.7 Nível de aproximação do protótipo.....	184
7.8 Síntese da discussão.....	188
8 CONCLUSÕES.....	192
REFERÊNCIAS	201

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa uma contribuição para a temática da articulação de orações, voltando-se, com especificidade, às motivações morfossintáticas e semântico-discursivas em torno das orações temporais intercaladas, considerando-as como um fenômeno que exhibe valores escalares, prototipicamente orientados.

Assim, temos como objetivo geral analisar, à luz de pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), os efeitos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Adverbiais Temporais no Espanhol mexicano oral, com base em traços sintático-semântico-discursivos. Para tanto, temos como objetivos específicos de análise dessas cláusulas: (i) identificar critérios para sua caracterização; (ii) mapear seus *loci*¹; (iii) propor uma configuração escalar, considerando graus de prototipia; (iv) analisar seus contextos de uso², com base em traços linguísticos (*posição da Temporal intercalada em relação ao verbo/locução verbal; extensão da Temporal; distância da margem esquerda, direita e entre Temporal e verbo da nuclear; forma/conector; tempo/modo da Temporal e de sua respectiva nuclear; grau de acessibilidade anafórica, persistência catafórica, estatuto informacional, correferencialidade, manifestação e pessoa do discurso do sujeito da Temporal; relação cronológico-temporal; e relações lógico-semânticas*); e (v) correlacionar os resultados obtidos aos princípios givonianos de iconicidade e marcação.

Justificamos esta pesquisa destacando que a ordem de constituintes oracionais é um dos temas de interesse das investigações linguísticas, sobretudo em estudos de cunho funcionalista. Pezatti (2014) destaca a importância do tema relacionando-o a raízes históricas, o latim vulgar, no caso do Português e do Espanhol, já que a marcação de caso desapareceu, o que desencadeou a fixidez na ordenação dos constituintes sentenciais. A autora, também, ressalta “que a posição de constituintes mostra-se de fundamental importância para expressar as intenções comunicativas dos falantes” (PEZATTI, 2014, p. 14). Em relação à posição das cláusulas, boa parte dos estudos, tanto em Gramática Tradicional como em Linguística, aponta para três padrões de ordenação: a anteposição, a intercalação e a posposição, segundo figure a oração antes, no meio ou após a nuclear. A motivação inicial deste trabalho, cujo foco é a intercalação, adveio de discussões em torno do texto de Decat (2001), em que apenas anteposição e posposição são consideradas, e não há menção à intercalação³. Já Cavalcante;

¹ Verificar em que lugares da cláusula nuclear a intercalação atua.

² Analisar os traços linguísticos dos tipos de intercaladas propostos.

³ Na defesa da dissertação de Mestrado “Análise sociofuncionalista da ordenação de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no Espanhol mexicano oral”, em 20 de fevereiro de 2015, a Prof. Dra. Maria Beatriz do

Cardoso (2016) destacam “que a intercalação é, de fato, um padrão complexo, pois apresenta características ora de antepostas, ora de pospostas. Por isso, é necessário estabelecer critérios bem definidos para delimitá-las” (CAVALCANTE; CARDOSO, 2016, p. 123).

Sendo assim, percebemos que a intercalação carece de estudo mais detalhado, pois não há um lugar exato para a oração se intercalar nem tratamento específico voltado à descrição das intercaladas, sendo o fenômeno apenas identificado como a quebra do padrão canônico SVO(C), ordenação natural para o Espanhol, segundo destacam Nebrija (1492), Padilla García (2001), Cavalcante (2015), dentre outros. Em um dos trabalhos recentes que citam a intercalação de Temporais, o de Cavalcante (2015), não há reflexão detalhada acerca do fenômeno, pois foi considerada intercalada qualquer oração que fugisse ao padrão canônico, critério estritamente formal. Em seus resultados, as intercaladas ora apresentam traços de antepostas, ora apresentam traços de pospostas, o que obscurece o mapeamento e a análise de um *locus* específico e de contextos prototípicos, sem uma investigação que se proponha a dar-lhe especial relevo.

Uma breve incursão pela literatura linguística sobre intercalação mostra o que estamos discutindo. García de Paredes (1993), por exemplo, já discutia essa carência, apontando para a dificuldade de encontrar trabalhos em Língua Espanhola cujo objetivo seja descrever a ordem das subordinadas. Segundo a pesquisadora, no máximo, os autores dizem que a subordinada precede a principal, mas não há uma descrição dos contextos que motivam essa posição, com exceção da edição de Manuel Alvar da *Vida de Santa María Egipcíaca*, em que, segundo a autora, o editor apresenta alguns contextos que favorecem anteposição, posposição e interposição. Ao longo de seu texto, García de Paredes (1993) usa termos como *interposición*⁴ e *interpolación*⁵, mas não há uma definição precisa ou critério explícito que mostre o que seria uma subordinada interposta/interpolada. O único critério que se pode depreender do texto é que a subordinada se “interpola, *desgajando así a la principal*”⁶ (GARCÍA DE PAREDES, 1993, p. 202, *italico* nosso). Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola (2014, *online*), o termo *desgajar* significa, entre outras definições, “desgarrar, arrancar, (...), desfazer algo unido e travado”⁷. Em Conti Jiménez (2012), ao tratar

Nascimento Decat estava presente como uma das examinadoras. Na ocasião, em seu parecer, a pesquisadora questionou se há, de fato, intercalação, já que, se o verbo é o centro da oração, ou a Temporal estaria antes ou estaria depois desse elemento. Entretanto, em novas investigações, encontramos dados em que uma Temporal estava inserida em uma perífrase verbal. Assim, vimos a necessidade de se realizar um estudo mais aprofundado das intercaladas.

⁴ Interposição. Todas as traduções neste trabalho são feitas sob nossa responsabilidade, salvo indicação contrária.

⁵ Interpolación.

⁶ “interpola, rasgando assim a principal” (GARCÍA DE PAREDES, 1993, p. 202).

⁷ “desgarrar, arrancar, (...), deshacer algo unido y trabado” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, *online*).

das *cláusulas subordinadas interpoladas*, a autora as define como “un subtipo de cláusulas antepuestas o pospuestas a las que, a su vez, antecede o sigue un constituyente de la cláusula principal⁸” (CONTI JIMÉNEZ, 2012, p. 282). Já em Jiménez Norberto (2014), diz-se que “tales oraciones interrumpen la secuencia de la oración principal y algún elemento de la misma queda antes de la oración subordinada adverbial de tiempo⁹” (JIMÉNEZ NORBERTO, 2014, p. 77). Pressupõe-se, da visão desses autores, que o critério é a posição em relação à nuclear, cujos componentes estabelecem entre si uma relação mais firme, unida¹⁰.

Por outro lado, se pensarmos com Tesnière (1965) que o verbo é o centro da oração, uma Temporal inserida ora poderia ser classificada como anteposta (por se situar antes do verbo), ora poderia ser classificada como posposta (por se posicionar depois do verbo). Nessa visão, só seria intercalada se fosse posicionada *dentro* do verbo, como nos casos de inserção dentro da perífrase verbal.

Indo mais além, se observarmos o Dicionário da Real Academia Espanhola, a definição de *intercalar* conduz para o termo *interponer*¹¹, que significa, entre outros sentidos, “pôr algo entre coisas ou entre pessoas”¹² (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, *online*). O critério, assim, pode ser ampliado: a intercalada, então, seria a oração inserida entre qualquer termo, entre qualquer *coisa*. Por isso, Souza (2001) mostra que “as OTs¹³ intercaladas podem posicionar-se após o sintagma adverbial (SAdv) temporal (...) ou após um sintagma nominal (SN) sujeito (...)” (SOUZA, 2001, p. 75) e considera casos de intercalação como o exposto em (01), no qual uma Temporal é inserida entre um adjunto adverbial e a oração nuclear. Apesar de a pesquisa da autora analisar dados do Português, percebemos que esse tipo de ocorrência é plenamente aceitável em Língua Espanhola, como exemplificado em (02) e em (03):

(01) Em 1946, **quando me dirigia de trem à cidade de Darjeeling**, despertei para um mundo que não conhecia muito. (VEJA-1.DOC-3) (SOUZA, 2001, p. 75, negrito da autora)

⁸ “um subtipo de cláusulas antepostas ou pospostas, às quais, por sua vez, antecede ou segue um constituinte da cláusula principal” (CONTI JIMÉNEZ, 2017, p. 282, tradução nossa).

⁹ “tais orações interrompem a sequência da oração principal e algum elemento da mesma fica antes da oração subordinada adverbial de tempo” (JIMÉNEZ NORBERTO, 2014, p. 77, tradução nossa).

¹⁰ Embora em vários níveis. Segundo Carone (2003), a ordem de aderência ao verbo é a seguinte: (+aderido) morfemas modo-temporais > morfemas número-pessoais > predicados nominais, tempos compostos, voz passiva, locuções verbais > objeto direto > objeto indireto > adjunto adverbial > sujeito > advérbio de frase (-aderido). Quanto mais uma oração se inserir entre constituintes de nível mais alto de aderência, maior será a quebra operada por essa intercalada.

¹¹ Interpor.

¹² “Poner algo entre cosas o entre personas” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, *online*).

¹³ Orações Temporais.

(02) (...) entonces/ *en el laboratorio/ **cuando está seco***// hay un aparato que los pone a compresión. ((...) então/ *no laboratório/ **quando está seco***// há um aparelho que os põe à compressão). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)¹⁴

(03) (...) [en la Argentina, en especial en la Tierra del Fuego, [**cuando se produce el agujero de la capa de ozono**] se reciben intensidades de radiación ultravioleta mayores que las naturales, con las consiguientes repercusiones sobre los seres vivos, incluida la población humana]. (CREA). ((...) [na Argentina, em especial na Terra do Fogo, [**quando se produz o buraco da camada de ozônio**] se recebem intensidades de radiação ultravioleta maiores que as naturais, com as consequentes repercussões sobre os seres vivos, incluída a população humana]. (CREA) (JIMÉNEZ NORBERTO, 2014, p. 78)

Assim, entendemos, no mínimo, duas situações que caracterizam a intercalação de orações:

a. Sua posição em relação a qualquer constituinte mais ou menos agregado, por exemplo, entre tópicos¹⁵/conectores/marcadores discursivos¹⁶ e a oração nuclear, entre sujeito e verbo, entre verbo e complementos/adjuntos, entre complementos e adjuntos, entre adjuntos etc. Nesse sentido, qualquer interrupção representaria intercalação. Vejamos, a seguir, o exemplo (04), que ilustra uma inserção de Temporal entre sujeito e verbo; e o exemplo (05), que mostra um caso de intercalação entre conector e oração coordenada. Ambos foram

¹⁴ Seguiremos o padrão de Cavalcante (2015), para o destaque das orações em análise: “o período completo, composto pela oração principal e pela temporal está em *itálico*; já a oração temporal, foco de análise, está em **negrito**. Portanto, em resumo, as principais ou nucleares ficam marcadas por *itálico*; e as temporais, por **negrito e itálico**. Esse padrão restringe-se aos exemplos retirados das entrevistas sob análise. Exemplos retirados de teóricos seguirão as marcas da obra de origem, salvo exceções, devidamente explicitadas nas respectivas citações” (CAVALCANTE, 2015, p. 19, nota de rodapé).

¹⁵ Concebemos *tópico* na acepção de Givón (2001a, 2001b), como função pragmática externa à cláusula, mas ligada a seu contexto discursivo. Embora seja função extraoracional, a topicalidade é gramaticalizada dentro da cláusula, por meio do sujeito, objeto direto ou indireto. Seguindo Dik (1997), entendemos tópico como **a entidade** em torno da qual gira o discurso. Desse modo, como o sujeito também pode ser candidato a tópico, preferimos considerar o padrão *sujeito+Temporal+nuclear* como intercalada prototípica, e o padrão *objeto direto/indireto+Temporal+nuclear* como intercalada não prototípica, já que os objetos deslocados ao início da cláusula passam a funcionar como tópico. Não desconsideramos, no entanto, as propostas que concebem Tópico Discursivo como categoria analítica, visão adotada, principalmente, pela Linguística Textual (JUBRAN *et al*, 2002; PINHEIRO, 2003a, 2003b; JUBRAN, 2015b; entre outros).

¹⁶ Acompanhando Poblete Bennett (1997, 1999), consideramos *marcadores discursivos/conversacionais* unidades linguísticas (conjunções, locuções adverbiais, advérbios, frases preposicionais, formas verbais e interjeições), que, analisadas de um ponto de vista discursivo/pragmático, possibilitam a coesão entre enunciados supraoracionais e podem direcionar as inferências comunicativas do ouvinte. De acordo com a pesquisadora, essas unidades costumam operar em um plano interativo/pragmático, atuando na relação texto-participantes (marcadores interativos/apelativos); e em um plano autônomo/semântico, relacionando (marcadores relacionantes) ou modalizando enunciados (conectores modais).

extraídos do *corpus* utilizado nesta investigação – o *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM):

(04) *sí/ yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven//sí dije ay no/ pues <~pus> yo cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así]. (sim/ eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem// sim disse ai não/ pois eu quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)*

(05) *porque al tomar nosotros el agua/ luego dejábamos sin agua allá abajo. (porque ao tomarmos a água/ em seguida deixávamos sem água lá embaixo). (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97)*

b. Sua posição em relação ao verbo, elemento considerado centro da oração (TESNIÈRE, 1965): antes, **entre (em casos de locuções verbais)**¹⁷ ou após. O exemplo a seguir, (06), ilustra uma Temporal inserida dentro da locução verbal:

(06) *yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ estoy desde que tengo trece años aquí [trabajando]. (eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aquí <~aquí:>/ estou desde que tenho treze anos aquí [trabalhando]). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)*

Para ter uma ideia de como cada critério poderia redundar em análise distinta, vejamos o exemplo (07), abaixo, e suas possibilidades de análise:

(07) *(...) el cartero/ o la gente que está trabajando esa correspondencia cuando la lleva el usuario/ dicen (...). ((...) o carteiro/ ou a gente que está trabalhando essa correspondência quando a leva o usuário/dizem (...)). (ENTREVISTA 60 – ME274-22M-06)*

Em (07), se analisarmos de acordo com os parâmetros da primeira situação, há intercalação, porque a temporal em destaque está entre o tópico e o verbo, porém, analisando-

¹⁷ Além da constatação em dados reais, o fato também está previsto em Dik (1997), quando mostra que o complexo verbal (verbo finito (Vf) e não-finito (Vi)) pode ser descontínuo: Vf...Vi. Em Jiménez Fernández (1997-1998), também é citada uma situação similar: “En el siguiente ejemplo la subordinada queda intercalada entre el núcleo verbal principal y la construcción de infinitivo: yo pienso, cuando salga del colegio, meterme a peluquería (57.13.A) (No seguinte exemplo, a subordinada fica intercalada entre o núcleo verbal principal e a construção de infinitivo: eu pretendo, quando sair do colégio, trabalhar num salão de beleza (57.13.A))” (JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, 1997-1998, p. 822, tradução nossa).

se de acordo com a segunda situação, considerando o verbo como núcleo da oração, há anteposição, pois a oração está antes do verbo.

Com base nos critérios apresentados, refletimos: ou propomos uma alteração no termo *intercalação* ou ampliamos seu escopo, considerando tais visões e critérios científicos. A primeira opção seria mais difícil, já que é vocábulo consagrado nos estudos sobre ordem, embora mal definido. Assim, uma solução viável seria ampliar seus limites, tratando a intercalação como uma categoria de protótipos, considerando que, dados certos critérios, a oração seria considerada intercalada consoante seu grau de similaridade a um protótipo. Em suma, buscaremos ampliar o escopo da intercalação, mas delimitando certos limites entre suas fronteiras (ainda que fluidas), considerando casos em que uma intercalada não prototípica poderia figurar em um contexto híbrido, mantendo seu papel de intercalada (por estar inserida entre termos), mas também, por outros critérios, pudesse ser considerada anteposta/posposta.

A proposta deste trabalho é mostrar que a intercalação não constitui um grupo homogêneo, pois entendemos que se trata de um fenômeno escalar, ou seja, há padrões prototípicos e outros não prototípicos de intercalação. Ou seja, esses padrões se organizariam em um *continuum*, desde intercaladas prototípicas às não prototípicas. Quanto maior o nível de integração entre os constituintes separados pela Temporal intercalada, mais próxima ao protótipo ela seria. Assim, seriam consideradas prototípicas, por exemplo, as intercaladas em posição intraverbal (casos de locução verbal), conforme o exemplo (06). Já o dado (07), por exemplo, seria analisado como Temporal intercalada não prototípica, uma vez que, embora inserida entre dois termos, confundir-se-ia com uma anteposta. Argumentamos, então, que haveria níveis de intercalação, dispostos em um *continuum*, sempre refletindo um pareamento forma-função, já que cada tipo de intercalada parece figurar em um contexto formal/funcional diferente.

Vemos a necessidade desse tratamento científico mais apurado das orações Temporais intercaladas, cujos objetivos envolvem a identificação de critérios para sua classificação, mapeamento e análise de seus contextos prototípicos de uso, com base em traços sintático-semântico-discursivos, sempre considerando a relação forma-função. Por isso, a relevância deste trabalho é destacada, uma vez que pode contribuir para preencher lacunas teóricas no que diz respeito ao fenômeno da intercalação, ainda pouco analisado no âmbito dos estudos da descrição e merecedor de uma investigação mais detalhada, tendo em vista sua complexidade.

Outra relevância do estudo é a contribuição para a análise e descrição da Língua Espanhola, que, segundo dados de 2016, do Instituto Cervantes¹⁸, é utilizada ao redor do mundo por cerca de 567 milhões de pessoas (7,8% da população mundial), das quais mais de 472 milhões a têm como língua materna¹⁹. Isso a classifica como a segunda língua materna do mundo, considerando-se o número de falantes. Além desses dados, acresce o fato de que cerca de 21 milhões de alunos estudam Espanhol como língua estrangeira. Ou seja, há milhões de pessoas no mundo utilizando as formas da Língua Espanhola, o que desperta interesse por sua análise e descrição, ainda mais quando se trata de pesquisas que se voltam para análise de textos advindos de situações de uso real da língua.

Embora haja diversos *corpora* disponíveis de Língua Espanhola oral e escrita, o *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* destaca-se por disponibilizar, na íntegra, suas entrevistas e por se valer de orientações metodológicas advindas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1978b, 1994, 2001, 2003, 2010), que considera a estratificação social dos informantes e conta com método amplamente reconhecido por pesquisadores ao redor do mundo. Para análise de fenômenos sintáticos, como a ordem de Temporais, por exemplo, é complicado trabalhar com um *corpus* apenas de busca de termos, já que são variados os conectores e as estruturas que configuram uma Oração Temporal. A facilidade de acesso e a organização desse banco de dados foram elementos significativos em favor de sua escolha.

Os coordenadores do projeto, Pedro Martín Butragueño e Iolanda Lastra, ressaltam alguns aspectos linguísticos que podem ser observados nesse *corpus* e interessar à pesquisa (MARTÍN BUTRAGUEÑO; LASTRA, 2011). Entre eles, no terreno da sintaxe, há destaque para as questões relacionadas à expressão de relações semânticas, condicionais, concessivas e causais, entre as quais as temporais também se incluem. Além disso, na interface sintaxe-discurso, os autores apontam a necessidade de estudos acerca da organização informativa da cláusula, ordem de constituintes e funções pragmáticas.

Esta pesquisa, além de preencher uma lacuna teórica acerca da descrição de orações intercaladas, pode contribuir para a amplitude da fortuna crítica dos estudos descritivos em Língua Espanhola. Além do mais, considerando seu número de estudantes nativos e estrangeiros, pode contribuir para motivar reformulações em materiais didáticos e gramáticas, a partir de um estudo que leve em consideração que as categorias da língua não

¹⁸ Disponível em: <http://www.cervantes.es/imagenes/File/prensa/EspanolLenguaViva16.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

¹⁹ Não queremos com isso dizer que apenas as línguas com um extenso número de falantes deva ser estudada, mas que estamos contribuindo para ampliar a descrição e análise de uma língua em particular.

são estanques, nem discretas (GIVÓN, 1993, 1995), e que sua estrutura é maleável e emergente (HOPPER, 1987; BYBEE, 2010, 2016).

Na sequência deste trabalho, o próximo capítulo apresentará os fundamentos teóricos que embasarão a análise das intercaladas, desenvolvido em torno da visão funcionalista de estudos da linguagem e das temáticas de interesse a esta pesquisa (categorização e prototipia; marcação, expressividade e contrastividade; iconicidade; informatividade e perspectivização; relevo discursivo/funções textual-discursivas e relações lógico-semânticas). No terceiro capítulo, apresentaremos a temática da articulação de orações, de início, em uma visão geral, depois passando pela discussão da ordem das Temporais, afunilando-se até chegar a uma proposta de definição do fenômeno da intercalação. O quarto capítulo objetiva especificar a metodologia utilizada durante a pesquisa. O quinto capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados referentes a todas as intercaladas localizadas nas entrevistas. No sexto e no sétimo capítulos, apresentamos, respectivamente, os *types* relativos às intercaladas não prototípicas e prototípicas. Por fim, o texto encerra-se com um capítulo de conclusões, seguido das referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, dedicar-nos-emos a expor os fundamentos teóricos que nortearão esta pesquisa, desde a apresentação/discussão da teoria de base, o Funcionalismo linguístico, e seus postulados.

Para esta análise da complexidade tipológica que envolve as intercaladas, contaremos com o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), que reúne pressupostos da Linguística Funcional de vertente norte-americana (BYBEE, 2007, 2010; CHAFE, 1980, 1984; DUBOIS, 1985; GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1987, 1979, 1991; HOPPER; THOMPSON, 1980; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003; LEHMANN, 1988, entre outros) e da Linguística Cognitiva (CROFT, 1991; LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987, 1991; TAYLOR, 1995, 1998; TOMASELLO, 1998, entre outros). Além disso, utilizaremos discussões acerca da noção de prototipicidade, cujo tratamento tem base na Psicologia Experimental (ROSCH, 1973a, 1973b, 1977, 1978), mas também tem sido utilizada em pesquisas linguísticas (LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995, entre outros).

Portanto, nesta seção, apresentaremos a teoria da LFCU e as categorias de análise/princípios que serão utilizados nesta investigação: categorização e prototipia; marcação, expressividade e contrastividade; iconicidade; informatividade e perspectivização; relevo discursivo/funções textual-discursivas e relações lógico-semânticas.

2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

As dunas de areia têm regularidades aparentes de formato e estrutura, contudo elas também exibem considerável variação entre instâncias individuais, assim como gradiência e mudança ao longo do tempo. Se quisermos entender fenômenos que são tanto estruturados quanto variáveis, é necessário olharmos para além das formas superficiais mutáveis e considerarmos as forças que produzem os padrões observáveis. A língua também é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões enquanto, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis: as línguas diferem umas das outras, embora sejam notoriamente moldadas pelos mesmos princípios; construções comparáveis em línguas diferentes servem a funções semelhantes e são baseadas em princípios similares, ainda que difiram entre si em pontos específicos; enunciados em uma língua diferem uns dos outros, embora exibam os mesmos padrões estruturais; as línguas mudam ao longo do tempo, mas de maneira bastante regular. Segue-se, a partir disso, que uma teoria da linguagem poderia estar focada nos processos dinâmicos que criam as línguas e que conferem a elas sua estrutura e sua variância (BYBEE, 2016, p. 17-18).

As análises empreendidas nesta investigação tomarão como base a vertente funcionalista denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tal como se

apresenta, principalmente, em Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013). Essa linha de investigação representa a articulação de pressupostos da Linguística Funcional Norte-americana ou Linguística Tipológico-Funcional (Desenvolvida por Christian Lehmann, Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Joan Bybee, Wallace Chafe, Elizabeth Traugott etc.) e da Linguística Cognitiva (Ronald Langacker, William Croft, George Lakoff, Adele Goldberg, John Taylor etc.).

Para Tomasello (1998), embora a Linguística Cognitiva, em especial a desenvolvida por George Lakoff e Ronald Langacker, tenha crescido a partir do Gerativismo chomskiano, guarda semelhanças de pensamento com a Linguística Funcional, já que ambas discordam da visão de língua como um sistema imanente, desatrelado de suas atividades cognitivas e comunicativo-sociais. Sendo assim, a abordagem Cognitivo-Funcional, consoante Tomasello (1998), toma como objeto de estudo os processos envolvidos na compreensão e no uso das línguas naturais. Por isso, o foco recai sobre os usos linguísticos, dado que a teoria é baseada no uso (*usage-based grammar* (BYBEE, 2010, 2016)) ou centrada no uso, nomenclatura adotada pelos integrantes do grupo de pesquisa *Discurso e Gramática*, no Brasil.

Segundo Bybee (2010, 2016), em uma teoria orientada à investigação do uso linguístico, a gramática se baseia na experiência com a língua. Portanto, não existem dados que possam ser descartados ou excluídos. As fontes para o estudo da linguagem podem vir de experimentos psicolinguísticos, intuições dos falantes, de diversos *corpora*, da linguagem infantil, da mudança linguística etc. O foco no uso também é importante para explicar mudanças e inovações, já que, conforme Traugott; Trousdale (2013), a mudança se dá no uso linguístico, por meio de usos individuais inovadores que se replicam e se convencionalizam entre os falantes.

Nesse sentido, por ser a língua uma atividade sociocultural, sua estrutura tende a refletir iconicidade, “é adaptativamente motivada e, portanto, em princípio, não arbitrária” (GIVÓN, 2001a, p. 34)²⁰, além de não ser rígida, mas maleável, já que serve a funções comunicativas e cognitivas, por isso o significado é contextual. Tudo isso implica que sempre haverá situações de variação e mudança, já que as categorias da língua não são discretas, porque estão sempre sendo moldadas e atualizadas no uso (GIVÓN, 1995). A gramática, então, é emergente, um fenômeno social observado em tempo real, cuja estrutura (a

²⁰ “is adaptively motivated and thus in principle non-arbitrary” (GIVÓN, 2001a, p. 34).

regularidade), modelada pelo discurso e modelando-o, é sempre um processo em andamento (HOPPER, 1987).

No paradigma da Linguística Cognitiva, os itens linguísticos são analisados em relação às habilidades da cognição humana (formação de categorias, organização de conceitos, processamento de formas etc.) e à experiência do homem com o mundo e com os que o cercam. Por isso,

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural, só para citar alguns. A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

Percebemos, então, que *uso* é palavra de ordem na visão Cognitivo-Funcional, e a tarefa do linguista é descrever os enunciados, tendo em vista seus usos, contextos de produção e funções. Para Tomasello (1998), as funções comunicativas envolvem dois aspectos, intimamente relacionados: a semântica (a descrição de eventos referenciais) e a pragmática (especificidades do evento comunicativo imediato). Esses componentes estão diretamente envolvidos nas produções linguísticas, por isso não acreditamos em sintaxe, semântica e pragmática isoladas, mas integradas (NEVES, 2013).

Outro ponto bastante ressaltado pelos autores que trabalham com essa visão é a frequência de usos. Para Bybee (2007), os efeitos da repetição levam à emergência de uma estrutura aparentemente estável, como, por exemplo, as dunas de areia, que, apesar de apresentarem relativa rigidez, exibem mudanças ao longo do tempo e do espaço, assim como o sistema linguístico. Os efeitos da frequência de uso são tão poderosos que, consoante Bybee (2010, 2016), unidades que frequentemente ocorrem juntas tendem a ser interpretadas como um bloco unitário e dão origem a novas formações análogas. Ou seja, dado que a mente é sensível à repetição, a gramática é moldada a partir dessa característica.

Esse pensamento é similar ao de Fox (2007), ao explicar que a frequência modela a gramática de uma língua: (i) a frequência com que itens ocorrem juntos pode fazer com que eles sofram redução fonológica, (ii) itens frequentes são resistentes à mudança gramatical e morfológica e (iii) um item de alta frequência pode se emancipar e assumir nova função.

Bybee (2007) distingue *frequência de ocorrência (token frequency)* e *frequência de tipo (type frequency)*²¹, respectivamente, para se referir à contabilização de quantas vezes um item aparece no texto e aos padrões de ocorrências desses itens. Como mostrado em Fox (2007), a frequência de ocorrência favorece efeitos de redução, porém as construções antigas e entrincheiradas que resistem à mudança estão relacionadas à alta frequência de tipo (BYBEE, 2007).

Segundo Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013), o objeto de estudo da LFCU é a regularidade de uso dos padrões construcionais e suas motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas. Por isso, alguns temas de interesse são variação/mudança linguística, transitividade e estrutura argumental, tipologia e universais linguísticos, traços funcionais codificados na cláusula, organização do texto/discurso etc. Entre as temáticas relevantes para a análise da língua com base na LFCU, acham-se categorização e prototipia, marcação e contrastividade, iconicidade, informatividade e perspectivização, plano discursivo/saliência perceptual (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013) e relações lógico-semânticas. Cada um desses princípios será detalhado nas subseções que seguem.

2.1.1 Categorização e Prototipia

No paradigma da LFCU, assume-se que a categorização de itens linguísticos é um processo básico da cognição humana (LAKOFF, 1987). Assim como categorizamos os elementos do mundo à nossa volta com base na experiência, também categorizamos as formas da língua baseados nos contextos de uso em que ocorrem. Nesse sentido, como a categorização é um processo que vem da constituição cognitiva de *ser humano*, independe da língua (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). No âmbito da categorização linguística, segundo Bybee (2010), o processo pode envolver categorias de fonemas, de morfemas, de itens do léxico, de sintagmas, de cláusulas, de construções etc. Isso significa que nem sempre a categorização vai envolver as *coisas* do mundo, mas também entidades abstratas (LAKOFF, 1987).

Categorizamos segundo nossos propósitos imediatos. Por exemplo, uma gaveta pode ser organizada pela constituição material do item (ex.: calças de um lado, blusas de outro) ou pela cor (ex.: calças/blusas azuis de um lado, calças/blusas amarelas de outro). Sempre há um critério implícito na categorização/classificação, porque o processo não se dá

²¹ Traduções de Maria Angélica Furtado da Cunha, advindas da versão em Português de *Language, usage and cognition* (BYBEE, 2010), publicada em 2016.

aleatoriamente. Mesmo nos casos de aparente aleatoriedade, um critério já foi apontado: ser aleatório. Sendo assim, podemos categorizar tendo em vista a forma do item, a cor, o tamanho, o uso etc. Categorizar é organizar os elementos do mundo e organizar nossa experiência em relação a esses elementos. Lakoff (1987) explica que a maior parte desse processo é inconsciente e automática, e que apenas nos casos problemáticos é que tomamos consciência disso.

De algum modo, no ato de categorizar, procuramos agrupar elementos por traço de semelhança, com base no que há de comum, apesar de o fenômeno ser bem mais complexo (LAKOFF, 1987). A visão clássica de categorização, de base aristotélica e platoniana, propunha que os elementos de uma categoria deveriam apresentar características necessárias e suficientes (FERRARI, 2014; GIVÓN, 1986). Ferrari (2014) mostra o exemplo da categoria ave:

De acordo com o modelo clássico de categorização, para que um elemento pertença à determinada categoria deve possuir todos os atributos definidores da mesma. Por exemplo, os membros da categoria AVE devem “ter bico”; “ter duas asas”; “ter dois pés”; “ter penas”; “poder voar”; “colocar ovos”.

Sendo assim, para que um animal possa ser considerado uma AVE, deve apresentar *todos* esses atributos (condição necessária); além disso, basta que o animal apresente *exatamente* esses atributos (condição suficiente). Assim, enquanto gaivotas e pardais seriam indiscutivelmente membros da categoria AVE, os pinguins precisariam ser excluídos da categoria, por possuírem asas atrofiadas com função de nadadeira e não possuírem pena (FERRARI, 2014, p. 33, grifos da autora).

Como se percebe, tal modelo é problemático para explicar membros híbridos ou que não apresentam necessariamente todas as características para pertencer à categoria. De acordo com Taylor (1995), essa visão pressupõe algumas assunções: (i) uma conjunção de traços necessários e suficientes é o que define a categoria, (ii) as características são binárias, (iii) as categorias apresentam limites claros e bem definidos e (iv) não há diferença de *status* entre seus membros. Contudo, resultados de pesquisas apontavam um sentido contrário. Para citar alguns exemplos, Wittgenstein (1958) encontrou problemas em definir todos os elementos da categoria *game* (jogo); Berlin; Kay (1969) perceberam que as categorias de cores não são discretas; Rosch (1973b, 1977, 1978) descobriu que há itens mais salientes em categorias como fruta, veículo, mobília, legume, entre outras; Labov (1973, 1978a) percebeu limites não estanques entre as categorias *cup* (xícara) e *bowl* (tigela). Por esses estudos, entendeu-se que a visão clássica de categorização mereceria revisão.

A proposta de Wittgenstein (1958) é a de que membros de uma mesma categoria apresentam uma “semelhança de família”. Da mesma forma que os membros de uma família compartilham traços em comum (cor dos olhos, temperamento, estatura etc.), categorias como

jogo e numerais se compõem de elementos que formam “famílias”, dados seus traços em comum. Segundo Givón (1986), essa proposta assume que as categorias são imprecisas e contingentes no contexto/propósito de seu uso e que a semelhança de família pode se dar entre membros de uma mesma categoria ou entre categorias subordinadas a uma maior, supraordenada. O autor explica também que, no âmbito da linguagem, itens lexicais, morfemas e construções sintáticas são alguns exemplos que mostram evidências de categorialidade e também de não discretude. Sendo assim, para o pesquisador, é necessário achar uma solução híbrida e não extremista para esse problema.

Para Givón (1986), a solução do problema parece apresentar-se entre os estudos da Psicologia Cognitiva (ROSCH, 1973a, 1973b, 1977, 1978 entre outros) e da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995 entre outros) – a **Teoria dos Protótipos**. Consoante o pensamento de Givón (1986), essa visão se assemelha à de Wittgenstein (1958) em relação ao espaço contínuo inter e intracategorial, e que as categorias não são definidas por propriedades necessárias e suficientes. A diferença é que são formadas por intersecções de propriedades/características, cuja coincidência não é absoluta, mas questão de tendência.

Para Rosch (1978), a formação de categorias envolve dois princípios, que têm a ver com (i) expressar o máximo de informação possível com o mínimo de esforço cognitivo (economia cognitiva) e (ii) arquivar, de forma estruturada, informações do mundo percebido (estrutura do mundo percebido). Esses princípios se relacionam com o nível de abstração das categorias formadas em determinada cultura e sua estrutura interna. Para tanto, a autora postula duas dimensões (vertical e horizontal) para o processo de categorização.

A primeira dimensão diz respeito ao nível de abstração da categoria, que pode se dividir em superordenado, básico ou subordinado. Por exemplo, tomando o objeto *cadeira*, de nível básico, podemos pensar em uma categoria superordenada *mobília* e em uma subordinada *cadeiras de cozinha*.

Já a segunda dimensão diz respeito à variação em um mesmo nível e está diretamente relacionada à noção de categorias de protótipos. Para a autora, os exemplares prototípicos parecem ser os mais redundantes no sentido de expressarem a estrutura do grupo inteiro. Além disso, são avaliados como os melhores membros, melhores representantes. São os referentes que vêm logo à mente ao mencionar o nome da categoria e são os mais rapidamente identificáveis como seus integrantes. Retomando o exemplo de Ferrari (2014), quando se menciona a categoria *ave*, é bem fácil pensar logo em sabiá, gaivota, urubu etc., porque esses são os membros que identificam bem o grupo e são reconhecidos, sem dúvida, como seus integrantes. Contudo, talvez a imagem de um *pinguim* não seja tão rapidamente

ativada como membro, por ser menos identificável como pertencente a essa classe. Segundo Rosch; Mervis (1975), os membros mais prototípicos são dotados de mais atributos em comum com os outros membros da mesma categoria e de menos traços em relação aos membros das categorias adjacentes.

Para Rosch (1978), a prototipicidade está relacionada a alguns efeitos: os membros prototípicos são processados e identificados mais rapidamente, são aprendidos mais cedo no desenvolvimento infantil e são os mais comumente mencionados ao se falar da categoria.

Por acreditarmos que os mesmos mecanismos cognitivos envolvidos em nossa conceptualização do mundo também estão envolvidos na organização e produção da linguagem, adotamos a concepção de prototipia também para a análise de fenômenos linguísticos, assim como o fazem Givón (1986), Lakoff (1987), Taylor (1995), Cuenca; Hilferty (1999), Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013), entre outros.

Givón (1986) associa a noção de prototipia à extensão metafórica, e, no âmbito da gramática, à transitividade e aos atos de fala. O autor define a noção de protótipo como “o membro mais prototípico de uma categoria, isto é, o que exhibe o maior número das propriedades/traços característicos” (GIVÓN, 1986, p. 90). Por isso, “todos os outros membros podem, então, ser classificados de acordo com seu grau de similaridade ao protótipo (ou ‘distância do protótipo-pico’)²²” (GIVÓN, 1986, p. 90). Lakoff (1987) argumenta em favor da existência de efeitos prototípicos na linguagem, que revelam assimetrias e gradações dentro das categorias linguísticas, em todas as áreas, desde a fonologia à semântica, passando pela morfologia e pela sintaxe. Taylor (1995), em obra dedicada inteiramente à categorização linguística e sua associação com a teoria dos protótipos, explica que o protótipo pode ser visto (i) como o(s) membro(s) central(is) ou como (ii) uma representação abstrata desse núcleo conceptual. No entanto, prefere adotar a segunda visão, o que o leva a postular que uma entidade particular não é o protótipo; pelo contrário, instancia-o. O autor, assim como o faz Bybee (2010), apresenta uma visão de construções sintáticas como categorias de protótipos.

Outros exemplos da visão de protótipos aplicada à análise linguística também podem ser encontrados em Cuenca; Hilferty (1999), Nogueira (1999) e em Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013). O primeiro grupo de pesquisadores adota essa visão na análise da função de sujeito e da categoria gramatical das interjeições. Em Nogueira (1999), há a representação

²² “The most prototypical member of a category, i.e. the one displaying the greatest number of the most important characteristic properties/features, presumably defines our notion of ‘the prototype’. All other members may then be ranked according to their degree of similarity to the prototype (or ‘distance from the prototype-peak’)” (GIVÓN, 1986, p. 90).

prototípica da aposição. No texto do terceiro grupo de autores, vemos uma análise que diz respeito aos substantivos:

A categorização permeia nossa relação com o mundo físico e social e com nosso intelecto. Entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de *categorias de coisas*. E isso se dá também no domínio linguístico: do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua. Tomemos como exemplo a categoria substantivo. O item *pato* apresenta as características associadas ao protótipo: é concreto, flexiona em gênero e número, pode ser núcleo de um SN, pode ser precedido de determinante e acompanhado por modificador. Por sua vez, o elemento *concomitância* não exibe algumas dessas propriedades (é abstrato e não flexiona em gênero e número²³), afastando-se do protótipo (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 29, grifos dos autores).

Embora o termo *concomitância* não apresente características necessárias e suficientes, continua a fazer parte da categoria dos substantivos, mesmo se distanciando do protótipo.

Para Moure (1994), segundo o princípio da complexidade, as categorias da língua nem sempre se resolvem em termos binários, podendo haver limites não discretos entre as categorias, o que nem sempre reflete arbitrariedade. Além disso, o princípio da escalaridade prevê que os elementos internos em uma mesma categoria não necessitam ser uniformes, mas graduados, porque há exemplares centrais e periféricos.

Como toda descoberta e proposição científica, a visão de categorias de protótipos associada à língua recebeu críticas. Para Perini (2008), por exemplo, as categorias gramaticais não são contínuas, mas discretas, e a proposição de uma análise que leve em conta categorias de protótipos apresentaria problemas metodológicos. O autor mostra duas visões de protótipos, dentre as quais a primeira, que é adotada nesta tese, enxerga protótipos como regiões mais típicas no *continuum* conceptual; e a segunda, em que os protótipos são vistos como configurações típicas e discretas, relacionadas à frequência (quanto mais frequente, mais prototípico)²⁴. Dessas duas visões, o autor parece concordar mais com a segunda e apresenta alguns problemas da primeira.

Na primeira objeção, que diz respeito aos problemas metodológicos, Perini (2008) questiona: se a prototipia é uma questão de grau, “como distinguir um item que é 40% membro de uma categoria de outro item que é 50% membro da mesma categoria?” (PERINI,

²³ Aqui, fazemos apenas uma pequena ressalva ao fato de que o termo *concomitância* não se flexiona em número. Em alguns textos autênticos, encontramos o uso *concomitâncias*.

²⁴ Taylor (1995), retomando Rosch (1973a), no entanto, alerta para o fato de se pautar apenas na alta frequência para explicar a prototipicidade. Segundo o autor, a frequência é mais sintoma de prototipicidade do que sua causa.

2008, p. 199). Contra-argumentamos, no entanto, que essa questão pode ser resolvida na base da constituição de critérios em cada análise, porque um membro pode aproximar-se mais ou menos do protótipo dada sua aplicação a determinados critérios escolhidos pelo pesquisador. Obviamente, tais critérios/traços não precisam ser necessários/suficientes/exaustivos, mas em quantidade relevante para opor graus de pertencimento dos membros de uma mesma categoria.

A segunda objeção do autor diz respeito à aplicação da noção de protótipo como *continuum* tanto às categorias do mundo como às da língua. No entanto, pesquisas como as de Givón (1986), Lakoff (1987), Taylor (1995) e Bybee (2010) mostram que há relevância em aplicar tais pressupostos à análise do sistema linguístico, que, inerentemente, exhibe gradiência e efeitos prototípicos.

Outra objeção apresentada pelo autor é a de que

(...) pode-se argumentar que não existe gradação contínua entre substantivo e adjetivo, por exemplo. Os casos aparentes de gradação contínua, como os “graus de nominalidade” (...), seriam na verdade um artefato da simplicidade excessiva do sistema tomado como ponto de partida. Se para descrever determinado grupo de itens só temos duas categorias (digamos, “substantivo” e “adjetivo”), então encontraremos um grande número de casos intermediários, que podem dar a impressão de um contínuo. Mas se o sistema for mais complexo, como precisa ser, poderemos descobrir que o intervalo é preenchido por um número maior de categorias discretas (PERINI, 2008, p. 200).

De fato, a simplicidade das categorias gramaticais que costumamos postular nos obriga a encontrar vários casos de inaplicabilidade da definição a muitos itens, o que sugere o *continuum*²⁵. Contudo, acreditamos que é inviável postular infinitas categorias dentro de outras categorias e encaixotar perfeitamente um item dentro de uma dessas subdivisões fechadas. Nossa visão é a de que o sistema linguístico é complexo demais para se resolver em termos discretos, porque a língua está se (re)construindo nas situações de interação (HOPPER, 1987) e sempre estará sujeita à variação e mudança (GIVÓN, 1995; LABOV, 1972, 1978b, 1994, 2001, 2003, 2010; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). O problema metodológico seria propor infinitas categorias discretas dentro de outras categorias discretas, tendo em vista que precisam de um recorte bem específico. Além disso, Taylor (1995) argumenta que os limites discretos que costumamos recortar são baseados nas nossas crenças sobre como são os elementos naturais, e que essa discretização não só depende de como o

²⁵ Como argumenta Perini (2008), se as categorias gramaticais não são bem definidas, surge uma multiplicidade de casos aplicáveis a uma ou a outra categoria, sugerindo haver exemplares que se aproximam mais ou menos do protótipo em cada uma delas.

mundo é, mas também do que sabemos sobre isso. A esse respeito, retomamos Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013):

Não se deve, porém, deduzir (...) que os conceitos são reflexos da realidade externa e que a língua serve apenas para etiquetá-la (...). Isso porque a linguagem não é a representação da realidade objetiva, mas de como ela é percebida e/ou experienciada pelos humanos (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 29).

Todo recorte da “realidade” é dependente de contexto e de como enxergamos essa realidade. Toda categorização vai depender de como experienciamos determinado objeto. Por isso, assim como nossas experiências com o mundo vão sendo amadurecidas, essas fronteiras entre categorias vão se afrouxando, possibilitando que elementos periféricos migrem a outras categorias.

Em sua argumentação, Perini (2008) cita o grupo dos verbos. Para o autor, não há fronteira de nebulosidade entre verbos regulares e irregulares, porque seria possível apresentar uma lista exata de cada um desses tipos, e os verbos poderiam ser categorizados de acordo com **graus discretos** de irregularidade: *dar* é irregular na maior parte de sua conjugação e *odiar* o é em poucas formas. Acreditamos, no entanto, que esses argumentos corroboram ainda mais a noção de *continuum* na língua. Um aluno de Ensino Fundamental, por exemplo, ao fim de uma aula sobre verbos regulares e irregulares, poderia reconhecer imediatamente o verbo *ser* como irregular, dadas suas formas completamente irregulares; no entanto, ficaria na dúvida com o verbo *trazer*, porque, no Presente do Indicativo, é irregular apenas na primeira pessoa. Já no Presente do Subjuntivo, tanto as formas do verbo *ser* como do verbo *trazer* aparentam certa regularidade. Explica-nos Camara Jr. (1985) que

O que nossas gramáticas alinham, em ordem alfabética, como “verbos irregulares”, deve ser entendido como um desvio do padrão geral morfológico, que não deixa de ser “regular”, no sentido de que é suscetível a uma padronização também. A descrição dos verbos ditos “irregulares” resume-se assim na apresentação de pequenos grupos de verbos, com certos padrões comuns, que se podem perfeitamente tornar explícitos. A enumeração desses verbos em “ordem alfabética” (isto é, por um critério ordenador externo e superficial) deve ceder lugar a novo tratamento descritivo. Ainda aqui é preciso fugir da memorização pura e simples, que é o mais inconveniente meio de aprender. Na realidade, o estudante com ela só aprende afinal, porque consegue entrever um pouco, embora intuitivamente, as relações e coincidências que a enumeração alfabética convencional está encobrendo (CAMARA JR., 1985, p. 111).

Como podemos perceber, a distinção regular/irregular é a mais difícil para operar em termos discretos. Quanto aos irregulares, muitos autores de gramáticas normativas destacam seus desvios a um padrão, mas, na Linguística, Camara Jr. (1985), por exemplo, acentua certa “regularidade”. Dados certos critérios, são irregulares, mas, dados outros

critérios, são “regulares”. Mais uma vez, a categorização está sendo tomada como uma forma de recortar o mundo.

Por esses motivos, percebemos a viabilidade de analisar as orações intercaladas como uma categoria não discreta, que se orienta por membros prototípicos e não prototípicos. Isso mostra que, mais do que visões opostas, categorialidade e não discretude caminham lado a lado na comunicação e representação da experiência (GIVÓN, 1995).

Veremos, na seção 3.3 deste trabalho, que a intercalação não pode ser vista como uma categoria única, dado que seus elementos exibem diferentes efeitos prototípicos. Há tipos de inserção de Temporais que são mais bem vistos como intercaladas, mas há casos em que os critérios variam e podem apontar para diferentes direções, o que leva o estudioso a identificá-las ora como antepostas/pospostas, ora como intercaladas.

Antes dessa discussão mais detalhada, vejamos outro grupo de princípios relevantes para uma análise centrada no uso linguístico: marcação, expressividade e contrastividade.

2.1.2 Marcação, expressividade e contrastividade

Ainda no âmbito das relações entre língua e cognição, tratamos do princípio da marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), cuja base é estruturalista, do que decorre uma tendência de expressá-lo em termos binários (marcado *versus* não marcado) e associá-lo à complexidade estrutural. De fato, o último fator citado é um dos critérios de que se vale Givón (1995, 2001a) para avaliar marcação. O diferencial do Funcionalismo ao utilizar esse conceito é a inclusão de fundamentos de base comunicativa, cognitiva, sociocultural, entre outros, em sua aplicação.

Segundo Givón (1995), três são os critérios para se avaliar marcação:

- (a) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou mais larga) do que a correspondente não marcada;
- (b) Distribuição de frequência: a categoria marcada (figura) tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente, do que a categoria não marcada correspondente (fundo);
- (c) Complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento – do que a não marcada (GIVÓN, 1995, p. 28)²⁶.

²⁶ “(a) Structural complexity: The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one.

(b) Frequency distribution: The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground).

Valer-nos-emos desses critérios para analisar marcação entre os tipos de intercaladas. Em relação à complexidade estrutural, ampliamos a proposta de Givón (1995), sugerindo tratar não apenas de aumento de substância formal, mas também de algum tipo de padrão estrutural complexo, como, no caso desta pesquisa, a anteposição e a intercalação, ordens que representam uma ruptura ao padrão tradicional SVO(C). Em aplicação desses critérios à ordem das Temporais, Cavalcante (2015) apresentou as seguintes considerações:

Quadro 1 – Marcação e ordenação das orações temporais no Corpus Sociolinguístico da Cidade do México

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i> ²⁷	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Anteposição	- marcado	+ ou -	+	+ ou -
Posposição	+ marcado	-	-	-
Intercalação	+ marcado	+	+	+

Fonte: Cavalcante (2015, p. 101).

Como se pode perceber, a intercalação foi o padrão considerado mais marcado, tomando como base a aplicação dos três critérios. Como destacam Braga; Paiva (2017), padrões de ordenação menos frequentes, mais marcados, também o são pragmaticamente, “ou seja, [estão] a serviço de funções discursivas mais específicas” (BRAGA; PAIVA, 2017, p. 205). Já a anteposição, em relação ao critério de complexidade cognitiva, assume dupla faceta (-/+ marcado) a depender de sua função, já que marcação é dependente de contexto (GIVÓN, 1995, 2001a). Por representar uma ruptura a um padrão canônico, a anteposição demanda maior complexidade cognitiva do que a posposição, sendo, portanto, considerado padrão mais marcado do que esta. Contudo, dada sua função de guia, seria menos complexo cognitivamente antepor uma Temporal para guiar o ouvinte/leitor aos fatos que se seguirão (CAVALCANTE, 2015), o que confirma a assunção de Diessel (2005), quando mostra que a sentença complexa apresenta processamento mais rápido se a adverbial preceder a principal. Refletimos, no entanto, que o mesmo parece acontecer com as intercaladas.

Ainda observando o quadro 1, percebemos umas categorias mais marcadas que outras. Como Cavalcante (2015) considerou, em relação à frequência, menos marcados os fatores com recorrência acima de 50%, todos os outros teriam de ser inseridos na categoria de marcados. Contudo, vemos que há diferentes níveis de marcação entre a ordem das

(c) Cognitive complexity: The marked category tends to be cognitively more complex – in terms of mental effort, attention demands or processing time – than the unmarked one” (GIVÓN, 1995, p. 28).

²⁷ “Em todos os quadros que se referem ao critério distribuição de frequência, a partir de agora, incluiremos a nomenclatura *marcado* após os sinais de + ou -, para que não se confunda com + ou - frequente, uma vez que, em termos de frequência, estruturas com o traço + *marcado* são menos frequentes e vice-versa” (CAVALCANTE, 2015, p. 101).

Temporais, conforme a soma de seus traços. Por isso, é necessário adotar uma perspectiva escalar para a avaliação de marcação (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003). Nesse sentido, em uma escala de marcação, teríamos: (+ marcado) intercalação > anteposição/posposição (- marcado).

A proposta desta pesquisa é avaliar apenas os dados de intercalação, distribuindo-os em diferentes subgrupos, conforme seu grau de prototipia. Em seguida, analisar esses subgrupos e distribuí-los em uma escala de marcação, desde os mais marcados aos menos marcados. Por ser uma categoria marcada, acreditamos que o protótipo de intercalada tenha como características alta complexidade e baixa frequência.

Por outro lado, pode haver situações em que procedimentos marcados sejam dotados de alta frequência e/ou menor complexidade cognitiva/estrutural e vice-versa. Dubois; Votre (2012), estudando enumerações e pautando-se no princípio de marcação, hipotetizaram que, quanto à complexidade estrutural,

as enumerações que reúnem maior número de recursos (expansão, redução, repetição, marcadores etc.) são mais complexas do que as que reúnem menor número de tais recursos; as enumerações mais longas são mais complexas” (DUBOIS; VOTRE, 2012, p. 57-58).

Contudo, os resultados mostraram que “as enumerações mais curtas mostram mais procedimentos de expansão, enquanto as enumerações menos complexas exibem um número mais expressivo de marcadores” (DUBOIS; VOTRE, 2012, p. 60). Além disso, os autores encontraram um número expressivo de repetições e marcadores, mecanismos complexos. Em suma, eles perceberam, nas enumerações mais curtas, o predomínio de mecanismos mais complexos, o que parece questionar o princípio de marcação. Desse modo, os autores propõem que

é preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação (DUBOIS; VOTRE, 2012, p. 61).

Segundo os estudiosos, alguns procedimentos marcados podem servir justamente para tornar a estrutura menos complexa, reduzindo-a ou dando mais transparência. Em face dessas discussões, os pesquisadores propõem o princípio de *expressividade*, que vem para contrabalancear o princípio de marcação:

Quadro 2 – Princípio de marcação e princípio de expressividade

Princípio de marcação	Princípio de expressividade
O Princípio de marcação é cognitivamente motivado em termos de esforços associados às tarefas de codificação.	O Princípio de expressividade é cognitivamente motivado em termos da expressividade e da eficácia, o que equilibra as tarefas de codificação.
Um elemento marcado será mais elaborado e mais longo.	Um procedimento discursivo marcado pode ser menos elaborado e menos longo.
Um elemento marcado será menos frequente.	Um procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente.
Um elemento marcado exigirá mais esforços de codificação.	Um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço de codificação.

Fonte: Dubois; Votre (2012, p. 69).

É possível que o princípio de expressividade esteja atuando para explicar a alta frequência de Temporais antepostas, como mostraram Cavalcante (2015) e Cavalcante; Cardoso (2016). Nesse sentido, uma posição dotada de complexidade estrutural (quebra de um padrão canônico de ordenação) pode ser mais frequente, servindo justamente como mecanismo textual para salientar o cenário e guiar o leitor/ouvinte, diminuindo as altas demandas de processamento da narrativa (DIESEL, 2005). Em relação às intercaladas, o princípio de expressividade poderá atuar sempre que houver uma quebra de expectativa no que diz respeito à marcação. Nossas hipóteses são formuladas com base na baixa frequência do protótipo de intercalada, por ser justamente o que melhor representa a categoria, em virtude de sua complexidade estrutural.

Relacionada à marcação está a **contrastividade**. Conforme apontam Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013), o falante pode destacar um item em especial, criando uma configuração atípica da sentença para destacar esses elementos dentre os demais no discurso. Hipotetizamos que a intercalação de Temporais pode atuar no sentido de refletir contrastividade e mudança de tópico, sempre que introduzir sujeito diferente ao apresentado no tópico em andamento, por exemplo.

Para tanto, com vistas a mensurar topicalidade, valer-nos-emos das discussões de Givón (1995) acerca de distância referencial e persistência tópica. Em relação à distância referencial (ou acessibilidade anafórica), um referente poderá apresentar alta, média ou baixa topicalidade. No que diz respeito à persistência tópica, o autor explica que a continuidade do referente no texto pode indicar a possibilidade de ser mais ou menos tópico.

Tendo em vista a divisão feita por Lima (2009), delinearemos essas categorias de análise da seguinte maneira: quanto à distância referencial, os referentes poderão ser classificados segundo **alta topicalidade** (referente localizado na cláusula precedente à

Temporal), **média** (localizado na segunda cláusula precedente à Temporal), **baixa** (localizado na terceira cláusula precedente à Temporal) ou **não-tópico** (não localizável em nenhuma das três cláusulas precedentes à Temporal).

No que tange à persistência tópica (ou persistência catafórica), um referente poderá ser classificado segundo **alta persistência** (presença nas três orações seguintes à primeira ocorrência da Temporal), **média** (presença nas duas orações seguintes à primeira ocorrência da Temporal), **baixa** (presença apenas na oração seguinte à primeira ocorrência da Temporal) ou **não-persistência** (ausência nas três orações seguintes à primeira ocorrência da Temporal).

Em termos cognitivos, Givón (1995) explica que a acessibilidade anafórica mede o quão acessível cognitivamente o referente é, e a persistência (que se relaciona com frequência) mostra o quão importante esse referente é. Nossa hipótese é a de que a intercalação dentro da cláusula nuclear deve introduzir referentes dotados de alta acessibilidade anafórica, mantendo o tópico em andamento. Já as intercaladas não prototípicas trariam sujeitos com baixa acessibilidade ou não tópicos. Esse tipo de intercalação seria contexto propício para contrastividade. Acreditamos, também, que contextos de Temporais inseridas entre referentes não tópicos e não persistentes são casos de inserção parentética (JUBRAN, 1993, 1996a, 1996b, 1999, 2009, 2015c)²⁸.

2.1.3 Iconicidade

Não existe língua em que nada seja motivado; quanto a conceber uma em que tudo o fosse, isso seria impossível por definição. Entre os dois limites extremos – mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade –, encontram-se todas as variedades possíveis. Os diversos idiomas encerram sempre elementos das duas ordens – radicalmente arbitrários e relativamente motivados –, mas em proporções as mais variáveis, e isso constitui um caráter importante, que pode entrar em linha de conta na sua classificação (SAUSSURE, 2006, p. 154).

²⁸ As questões relacionadas à parentetização como é entendida por Jubran (1993, 1996a, 1996b, 1999, 2009, 2015c) fogem ao escopo desta análise, por demandarem categorias e pressupostos específicos da Linguística de Texto. No entanto, retomando Braga; Paiva (2017, p. 189-190), explicamos que “mesmo reconhecendo que o estatuto do texto é diferente para os estudos desenvolvidos sob a ótica do funcionalismo linguístico e da Linguística Textual, defendemos que um diálogo entre as duas pode trazer contribuições para ambas e que a incorporação de variáveis textuais é crucial para a explicação de uma vasta gama de fenômenos linguísticos. Embora possam partir de pontos distintos – a estrutura linguística, no caso das diferentes abordagens funcionalistas; o texto, no caso da Linguística Textual –, essas correntes inevitavelmente se encontram, quando buscam não apenas descrever, mas, principalmente, explicar a forma e o uso da língua tanto na sua modalidade falada como na escrita” (BRAGA; PAIVA, 2017, p. 189-190). Por isso, resolvemos manter a menção à temática, para suscitar investigações além desta tese, que representariam um diálogo deveras profícuo entre o funcionalismo e os estudos do texto.

Outra questão debatida por Givón (1995, 2001a) é a natureza não arbitrária e adaptativamente motivada da gramática. O autor mostra que, na língua, há equilíbrio entre dispositivos icônicos (princípios) e arbitrários (regras). Assim, propõe os seguintes princípios (ou regras da proto gramática):

Regras de entonação

a. Ênfase e previsibilidade

“Pedacões de informação menos previsível são enfatizados”.

b. Melodia e relevância

“Pedacões de informação conceitualmente juntos são empacotados juntos sob um contorno melódico único”.

c. Pausa e ritmo

“O tamanho do espaço temporal entre pedacões de informação corresponde ao tamanho da distância cognitiva ou temática entre eles”.

Regras de espaçamento

a. Proximidade e relevância

“Pedacões de informação conceitualmente juntos são mantidos em proximidade espaço-temporal”.

b. Proximidade e escopo

“Operadores funcionais são mantidos próximos ao operando ao qual são relevantes”.

Regras de sequência

a. Ordem e importância

“Um pedacão de informação mais importante é posto na frente”.

b. Ordem de ocorrência e ordem reportada

“A ordem temporal em que eventos ocorrem será espelhada no relato linguístico dos eventos”.

Regras de quantidade

a. Expressão zero e previsibilidade

“Informação previsível – ou já ativada – não será expressa”.

b. Expressão zero e relevância

“Informação não importante ou não relevante não será expressa” (GIVÓN, 2001, p. 34-35, negritos do autor)²⁹.

²⁹ “**Intonation rules**

a. Stress and predictability

“Less-predictable information chunks are stressed”

b. Melody and relevance

“Information chunks that belong together conceptually are packed together under a unified melodic contour”.

c. Pause and rhythm

“The size of the temporal break between information chunks corresponds to the size of the cognitive or thematic distance between them”.

Spacing rules

a. Proximity and relevance

“Information chunks that belong together conceptually are kept in close spatio-temporal proximity”.

b. Proximity and scope

“Functional operators are kept closest to the operand to which they are relevant”.

Sequence rules

a. Order and importance

“A more important information chunk is fronted”.

b. Occurrence order and reported order

“The temporal order in which events occurred will be mirrored in the linguistic report of the events”.

Quantity rules

a. Zero expression and predictability

Desses quatro grupos de regras, dois foram considerados importantes para a análise da ordem das Temporais no trabalho de Cavalcante (2015), as regras de sequência e as regras de espaçamento. Este último grupo, em especial, pode se relacionar diretamente às intercaladas.

Em relação às regras de sequência, Cavalcante (2015) e Cavalcante; Cardoso (2016) mostraram, com dados reais, que a ordem das orações se relaciona à ordem dos eventos narrados: as Temporais tendem a ser dispostas na ordem em que os eventos se dão, confirmando a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001), o que também é relatado em Labov; Waletzky (1967), Romero Gualda (1985), García de Paredes (1993), Olivares Pardo (2002) e Guerrero; Belloro; Conti Jiménez (2017). Cavalcante (2015) e Cavalcante; Cardoso (2016) comprovaram, também, em relação ao subprincípio de ordem e importância, que as antepostas têm alta frequência, por apresentarem comumente a função de guia, e, portanto, seriam informações com primazia na ordem linear codificada. É possível que o falante acredite ser mais relevante apresentar uma Temporal com função de guia antes da nuclear, para fornecer informações cruciais ao entendimento do estado de coisas narrado na nuclear.

Quanto às regras de espaçamento, relacionando-as às intercaladas, Cavalcante (2015, 2016a) concluiu que esse é o padrão menos icônico, por operar ruptura entre o verbo e seus argumentos. Esses achados também confirmam a posição de Tomlin (1986), quando mostra que, dado o grau de imbricamento entre verbo e seus argumentos, essas posições mediais tendem a rechaçar a inserção de outros elementos. Tais reflexões nos mostram que a inserção de elementos entre constituintes agregados torna uma sentença mais complexa. Por isso, hipotetizamos que a intercalação prototípica tende a ser evitada, por ser o padrão de ordenação mais complexo, considerando complexidade estrutural, a menos que se queira efeito estilístico, o que pode reduzir a complexidade cognitiva.

Desse modo, por ser o padrão mais complexo, a intercalação prototípica seria evitada e, por isso, em um texto, tendem a ser mais complexos os períodos em que há uma oração intercalada prototípica. Assim, operaremos com as regras icônicas de sequência, hipotetizando que, quanto maior a ligação entre os constituintes que a Temporal rompe, maior será seu grau de prototipicidade.

“Predictable—or already activated—information will be left unexpressed”.

b. Zero expression and relevance

“Unimportant or irrelevant information will be left unexpressed” (GIVÓN, 2001, p. 34-35, *negritos do autor*).

2.1.4 Informatividade e perspectivização

Outro importante reflexo de habilidades cognitivas na estruturação linguística é a informatividade. Ao dispor os elementos ao longo de uma cláusula, o falante calcula que algumas informações exibem graus diferentes de ativação, e que a forma em que serão apresentadas refletirá seu *status* de maior (dado) ou menor ativação (novo). Nesse sentido, o conceito de informatividade “refere-se ao conteúdo informacional que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação verbal” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 26).

Um argumento que geralmente é utilizado no senso comum é o de que os falantes em geral, não especialistas em Linguística, não se dão conta das operações cognitivas envolvidas no uso da língua. Na verdade, talvez o não especialista não saiba descrever ou explicar o que ocorre no momento da interação, mas sabe modelar seu discurso conforme suas expectativas e as de seu ouvinte. Por isso, concordamos com Furtado da Cunha; Nogueira (2014), que, amparadas em Du Bois (2003), afirmam que “os falantes sabem onde produzir, e os ouvintes sabem onde esperar, em uma cláusula, as demandas mais pesadas de processamento, como aquelas associadas à introdução de informação nova no discurso” (FURTADO DA CUNHA; NOGUEIRA, 2014, p. 53).

Uma proposta que diz respeito à informatividade é a de Prince (1981, 1992), em cuja taxonomia opera com a noção de referentes dados, novos e inferíveis, considerando, principalmente, a menção no texto e a perspectiva do ouvinte. Nessa visão, segundo Prince (1992), uma informação pode ser (i) *novíssima* (nova na perspectiva do ouvinte e no modelo discursivo), (ii) *não-usada* (dada na perspectiva do ouvinte e nova no modelo discursivo), (iii) *evocada* (dada no modelo discursivo e na perspectiva do ouvinte) e (iv) *inferível* (informação inferida com base na existência de outras entidades), como podemos ver, respectivamente, nos exemplos da autora:

- I bought **a beautiful dress**. (Eu comprei **um vestido bonito**). (Entidade novíssima);
- **Rotten Rizzo** can't have a third term. (**Rotten Rizzo** não pode ter um terceiro mandato). (Entidade não-usada);
- Susie went to visit her grandmother and **the sweet lady** was making Peking Duck. (Susie foi visitar sua avó e **a doce senhora** estava fazendo Pato à Pequim). (Entidade evocada);

- I went to the post office and **the stupid clerk**³⁰ couldn't find a stamp. (Eu fui aos correios e **o funcionário estúpido**³¹ não encontrava um selo). (Entidade inferível).

(PRINCE, 1981, p. 237, adaptado).

Além de gerenciar o *status* informacional de um item, o enunciador também pode operar perspectivização no seu discurso, ressaltando determinados elementos. Duas noções, também cognitivas, relacionadas ao tema são fluxo de atenção e ponto de vista.

Para Delancey (1981), a ordem dos elementos na sentença pode determinar o fluxo de atenção. Assim, a tendência icônica é que os fatos sejam narrados na ordem *origem* > *meta*, o que motiva, por exemplo, em sentenças de transferência de posse, a ordenação *agente doador* > *objeto dado* > *beneficiário*; e, em cláusulas que narram viagens, a ordenação dos argumentos de modo a refletir a sequência *ponto de partida* > *ponto de chegada*. As alterações nesse padrão podem servir para destacar determinado constituinte, em virtude do ponto de vista atribuído à cena.

Segundo o autor, o ponto de vista de uma cena pode ser o do observador externo ou o associado aos participantes. Ciente disso, postula a seguinte hierarquia:

Participantes do ato de fala > pronomes de 3ª pessoa > humanos > animados > forças naturais > inanimados

(DELANCEY, 1981, p. 644)³².

Nessa Hierarquia de Empatia, os elementos mais à esquerda são os melhores candidatos a serem o ponto de vista de uma sentença. Isso explica o predomínio de orações com sujeito em 1ª, 2ª e 3ª pessoas, nessa sequência, e a ordem *agente humano, animado* > *paciente inanimado*. Nos inquéritos que iremos analisar, é provável que a maioria das cláusulas sejam narradas segundo o ponto de vista da primeira pessoa, participante mais envolvido na cena descrita, ainda mais no gênero entrevista sociolinguística, que trata de temáticas relacionadas a experiências pessoais (LABOV, WALETZKY, 1967; FREITAG, 2014). Nesse sentido, as Temporais intercaladas entre o sujeito e verbo, por exemplo, podem servir também para focalizar ainda mais esses sujeitos de primeira pessoa.

³⁰ Mantemos o destaque que Prince (1981) faz ao sintagma *the stupid clerk*, embora acreditemos que o referente inferível é apenas *clerk*, e o sintagma completo é informação nova.

³¹ O sentido dessa palavra que mais se aproxima do original em inglês seria “que ou que revela ausência de inteligência” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 845).

³² SAP's > 3rd pronouns > human > animate > natural forces > inanimate (DELANCEY, 1981, p. 644).

2.1.5 Relevância discursiva: figura/fundo e Funções textual-discursivas

Outro tema pertinente ao Funcionalismo é a discussão em torno da noção de *relevância discursiva*. Por meio de contribuições da Psicologia da Gestalt, somos levados a considerar que a percepção de fenômenos linguísticos também está ligada à identificação de itens mais ou menos salientes, o que se relaciona ao relevância discursiva, especificamente, à distinção figura/fundo (*foreground/background*), outro tema caro ao Funcionalismo.

Segundo Hopper; Thompson (1980), na narração dos fatos pela linguagem, o falante organiza seu discurso segundo seus objetivos comunicativos e sua dedução das necessidades do ouvinte. Há informações mais salientes, caracterizadas como figura (*foreground*), que apontam para os pontos de destaque da narração, e há outras que apenas amplificam ou comentam os fatos relatados, tratadas como fundo (*background*). Consoante a proposta dos linguistas, as cláusulas-figura destacam-se das cláusulas-fundo pelo fato de que as primeiras, frequentemente, apresentam mais de um participante, possuem predicados télicos e pontuais, são afirmativas e *realis*, narram eventos (ações) com sujeito agentivo (humano/animado), verbo volitivo e objeto totalmente afetado e mais individuado.

Na perspectiva de Silveira (1997) e Chedier (2007), as Temporais são apresentadas como cláusulas-fundo, já que especificam as circunstâncias do evento expresso pela principal. Na classificação da última autora, as Temporais são colocadas na mesma categoria de “cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura” (CHEDIER, 2007, p. 50). Já Cavalcante (2015), focalizando as Temporais, mostra que elas podem exercer tanto função de figura como fundo. Em sua proposta, as Temporais podem exercer as seguintes funções: (i) *figura – temporal atípica*, (ii) *fundo cênico – guia ou moldura* e (iii) *fundo avaliativo – adendo/ressalva/avaliação/restrrição*:

- Figura – temporal atípica³³: são as temporais que têm características semelhantes às nucleares tradicionais, marcadas por eventos pontuais, acabados, completos. A temporal com essas características marca o início de um novo evento, e indica a sequência narrativa. Um critério formal para identificá-las seria o princípio de remoção de temporal, em que a oração complexa careceria de sentido, se a temporal fosse removida.
- Fundo cênico: temporal típica, termo acessório que situa temporalmente os eventos narrados na nuclear. Divide-se em guia e moldura:
 - Guia³⁴: introduz um evento/situação, e todos os outros narrados ocorrem a partir dele. Cumpre função de orientar o leitor (DECAT, 2001);

³³ “Ex.: “(...) yo ya estaba listo para salir **cuando// cuando// se vino el terremoto**. (...) eu já estava pronto para sair **quando veio o terremoto**.” (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)” (CAVALCANTE, 2015, p. 75).

³⁴ “Ex.: “(...) porque yo/ **cuando vine a hablar de eso// hablé de/ de/ cómo había estado en el examen de danza** (...) ((...)) porque eu/ **quando vim falar disso// falei de/ de/ como havia estado no exame de dança** (...)” (ENTREVISTA 42 - ME-271-21H-06)” (CAVALCANTE, 2015, p. 75).

- Moldura³⁵: introduz eventos cotemporais aos eventos narrados na principal.
- Fundo avaliativo³⁶: expressa posição do falante em relação ao fato expresso na nuclear, adicionando informações, retificando-as ou apresentando um juízo de valor (CAVALCANTE, 2015, p. 75-76).

Essa classificação se apresenta como uma proposta interessante para a análise das funções das Temporais, mas propomos alguns ajustes. Em primeiro lugar, o critério de remoção da temporal não parece se aplicar bem a uma análise de cunho funcionalista, já que a expressão sintática se realiza de tal forma que as informações ali apresentadas são, de algum modo, relevantes para o fluxo comunicativo. Sendo assim, qualquer tipo de remoção representaria alguma carência para o enunciado³⁷, ainda que esse item removido tenha traço de figura ou de fundo. Na delimitação de figura – temporal atípica, também propomos que se expresse mais claramente a relação hipotática-nuclear e aspecto verbal, pois, no exemplo do autor, há imperfectividade na nuclear e perfectividade na hipotática, além da posposição, ordem que confirma uma relação icônica. Eventos de figura apresentam os pontos principais do desenvolvimento da narrativa, tendem a ser dinâmicos e indispensáveis à narrativa, enquanto os de fundo auxiliam, comentam ou amplificam os objetivos narrativos do falante, tendem a ser estáticos e/ou descrevem situações, necessárias para o entendimento de atitudes e motivos (HOPPER, 1979; HOPPER; THOMPSON, 1980).

Ainda nas discussões sobre as funções da Temporal, Souza (2001) faz menção às orações intercaladas, explicando, como dito, que elas podem se posicionar após o sintagma adverbial temporal ou após um sintagma nominal sujeito, como nos exemplos a seguir, dentre os quais o primeiro é retomado³⁸:

(01) Em 1946, **quando me dirigia de trem à cidade de Darjeeling**, despertei para um mundo que não conhecia muito. (VEJA-1.DOC-3)

(SOUZA, 2001, p. 75, grifos da autora)

(08) É bem verdade que Vanda, **quando Ramiro começou a exposição**, piscou o olho para Nando e Otávio, que estavam diante dela. (Q.DOC-17)

³⁵ “Ex.: “(...) y yo también estaba empezando a trabajar en Banca Cremi/ **cuando sucedió eso del flamazo [en San Juanico].** ((...) e eu também estava começando a trabalhar em Banca Cremi **quando aconteceu isso do incêndio [em San Juanico].**” (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97)” (CAVALCANTE, 2015, p. 75).

³⁶ “Ex.: “(...) los médicos en el seguro// este/ la atendieron mal/ le sacaron radiografías **cuando no debían.** ((...) os médicos no seguro// este/ a atenderam mal/ tiraram radiografias dela **quando não deveriam.**)” (ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01)” (CAVALCANTE, 2015, p. 76).

³⁷ Agradecemos à Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG) pela reflexão acerca desse ponto.

³⁸ Neste texto, quando os exemplos forem retomados, manteremos a numeração original de sua primeira menção.

(SOUZA, 2001, p. 76, grifo da autora)

(09) Esse homem, **quando tinha uma missão**, não dormia, até cumpri-la. (REA-4.DOC-7)

(SOUZA, 2001, p. 76, grifo da autora)

Em (01), a temporal está inserida entre um adjunto adverbial e o verbo da sentença, participando, com o adjunto, de uma enumeração de circunstâncias temporais. No exemplo (08), cuja temporal é caracterizada por Souza (2001) como ponto de inserção de sujeito novo, é uma interrupção do fato narrado na nuclear, o que leva a caracterizar também como estratégia de topicalização de SN e parentetização. Em (09), a autora atribui à oração Temporal a função de ponto de incidência e à conjunção uma “função anafórica, retomando e especificando a informação anterior” (SOUZA, 2001, p. 76). Essa função anafórica também é percebida por Decat (2001), que, embora considere apenas anteposição e posposição, menciona as funções discursivas de *retomada* e *ponte de transição*, tendo esta última função os traços anafórico e catafórico.

Percebemos, também, que, nos exemplos (08) e (09), a função textual muda em função da correferencialidade do sujeito entre a temporal e a nuclear: os contextos de sujeitos correferenciais, em geral, atribuem à intercalada a função anafórica, de retomada, topicalizando o sujeito. Por outro lado, sujeitos não correferenciais configuram-se, geralmente, como contextos para a mudança do tópico/subtópico discursivo. Desse modo, o traço da correferencialidade também será considerado nesta pesquisa.

As considerações de Souza (2001) e Decat (2001) permitem acrescentar outras funções às intercaladas, ampliando o grupo *funções textual-discursivas* de Cavalcante (2015). Portanto, considerando as propostas e ampliando-as, operaremos com o seguinte mapeamento funcional das Temporais³⁹:

- Figura – temporal atípica: caracterizada por perfectividade, enquanto há imperfectividade na nuclear. Apresenta eventos dinâmicos, principais, indispensáveis à narrativa, **tende** a refletir ordenação icônica e se pospor à principal, o que vale para as pospostas e para as intercaladas não prototípicas pós-verbais. Pode ser anteposta, posposta ou intercalada não

³⁹ Essa proposta pretende servir de base para a análise da categoria linguística *Oração Temporal*, por isso haverá remissão à anteposição e à posposição. Em um estudo com foco apenas nas intercaladas, um traço de anteposição também valeria para uma intercalada não prototípica pré-verbal; e um traço de posposição, para uma intercalada não prototípica pós-verbal. Quando fizermos menção à *anteposta* e/ou *posposta*, leia-se, respectivamente, anteposta prototípica (início absoluto de cadeia) e/ou posposta prototípica (fim absoluto de cadeia).

prototípica pré-verbal/pós-verbal e não refletir ordenação icônica, desde que sejam resguardados os critérios de perfectividade e de dinamicidade do evento apresentado;

- Fundo cênico: apresenta o cenário dentro do qual ocorrem as ações da principal. Divide-se em guia e moldura:

- Guia: orienta/ direciona a interpretação da cena narrada (LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; DIK, 1997a, 1997b; DIESSEL, 2001; DECAT, 2001; CAVALCANTE, 2015). Abre o cenário dentro do qual serão relatados os eventos da nuclear. Pode ser anteposta, intercalada não prototípica pré-verbal ou intercalada prototípica;

- Ponte de transição: um subtipo das cláusulas guia. Vale-se de material expresso em períodos anteriores para guiar/orientar o leitor na apresentação de novas ações. É anteposta ou intercalada não prototípica pré-verbal;

- Moldura: apresenta eventos cotemporais aos narrados na nuclear. Embora não necessariamente, seria frequentemente posposta (CAVALCANTE, 2015) ou intercalada não prototípica pós-verbal.

- Fundo avaliativo: expressa avaliação do falante em relação ao estado-de-coisas narrado, comenta, retifica, avalia ou amplifica os objetivos narrativos do falante (HOPPER; THOMPSON, 1980; CHAFE, 1984; DIK, 1997a, 1997b; CAVALCANTE, 2015). É marcada por posposição ou por intercalação não prototípica pós-verbal;

- Ponto de inserção de sujeito novo: introduz sujeito novo em relação ao da principal (SOUZA, 2001). Função comum às intercaladas prototípicas e não prototípicas;

- Ponto de incidência/ função fórica: retoma sujeito já expresso pela principal (SOUZA, 2001). Função comum às intercaladas prototípicas e não prototípicas.

Hipotetizamos que essas funções não são excludentes entre si e podem se manifestar mais de uma vez no mesmo enunciado, a depender do contexto de uso, já que lidam com constituintes diferentes. Na proposta apresentada, há um nível discursivo e um sentencial. Isso não dificulta o trabalho com os dados porque, mesmo havendo multiplicidade de funções, há uma mais saliente.

2.1.6 Relações lógico-semânticas

Ao tratar das Temporais, as gramáticas costumam defini-las por aspectos formais (por exemplo, uso frequente de *cuando* (*quando*)) e semânticos (indicação de tempo) (SECO,

1996; DI TULLIO, 1997; CARRASCO GUTIÉRREZ, 1999; GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999; ALARCOS LLORACH, 2000; GÓMEZ TORREGO, 2005; MASIP, 2010). Essas cláusulas desempenham, portanto, “a função de complemento circunstancial⁴⁰” (GÓMEZ TORREGO, 2005, p. 347). Ainda que não seja o único conector que costuma introduzir as Temporais desenvolvidas⁴¹, *cuando* (*quando*) é o que mais sofre esvaziamento, por ser o mais frequente (DECAT, 2001), permitindo outras nuances semânticas (BRITO, 2003; RELVAS, 2013), amalgamadas à preferencial de tempo, refletindo polissemia (RODRIGUES, 1998). Decat (2001) discute as análises que focam apenas no conector e mostra que

a perda de carga lexical por parte do conectivo conjuntivo vem não só corroborar a postulação de que a relação adverbial é dada pela proposição relacional que emerge entre as cláusulas, como também reforçar a relevância de uma análise que leve em conta tais inferências (DECAT, 2001, p. 123-124).

Para fundamentar sua posição, Decat (2001) toma como base as reflexões de Mann; Thompson (1983, 1988). Segundo os autores, quando orações se combinam, há proposições relacionais que emergem e que, frequentemente, não estão sinalizadas por conectores. Afirmam também que as proposições relacionais estão presentes em toda cláusula e se trata de um fenômeno combinacional, por não ser derivado de cada cláusula independentemente. Assim, declaram essenciais essas proposições relacionais ao funcionamento de qualquer texto.

Alinhada a esses pressupostos, Ford (1987) argumenta que pode haver sobreposição de relações em um mesmo ponto de um texto, e que a interpretação depende de critérios como a plausibilidade: o produtor do texto pretende imprimir determinada relação, e o leitor (ou o analista) buscará recuperá-la, por uma interpretação plausível. A autora também inclui, nos critérios de recuperação da relação entre os enunciados, não apenas o valor semântico do conector, mas também os fatores contextuais, a relação escritor/leitor⁴² e o assunto do texto. Todos esses elementos devem ser observados pelo analista na adequada descrição de seus enunciados. No mesmo entendimento, Mann e Thompson (1988) destacam

⁴⁰ “(...) la función de complemento circunstancial” (GÓMEZ TORREGO, 2005, p. 347).

⁴¹ Em Pilar Garcés (1994) e nas gramáticas citadas, há listas com outros conectores que podem introduzir as Temporais, entre os quais: *cuando*, *mientras (que)*, *mientras tanto*, *entretanto que*, *en tanto que*, *en el (mismo, preciso) momento (instante) en que*, *a medida que*, *a la vez que*, *al (mismo) tiempo que*, *siempre que*, *cada vez que*, *antes de que*, *antes de*, *una vez que*, *después (de) que*, *después de*, *luego que*, *en cuanto*, *tan pronto como*, *apenas*, *así que*, *desde que*, *hasta que (quando, enquanto, enquanto isso, enquanto, enquanto, no (mesmo, preciso) momento (instante) em que, à medida que, ao mesmo tempo que, ao (mesmo) tempo que, sempre que, cada vez que, antes que, antes de, uma vez que, depois (de) que, depois de, assim que, enquanto/quando, assim que/logo que/tão logo que, mal, assim que, desde que, até que)*.

⁴² Ou: falante/ouvinte.

que um texto pode receber análises diferentes, seja por ambiguidade na estrutura, por múltipla compatibilidade de interpretações, pelos diferentes julgamentos dos analistas etc.

Para Bolinger (1954-1955), essas relações semânticas estão diretamente ligadas à ordem de orações, visto que o estudioso mostra um caso em que a Temporal anteposta expressa causa, mas, se a mesma oração fosse posposta, expressaria somente tempo:

Em **Quando morreu sua esposa, ele morreu** o situacional ‘quando sua esposa morreu’ cobre não somente tempo, mas também sugere causa. Em **ele morreu quando morreu sua esposa** a cláusula temporal é agora somente temporal. Em ambos os casos o primeiro elemento é amplo e situacional, o segundo é restrito e específico (BOLINGER, 1954-1955, p. 54, negritos do autor)⁴³.

Os exemplos apresentados por Bolinger (1954-1955) apontam para valores semânticos mais salientes dada a mudança na posição da oração. Entretanto, acreditamos que mesmo o segundo caso ainda teria leitura causal, porém mais suavizada que no exemplo de anteposição. Do ponto de vista discursivo, o primeiro exemplo parece destacar a causa da morte do homem, enquanto a codificação do segundo tende a valorizar o evento da morte em si.

Valendo-se desses pressupostos, Cavalcante (2015, 2017b), analisando a ordem das Temporais, localizou dados com as nuances semânticas de concessão (10), condição (11) e motivo (12), além da noção típica de tempo (13), exemplificadas, respectivamente, a seguir:

(10) (...) *la muerte que te ¡llega! / **cuando no la quieres**. ((...) a morte que te chega! / **quando não a queres**). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)*

(11) (...) *y es que es cierto/ cuando/ cuando ¡haces!/cuando crees/ cuando entras **cuando asumes tu compromiso//en la danza**⁴⁴// no lo puedes dejar. ((...) e é que é certo/ quando/ quando fazes!/ quando acreditas/ quando entras **quando assumes teu compromisso// na dança// não podes deixá-lo**). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)*

⁴³ “In **Cuando murió su esposa, él murió** the situational ‘when his wife died’ covers not only time, but also suggests cause. In **él murió cuando murió su esposa** the temporal clause is now only temporal. In both cases the first element is broad and situational, the second is narrow and specific” (BOLINGER, 1954-1955, p. 54, negritos do autor).

⁴⁴ Embora o verbo da Temporal esteja flexionado em segunda pessoa, admitimos o uso de “tu genérico” a esse dado, o que funciona “como estratégia de ocultação do falante ou como estratégia generalizadora que apresenta a informação que se predica como aplicável a um grupo mais amplo de indivíduos” (OROZCO, 2019, p. 275). O mesmo ocorre com os exemplos 17, 20 e 25.

(12) (...) *cuando era temporada de lluvias*⁴⁵ (...) *se inundaba*/. ((...) *quando era temporada de chuvas* (...) *se inundava*). (ENTREVISTA 67 – ME-198-23M-01)

(13) (...) *A se acercó a la mesa* (...) [*cuando*] *estábamos comiendo*. ((...) *A se aproximou da mesa* (...) [*quando*] *estávamos comendo*). (ENTREVISTA 6 – ME197-31H-01)

Cavalcante (2015) analisou 389 dados e realizou rodadas estatísticas⁴⁶ considerando *anteposição versus posposição+intercalação*, *posposição versus anteposição+intercalação* e *intercalação versus posposição+anteposição*. Dessas rodadas, o grupo das relações lógico-semânticas foi considerado estatisticamente relevante apenas nas rodadas de *posposição versus anteposição+intercalação*. Já em Cavalcante (2017b), com 595 dados, considerando *anteposição versus posposição*, *intercalação versus anteposição* e *posposição versus intercalação*, esse grupo foi selecionado pelo programa estatístico apenas nas rodadas de *anteposição versus posposição*. O que se pode perceber é que, em ambas as pesquisas, sempre que se relacionava à posposição, o grupo era selecionado. Em ambos os trabalhos, Cavalcante (2015, 2017b), as relações de concessão e tempo⁴⁷ motivaram a posposição. Em Cavalcante (2015), no que concerne à análise de 68 dados de Temporais intercaladas, o grupo não foi selecionado pelo programa estatístico, e os percentuais, muito aproximados, apontaram para multiplicidade de relações, sem traços preferenciais: *tempo e condição* (16/20.8%), *tempo e motivo* (14/19.4%), *tempo prototípico* (36/15.9%), *tempo e concessão* (2/15.4%).

Percebe-se, portanto, que a posposição é o *locus* preferencial para expressão de relações semânticas amalgamadas à de tempo. Como Cavalcante (2015, 2017b) não delimitou o escopo do que considerar posposição e intercalação, o presente trabalho testará novamente o grupo das relações lógico-semânticas, com os seguintes acréscimos: (i) inclusão de novos dados, (ii) melhor delimitação das fronteiras que regem a intercalação e (iii) testagem desses fatores semânticos dentro dos subgrupos das intercaladas⁴⁸.

Givón (2001a) mostra que um mesmo *domínio funcional* pode apresentar diferentes meios estruturais de codificá-lo. Estendemos, então, essa noção à análise das intercaladas, pois acreditamos que o domínio funcional da temporalidade pode ser codificado

⁴⁵ Identificamos, neste dado, o valor aspectual de habitualidade (RIFÓN, 1994), assim como nos exemplos 23 e 59.

⁴⁶ *Software* Goldvarb X.

⁴⁷ Em relação à posposição, no trabalho de Cavalcante (2015), os pesos relativos para os fatores concessão e tempo foram, respectivamente, 0.688 e 0.576. Já em Cavalcante (2017b), os pesos foram, respectivamente, 0.552 e 0.582.

⁴⁸ Esses subtipos de intercaladas serão apresentados na seção **3.3 A intercalação**.

por diversas estruturas, entre as quais estão (i) as orações prototipicamente temporais⁴⁹ (com conector temporal e noção semântica saliente de temporalidade) e (ii) as orações não prototipicamente temporais (conector não temporal e noção semântica saliente de temporalidade). Em face desses meios, o escopo deste trabalho abrange as cláusulas descritas em (i), que, embora apresentem diversas relações lógico-semânticas amalgamadas, fazem emergir com mais saliência a noção de tempo e são introduzidas por conectores prototipicamente temporais, além das reduzidas com leitura temporal.

Expostos os princípios e categorias que serão utilizados nesta investigação, seguiremos, agora, à discussão de trabalhos anteriores sobre o tema da ordem das Temporais. Antes, vejamos um resumo da discussão deste capítulo.

2.2 Síntese da discussão

O presente capítulo se propôs a apresentar a visão de língua que adotamos, com subsídio nos estudos funcionalistas da linguagem, mais especificamente, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que articula pressupostos da Linguística Funcional Norte-americana (Desenvolvida por Christian Lehmann, Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Joan Bybee, Wallace Chafe, Elizabeth Traugott etc.) e da Linguística Cognitiva (Ronald Langacker, William Croft, George Lakoff, Adele Goldberg, John Taylor etc.). Ambas as correntes se preocupam com o fenômeno linguístico sob a perspectiva da não imanência, da influência de diversas ordens de fatores modelando a estrutura e do uso real nas variadas situações de comunicação. Sob essa ótica, entendemos a língua não como um sistema rígido, mas um fenômeno multifacetado e modelável pelo uso real e sua frequência, sempre levando em consideração a eficácia dos propósitos comunicativos.

Categorização e prototipia foram as primeiras temáticas descritas neste capítulo. Adotamos a posição de Rosch (1973a, 1973b, 1977, 1978, entre outros) sobre a teoria dos protótipos e sua aplicação aos estudos linguísticos (GIVÓN, 1986; LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995; CUENCA; HILFERTY, 1999; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, entre outros).

Com base nesses pressupostos, entendemos a intercalação de orações como um fenômeno que exhibe efeitos prototípicos. Portanto, buscamos critérios que possam medir o

⁴⁹ No trabalho de Cavalcante (2015), apresentam-se diversos autores que abordaram as Temporais, suas definições e conectores prototípicos.

grau de maior/menor aproximação ao protótipo de Temporal intercalada. Por exemplo, as que se inserem entre o verbo e seus argumentos seriam prototípicas; as que se inserem entre outros constituintes estariam mais/menos aproximadas do protótipo, o que sugere uma perspectiva escalar de análise.

Em seguida, discutimos acerca de *marcação, expressividade e contrastividade*, princípios que auxiliam a descrição e análise dessas orações, em uma interação com os procedimentos cognitivos determinantes da posição das Temporais. Por meio dos critérios de marcação (distribuição de frequência, complexidade estrutural e cognitiva) (GIVÓN, 1995, 2001a), pretendemos distribuir as orações intercaladas em um *continuum* de marcação, e hipotetizamos que as mais próximas do eixo marcado, e por isso, mais complexas, refletiriam o protótipo de intercalação. Nem sempre o protótipo representa o item mais frequente, mas é o que melhor reflete, redundantemente, a categoria representada. Por complexa que a língua é, nem sempre os princípios de marcação podem coincidir, o que motivou Dubois; Votre (2012) a propor o princípio da expressividade, postulando que estruturas marcadas podem ser mais frequentes ou menos complexas cognitivamente. Esse parece ser o caso das intercaladas não prototípicas pré-verbais, similares às antepostas, que são atestadas nos estudos como o padrão mais frequente, fato que pode, possivelmente, ser explicado pela função de guia que essa posição projeta na articulação oracional. Em suma, embora representem um padrão mais complexo, quebra do padrão canônico SVO(C), exercem um papel guiador, configurando-se em importante estratégia do enunciador para direcionar seu interlocutor durante o desenvolvimento da cena narrada. Outra importante função das Temporais intercaladas parece ser a expressão de contrastividade: é possível que a Temporal se intercale para apresentar sujeito novo, operando mudança tópica, ou para acrescentar informações adicionais ao referente-tópico em foco na narração. Mediremos topicalidade (alta, média ou baixa) por meio de parâmetros propostos por Givón (1995), distância referencial/acessibilidade anafórica e persistência tópica.

Outro princípio givoniano apresentado como relevante para explicar a posição medial das Temporais foi o de Iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Por meio das regras de sequência, acreditamos que as orações se posicionem na mesma ordem em que os fatos narrados se deram e, no que diz respeito às regras de espaçamento, hipotetizamos que a complexidade cognitiva característica das intercaladas prototípicas advém do fato de que rompem termos mais agregados, o verbo e seus argumentos, embora possa ser suavizada por sua função de guia.

Por meio do parâmetro da informatividade, observaremos, pautados na proposta de Prince (1981, 1992), qual o estatuto informacional do referente em posição de sujeito apresentado pela Temporal, se novo, operando constratividade, ou dado/inferível, ajudando a enriquecer o discurso com mais informações sobre uma mesma entidade, em geral, a primeira pessoa, a perspectiva mais comum por meio da qual as cenas são narradas (DELANCEY, 1981).

Agregando mais contribuições funcionalistas ao estudo da articulação de orações, discorreremos acerca das noções de relevo discursivo (figura/fundo) e funções textual-discursivas. Por acreditarmos que as Temporais expressam tanto informações salientes como subsidiárias, propusemos a análise sob a ótica das seguintes funções: figura, fundo cênico (guia ou moldura), fundo avaliativo, ponto de inserção de sujeito novo e ponto de incidência/função fórica. Tal descrição funcional não se propõe a ser exaustiva, já que um mesmo dado pode apresentar mais de uma função e certamente a análise revelará novas funções.

Encerrando o capítulo, mostramos que as Cláusulas Temporais, além de encerrarem prototipicamente a noção de tempo, podem apresentar novas leituras, entre as quais, de causa, de condição, de proporção, de concessão etc. Consideramos que esses valores também podem exercer influência sobre a posição dessas cláusulas em relação às suas respectivas nucleares, o que mobiliza não apenas pressões advindas do eixo tático, mas também no lógico-semântico (HALLIDAY, 2004[1985]).

Expostas a teoria de base e as categorias consideradas relevantes para a análise das intercaladas, vejamos um apanhado de estudos que focalizaram a posição de Orações Temporais, para, ao final, delinearmos uma proposta de definição do procedimento⁵⁰ denominado intercalação.

⁵⁰ No que tange à intercalação, diferenciamos o uso dos termos *processo*, *procedimento* e *posição*. Falar em *processo* implica considerar o complexo fenômeno da intercalação como um meio pelo qual a língua “acontece” no uso. Quando falamos em *procedimento*, colocamos em foco o falante, que se vale da intercalação como meio para atingir seus propósitos comunicativos, em especial, imprimir função de guia e retomada anafórica/(re)construção referencial. Ao mencionar *posição*, queremos destacar o mecanismo sintático propriamente dito de inserção de cláusula no período.

3 A ORDEM DE TEMPORAIS NO ESPANHOL

Neste capítulo, apresentamos estudos que focalizam a ordem de orações e, em especial, a ordem das Temporais. Dividindo-o em três subseções, discutiremos, em primeiro lugar, propostas que enfocam o modo como as orações se articulam, desde uma perspectiva normativa à descrição funcionalista. Em seguida, apresentaremos estudos e discussões que dizem respeito à anteposição e posposição de Temporais e seus contextos motivadores. Por fim, enfocaremos a descrição da intercalação, argumentando que deve ser vista como uma categoria de protótipos, cujos elementos constituintes distribuem-se em um *continuum* de maior a menor grau de prototipicidade, considerando, entre outros fatores, sua posição em relação a termos mais ou menos agregados entre si.

3.1 Articulação de orações: do tratamento normativo à descrição funcionalista

Em geral, conforme discute López García (1994), o tema da articulação de orações nas gramáticas é visto na diferença entre coordenação e subordinação (SECO, 1996; DI TULLIO, 1997; ALARCOS LLORACH, 2000; GILI GAYA, 2000; GÓMEZ TORREGO, 2005; MASIP, 2010; RAE, 2010). Algumas tangenciam, também, a justaposição, tratando ora como um subtipo das coordenadas (SECO, 1996; GÓMEZ TORREGO, 2005) ora como grupo à parte (DI TULLIO, 1997; ALARCOS LLORACH, 2000; GILI GAYA, 2000; MASIP, 2010; RAE, 2010). Há, ainda, pesquisadores que defendem a correlação como outro mecanismo de articulação de orações, tal como a coordenação e a subordinação (OITICICA, 1952; RODRIGUES, 2007, 2014).

No que diz respeito à subordinação, essas cláusulas são vistas como modificadoras do verbo (BELLO, 1995), com a mesma função que poderia exercê-lo um advérbio (SECO, 1996). No entanto, Di Tullio (1997) destaca que a categoria das subordinadas engloba tipos muito distintos. Na tentativa de reorganizar essa categoria, Alarcos Llorach (2000), Gómez Torrego (2005) e Rodríguez Ramalle (2005) apontam que nem todas essas orações podem ser substituídas por advérbios, ou seja, “a língua carece de unidades adverbiais cujo conteúdo se refira às noções de companhia, causa, instrumento, fim, condição, etc.” (ALARCOS LLORACH, 2000, p. 298)⁵¹. Por isso, Di Tullio (1997), Alarcos Llorach (2000), Gómez Torrego (2005) e Rodríguez Ramalle (2005), por exemplo, são

⁵¹ “la lengua carece de unidades adverbiales cuyo contenido se refiera a las nociones de compañía, causa, instrumento, fin, condición, etc.” (ALARCOS LLORACH, 2000, p. 298).

autores que compartilham a visão de que há adverbiais *próprias* e *impróprias*, em cuja primeira categoria se encontram as circunstanciais de tempo, lugar e modo, para as quais há advérbios substitutivos.

A rigor, nas gramáticas, o critério da dependência é o mais utilizado para a diferenciação entre coordenação e subordinação. As coordenadas são vistas como portadoras do traço [- dependência]; e as subordinadas, como portadoras do traço [+ dependência] (SECO, 1996; MASIP, 2010; RAE, 2010). Consoante a discussão empreendida por López García (1994), o enlace coordenativo se estabelece entre enunciados-orações com o mesmo valor, sem uma dependência funcional entre si. Por outro lado, o enlace subordinativo estabelece uma relação funcional de uma oração em relação à outra. Sendo assim, não haveria tantos problemas em classificar como subordinada uma oração objetiva direta, por exemplo, já que há um encaixe argumental que satura uma das casas exigidas pelo verbo. Contudo, o autor mostra que, na articulação com uma oração condicional anteposta, por exemplo, há dúvidas quanto ao membro subordinado que está substituindo.

Por esses motivos, os estudos acerca do tema avançaram, mostrando que as orações se articulam segundo eixos que ampliam os traços [+/- dependência] e não se resolvem na divisão discreta entre coordenação/justaposição e subordinação. Pelo contrário, tanto as coordenadas como as subordinadas apresentam diferentes níveis de dependência. García Berrio (1970) propõe relações exocêntricas (coordenação) e endocêntricas (subordinação). Nesse último grupo, haveria dois subgrupos: determinação (dependência de um membro a outro, o que incluiria as substantivas, adjetivas e adverbiais próprias (de lugar, tempo e modo)) e interdependência (dependência mútua – as subordinadas adverbiais impróprias (causais, consecutivas, condicionais, concessivas e comparativas)).

Bem similar é a proposta de Lehmann (1988), que distingue subordinação (hipotaxe e encaixamento) e parataxe. Em relação ao primeiro grupo, o autor explica que X é subordinado a Y se formarem uma construção endocêntrica Z, tendo Y como principal. Já hipotaxe seria entendida como subordinação de cláusulas no sentido restrito, enquanto o encaixamento seria a dependência de um sintagma subordinado. Por fim, a parataxe (sindética ou assindética) seria o equivalente às estruturas coordenadas. Para a distinção desses grupos, o linguista propõe alguns parâmetros, organizados em três pares:

- **Autonomia versus integração:**

- i. Degradação hierárquica da cláusula subordinada: esse parâmetro prevê um *continuum*, em cujos polos opostos estariam, respectivamente, a parataxe (ausência de relação

hierárquica) e o encaixamento (clara relação hierárquica, em que uma cláusula é constituinte da outra);

ii. Nível sintático da oração principal à qual a subordinada pertence: analisa o *continuum* que há entre uma oração subordinada às margens da principal às formações de derivação verbal⁵².

- **Expansão versus redução:**

iii. Dessentencialização da cláusula subordinada: analisa a perda de elementos constitutivos de uma cláusula ou o que poderíamos chamar de graus de finitude;

iv. Gramaticalização do verbo principal: analisa o *continuum* que há entre um verbo lexical pleno e um afixo gramatical.

- **Isolamento versus ligação:**

v. Entrelaçamento das duas cláusulas: analisa o compartilhamento de propriedades entre as duas cláusulas: predicados, tempo/aspecto e actantes;

vi. Explicitude da ligação: analisa a presença ou ausência de elo coesivo entre as duas cláusulas.

Como visto, todos os parâmetros estão relacionados, de forma que um acaba por implicar o outro. Dessa forma, em resumo, a proposta de Lehmann (1988) culmina em vários *continua* que podem apontar para diferentes ligações oracionais, conforme estejam mais para o âmbito da elaboração ou de compressão (condensação) de informação gramatical e lexical:

Quadro 3 – Paralelismo dos *continua* de ligação de cláusulas

Elaboração	←—————→	Compressão
Fraco Parataxe	Degradação da cláusula subordinada ←—————→	Forte Encaixamento
Alto Sentença	Nível sintático ←—————→	Baixo Palavra
Fraco Cláusula	Dessentencialização ←—————→	Forte Nome
Fraco Verbo lexical	Gramaticalização do predicado principal ←—————→	Forte Afixo gramatical
Fraco Cláusulas disjuntas	Entrelaçamento ←—————→	Forte Cláusulas sobrepostas
Máximo Sindético	Explicitude da ligação ←—————→	Mínimo Assindético

Fonte: Lehmann (1988, p. 217).

⁵² Como, no exemplo da língua *Quechua* apresentado pelo autor, em que um verbo de causação se apresenta como sufixo verbal.

Desse modo, segundo Lehmann (1988), os *continua* apresentados permitem uma análise que segue de um eixo de maior independência, que gradativamente cresce para um eixo de maior integração, em que a subordinada se torna um constituinte da principal.

Em relação às intercaladas, observamos como esses parâmetros são relevantes para sua descrição. Um deles, porém, merece destaque para os propósitos desta pesquisa, o que diz respeito ao nível sintático. Segundo esse parâmetro, quanto mais integrada à cláusula ou, mais internamente, ao verbo a oração está, mais caminha para o eixo da integração máxima⁵³.

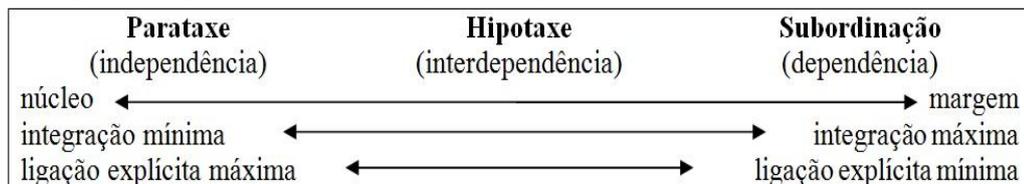
Outra proposta que também entende a questão da articulação de orações como uma questão de grau é a de Hopper; Traugott (2003), autores que, diferentemente de García Berrio (1970) e de Lehmann (1988), separam as hipotáticas não como subgrupo das subordinadas, mas como categoria à parte. Nessa proposta, valendo-se dos critérios de *dependência, encaixamento, grau de nuclearidade/marginalidade, integração e ligação*, os autores propõem os seguintes *continua*:

Quadro 4 – *Continuum* da combinação de orações

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Fonte: Hopper; Traugott (2003, p. 178).

Quadro 5 – Propriedades gradientes da combinação de orações



Fonte: Hopper; Traugott (2003, p. 179).

Em relação às gramáticas, a diferença das propostas de García Berrio (1970), Lehmann (1988) e Hopper; Traugott (2003) é a de que a tradicional divisão entre coordenação e subordinação não é vista como separação discreta, mas como uma questão de grau. Isso reflete o caráter da língua, cujas categorias não são discretas (GIVÓN, 1995). Segundo o quadro 5, citado, no eixo paratático (independência), há menor dependência e encaixamento, porque cada oração apresenta caráter de núcleo, o que se reflete em menor integração. Há, no entanto, um nível em que ainda não se observa encaixamento, mas há dependência, o que

⁵³ O assunto será discutido na seção 3.3 deste trabalho: **A intercalação**.

configura a hipotaxe (interdependência). Por fim, chega-se ao eixo no qual uma oração está incrustada na outra como seu constituinte (encaixada) e, por isso, firmemente dependente e integrada.

Em relação à explicitude da ligação, tanto em Lehmann (1988) como em Hopper; Traugott (2003), há certa associação entre o eixo paratático e máxima ligação (caráter sindético) e entre o eixo do encaixamento e ausência de ligação (caráter assindético). De fato, há situações que confirmam essas hipóteses, como o caso das orações coordenadas sindéticas (relativamente independentes e com conector) e as subordinadas reduzidas (relativamente dependentes e sem conector). Contudo, há diversas situações em que a situação se inverte, como no caso das orações justapostas (que apresentam critérios de parataxe) sem ligação explícita e o caso das encaixadas (que apresentam critérios de subordinação) com elos coesivos. Segundo Hopper; Traugott (2003), parece-nos que a entonação também conta como marcador gramatical:

as cláusulas paratáticas deste tipo [as justapostas] geralmente são apresentadas como as que não mostram quaisquer marcadores evidentes de ligação. Se isso for assim, então há evidências claras para a independência de parataxe e máxima ligação evidente (...). Uma questão que ainda precisa ser resolvida é até que ponto os diferentes contornos de entonação envolvidos na combinação paratática de cláusula podem funcionar exatamente como marcadores gramaticais evidentes (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 180)⁵⁴.

Além dessa discussão, o *continuum* apresentado por Lehmann (1988) para o parâmetro de explicitude da ligação destaca apenas polos que relacionam cláusulas subordinadas: (+sindético) cláusula subordinada anafórica > verbo gerundial > frase preposicionada > advérbio conector > conjunção específica > subordinador universal > verbo em forma não-finita (- sindético/assindético).

Vemos, então, que ainda é um ponto complexo a relação entre ligação oracional e explicitude do conector. A nosso ver, deveria haver uma relação entre o eixo da parataxe e menor ligação explícita, e o eixo do encaixamento à maior ligação. Contudo, como apresentado pelos autores, há casos em que a situação se inverte, como os casos apresentados (coordenadas sindéticas e subordinadas reduzidas). Em suma, há exemplos que confirmam ambos os posicionamentos. Vale ressaltar, também, que há proposições implícitas que governam relações semânticas até em cláusulas aparentemente independentes entre si

⁵⁴ “Paratactic clauses of this type are often said not to show any overt linkage markers. If this is so, then there is clear evidence for the independence of parataxis and maximal overt linking (...). A question that still needs to be resolved is to what extent the different intonation contours involved in paratactic clause combining may function exactly like overt grammatical markers” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 180).

(MANN; THOMPSON, 1983). Ou seja, o elo coesivo apenas explicita uma relação semântica que já existe a partir da ligação entre os estados-de-coisas⁵⁵ que as cláusulas veiculam.

Na esteira das discussões empreendidas até aqui, é consensual apresentar as Temporais como um tipo de articulação hipotática, por seu caráter interdependente. Isso se dá porque, segundo Cavalcante (2015),

(...) considera-se Oração Subordinada Adverbial Temporal a construção que estabelece uma relação de dependência com outra oração, independente. Essa relação é preferencialmente de tempo. Sua função é situar, na linha temporal, o momento em que se deu o evento expresso na temporal ou estabelecer, junto com a principal, uma sequência cronológico-temporal de ações. Pode vir introduzida por conectivos (conjunções e locuções conjuntivas) ou por nenhum⁵⁶, desde que mantenha sua noção preferencial de tempo. Tem ordem relativamente livre, ainda que, por vezes, pode, por motivações de caráter pragmático-discursivo ou formal, ter uma posição fixa (CAVALCANTE, 2015, p. 35).

Conforme mostra Cavalcante (2015), há uma relação semântica preferencial de tempo entre Temporal e nuclear (certa dependência) e há ordem livre, funcionando como um satélite, que, segundo Dik (1997), localiza o estado de coisas no tempo, não é necessariamente requerido pelo predicado e adiciona informações ao núcleo. Mann; Thompson (1988) também aplicam a noção de satélite como informação adicional à do núcleo, apresentando a relação núcleo-satélite⁵⁷, e relacionando a noção de nuclearidade à gramática da combinação hipotática. Já segundo a proposta de Halliday (2004), podemos enquadrar as Temporais entre as cláusulas hipotáticas de expansão por realce temporal, pois mostram relativa dependência, e, por isso, operam expansão hipotática da nuclear, dando realce às circunstâncias temporais do evento. Para além do realce temporal, segundo Matte Bon (1992, v. II) há uma relação entre dois acontecimentos de uma perspectiva temporal, mediada por operadores linguísticos. Assim, as Temporais podem expressar diversos tipos de relação com a sua nuclear, entre os quais a expressão de acontecimentos contemporâneos, paralelos, posteriores, anteriores, reiterados, progressivos e finalizados.

⁵⁵ Usamos o termo *estado de coisas* na acepção de Dik (1997), como a “concepção de alguma coisa que pode acontecer em algum mundo” (DIK, 1989, p. 51). Conforme mostra o autor, ressaltamos que se trata de uma entidade conceitual e não está necessariamente localizada numa realidade extramental.

⁵⁶ Que é o caso das orações reduzidas. (comentário nosso à citação do autor).

⁵⁷ A RST, teoria desenvolvida por Mann; Thompson (1983; 1988), “estabelece dois tipos de unidades: a unidade núcleo e a unidade satélite. No núcleo está a informação básica, enquanto o satélite traz a informação adicional, subsidiária ao núcleo” (DECAT, 2014, p. 129).

3.2 A ordem de Orações Temporais: anteposição e posposição

Na perspectiva de análise funcionalista, a ordem é abordada segundo suas pressões de cunho fonológico, morfossintático, semântico e pragmático/discursivo. Nessa visão, não cabe apenas falar que alterações de ordem servem apenas a propósitos estilísticos, mas à própria articulação e progressão textual, servindo a funções discursivas (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; DECAT, 2001). De fato, há uma ordem típica de dispor os termos oracionais (NEBRIJA, 1492), que segue uma ordem cognitiva natural: agente – paciente, origem – meta etc., mas alterações nesses padrões não deixam de ser naturais, já que, por pressões de várias direções, uma língua pode adotar um padrão diferente do canônico SVO(C), ordem mais frequente do Espanhol, segundo Padilla García (2001).

Do ponto de vista “natural”⁵⁸, as Temporais, por situarem o tempo, seriam informações acessórias e, por isso, deveriam vir no fim do período. Contudo, vários estudos apontam para um padrão diferente, apresentando a anteposição como ordem não marcada. Por isso, tem razão Decat (2001), ao afirmar que “a posição, assim como outros aspectos da estrutura, vai também depender dessas funções discursivas decorrentes dos objetivos a serem atingidos com o ato comunicativo” (DECAT, 2001, p. 150). O padrão sintático-semântico mais comum de colocação das Temporais é revisto em função de outro padrão, pragmaticamente/discursivamente orientado, já que, uma vez anteposta, faz parte da natureza de uma cláusula orientar, guiar, direcionar o leitor/ouvinte (LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; RAMSAY, 1987; DIESSEL, 2001; DECAT, 2001; CAVALCANTE, 2015).

Em Cavalcante (2015), o tema da ordenação de orações temporais foi estudado considerando-se anteposição, intercalação e posposição, embora, como dissemos, não tenha havido tratamento específico acerca das intercaladas. Seu trabalho apresentou um mapeamento de características sintático-semântico-discursivas da temporal no que tange à sua posição em relação à nuclear, considerando motivações linguísticas e extralinguísticas. O quadro 6, a seguir, sintetiza suas descobertas:

⁵⁸ Sua função precípua de *fundo*.

Quadro 6 – Síntese dos resultados

Grupos de fatores	Posição da temporal em relação à nuclear		
	<i>Anteposição</i>	<i>Intercalação</i>	<i>Posposição</i>
<i>Escolaridade do falante</i>	Nível médio	*Nível alto ⁵⁹	*Nível alto
<i>Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal</i>	Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	*Temporal e principal com sujeito novo	*Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado
<i>Extensão da oração temporal</i>	*Longa, mais de 4 vocábulos	*Curta, até 4 vocábulos	*Curta, até 4 vocábulos
<i>Funções textual-discursivas</i>	Guia	Guia e figura	Figura e Fundo avaliativo
<i>Idade do falante</i>	20-34 anos	*35-54 anos	Maiores de 55 anos
<i>Paralelismo sintático</i>	Opera com outras antepostas no mesmo subtópico	Opera com outras pospostas no mesmo subtópico	Opera com outras intercaladas e pospostas no mesmo subtópico
<i>Relação cronológico-temporal</i>	Simultaneidade e anterioridade	Simultaneidade	Posterioridade
<i>Relações lógico-semânticas</i>	*Motivo, condição e tempo	*Condição e motivo	Concessão e tempo
<i>Tipo de oração e de conectivo</i>	*Reduzidas e Desenvolvidas com conectivo	*Reduzidas e Desenvolvidas com conjunção	*Desenvolvidas, com locução conjuntiva
<i>Topicidade</i>	* Contextos de continuidade tópica	*Contextos de mudança de tópico	*Contextos de continuidade tópica

Fonte: Cavalcante (2015, p. 167, negritos do autor).

Como se pôde perceber, o pesquisador, a partir de dez traços, caracteriza a temporal de acordo com sua posição. Cavalcante (2015) verificou que os traços que motivam anteposição são: expressão de sujeitos dados, função de guia, paralelismo com outras antepostas, relações cronológico-temporais de simultaneidade e anterioridade, faixa etária de 20 a 34 anos e escolaridade média. Já a posposição é motivada por função de figura e avaliação, opera em paralelismo com intercaladas e pospostas, expressa relação cronológica de posterioridade, relação semântica de concessão e tempo e tem uso acentuado por falantes com mais de 55 anos. A intercalação é um padrão misto, que combina traços de anteposição (função de guia e relação cronológico-temporal de simultaneidade) e de posposição (função de figura e opera em paralelismo com outras pospostas no mesmo subtópico). O que se pode notar é que as posições das margens apresentam traços bastante delimitados e em oposição,

⁵⁹ O quadro está organizado por ordem alfabética do nome dos grupos de fatores. Como se tratava de um estudo variacionista, os fatores precedidos por (*) referem-se aos grupos descartados nas rodadas estatísticas, e, portanto, indicam, apenas tendências de uso.

mas a intercalação ora se comporta como anteposta, ora se comporta como posposta. Acreditamos que essa característica aponta para uma categoria heterogênea, que carece de descrição.

Ainda em relação às discussões sobre anteposição/posposição, Diessel (2001) mostrou que, em línguas cujo subordinador precede a cláusula subordinada, em especial as Temporais, há maior liberdade posicional da oração, que pode se situar anteposta ou posposta à principal. Novamente, como vimos discutindo, o autor confirma que a cláusula em posição inicial providencia a orientação para a interpretação dos fatos narrados pela nuclear. Nesse sentido, compartilha traços com o tópico, fornecendo informação pragmática já ativada. O pesquisador mostra, inclusive, que, em muitas línguas, tal função é marcada morfológicamente na cláusula inicial. No trabalho de Diessel (2005), diz-se que a preferência pela anteposição é determinada por facilidade de processamento, motivações discursivo-pragmáticas, como, por exemplo, a função de orientação. Também é dito que as funções da adverbial podem ser motivadas por suas relações semânticas, determinando a posição, e que a Temporal anteposta, quando denota eventos anteriores aos da nuclear, confirma a iconicidade (GUERRERO; BELLORO; CONTI JIMÉNEZ, 2017).

Ramsay (1987), analisando cláusulas com “se” e “quando”⁶⁰ no inglês escrito, confirma o fato de que as antepostas e as pospostas apresentam funções pragmáticas diferentes. As primeiras estão mais ligadas ao discurso precedente e, por isso, apresentam baixa continuidade referencial e sujeitos diferentes em relação à nuclear, separam-se comumente com vírgula e representam, nos termos de Chafe (1984), uma função de orientação para os eventos que serão narrados na cláusula seguinte, sua nuclear. Por outro lado, as pospostas apresentam maior ligação com seu núcleo, exibindo maior continuidade referencial e sujeitos iguais, não costumam vir separadas por vírgula e atuam, como pontua Chafe (1984), no sentido de estender a informação semântica, adicionar informações ou modificar o que foi narrado na nuclear. É possível, então, que as intercaladas não prototípicas, pré e pós-verbais, também difiram nesses mesmos traços.

Nessa linha de raciocínio, Romero Gualda (1985) e Piatti (2012) mostram que o Espanhol é uma língua de ordem não-rígida e acreditam fortemente em motivações pragmáticas determinando-a. Piatti (2012) revisa as considerações de Givón (1979b), Dik (1997) e Padilla García (2001) sobre a existência de uma ordenação sintática SVO e uma

⁶⁰ “‘if’ and ‘when’ clauses”.

ordenação pragmática evidenciada pela alteração desse padrão. Para a autora, toda ordem responde a motivações pragmáticas, inclusive o canônico SVO.

Ciente das pressões múltiplas que motivam a ordem, Dik (1997) propõe alguns princípios gerais de ordenação de constituintes, que são formulados para refletir os padrões encontrados nas diversas línguas naturais. Obviamente, reconhece o autor, haverá contraexemplos, mas eles não enfraquecem o poder de explicação dos princípios, já que uma língua pode apresentar uma característica diferente, marcada, e isso é determinado individualmente. Nas demais situações, predominam os princípios de caráter mais geral.

O primeiro princípio diz respeito à ordenação icônica, quando o constituinte reflete de algum modo o conteúdo semântico do enunciado de que faz parte. O estudioso exemplifica isso mostrando que a ordenação não marcada de uma cláusula é ela refletir a ordem dos eventos que descreve. Tal fato explica, por exemplo, a posição de Temporais, Condicionais e Finais. Para Dik (1997), uma Temporal não marcada virá antes se expressar um fato que ocorreu antes do expresso na nuclear; uma Condicional não marcada seria anteposta, por refletir o esquema cognitivo condição-consequência; e uma Oração Final não marcada seria posposta, por ser mais icônico apresentar primeiro a ação, e, em seguida, seu propósito. Tais princípios refletem o princípio de iconicidade proposto por Givón (1995, 2001a), em especial, as regras de sequência, *ordem e importância*, e *ordem de ocorrência e ordem reportada*.

Concordamos com Dik (1997), no entanto, importa fazer uma consideração. Como mostramos, acreditamos em outras relações lógico-semânticas que podem emergir da articulação oracional, independentemente do conector que introduza as orações (MANN; THOMPSON, 1983, 1988; DECAT, 2001). Por isso, preferimos não atrelar a ordem à relação lógico-semântica imediata, prototípica, ligada ao conector, mas à relação semântica que emerge em dado contexto. Por exemplo, uma Oração Temporal anteposta pode expressar um fato posterior ao narrado na nuclear, isto é, não reflete diretamente o princípio de ordenação icônica. Nesse caso, talvez, tenha leitura condicional, que, por refletir o esquema condição-consequência, traga-a para o início do período. Em outras palavras, não é o fato de ter um conector tipicamente indicador de temporalidade que determinará seu padrão de ordenação como o de todas as outras temporais. Importará a relação semântica que emerge no contexto específico de uso. Ainda sobre o princípio da ordenação icônica, Dik (1997) acredita que outra motivação forte é a proximidade ao que chama de “centro dêitico”. Nessa visão, viriam em primeiro lugar as informações mais familiares ou mais próximas ao falante.

O segundo princípio proposto pelo autor é o de ordenação linear, pelo qual se postula que os constituintes obedecem a uma ordem fixa, independente de sua posição em relação a um constituinte principal. Por exemplo, os padrões xyzH, xyHz, xHyz e Hxyz refletirão o padrão xyz, independentemente da posição de H. O terceiro princípio, Orientação Centrípeta, mostra que constituintes podem apresentar certa distância de seu núcleo, em torno do qual também podem ser levados a apresentar um espelhamento. A título de exemplo, os esquemas zyxH, zyHx, zHxy e Hxyz refletirão, de todos os modos, o esquema de ordenação zyxHxyz.

O quarto princípio diz respeito à integridade de domínio, em cuja discussão o autor mostra que constituintes preferem permanecer dentro de seus domínios e não costumam interromper outros domínios. O quinto princípio trata sobre proximidade de constituintes com seu núcleo. Esses princípios se alinham às regras de espaçamento de Givón (1995, 2001a). A Temporal parece ter um domínio mais canônico/natural de posposição, por ser inerentemente moldura, mas também tem um domínio pragmático de anteposição, por funcionar comumente como guia. Os demais termos da oração também têm seus domínios minimamente determinados, ainda que não tão rígidos. Por exemplo, como dissemos, seria um procedimento muito complexo inserir uma Oração Temporal inteira entre verbo e objeto direto, por exemplo. Ensina-nos Dik (1997) que a tendência da língua é expressar-se em princípios que reduzam ou evitem material interveniente (RIJKHOFF, 1986). Esse princípio também se alinha às regras de espaçamento, de Givón (1995, 2001a).

No sexto princípio, Dik (1997) aborda a estabilidade funcional, que explica a posição de constituintes com mesma especificação funcional, preferencialmente alocados nas mesmas posições, como, por exemplo, Sujeito e Objeto. Já o sétimo princípio, Ênfase Pragmática, explica as “posições especiais” de constituintes com função pragmática, Tópico Novo, Dado, Foco contrastivo etc. Entre essas funções, poderíamos incluir a de Guia, tão fortemente motivadora da anteposição de Temporais (LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; DIESSEL, 2001; DECAT, 2001; CAVALCANTE, 2015). Dik (1997) explica que esse princípio pode se sobrepor a outros, deslocando constituintes de seus domínios próprios, para o cumprimento de funções pragmáticas. No oitavo princípio, o linguista mostra que os diferentes domínios em uma língua parecem ser harmônicos entre si quanto a expressar os mesmos padrões de ordenação.

Por fim, no nono princípio geral, o teórico tematiza o aumento de complexidade, explicando que a preferência é por constituintes ordenados segundo sua complexidade, dos menores aos maiores. Esse princípio também foi discutido em Quirk *et al* (1985), sob o rótulo

de princípio de peso final (*end weight*) e, junto ao de Dik (1997), dão-nos base teórica para explicar a posposição de Temporais mais longas, mais “pesadas”. Por dedução lógica, também seriam explicadas as Temporais curtas em posição medial. Cavalcante (2015), no entanto, não encontrou resultados que confirmassem esse princípio, já que suas Temporais mais pesadas apresentaram tendência de situar-se na margem esquerda, antepondo-se à nuclear. Segundo o autor,

como as antepostas tendem a funcionar mais como guia, orientando o leitor para as informações que se seguirão, é necessário que essas informações sejam o mais detalhadas possível, exigindo mais material linguístico para sua codificação (CAVALCANTE, 2015, p. 118).

Ou seja, a expressão sintática é reflexo de um jogo de motivações em competição (DUBOIS, 1985), em que um princípio pode agir de um lado, mas outro pode ir em direção oposta. A nosso ver, as motivações discursivo-pragmáticas são as mais fortes para a determinação da ordem, porque quase sempre estão na base das explicações em torno desse fenômeno. Ainda em relação ao princípio de peso final, explica Lessa (2012) que um problema é delimitar o que seria um constituinte “mais pesado”. Por isso, prefere medir por número de palavras, assim como o faz Paiva (2012). Já Cavalcante (2015) controlou o número de vocábulos da oração, considerando longa a que tivesse mais de 4 vocábulos. Nesta pesquisa, vamos reorganizar esse grupo de fator e apresentar novos dados além dos que o autor analisou, para verificar a atuação do princípio proposto para a ordenação de Temporais. Na organização desse grupo, valemo-nos de um critério qualitativo-quantitativo: (i) cláusula curta (1 a 3 vocábulos), o que corresponderia aproximadamente a uma temporal com predicação incompleta ou a uma reduzida; (ii) cláusula média (4 e 5 vocábulos), extensão média de temporal com predicação completa; (iii) cláusula longa (6, 7 ou mais de 7 vocábulos), o que reflete, em termos aproximados, uma temporal com predicação completa mais termos acessórios. Estabelecemos esse limite relacionando o tratamento da subordinação à noção de *unidade informacional*⁶¹ (CHAFE, 1980, 1984; DECAT, 2014), porção que contém cerca de 7 palavras, segundo Chafe (1980).

⁶¹ Decat (2014), retomando Chafe (1980), explica que esse conceito aponta para “‘jatos de linguagem’ que podem ser identificados pela entonação (contorno entonacional de final de oração), pela pausa (ou hesitação), mesmo breve, que separa as unidades entre si. Tais unidades, ou jatos, tendem também a se caracterizar sintaticamente como constituindo uma única oração, mas não necessariamente. Uma unidade informacional contém, na visão de Chafe, toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante num único foco de *consciousness*, ou seja, há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do usuário da língua pode focalizar de uma única vez; em outras palavras, a unidade informacional expressa o que está na memória de curto termo e pode conter por volta de sete palavras” (DECAT, 2014, p. 127-128, grifos da autora).

Expostos os princípios gerais que podem determinar a ordem das orações, focaremos, na próxima seção, apenas nas intercaladas, que, como vimos, podem apresentar traços de antepostas e/ou de pospostas. Por isso, entendemos a viabilidade em tratar a intercalação como um fenômeno gradual, que exige sua distribuição em uma configuração escalar, dadas suas fronteiras não-rígidas e a complexidade do assunto, que exige amplo debate teórico.

3.3 A intercalação

(...) cada sistema - cada momento de escolha - contribui para a formação da estrutura. Naturalmente, não há aqui sugestão de escolha **consciente**; os ‘momentos’ são passos analíticos na construção gramatical do significado (...). Operações estruturais - inserindo elementos, ordenando elementos e assim por diante - são explicadas como a **realização** de escolhas sistêmicas. Então, quando analisamos um texto, mostramos a organização funcional de sua estrutura; e mostramos que escolhas significativas foram feitas, cada uma vista no contexto do que poderia ter sido significado, mas não foi.

Quando falamos de características estruturais como ‘realização’ de escolhas sistêmicas, essa é uma manifestação de uma relação geral que permeia cada parte da linguagem. A realização deriva do fato de que uma linguagem é um sistema estratificado (HALLIDAY, 2004, p. 24, negritos do autor).⁶²

Em uma consulta à bibliografia disponível sobre articulação de cláusulas, percebemos a necessidade de definir melhor a intercalação, porque, entre os trabalhos sobre ordem de orações, há autores que não citam o termo e há outros que, embora citando, não o definam explicitamente. Notamos que não há critérios suficientes que possam caracterizá-la. Além disso, pesquisas em diversas plataformas de busca não apontam estudos que tenham se debruçado sobre as intercaladas. O termo é pouco definido, e talvez por isso, trabalhos dedicados ao tema são extremamente escassos.

Bolinger (1954-1955)⁶³, por exemplo, ao discutir ordem de subordinadas, apresenta apenas exemplos de anteposição e posposição. Gili Gaya (2000) também não

⁶² “(...) each system – each moment of choice – contributes to the formation of the structure. Of course, there is no suggestion here of **conscious** choice; the ‘moments’ are analytic steps in the grammar’s construal of meaning (...). Structural operations – inserting elements, ordering elements and so on – are explained as **realizing** systemic choices. So, when we analyse a text, we show the functional organization of its structure; and we show what meaningful choices have been made, each one seen in the context of what might have been meant but was not. When we speak of structural features as ‘realizing’ systemic choices, this is one manifestation of a general relationship that pervades every quarter of language. Realization derives from the fact that a language is a stratified system” (HALLIDAY, 2004, p. 24, negritos do autor).

⁶³ Ainda que não necessariamente voltado à descrição do Espanhol mexicano, traremos, ao estudo, alguns pesquisadores em Linguística Funcional, mesmo que tenham se dedicado a estudar o inglês, ou português ou outro idioma. Fazemos isso por dois motivos: 1) os estudos em Linguística Funcional buscam generalizações descritivas que se encaixem a todas as (ou grande parte das) línguas; e 2) nem sempre os fenômenos estudados gozam de farta fortuna teórica em todas as línguas, com exemplos pertinentes e descrições adequadas.

menciona o termo *intercalação*, porém explica que as orações podem ser divididas, com a inserção de outros elementos oracionais. Segundo o autor, isso se dá por diversos motivos, entre os quais a afetividade e expressão, a posição de seus elementos, sua extensão etc. O termo *intercalado/intercalação* segue sem menção, inclusive em Givón (2001b), que cita apenas cláusulas prepostas e pospostas. Quirk e Greenbaum (1973), na descrição de cláusulas adverbiais, apontam que essas estruturas podem apresentar-se em posição inicial, medial ou final no interior da cláusula principal e que as posições mediais são raras. Quanto às Temporais, destacam os autores que a anteposição é seu *locus* preferencial. Em Decat (2001) também não há menção ao termo; pelo contrário, a pesquisadora afirma que “embora não se possa dizer que (...) a cláusula adverbial inicie uma cadeia, nem por isso se deixa de reconhecer que ela está anteposta à porção de texto que ela põe em relevo e delimita” (DECAT, 2001, p. 156). Ou seja, o critério apontado pela autora parece ser a posição da subordinada em relação à porção textual que escopa, assim como também mostram Silva; Sales (2014). Desse modo, depreendemos que, para esses autores, o critério para falar de posição parece levar em conta a oração nuclear inteira.

Por outro lado, se concordamos com Tesnière (1965) que o verbo é o centro da oração, temos como outro critério a posição em relação a esse elemento nuclear, o predicado verbal. Olivares Pardo (2002) parece, indiretamente, apontar para esse critério. Ao falar de anteposição, mostra-a como “colocação da *subordinada* diante da principal”⁶⁴ (OLIVARES PARDO, 2002, p. 544, itálico da autora), mas, ao falar de posposição, explica que a subordinada pode se posicionar “depois do *predicado*, ao final”⁶⁵ (OLIVARES PARDO, 2002, p. 544, itálico da autora). Há mescla de critérios: ora a posição é em relação à principal, ora é em relação ao predicado verbal.

Já em Neves (2013) são citadas as três posições – “anteposta, intercalada, posposta” (NEVES, 2013, p. 235) –, porém, nesta mesma obra, ao mencionar tipos de constituintes extraoracionais, a linguista explica que estes podem ter posição variável “em relação à oração (anteposto, posposto, parentético, em posição absoluta)” (NEVES, 2013, p. 241). Parece que intercalação é vista como uma espécie de parênteses⁶⁶, assim como também a classificam Pérez Jiménez; Moreno Quibén (2008). Em Neves (2018), a autora explica que “a oração temporal também pode vir intercalada na oração principal, entre pausas (sinal de pontuação) ou não, o que, na verdade, representa posposição a **algum dos termos** dessa

⁶⁴ “colocación de la *subordinada* frente a la principal” (OLIVARES PARDO, 2002, p. 544, itálico da autora).

⁶⁵ “después del *predicado*, al final” (OLIVARES PARDO, 2002, p. 544, itálico da autora).

⁶⁶ Embora não necessariamente no sentido de Jubran (1993, 1996a, 1996b, 1999, 2009, 2015c).

oração e anteposição a **outros**” (NEVES, 2018, p. 859, negritos nossos). Nessa visão, novamente a intercalação é vista segundo uma inserção na oração núcleo, mas as expressões “algum dos termos” e “outros” carecem de especificação. Advogamos pela necessidade de um maior detalhamento dos termos entre os quais a intercalada pode se posicionar.

Outra perspectiva de análise das intercaladas é abordar o assunto sob a ótica da descontinuidade/deslocamento (*discontinuity/displacement*), cuja discussão é empreendida por García Velasco (2011). Segundo o autor, *deslocamento* tem a ver com a movimentação de um item linguístico a uma posição diferente da usual, e *descontinuidade* diz respeito à não-contiguidade de itens que comumente deveriam aparecer juntos. Prossegue o autor mostrando que essas noções são assimétricas, porque pode haver descontinuidade sem deslocamento e deslocamento sem descontinuidade. A primeira situação ocorre com a inserção de elementos que não necessariamente têm vínculo sintático com a cláusula, como, por exemplo, verbos parentéticos, marcadores discursivos, cláusulas-comentário etc. (DEHÉ; KAVALOVA, 2007), e a segunda situação é aberta ao debate, já que as teorias divergem sobre se verbo e objeto, por exemplo, formam uma unidade. Consoante García Velasco (2011), há três tipos de descontinuidade: (i) por interrupção (*by interruption*), quando dois constituintes são interrompidos por um não constituinte; (ii) por deslocamento (*by displacement*), quando um constituinte sai de sua posição comum e (iii) por cerceamento (*by encirclement*), quando dois constituintes cerceiam outro, como podemos ver, respectivamente, nos exemplos seguintes:

- I don't *think*, however, *that this is an example of discontinuity*. (Eu não penso, no entanto, que este seja um exemplo de descontinuidade);
- *His ideas* I really don't understand. (Suas ideias eu realmente não entendo);
- *Ik heb dat boek gelezen*
Yo he ese libro leído (Eu li esse livro).

(GARCÍA VELASCO, 2011, p. 2-3, adaptado).

Em relação aos que usam o termo *intercalação*, vimos que García de Paredes (1993) fala da escassez de trabalhos sobre ordem de subordinadas e que, ao fazer menção à intercalação, considera como critério a posição em relação à nuclear, assim como Conti Jiménez (2012) e Jiménez Norberto (2014), quando tratam de *interpolación*. Para Conti Jiménez (2012), as orações *interpoladas* são marcadas por pausa (que se manifesta no uso da vírgula), e sua posição preferencial seria entre o sujeito e os demais termos da nuclear⁶⁷. Por

⁶⁷ Exemplo: “Las modas, cuando aparecieron los *Siete cuentos góticos*, establecían que el escritor (...)” (“as modas, quando apareceram os *Sete contos góticos*, estabeleciam que o escritor (...)”) (CONTI JIMÉNEZ, 2012, p. 282, tradução nossa, itálico da autora).

outro lado, vimos também que Souza (2001) considera intercalação inclusive nos casos em que a Temporal se insere entre um adjunto adverbial anteposto e toda a cláusula núcleo. Além dessa autora, Jiménez Norberto (2014) também considera tais situações:

Los ejemplos de (22) muestran que la oración interpolada interrumpe la secuencia entre un complemento circunstancial y el verbo de oración regente.

(22) a. (...) [en la Argentina, en especial en la Tierra del Fuego, [cuando se produce el agujero de la capa de ozono] se reciben intensidades de radiación ultravioleta mayores que las naturales, con las consiguientes repercusiones sobre los seres vivos, incluida la población humana]. (CREA)

(...)

En (22)a se muestra que la oración subordinada adverbial encabezada por el relativo *cuando* aparece antes de la oración principal, sin embargo, el elemento o elementos que nos interesan son las frases prepositivas que se encuentran antes de la subordinada adverbial: en la Argentina, en especial en la Tierra de fuego. Tales elementos pertenecen a la oración regente ya que funcionan como complementos circunstanciales de lugar, pero la subordinada interrumpe la continuidad que hay entre ellos y la oración principal (JIMÉNEZ NOBERTO, 2014, p. 77-78)⁶⁸.

A autora destaca, ainda, que os casos de intercalação com *quando* são pouco frequentes e que os constituintes que mais apareceram antes da temporal foram os complementos circunstanciais de lugar/tempo e o sujeito da nuclear, embora não descarte outras possibilidades de intercalação. Como a autora trata apenas de Temporais com *quando*, esta tese pode contribuir com a análise de Temporais encabeçadas por outros conectores e de reduzidas, confirmando ou refutando as pesquisas anteriores.

Do ponto de vista da função pragmática, a Nova Gramática da Real Academia Espanhola trata as intercaladas como *incisos*, orações que “introduzem comentários, sejam metalinguísticos ou não, ao que se estabelece na apódose, ou ao menos no primeiro fragmento dela” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 905)⁶⁹. O assunto, no entanto, é tratado na descrição das condicionais, já que as Temporais não têm seção exclusiva nessa gramática, pois são analisadas como uma espécie de oração relativa, assim como discute Portilla (2009),

⁶⁸ “Os exemplos de (22) mostram que a oração intercalada interrompe a sequência entre um complemento circunstancial e o verbo de oração regente.

(22) a. (...) [na Argentina, em especial na Terra do Fogo, [quando se produz o buraco da camada de ozônio] se recebem intensidades de radiação ultravioleta maiores que as naturais, com as consequentes repercussões sobre os seres vivos, incluída a população humana]. (CREA)

(...)

Em (22)a se mostra que a oração subordinada adverbial encabeçada pelo relativo *quando* aparece antes da oração principal, no entanto, o elemento ou elementos que nos interessam são as frases prepositivas que se encontram antes da subordinada adverbial: na Argentina, em especial na Terra do fogo. Tais elementos pertencem à oração regente já que funcionam como complementos circunstanciais de lugar, mas a subordinada interrompe a continuidade que há entre eles e a oração principal” (JIMÉNEZ NOBERTO, 2014, p. 77-78, tradução nossa).

⁶⁹ “introducen comentarios, sean metalingüísticos o no, a lo que se establece en la apódosis, o al menos en el primer fragmento de ella” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 905).

ao afirmar que “(...) las circunstanciales temporales van introducidas por adverbios como cuando, mientras, apenas. En estos casos, las cláusulas son formalmente iguales a las relativas sin antecedente” (PORTILLA, 2009, p. 193)⁷⁰.

Desse modo, percebemos, então, que o termo *intercalação* pode ser ampliado, relacionando-se à definição dada pela Real Academia Española (2014), “pôr algo entre coisas ou entre pessoas”⁷¹ (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, *online*). Entendemos, no que tange à articulação de cláusulas e nessa acepção mais ampla de intercalação, que seria intercalado qualquer item que se interpusesse entre termos integrados sintaticamente (ex: entre verbo e objeto) e/ou discursivamente (ex.: entre marcador discursivo/tópico e cláusula).

Quanto à definição do termo, concordamos com Rosa (2000, p. 15), ao afirmar que “tentar definir um fenômeno tomando como ponto de partida o étimo do termo que lhe dá nome é uma estratégia explicativa de longa tradição no Ocidente nos estudos sobre diferentes áreas do conhecimento”. A estudiosa, contudo, ressalta que um “problema com relação à definição tomada do étimo, e mesmo com relação a definições que possamos extrair de dicionários, é serem elas vagas” (ROSA, 2000, p. 16). Ou seja, o problema da intercalação não se resolve nem nas definições mais gerais dos dicionários nem na literatura linguística, que, por ser especializada no assunto, deveria ter todos os seus conceitos bem definidos.

Desse modo, valendo-nos de todas essas posições, acreditamos que podemos operar com a definição mais ampla de intercalação, como mostrou a Real Academia Española (2014), mas delimitando-a ao nível da cláusula, consoante os critérios depreendidos em Bolinger (1954-1955), Tesnière (1965), Quirk; Greenbaum (1973), García de Paredes (1993), Decat (2001), Souza (2001), Conti Jiménez (2012), Jiménez Norberto (2014) e Silva; Sales (2014).

Assim, consideraremos intercalada a Temporal inserida: (i) entre termos mais agregados (sujeito + Temporal + verbo, verbo auxiliar + Temporal + verbo principal etc.) e (ii) entre termos menos agregados (adjunto adverbial + Temporal + adjunto adverbial, marcador discursivo + Temporal + marcador discursivo, tópico + Temporal + oração nuclear, adjunto + Temporal + oração nuclear, conjunção + Temporal + oração coordenada etc.). Isso implica considerar situações em que uma oração intercalada pode se confundir com uma anteposta, por exemplo, quando estiver entre um adjunto adverbial e toda a oração núcleo, conforme o exemplo (01), anteriormente analisado.

⁷⁰ Essa discussão, no entanto, não será detalhada neste trabalho, por questões de escopo de análise.

⁷¹ “Poner algo entre cosas o entre personas” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2014, *online*).

Essa falta de limites rígidos entre intercalação e anteposição/posposição culmina na proposição de que, provavelmente, a intercalação seja uma categoria de protótipos, englobando exemplares que se aproximam e outros que se afastam do protótipo de intercalada. Em outras palavras, enxergamos intercalação como fenômeno complexo, gradiente e escalar, que possibilita diferentes posições a depender do termo que escopa. Nesse sentido, não se pode falar em **intercalação**, mas em **intercalações**. Entendemos que o termo *intercalação* pode ser observado por dois pontos de vista: intercalação como processo (fenômeno) e intercalação como material (oração intercalada)⁷².

A proposta de tratar a intercalação como um fenômeno gradiente também se pauta na proposta escalar de Lehmann (1988) para descrever o modo como as cláusulas se articulam. Um dos parâmetros propostos pelo autor diz respeito ao nível sintático da nuclear a que a subordinada se articula. Vejamos aqui o *continuum* proposto para esse parâmetro:

Quadro 7 – Nível sintático

Sentença ←			→ Palavra			
Cláusula subordinada está	Complexo	Predicado	Formação			
Fora da cláusula principal	Serialização verbal	Perífrases de auxiliaridade	Derivação verbal			
Às margens da cláusula principal	Dentro no SV					
Dentro da cláusula principal						

Fonte: Lehmann (1988, p. 192, tradução nossa).

O quadro 7 mostra que uma cláusula pode se internalizar à principal ou, mais internamente, imiscuir-se à perífrase verbal, atraída por forças centrípetas (CAMARA JR., 1981; NOGUEIRA, 1999; HOUAISS; VILLAR, 2009). Por isso, cremos haver níveis diferentes de intercalação, governados, sobretudo, por sua posição mais ou menos integrada à principal e internalizando-se de tal forma ao verbo, que pode se inserir dentro de uma perífrase verbal.

Camara Jr (1981) e Nogueira (1999), em discussão sobre aposição, mostram que essas estruturas giram “em torno de um ser como seu centro” (CAMARA JR, 1981, p. 58) e que essa natureza centrípeta parece ser um traço comum das construções apositivas (NOGUEIRA, 1999). A reflexão dos pesquisadores, embora não seja sobre tema diretamente relacionado a este trabalho, ajuda a lançar luz sobre a integração de um conceito da Física à Linguística. Aqui, ao tratar de intercalação, usamos o termo *centrípeto* com sua acepção mais aproximada à da primeira disciplina mencionada e que se registra nos dicionários de Língua

⁷² Agradecemos à Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (UFC) a reflexão acerca de intercalação como processo e intercalação como material.

Portuguesa: “que se aproxima ou tenta aproximar-se do eixo de rotação” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 437).

Acreditamos que as intercaladas prototípicas são as mais internamente inseridas, e um traço forte dessas estruturas seria esse caráter centrípeto, que as atrai em direção ao núcleo da oração, o verbo. Essa força, no entanto, seria rejeitada pelos falantes, por redundar em complexidade estrutural, já que rompe a integração entre o verbo e seus argumentos, conforme mostram os princípios de iconicidade e marcação (GIVÓN, 2001). Tal fato explicaria a baixa frequência de orações prototipicamente intercaladas. Entre as intercaladas prototípicas, a que se insere na perífrase verbal seria o padrão duplamente marcado, porque é marcado em relação à anteposição/posposição e, dentro das intercaladas (prototípicas e não prototípicas), é novamente o mais marcado.

Na construção de um modelo tipológico que dê conta de explicar os tipos de intercaladas, um passo importante a ser dado é delimitar a cláusula núcleo. Segundo Givón (1976), as pausas de entonação entre cláusulas são marcadas, na escrita, por vírgula, e, nas quebras de cadeias de cláusulas, usa-se ponto (.) ou ponto e vírgula (;). Em Chafe (1980), vemos o conceito de unidade informacional, que pode servir de critério para delimitar orações, mas não necessariamente, como aponta Decat (2014). Se a intercalada é comumente separada por pausas⁷³, tanto na escrita como na fala, então constitui uma unidade informacional à parte, bem como as demais cláusulas hipotáticas. Contudo, a intercalada apresenta a característica de pausa curta antes e depois de si. Por isso, consideramos intercalada a oração que não inicia uma nova cadeia⁷⁴.

No que diz respeito à pontuação que separa essas cláusulas, defendemos que as diversas funções expressas por meio da intercalação se devem a dois fatores: (i) o uso do sinal de pontuação e as múltiplas funções que imprime aos enunciados e (ii) a natureza do constituinte intercalado, o que nos remete, neste trabalho, às diversas posições da Temporal.

Segundo Dahlet (2006),

(...) De tal modo que, apesar do grande número de paráfrases concernentes à ação da vírgula – além de **separar** e/ou indicar, ela isola, assinala, mostra, marca, denota –, sua função é uma só: segmentar.

(...) A vírgula, sem dúvida nenhuma, separa. Porém, sua função não se limita a isso, pois, ao separar segmentos da cadeia escrita, ela ativa outras operações sintáticas, que podem se resumir a isto: **adicionar, subtrair, inverter**.

(...) A vírgula é a pontuação de sequência mais complexa. Isso se deve pelo menos a três razões:

⁷³ Ainda que curtas. Não tão longas como entre períodos.

⁷⁴ A cadeia é delimitada por pausa longa entre as orações.

- i. é o único sinal que funciona tanto num esquema duplo (/, ./) quanto num esquema simples (/./);
- ii. é o único sinal que, independentemente da dimensão enunciativa, é capaz de atuar simultaneamente em duas amplitudes, intercláusulas e intracláusula;
- iii. decorre disso que a ./ é o sinal sintático por excelência: o mais construtor de sintaxe, o mais apto para fornecer, carregar e distribuir as categorias funcionais, tanto na sucessão quanto na hierarquização (dupla vírgula) (DAHLET, 2006, p. 142-143, negritos da autora).

Ainda de acordo com a autora, que retoma o *Code orthographique et gramatical*, de R. Thimonier (1970), as operações citadas anteriormente – **adicionar, subtrair e inverter** – apontam para três princípios: o de **adição**, o qual prevê que a vírgula isola elementos de semelhante função gramatical, não unidos por elemento coordenativo; o de **subtração**, segundo o qual a vírgula separa elementos que poderiam ser removidos (com o uso de dupla vírgula para os casos de aposição e vírgula única para as situações de elipse verbal); e o princípio de **inversão**, que aponta para o poder da vírgula “de deslocar segmentos na cadeia frasal” (DAHLET, 2006, p. 147). Ora, no caso das Temporais intercaladas, parecem aplicar-se os dois últimos princípios citados.

Estamos considerando também os casos de Temporais inseridas em um período composto por coordenação, antecedidas por conectores coordenativos, e os casos de intercalação interrompendo a conexão entre marcador discursivo e a cláusula núcleo, como podemos observar, respectivamente, nos exemplos a seguir:

(14) (...) y ya me puse a trabajar/ pero **cuando iba yo a ver a mi hijo** <~mijo>/ *todo estaba sucio/ maltratado* (...). ((...) e fui trabalhar/ mas **quando eu ia ver meu filho** <~mijo>/ *estava todo sujo/ maltratado* (...)). (ENTREVISTA 108 – ME-313-13M-07)

(15) 677 I: él vive aquí pero/ van seguido/ pues <~pus> cada vacaciones// y entonces **cuando// C le platicó que/ estábamos enfrente de esa playa/ le dijo** “ay/ esa pala-/ esa playa es de maricones”. ((...) // e então **quando// C lhe falou que/ estábamos em frente a essa praia/ lhe disse** “ai/ essa pala-/ essa praia é de gays”). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

As discussões de Dik (1997a, 1997b) e Halliday (2004) ajudam a entender como se estrutura uma cláusula, unidade gramatical que, segundo o último autor, analisa-se como um construto multifuncional. Para Dik (1997), há, em primeiro lugar, uma posição especial (P1) destinada a constituintes com valor tópico, o que Halliday (2004) analisa como Tema tópico, porque considera sua função textual. Esse autor mostra que o Tema é finalizado com o primeiro constituinte de valor experiencial (participante, circunstância ou processo). Contudo,

podem existir outros elementos antes do Tema Tópico, que podem assumir funções nos níveis textual⁷⁵ (continuativo, conjunção e adjunto conjuntivo) ou interpessoal (vocativo, adjunto de comentário modal⁷⁶ e operador finito verbal). Isso significa que, antes do padrão de disposição argumental dos itens na sentença, há os temas textual e interpessoal, englobando, entre outros, vocativos, conjunções e marcadores discursivos.

Portanto, a estrutura básica da sentença ficaria assim alinhada: (tema textual/interpessoal) + tema tópico⁷⁷ + (sujeito) + (verbo auxiliar) + verbo principal + (objeto direto) + (objeto indireto) + (circunstantes) + (tema textual/interpessoal)⁷⁸. Mesmo quando essa ordem se inverte, ainda assim pode haver uma temporal intercalada entre esses elementos, e o que determinará sua prototipicidade será sua pertença ou não à interioridade da sentença e o nível de integração dos itens que rompe.

Os elementos apresentados anteriormente exibem níveis diferentes de integração entre si. Considerando o verbo como núcleo da oração, há constituintes mais aderidos a ele, e outros menos. Segundo Carone (2003), os graus de aderência dos constituintes em relação ao verbo podem ser esquematizados na seguinte escala: (+aderido) morfemas modo-temporais > morfemas número-pessoais > predicados nominais, tempos compostos, voz passiva, locuções verbais > objeto direto > objeto indireto > adjunto adverbial (posposto) > sujeito⁷⁹ > conjunções, advérbio de frase (adjunto anteposto), marcadores discursivos (-aderido). Com exceção dos morfemas, pode haver casos em que uma Temporal está inserida entre o verbo e um desses argumentos, ou ainda, entre, no mínimo, dois desses argumentos, como vimos nos exemplos apresentados. Nossa hipótese é a de que, quanto mais inserida entre itens bastante aderidos, mais se aproximaria do protótipo de intercalada, e vice-versa. Nessa perspectiva, seriam prototípicas as intercaladas inseridas entre verbo e seus argumentos, e não prototípicas as intercaladas fora desse bloco.

⁷⁵ Esse grupo engloba conjunções e itens gramaticalizados, que cumprem a função de fazer o discurso avançar, chamar atenção ou conectar cláusulas. Temos como exemplos os seguintes: bien (bem), entonces (então), sí (sim), oye (ei), pues (pois) etc.

⁷⁶ Modalizadores/advérbios de frase: probablemente (provavelmente), por favor (por favor), a veces (às vezes), de hecho (de fato) etc.

⁷⁷ O sujeito, como primeiro candidato a tópico dado, é costumeiramente colocado na posição P1 (DIK, 1997).

⁷⁸ Os parênteses indicam que tais itens nem sempre podem aparecer na oração. Mantivemos, apenas, o tema tópico e o verbo, já que, quando a oração é formada apenas de um verbo, ele é o próprio tema tópico, por ser processo, e portador de função experiencial, nos termos de Halliday (2004). Para haver intercalação, é necessário que haja ao menos dois desses constituintes da cláusula, sem contar com o tema tópico, porque ele se confunde com participantes, processos e/ou circunstantes.

⁷⁹ Segundo a autora, entre os argumentos do verbo, o sujeito é o menos agregado, porque “é o último a agregar-se à base, encontrando já pronto aquilo que chamamos *predicado*: verbo + OD + OI” (CARONE, 2003, p. 76, itálico da autora).

Essa proposta poderia se resumir no seguinte esquema: A...I...P. Ou seja, a intercalação (I) é o ponto intermediário de um *continuum* em que se distribuem orações antepostas (A) e pospostas (P). Há orações prototipicamente antepostas, pospostas e intercaladas, mas há fronteiras não rígidas que separam essas duas primeiras posições oracionais da última, como mostra o *continuum* a seguir:

Quadro 8 – *Continuum* de graus de prototipia das Orações Temporais intercaladas

← não prototípica	prototípica →
Externa ao núcleo da sentença (extranuclear)	Interna ao núcleo da sentença (intranuclear)
Separa termos não agregados	Separa termos bastante agregados
Pode se confundir com anteposta/posposta	É facilmente identificada como intercalada
Alta frequência	Baixa frequência

Fonte: elaborado pelo autor.

Nosso objeto de estudo, portanto, é a oração intercalada, prototípica ou não, desde que mantenha sua função parentética básica, inserida entre constituintes nucleares (que guardam certa hierarquia de integração com o verbo) ou de mesmo nível sintático, isolados entre si. Desse modo, podemos resumir nossa proposta como segue:

- Intercalada não prototípica (*lato sensu*): oração que representa ruptura inserindo-se entre qualquer constituinte fora do bloco nuclear verbo e argumentos, ou de um período maior (composto por coordenação ou subordinação, entre o conector e a nova cláusula) (ex.: entre marcador discursivo e vocativo, entre adjuntos, entre uma conjunção coordenativa/subordinativa e a cláusula à que está ligada etc.). Hipotetizamos, então, que são menos reconhecíveis como intercaladas, menos complexas e mais frequentes.

- Intercalada prototípica (*stricto sensu*): oração que se insere entre o verbo e seus argumentos. (ex.: entre sujeito e verbo, entre verbo e objeto, entre os elementos da perífrase verbal etc.). Hipotetizamos, então, que esse tipo é mais reconhecível como intercalada, é mais complexo e menos frequente, a não ser que assuma funções especiais, que, por uma questão de expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012), torne-o mais frequente, como, por exemplo: topicalizar o sujeito.

Assim, conclui-se que a não prototípica (intercalação *lato sensu*) confundir-se-ia com anteposta e/ou posposta, ao passo que, a prototípica (intercalação *stricto sensu*) seria facilmente reconhecida como tal. Vejamos isso com alguns exemplos⁸⁰:

⁸⁰ Esse grupo é apenas uma projeção dos casos de intercaladas que podem ocorrer.

Intercalada
não
prototípica

(07) **tópico**⁸¹ + **temporal** + **nuclear**: (...) *el cartero/ o la gente que está trabajando esa correspondencia cuando la lleva el usuario/ dicen (...). ((...)) o carteiro/ ou a gente que está trabalhando essa correspondência quando a leva o usuário/dizem (...)*. (ENTREVISTA 60 – ME274-22M-06)

(16) **marcador** + **temporal** + **nuclear**: 515 I: (...) y no me acuerdo quién era la otra éramos tres/ los que estábamos este arriba// *entonces <-tos> cuando empezó a temblar/ no sentimos///*. (515 I: (...) e não me lembro quem era a outra éramos três/ os que estávamos este em cima// *então quando começou a tremer/ não sentimos///*). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

(17) **nuclear** + **temporal** + **marcador**: 75 I: (...) *generalmente trabajas muy fuerte cuando eres/ camionero/ [¿no?]*. (75 I: (...) *geralmente trabalhas muito pesado quando és/ caminhoneiro/ [não?]*). (ENTREVISTA 50 – ME-054-22H-99)

(18) **adjunto adverbial** + **temporal** + **nuclear**: (...) *aquí/ aquí cuando estaba esto (...)* *había tapiz y todo eso (...)*. ((...)) *aquí/ quando isso estava aquí (...)* *havia tapete e tudo isso*). (ENTREVISTA 73 – ME-258-11H-05)

(19) **conector de oração coordenada** + **temporal** + **oração coordenada**: (...) *es bien curioso porque// la primera vez que mi mamá me descubrió de una pinta/ que me fui de pinta/ me había ido yo a Chapultepec (...)*. ((...)) *é bem curioso porque// a primeira vez que minha mãe descobriu que eu faltei aula/ que faltei aula/ eu havia ido a Chapultepec (...)*. (ENTREVISTA 13 – ME-006-32H-97)

(20) **conector de oração subordinada** + **temporal** + **oração subordinada**: (...) *yo creo que cuando traes algo ya adentro este/ debes de/ pues <~pus> de tratar de plasmar/ en tu trabajo/ el gusto que te da hacer esas cosas (...)*. ((...)) *eu creio que quando trazes algo já dentro de si este/ debes estampar/ no teu trabalho/ o gosto que te dá fazer essas coisas (...)*. (ENTREVISTA 19 – ME-055-32M-99)

Intercalada
prototípica

(21) **sujeito** + **temporal** + **verbo**: *sí/ yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven//sí dije ay no/ pues <~pus> yo cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así]*. (*sim/ eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem// sim disse ai não/ pois eu quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]*). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

(22) **verbo** + **temporal** + **adjunto adverbial**: (...) *vivía/ cuando tenía/ en la Vicente Guerrero (...)* *era cuando tenía siete años/ no acá ya cuando le dieron/ (...)*. ((...)) *vivia/ quando tinha/ na Vicente Guerreiro (...)* *era quando tinha sete anos/ não aqui já quando lhe deram/ (...)*. (ENTREVISTA 96 – ME-308-12M-07)

(23) **verbo** + **temporal** + **objeto indireto**: 174 I: *no// yo me he dado cuenta// más o menos// que/ que el/ el huitlacoche le sale/ cuando llueve mucho/ al maíz*. (174 I: *não// eu me dei conta// mais ou menos// que/ que o/ o huitlacoche*⁸² *surge/ quando chove muito/ no milho*). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

(24) **verbo** + **temporal** + **objeto direto**: (...) *tenía/ al principio de su trabajo/ cuando entró/ pues <~pus> máquinas mecánicas (...)*. ((...)) *tenha/ no início de seu trabalho/ quando entrou/ pois máquinas mecânicas (...)*. (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

(06) **verbo 1** + **temporal** + **verbo 2**: *yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ estoy desde que tengo trece años aquí [trabajando]*. (*eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aqui <~aqui:>/ estou desde que tenho treze anos aqui [trabalhando]*). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)

⁸¹ Qualquer termo deslocado a essa função perderá seu grau de aderência ao verbo, com exceção do sujeito da cláusula, tópico não-marcado.

⁸² Espécie de fungo.

No dado (24), por exemplo, além da interrupção causada pela Temporal, há outros dois termos entre o verbo e o objeto, os quais são “al principio de seu trabalho (no início de seu trabalho)” e “pues (pois)”. Essa natureza criativa da língua não pode ser regida 100% por regras categóricas e também não desmerece esta pesquisa. Resolvemos isso da seguinte maneira: a inserção de elementos entre verbo e objeto direto é um fato, embora a quantidade de elementos que possam se inserir nesse lugar dependa da emergência da língua no uso real pelos falantes. Por isso, o exemplo (24) é analisado como ruptura verbo/objeto direto, embora haja outros elementos entre eles além da Temporal.

Outra questão a ser resolvida é a hesitação, fenômeno citado por Jubran (2015a) como inerente ao texto falado. Vejamos o dado (25), a seguir:

(25) entonces tú ves ahí/ *calculas **cuando es un edificio***// *calculas el peso/ que va a soportar ese edificio/ (...)*. (então tu vês aí/ *calculas **quando é um edifício***// *calculas o peso/ que vai suportar esse edifício/ (...)*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)⁸³

Como mostra Marcuschi (2015), as hesitações parecem exercer maior papel discursivo-cognitivo do que propriamente sintático. Por isso, cremos não haver aderência entre “calculas (calculas)” e “calculas el peso (calculas o peso)”. Portanto, um dado como esse seria situado no topo do *continuum*, como intercalada não prototípica, que separa termos não agregados entre si. No entanto, como se trata de um caso de dificuldade na delimitação da cláusula nuclear, dados como esse serão descartados de nossa análise.

Como pudemos ver, a hipótese de um *continuum* que distribui as intercaladas conforme seu grau de prototipia prevê diferentes tipos de intercaladas, cujos padrões, uma vez identificados, precisam ser descritos, analisando seus contextos sintático-semântico-pragmáticos, conforme mostraremos na seção de metodologia deste trabalho. Acreditamos que existam configurações sintáticas mais propensas à intercalação que outras. Falar em intercalação não é apenas falar de posição, porque a posição já é reflexo de uma configuração sintático-semântico-pragmática. Nesse sentido, a abordagem funcionalista é apropriada, uma vez que fornece aparato para a explicação dos arranjos formais, sensíveis às funções comunicativas, como bem salienta Nichols (1984):

⁸³ Acreditamos ser esse um caso de hesitação, já que o falante iria iniciar a oração nuclear com *calcula*, mas hesitou, inserindo uma temporal, para, posteriormente, retomar a cláusula interrompida.

A gramática funcional (...) analisa a estrutura gramatical, assim como a gramática formal e estrutural; mas também analisa a situação comunicativa inteira: o propósito do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo. Os funcionalistas sustentam que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou de outra forma determina a estrutura gramatical, e que uma abordagem estrutural ou formal não se limita apenas a uma base de dados restrita artificialmente, mas é inadequada mesmo como uma explicação estrutural. A gramática funcional, então, difere da gramática formal e estrutural na medida em que pretende não modelar, mas explicar; e a explicação é fundamentada na situação comunicativa (NICHOLS, 1984, p. 97, tradução nossa)⁸⁴.

Nesse sentido, acreditando na multifuncionalidade dos diversos meios de intercalar, sintetizamos nossa proposta na seguinte afirmação: a intercalação de Temporais é processo que implica deslocamento de uma cláusula hipotática, resultando ou não em descontinuidade no bloco nuclear ao qual se vincula, em função de propósitos comunicativos (tematizar o sujeito, por exemplo). Dadas as múltiplas funções e formatos por meio dos quais a intercalação pode se manifestar, não haveria um tipo, mas vários tipos de intercaladas, já que a posição das orações é extremamente sensível a pressões discursivas (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; DECAT, 2001; GIVÓN, 2001b). Para marcar as diferenças funcionais, esses tipos apresentariam diferenças formais, entre as quais o posicionamento já é um desses mecanismos.

3.4 Síntese da discussão

O presente capítulo dividiu-se em quatro seções. Além desta seção de súpula, revisitamos propostas teóricas sobre a temática da articulação de orações, e, nas seções seguintes, fizemos um apanhado de estudos sobre anteposição, posposição e intercalação de Temporais, culminando em uma proposta de como enxergamos o fenômeno da inserção de orações em posições não marginais.

Inicialmente, vimos que a tradição gramatical costuma segmentar as orações entre coordenadas e subordinadas, valendo-se do critério da dependência. Em relação às Temporais, as gramáticas as apontam como modificadoras verbais, com função adverbial, denotando uma função típica de indicação de tempo.

⁸⁴ “Functional grammar (...) analyzes grammatical structure, as do formal and structural grammar; but it also analyzes the entire communicative situation: the purpose of the speech event, its participants, its discourse context. Functionalists maintain that the communicative situation motivates, constrains, explains, or otherwise determines grammatical structure, and that a structural or formal approach is not merely limited to an artificially restricted data base, but is inadequate even as a structural account. Functional grammar, then, differs from formal and structural grammar in that it purports not to model but to explain; and the explanation is grounded in the communicative situation” (NICHOLS, 1984, p. 97).

Em alguns estudos, percebeu-se que o critério da dependência era insuficiente para a descrição dos enlaces oracionais e advogou-se em favor de diferentes níveis de dependência, sugerindo um nível intermediário, o de interdependência. Desse modo, o estatuto de *subordinação* teve de ser revisto, considerando também, entre outros, o critério do encaixamento. Assim, entendeu-se que as orações se combinam no eixo paratático (-dependência/-encaixamento), no eixo hipotático (+dependência/-encaixamento) e no eixo da subordinação propriamente dita (+dependência/+encaixamento).

Entre os estudos linguísticos, as Temporais podem ser vistas como um satélite não requerido pelo núcleo, trazendo informações adicionais (MANN; THOMPSON, 1988; DIK, 1997), como uma espécie de expansão por realce temporal (HALLIDAY, 2004). Segundo Cavalcante (2015), essas orações apresentam ordem relativamente livre, estabelecem uma relação de dependência com outra oração, apresentam função preferencial de tempo, situando, na linha temporal, o momento do evento, e podem aparecer em forma reduzida ou desenvolvida.

Na seção 3.2, que diz respeito à posição, vimos que a Temporal pode vir anteposta, intercalada ou posposta à sua nuclear, refletindo pressões de cunho fonológico, morfossintático, semântico e pragmático/discursivo. Mostramos que há um padrão mais canônico de ordenar as orações – o esquema SVO(C) (NEBRIJA, 1492; PADILLA GARCÍA, 2001) – e um padrão mais típico em termos pragmáticos, no qual a cláusula se antepõe a seu núcleo, exercendo função de guia (LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; RAMSAY, 1987; DIESSEL, 2001; DECAT, 2001; CAVALCANTE, 2015).

No trabalho de Cavalcante (2015), que estudou as Temporais no Espanhol mexicano, percebeu-se que a intercalação combina tanto traços de antepostas como de pospostas. Isso se deve, provavelmente, ao caráter complexo das intercaladas, principalmente das não prototípicas, que se confundem com as demais posições citadas.

Na última seção deste capítulo, especificamente voltada a descrever o fenômeno da intercalação, mostramos a relevância de delimitar melhor a caracterização de oração intercalada, um dos objetivos principais deste trabalho. Entre os autores consultados, os que não tratam especificamente de intercalação (BOLINGER, 1954-1955; QUIRK; GREENBAUM, 1973; GILI GAYA, 2000; GIVÓN, 2001b; DECAT, 2001 etc) sugerem sua existência, mas não aprofundam sua definição. O critério depreendido da análise desses autores é o de que, quando se fala em posição, há que se levar em consideração a oração nuclear inteira. Por outro lado, há autores que consideram a posição em relação ao verbo da nuclear (OLIVARES PARDO, 2002; NEVES, 2013 etc.). Outra perspectiva de abordar a

intercalação seria vê-la pela ótica da descontinuidade/deslocamento (discontinuity/displacement) (GARCÍA VELASCO, 2011).

Entre os teóricos que citam o termo intercalação e derivados, o critério subjacente também parece ser observar a posição da intercalada dentro da cláusula nuclear (GARCÍA DE PAREDES, 1993; SOUZA, 2001; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010; CONTI JIMÉNEZ, 2012; JIMÉNEZ NORBERTO, 2014).

Desse modo, baseando-nos no apanhado bibliográfico, consideramos a intercalação em uma visão macro, o que inclui intercaladas prototípicas (inseridas entre o verbo e seus argumentos) e não prototípicas (inseridas entre termos não agregados entre si). Nossa visão assemelha-se à de Halliday (1985), que considera a cláusula como um construto multifuncional, que engloba não só elementos argumentais, mas também os de cunho textual e interpessoal. Isso implica dizer que marcadores discursivos, conjunções, advérbios de frase etc. também compõem a cláusula e, portanto, qualquer inserção de Temporal entre esses elementos e o bloco formado pelo verbo e seus argumentos será considerada intercalação. Não queremos dizer, no entanto, que todas as intercaladas estão no mesmo nível, porque se inserem entre elementos com diferentes graus de aderência. Sendo assim, defendemos a viabilidade de enxergar o fenômeno de maneira gradual, contínua, dentro das duas categorias maiores propostas: as intercaladas prototípicas e as não prototípicas, já que categorialidade e gradualidade não precisam ser grandezas excludentes entre si (GIVÓN, 1995). Buscaremos mostrar, ainda, que as diferenças formais nos subtipos de intercaladas redundam em diferenças funcionais, do ponto de vista pragmático-discursivo.

4 METODOLOGIA

A Metodologia, segundo Lakatos; Marconi (2001), aborda o maior número de itens de uma pesquisa, já que “responde, a um só tempo, às questões *como?*, *com quê?*, *onde?*, *quanto?*” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 105). Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearão esta investigação, dividindo-o em três seções, as quais detalham, nessa ordem, o método de abordagem, os métodos de procedimento e as questões/hipóteses que norteiam este trabalho.

4.1 Método de abordagem

Em relação ao método de abordagem, seguimos Givón (1995), quando da proposição da união entre a dedução e a indução: a dedução permite que se formulem hipóteses sobre o fenômeno e se busque validá-las; já a indução possibilita que, a partir do tratamento analítico de determinadas ocorrências, sejam feitas generalizações na tentativa de ter uma visão ampla do fenômeno em análise. Para Givón (1995), ao invés dessas visões extremadas, pode-se recorrer a um raciocínio abduutivo-analógico, que envolve (i) a formulação de hipóteses, (ii) decisões pré-empíricas sobre relevância/irrelevância de fatos e relevância/irrelevância teórica de certos domínios. Além disso, esse raciocínio envolve também (iii) decisões pós-empíricas de descartar determinadas hipóteses⁸⁵.

Nesta pesquisa, utilizaremos o raciocínio abduutivo-analógico, já que o modelo escalar das intercaladas aqui proposto precisa de confirmação empírica nas ocorrências reais da língua em uso. Após a análise dos dados, podemos refiná-lo, descrever cada uma de suas subdivisões e, ao final, tecer algumas generalizações.

4.2 Métodos de procedimento

Ao contrário do método de abordagem, que é mais abstrato, os métodos de procedimento apontam para os passos mais concretos da pesquisa, com vistas à explicação dos fenômenos de nível menos concreto (LAKATOS; MARCONI, 2001). Além disso, essas etapas “pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitadas a um domínio particular” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 106). Dentre os métodos destacados

⁸⁵ Bem como formular novas hipóteses.

por Lakatos; Marconi (1992, 2001), valer-nos-emos, neste estudo, dos métodos estatístico, tipológico e funcionalista. O **método estatístico** estabelece uma associação entre fenômenos do mundo e procedimentos quantitativos e estatísticos, o “que permite comprovar as relações dos fenômenos entre si, e obter generalizações sobre sua natureza, ocorrência ou significado” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 83). Já o **método tipológico** permite que o pesquisador crie, com base em aspectos inerentes ao fenômeno investigado, modelos ou tipos ideais. O **método funcionalista**, segundo as autoras, mais interpretativo que investigativo, é pautado na análise funcional de sistemas organizados.

Esta investigação se pauta nesses métodos porque observa o pareamento forma-função que existe entre os diversos tipos de orações intercaladas em contextos reais de uso. Para tanto, propõe-se um modelo tipológico geral, que não necessariamente tem a pretensão de ser ideal, mas de prever determinadas regularidades nos dados. O modelo tipológico pensado aqui é construído com base no contato prévio que o pesquisador tem com os dados, ainda de forma não sistemática, em situações reais de comunicação e por meio de investigações anteriores sobre o tema. Além disso, o modelo será, em seguida, refinado pela análise estruturada dos dados, depois de sua coleta, que atende a critérios científicos. A pesquisa aqui apresentada também se vale do método estatístico, já que, segundo Fox (2007) e Bybee (2007, 2010), a frequência de uso é uma medida importante na análise de fenômenos linguísticos, já que leva ao estabelecimento da gramática.

Nesta seção, que detalha os métodos de procedimento deste trabalho, apresentaremos, nesta ordem, o tipo (ou níveis) de pesquisa e os procedimentos para a coleta e tratamento dos dados.

4.2.1 Níveis de pesquisa

Quanto aos níveis, destacamos as pesquisas descritivas e explicativas, propostas por Gil (2008). As pesquisas descritivas “têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relação entre as variáveis” (GIL, 2008, p. 28); e as explicativas são aquelas “que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2008, p. 28).

Esta investigação sobre as intercaladas irá ao nível da descrição na medida em que objetiva não só propor um modelo tipológico de intercalação de Temporais, mas descrever cada um desses tipos, segundo variáveis de teor morfossintático, semântico e pragmático-

discursivo, que serão mencionadas adiante. Nossa contribuição aos estudos descritivos em Língua Espanhola vai em direção a uma rigorosa, ainda que não exaustiva, análise e descrição dos dados, cientificamente orientada, em busca de seus padrões tipológicos gerais.

Contudo, essa investigação não se limitará apenas à descrição do fenômeno, mas, em uma orientação também explicativa, buscará analisar os usos linguísticos das Temporais intercaladas no que diz respeito às suas características formais e funcionais. Considerando a perspectiva cognitivo-funcional aqui adotada, entendemos que cada arranjo sintático é dotado de funcionalidades comunicativas, que envolvem, também, mecanismos gerais da cognição humana.

Em suma, esta investigação se configura como descritivo-explicativa, pois tratará de descrever as características do fenômeno da intercalação de Temporais em Língua Espanhola e analisar os tipos de Temporais intercaladas, comparando-os em relação à atuação de pressões não apenas morfossintáticas, mas também semânticas e pragmático-discursivas.

4.2.2 Delineamento da pesquisa

Entre os delineamentos de pesquisa apresentados por Gil (2008), destacamos o **bibliográfico**, o **documental** e o **levantamento de campo**. Consoante o autor, o delineamento da pesquisa envolve desde o ambiente de coleta de dados ao controle das variáveis e constitui a parte técnica da pesquisa. Para o autor,

Podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de ‘papel’ e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa *ex-post-facto*, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso (GIL, 2008, p. 50, itálico do autor).

Em relação ao delineamento bibliográfico, Gil (2008) aponta que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50). Essa primeira etapa já foi realizada durante o levantamento de diversas fontes bibliográficas para conhecer o que já se sabe sobre a intercalação de Temporais, na intenção de atender ao objetivo que diz respeito à identificação de critérios para a caracterização dessas orações no Espanhol mexicano oral. Os resultados dessa pesquisa bibliográfica já estão arrolados na discussão empreendida no capítulo referente aos fundamentos teóricos do trabalho, em especial, nas duas últimas seções (Cf. capítulo 3, seções 3.2 e 3.3). Nos textos teóricos analisados, identificamos posicionamentos que nos

ajudaram a compor uma definição mais ampla do fenômeno da intercalação. Além disso, também buscamos hipóteses que ajudassem a configurar as variáveis de controle para a análise e descrição das intercaladas. Apesar de já concluída essa etapa, os textos teóricos continuarão sendo utilizados na análise dos dados, contribuindo para nossa argumentação.

Já o delineamento documental, segundo Gil (2008), é bem semelhante ao bibliográfico, porém a diferença está no fato de que o primeiro se vale “de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico” (GIL, 2008, p. 51). Nesta pesquisa, os *materiais* são “textos autênticos, em linguagem natural” (SARDINHA, 2004, p. 19), que consistem em entrevistas do *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM), coletadas e organizadas em formato digital, constituindo um documento, cujos dados estão sujeitos à análise pelo pesquisador.

No que tange à pesquisa de campo, sua caracterização toma por base a “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (GIL, 2008, p. 55). Como queremos conhecer fatos linguísticos, é necessário coletar os dados em contextos naturais da língua em uso, já que “a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 29). Para tanto, é necessário coletar dados autênticos, sejam eles escritos ou orais. Como optamos por dados de fala rigorosamente coletados, selecionamos entrevistas sociolinguísticas, advindas de um levantamento de campo. Tendo em vista a dimensão e os custos desse tipo de empreendimento, muitos pesquisadores optam por utilizar *corpus* advindo de entrevistas já realizadas e disponíveis à comunidade científica. Portanto, além dos delineamentos apresentados, este estudo se configura como um levantamento de campo não prototípico, porque apenas tivemos acesso às entrevistas transcritas advindas de pesquisa de campo.

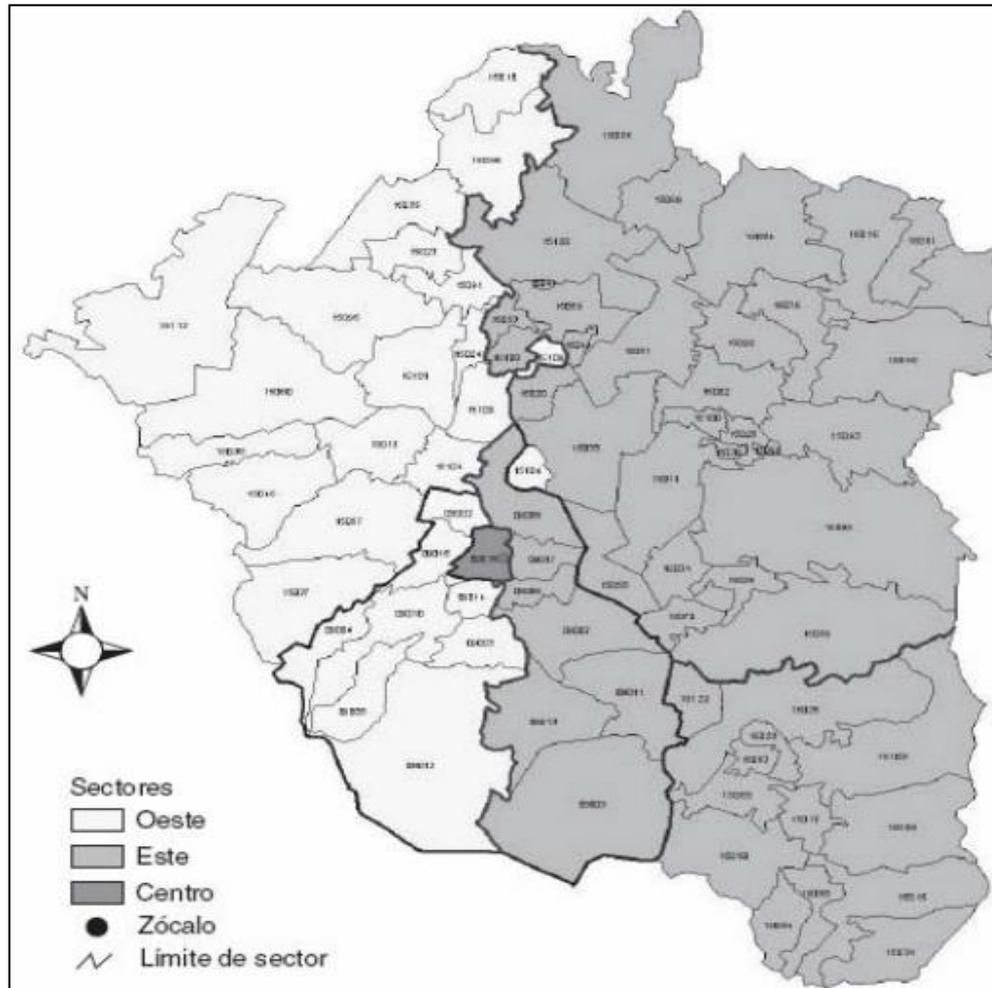
4.2.2.1 Delimitação do universo

Para a composição da amostra, serão utilizadas as entrevistas do *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM), disponível na internet⁸⁶, projeto que tem como coordenadores os pesquisadores Pedro Martín Butragueño e Iolanda Lastra, que investigam a variação e a mudança linguística no Espanhol mexicano oral.

⁸⁶ Para acesso ao *corpus*, indicamos o site: <http://lef.colmex.mx/index.php/investigaciones/corpus-sociolinguistico-de-la-ciudad-de-mexico-cscm>.

Em primeiro lugar, os pesquisadores resolveram delimitar a área mexicana. Para tanto, consideraram a *Zona Metropolitana de la Ciudad de México (ZMCM)*, região habitada por cerca de 20 milhões de pessoas, segundo o censo de 2000, e formada por 75 entidades. Dessas, 16 delegações pertencem ao Distrito Federal, que se pode identificar pela região em formato de gota (parte inferior, à esquerda), no mapa a seguir:

Mapa 1 – Zona Metropolitana da Cidade do México (ZMCM)

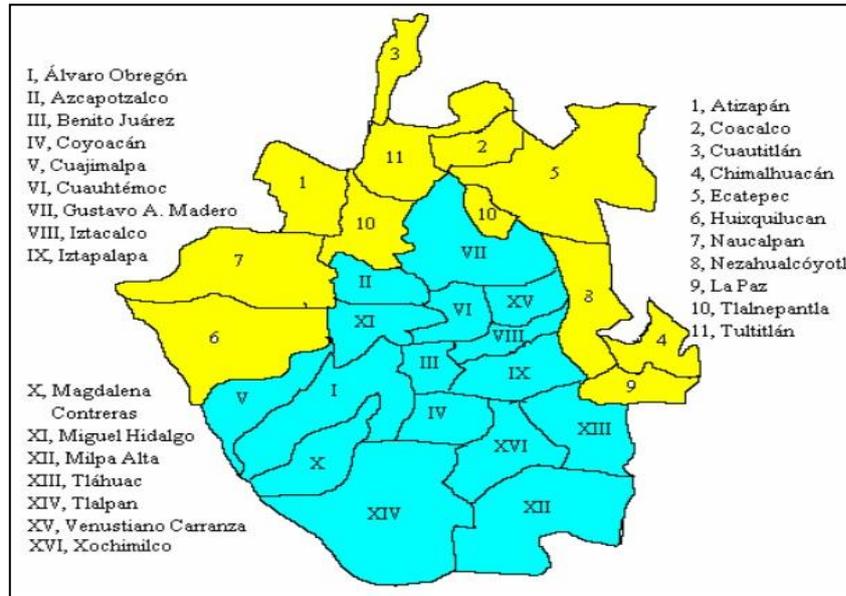


Fonte: Graizbord y Acuña (2007, p. 301, mapa 1) *apud* Martín Butragueño; Lastra (2011, p. vii).

Como ressaltam os próprios investigadores, há várias maneiras de dividir a ZMCM. Além disso, seria um trabalho hercúleo, dado o pequeno número de pesquisadores, dar conta de toda essa região. Por isso, eles estabeleceram o critério de considerar apenas os municípios já conurbados até 1970 e não considerar os que foram agregados posteriormente, porque, como o projeto de composição do *corpus* estava sendo planejado para os anos 90, já se consideraria uma geração completa de pessoas integradas ao lugar. Assim, os organizadores delimitaram a Zona Pertinente da ZMCM, formada pelas 16 delegações do Distrito Federal (Benito Juárez, Miguel Hidalgo, Coyoacán, Cuauhtémoc, Azcapotzalco,

Tlalpan, Cuajimalpa de Morelos, Iztacalco, Venustiano Carranza, La Magdalena Contreras, Xochimilco, Gustavo A. Madero, Álvaro Obregón, Iztapalapa, Tláhuac e Milpa Alta) junto a 11 municípios do Estado do México (Atizapán de Zaragoza, Coacalco, Cuautitlán, Chimalhuacán, Ecatepec, Huixquilucan, Naucalpan, Nezahualcóyotl, La Paz, Tlalnepantla e Tultitlán), resultando em 27 entidades, como se pode observar no mapa a seguir:

Mapa 2 – A Zona Pertinente (ZP)



Fonte: Martín Butragueño; Lastra (2011, p. ix).

Considerando essa delimitação, o CSCM se compõe de 108 entrevistas, coletadas entre 1997 e 2007, divididas em três variáveis sociais, a saber: gênero (homens e mulheres), idade (jovens, com faixa etária entre 20 e 34 anos; adultos, com faixa etária entre 35-54 anos; e idosos, falantes com faixa etária de mais de 55 anos) e grau de instrução (nível alto, nível médio e nível baixo). No site, o *corpus* está dividido da seguinte maneira: nos três níveis (alto, médio e baixo), separadamente, há 36 entrevistas, sendo 18 para falantes de cada gênero (separadas em 6 entrevistas, de acordo com cada faixa etária). As entrevistas, de modo individual, têm aproximadamente 45 minutos de duração, na qual interagem documentador, informante e, eventualmente, um participante externo.

Desse modo, justificamos a escolha pelo *corpus* tendo em vista os seguintes critérios:

- I. **Atualidade:** as entrevistas foram coletadas entre 1997 e 2007;
- II. **Tamanho/Extensão:** segundo arquivo introdutório das entrevistas do Nível Superior (MARTÍN BUTRAGEÑO; LASTRA, 2011), as 36 entrevistas que compõem esse grupo contém cerca de 450.000 palavras. No entanto, os materiais introdutórios das entrevistas dos

níveis Médio e Baixo não fazem menção à sua extensão. Através de comunicação via *e-mail*, os organizadores informaram que os materiais apresentam aproximadamente o mesmo tamanho, o que nos leva a inferir um número de 1.500.000 palavras (450.000 x 3), considerando as entrevistas dos três níveis de instrução. Segundo escala proposta por Sardinha (2004), um *corpus* de 1 milhão até 10 milhões de palavras é considerado médio-grande;

III. **Organização dos dados:** todas as entrevistas são de fácil acesso, disponíveis na internet e organizadas segundo a estratificação social escolhida pelos organizadores (grau de instrução, gênero e idade). O formato permite a localização rápida e integral do conteúdo de cada entrevista.

Para a composição da amostra dessa pesquisa, consideraremos 54 entrevistas disponíveis no banco de dados, tendo em vista a seguinte estratificação: 2 gêneros X 3 idades X 3 graus de instrução X 3 informantes por célula. Utilizar tal estratificação não implica que queiramos observar os efeitos sociais nos usos das intercaladas, mas acreditamos que a organização de células sociais resolve o problema da *representatividade*, apontado por Guy; Zilles (2007), ajudando a evitar desvios entre falantes. Como apontam os autores,

(...) fica claro que cada pessoa tem múltiplas identidades (por exemplo, uma pessoa poderá ser, concomitantemente, a mãe, a esposa, a dona de casa, a profissional, a amiga, a síndica, a sogra etc. e poderá ir redefinindo cada uma dessas identidades na sua relação com os outros: os filhos crescem e o papel da mãe muda...), ter apenas um informante em cada célula acaba criando uma situação muito delicada para o pesquisador, que deve enfrentá-la com o máximo de cuidado possível (GUY; ZILLES, 2007, p. 127).

Assim, chegamos ao seguinte quadro:

Quadro 9 – Entrevistas consideradas na pesquisa

Escolaridade	Gênero	Idade	Entrevistas			
			Número da entrevista			Número de páginas total
Alta	Masculino	Jovem	1	2	6	24+38+35 = 97
		Adulto	14	17	18	22+29+25 = 76
		Idoso	25	28	30	30+37+24 = 91
	Feminino	Jovem	7	8	12	32+35+21 = 88
		Adulto	19	20	21	26+17+37 = 80
		Idoso	31	33	36	24+37+22 = 83
Média	Masculino	Jovem	37	38	42	22+40+30 = 92
		Adulto	49	50	51	46+26+19 = 91
		Idoso	61	64	66	27+43+26 = 96
	Feminino	Jovem	43	46	48	22+33+23 = 78
		Adulto	55	56	60	24+48+27 = 99
		Idoso	67	71	72	29+29+39 = 97
Baixa	Masculino	Jovem	73	77	78	28+28+33 = 89
		Adulto	85	87	90	35+31+28 = 94
		Idoso	97	99	102	14+42+25 = 81
	Feminino	Jovem	80	83	84	39+39+29 = 107
		Adulto	91	94	96	35+38+25 = 95
		Idoso	103	104	108	31+37+19 = 87

Fonte: elaborado pelo autor.

No *site*, está disponível apenas a transcrição das entrevistas, que leva em consideração fatores fonológicos e pragmáticos, como, por exemplo, alargamento de vogais e consoantes e a prosódia. As unidades de transcrição distinguem o turno de fala, sobreposição e palavras truncadas:

(26)

(...)

99 E: [¿y su familia se mantiene] de la ja-/ de/ lo que usted hace?

100 I: bueno/ mi familia/ te refieres a [mi núcleo/ sí mis hijos]

101 E: [sí/ a sus hijos/ su espo-]

102 I: sí/ sí de hecho/ tanto mi marido que anteriormente se dedicaba al transporte.

(99 E: [e sua família se mantém] da ja-/ do que você faz?)

100 I: bem/ minha família/ te referes a [meu núcleo/ sim meus filhos]

101 E: [sim/ a seus filhos/ seu espo-]

102 I: sim/ sim de fato/ tanto meu marido que anteriormente se dedicava ao transporte). (ENTREVISTA 19 – ME-055-32M-99)

Como se vê no exemplo (26), os turnos de fala são numerados e introduzidos pelas iniciais I (informante), E (entrevistador), além de P (outro participante), em outras entrevistas. Observa-se, também, a presença de colchetes, que indicam sobreposições entre os turnos. Além dessas marcas, o exemplo (26) mostra os vocábulos *ja-* e *espo-*, que foram truncados, apontado, segundo o contexto, para as palavras *jardinería* (jardinagem) e *esposo* (esposo). As marcas prosódicas são transcritas nas entrevistas segundo esta notação: ênfase forte (¡¡cuidado!!)⁸⁷; moderada (¡atención!)⁸⁸; interrogação (¿quieres?)⁸⁹; suspensão voluntária (pues...)⁹⁰; alargamento (no::)⁹¹; pausa breve (menos de 400 ms), que costuma ter valor fônico (/); pausa média (entre 401 e 800 ms), que costuma ter valor sintático (//); pausa longa (entre 801 e 1200 ms), que costuma ter valor discursivo (///); silêncio discursivo (entre 1201 e 2000 ms) (silencio)⁹²; intervalo de tempo (mais de 2001 ms) (lapso)⁹³; ruídos ((risa)⁹⁴, (clic), (ruido)⁹⁵, (siseo)⁹⁶, (carraspeo)⁹⁷, (tos)⁹⁸ etc); palavras adaptadas; siglas pronunciadas como uma única palavra (Unam); siglas pronunciadas letra a letra (C C H <~ce ce hache>)⁹⁹; pronúncia aproximada (pues <~pos>)¹⁰⁰; comentários do analista ((sonido de celular)¹⁰¹, (interrupción de la grabación)¹⁰²); trechos ininteligíveis (<...>); texto inseguro (<voy a estar allá>)¹⁰³; marcas diversas (ajá, mm, ah, eh etc)¹⁰⁴; citações (o sea dices/ “gracias”)¹⁰⁵; nomes próprios¹⁰⁶ etc.

Além dessas marcas, os organizadores do *corpus* atribuíram códigos para fácil identificação das entrevistas: cada um está organizado em quatro seções, separadas por hífen.

⁸⁷ (cuidado!!).

⁸⁸ (atenção!).

⁸⁹ (quieres?).

⁹⁰ (pois...).

⁹¹ (não::).

⁹² (silêncio).

⁹³ (lapso/intervalo de tempo).

⁹⁴ (riso).

⁹⁵ (ruído).

⁹⁶ (silvo).

⁹⁷ (pigarro).

⁹⁸ (tosse).

⁹⁹ (C C H <~ce ce agá>).

¹⁰⁰ (pois).

¹⁰¹ (som de celular).

¹⁰² (interrupção da gravação).

¹⁰³ (<vou estar lá>).

¹⁰⁴ Que equivalem a *aham*, *hum* etc.

¹⁰⁵ (ou seja dizes/ “obrigado”).

¹⁰⁶ Que são identificados apenas pela letra inicial.

Antes de cada codificação, mostra-se o número da entrevista publicada no *site*. Em seguida, figura o código, composto da seguinte maneira: em primeiro lugar, a sigla ME indica “materiais da cidade do México”; em segundo, mostram-se os números de identificação dentro da base de dados; em terceiro, indica-se o nível de instrução (1 = baixo, 2 = médio, 3 = alto), o grupo de idade (1 = grupo jovem, 2 = grupo intermediário, 3 = mais idade) e o gênero (H = homem, M = mulher); em quarto lugar, última seção, os números apontam para os dois últimos dígitos do ano de levantamento da entrevista.

4.2.2.2 *Etapas da pesquisa*

Para tratamento adequado do fenômeno investigado, a presente pesquisa foi dividida em cinco etapas: (i) com a ajuda de apanhado bibliográfico, procedemos à identificação de critérios para a caracterização da intercalação de Temporais no espanhol mexicano oral. A partir desses critérios, (ii) mapeamos os *loci* de ocorrências de Temporais intercaladas e (iii) propusemos um modelo inicial, escalar e prototipicamente orientado, cujo intento foi descrever essas posições. Depois do modelo empiricamente refinado, (iv) seguimos à análise de cada posição de intercalação das Temporais, considerando fatores e contextos morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos (a seguir descritos), valendo-nos, também, da frequência de uso, a fim de “estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características (...)” (GUY; ZILLES, 2007, p. 85).

Por fim, (v) correlacionamos os resultados obtidos aos princípios funcionalistas de iconicidade e marcação (GIVÓN, 1995; 2001), na intenção de validar e dar relevo ao uso de princípios cognitivos aplicados ao estudo da linguagem. Em especial, no que diz respeito à marcação, propomos distribuir as Orações Temporais intercaladas em uma escala de marcação, prototipicamente orientada, que opera com os polos de estruturas mais marcadas às menos marcadas.

Nesse sentido, acreditamos que intercaladas situadas dentro da locução verbal são as estruturas mais marcadas, já que são duplamente marcadas: do ponto de vista intercategorial, por serem intercaladas, são mais marcadas em relação à anteposição/posposição (CAVALCANTE, 2015) e, do ponto de vista intracategorial, são mais marcadas em relação às demais intercaladas (por serem as mais complexas e as menos frequentes).

4.2.2.3 Descrição da coleta e codificação dos dados

Quanto às etapas de manipulação dos dados, o primeiro procedimento metodológico foi a coleta, no *corpus* citado, de Orações Temporais intercaladas nos inqueritos selecionados, segundo dois principais critérios: (i) não iniciar cadeia e (ii) estar entre termos de uma mesma cláusula, mais ou menos agregados entre si.

Após a coleta dos dados, procedemos à codificação das ocorrências, segundo os fatores discriminados a seguir:

a) Variável dependente¹⁰⁷

1. Intercalação não prototípica (inserção de Temporal entre termos não agregados entre si)

(16) 515 I: (...) y no me acuerdo quién era la otra éramos tres/ los que estábamos este arriba// entonces <~tos> **cuando empezó a temblar/ no sentimos///**. (515 I: (...) e não me lembro quem era a outra éramos três/ os que estávamos este em cima// **então quando começou a tremer/ não sentimos///**). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99);

2. Intercalação prototípica (inserção de Temporal entre elementos agregados entre si)

(21) sí/ yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven//sí dije ay no/ pues <~pus> yo **cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así]**. (sim/ eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem// sim disse ai não/ pois eu **quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]**). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00);

(06) yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ **estoy desde que tengo trece años aquí** [trabajando]. (eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aqui <~aquí:>/ **estou desde que tenho treze anos aqui** [trabalhando]). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99).

¹⁰⁷ Utilizamos o termo *variável* com o sentido de “tudo aquilo que pode assumir diferentes valores ou diferentes aspectos, segundo os casos particulares ou as circunstâncias” (GIL, 2002, p. 32). Considerando suas relações, a literatura reconhece os conceitos de *variável dependente* e *variável independente*. O primeiro tipo “consiste naqueles valores (fenômenos, fatores) a serem explicados ou descobertos, em virtude de serem influenciados determinados ou afetados pela variável independente” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 172), que é “aquela que influencia, determina ou afeta uma outra variável; é fator determinante, condição ou causa para certo resultado, efeito ou consequência” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 172).

b) Variáveis independentes

1. *Locus* da intercalada

1.1. Tópico (Δ)¹⁰⁸ Temporal (Δ) Oração Nuclear

(Top (Δ) Temp (Δ) N)

(07) (...) *el cartero/ o la gente que está trabajando esa correspondencia **cuando la lleva el usuario/ dicen** (...).* ((...) *o carteiro/ ou a gente que está trabalhando essa correspondência **quando a leva o usuário/dizem** (...)).* (ENTREVISTA 60 – ME274-22M-06)

1.2. Marcador discursivo (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear

(Marc (Δ) Temp (Δ) N)

(16) 515 I: (...) *y no me acuerdo quién era la otra éramos tres/ los que estábamos este arriba// entonces <~tos> **cuando empezó a temblar/ no sentimos**///.* (515 I: (...) *e não me lembro quem era a outra éramos três/ os que estávamos este em cima// **então quando começou a tremer/ não sentimos**///).* (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

1.3. Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Marcador discursivo

(N (Δ) Temp (Δ) Marc)

(17) 72 E: *y ¿le daba a usted buen tiempo de cuando viajaba quedarse así a pasear un ratito por los lugares?*

73 I: *me lo daba/ [sí]*

74 E: *[¿sí?]*

75 I: *sí/ sí// **generalmente trabajas muy fuerte cuando eres/ camionero/ [¿no?]**.* (72 E: *e ¿você se dava um bom tempo quando viajaba para ficar assim passeando um tempinho pelos lugares?*

73 I: *me dava/ [sim]*

74 E: *[sim?]*

75 I: *sim/ sim// **geralmente se trabalha muito pesado quando se é/ caminhoneiro/ [não?]**.* (ENTREVISTA 50 – ME-054-22H-99)

¹⁰⁸ Usamos o símbolo Δ para indicar presença de material interveniente, assim como o fizeram Campos; Cezario; Alonso (2017). A diferença neste trabalho é que também utilizamos parênteses (Δ), para indicar que a presença de material interveniente pode ocorrer ou não.

1.4. Adjunto adverbial (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear

(AdjAdv (Δ) Temp (Δ) N)

(18) (...) *aquí/ aquí cuando estaba esto* (...) *había tapiz y todo eso* (...). ((...) *aquí/ cuando isso estava aqui* (...) *havia tapete e tudo isso*). (ENTREVISTA 73 – ME-258-11H-05)

1.5. Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada

(ConecCoord (Δ) Temp (Δ) OCoord)

(19) (...) es bien curioso *porque// la primera vez que mi mamá me descubrió de una pinta/ que me fui de pinta/ me había ido yo a Chapultepec* (...). ((...) é bem curioso *porque// a primeira vez que minha mãe descobriu que eu faltei aula/ que faltei aula/ eu havia ido a Chapultepec* (...)). (ENTREVISTA 13 – ME-006-32H-97)

1.6. Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada

(ConecSub (Δ) Temp (Δ) OSub)

(20) (...) yo creo *que cuando traes algo ya adentro este/ debes de/ pues <~pus> de tratar de plasmar/ en tu trabajo/ el gusto que te da hacer esas cosas* (...). ((...) eu creio *que quando trazas algo já dentro de si este/ debes estampar/ no teu trabalho/ o gosto que te dar fazer essas coisas* (...)). (ENTREVISTA 19 – ME-055-32M-99)

1.7. Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo

(Suj (Δ) Temp (Δ) N)

(21) *sí/ yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven//sí dije ay no/ pues <~pus> yo cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así]*. (sim/ eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem// sim disse ai não/ pois *eu quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]*). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

1.8. Verbo (Δ) Temporal (Δ) Adjunto adverbial

(V (Δ) Temp (Δ) AdjAdv)

(22) (...) *vivía/ cuando tenía/ en la Vicente Guerrero* (...) *era cuando tenía siete años/ no acá ya cuando le dieron/* (...). ((...) *vivia/ quando tinha/ na Vicente Guerreiro* (...) *era quando tinha sete anos/ não aqui já quando lhe deram/* (...)). (ENTREVISTA 96 – ME-308-12M-07)

1.9. Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto

(V (Δ) Temp (Δ) OI)

(23) 174 I: no// yo me he dado cuenta// más o menos// que/ que el/ el huitlacoche le sale/ **cuando llueve mucho/ al maíz.** (174 I: não// eu me dei conta// mais ou menos// que/ que o/ o huitlacoche¹⁰⁹ surge/ **quando chove muito/ no milho.**) (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

1.10. Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto

(V (Δ) Temp (Δ) OD)

(24) (...) tenía/ al principio de su trabajo/ **cuando entró/** pues <~pus> máquinas mecánicas (...). ((...) tinha/ no início de seu trabalho/ **quando entrou/** pois máquinas mecânicas (...)). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

1.11. Verbo auxiliar de perífrase (Δ) Temporal (Δ) Verbo principal de perífrase

(V1 (Δ) Temp (Δ) V2)

(06) yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ **estoy desde que tengo trece años aquí** [trabajando]. (eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aqui <~aquí:>/ **estou desde que tenho treze anos aqui** [trabalhando]). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)

2. Posição da temporal intercalada em relação ao verbo/locução verbal

i. Pré-verbal

(04) sí/ yo también **cuando la conocí/** pensé que era más joven//sí dije ay no/ pues <~pus> yo cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así]. (sim/ eu também **quando a conheci/** pensei que era mais jovem// sim disse ai não/ pois eu quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

ii. Intraverbal¹¹⁰

(06) yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ **estoy desde que tengo trece años aquí** [trabajando]. (eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aqui <~aquí:>/ **estou desde que tenho treze anos aqui** [trabalhando]). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)

¹⁰⁹ Espécie de fungo.

¹¹⁰ Intercaladas inseridas em locuções verbais, entre o verbo auxiliar e o principal.

iii. Pós-verbal

(24) (...) *tenía/ al principio de su trabajo/ cuando entró/ pues <~pus> máquinas mecánicas* (...). ((...)) *tinha/ no início de seu trabalho/ quando entrou/ pois máquinas mecânicas* (...). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

3. Extensão da Temporal

i. Curta

(02) (...) *entonces/ en el laboratorio/ cuando está seco// hay un aparato que los pone a compresión.* ((...)) *então/ no laboratório/ quando está seco// há um aparelho que os põe à compressão.* (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

ii. Média

(05) *porque al tomar nosotros el agua/ luego dejábamos sin agua allá abajo.* (porque *ao tomarmos a água/ em seguida deixávamos sem água lá embaixo*). (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97)

iii. Longa

(19) (...) *es bien curioso porque// la primera vez que mi mamá me descubrió de una pinta/ que me fui de pinta/ me había ido yo a Chapultepec* (...). ((...)) *é bem curioso porque// a primeira vez que minha mãe descobriu que eu faltei aula/ que faltei aula/ eu havia ido a Chapultepec* (...). (ENTREVISTA 13 – ME-006-32H-97)

4. Distância da margem esquerda¹¹¹ (presença de material interveniente)¹¹²

i. Curta

(05) *porque al tomar nosotros el agua/ luego dejábamos sin agua allá abajo.* (porque *ao tomarmos a água/ em seguida deixávamos sem água lá embaixo*). (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97)

ii. Média

(27) *yo no puedo trabajar// es <~es:>/ cuando <~cuando:>// por ejemplo/ en las mañanas/ después de/ regresar de- del gimnasio/ pues <~pus> tengo toda la casa para mí solita/ y trabajo [súper bien].* (eu não posso trabalhar// é/ quando// por exemplo/ às manhãs/ depois

¹¹¹ Posição da Oração Temporal em relação à extremidade esquerda do período composto.

¹¹² Nos grupos 4 e 5, consideramos, também, possíveis interrupções do entrevistador e, nos casos de nuclear em lista, todo o grupo formado pelas nucleares coordenadas entre si.

de/ regresar de- da academia/ pois tenho toda a casa para mim sozinha/ e trabalho [super bem]). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

iii. Longa

(28) (...) *pero yo me he dado cuenta que cuando llueve mucho// hay veces que la mata por ejemplo (...). ((...)) mas eu me dei conta de que quando chove muito// há vezes que a mata por exemplo (...)). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)*

5. Distância da margem direita¹¹³ (presença de material interveniente)

i. Curta

(29) (...) *o sea// un bonsái debe sentir pánico/ cuando un principiante se le acerca/ ¿no? ((...)) ou seja// um bonsai deve sentir pânico/ quando um principiante se aproxima/ não?). (ENTREVISTA 14 – ME-056-32H-99)*

ii. Média

(11) (...) *y es que es cierto/ cuando/ cuando ¡haces!/cuando crees/ cuando entras cuando asumes tu compromiso//en la danza// no lo puedes dejar. ((...)) e é que é certo/ quando/ quando fazes!/ quando acreditas/ quando entras quando assumes teu compromisso// na dança// não podes deixá-lo). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)*

iii. Longa

(30) (...) *mi mamá/ cuando él empezó a estudiar medicina/ mi mamá/ él platicaba mucho con ella/. ((...)) minha mamãe/ quando ele começou a estudar medicina/ minha mamãe/ ele falava muito com ela/). (ENTREVISTA 31 – ME220-33M-02)*

6. Distância entre Temporal e o verbo de sua respectiva nuclear (material interveniente)

i. Interno¹¹⁴

(06) *yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ estoy desde que tengo trece años aquí [trabajando]. (eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aqui <~aquí:>/ estou desde que tenho treze anos aqui [trabalhando]). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)*

¹¹³ Posição da Oração Temporal em relação à extremidade direita do período composto.

¹¹⁴ Intercalada dentro da perífrase verbal.

ii. Contíguo (distância zero)

(02) (...) //entonces/ *en el laboratorio/ **cuando está seco***// hay un aparato que los pone a compresión. ((...) então/ *no laboratório/ **quando está seco***// há um aparelho que os põe à compressão). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

iii. Curta

(11) (...) y es que es cierto/ cuando/ cuando ¡haces!/cuando crees/ cuando entras **cuando asumes tu compromiso**//*en la danza*// no lo puedes dejar. ((...) e é que é certo/ quando/ quando fazes!/ quando acreditas/ quando entras **quando assumes teu compromisso**// *na dança*// não podes deixá-lo). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

iv. Média

(31) (...) que sólo se vino a conocer/ ya mucho tiempo después/ **cuando cayó la Unión Soviética** (...). ((...) que somente se conheceu/ já muito tempo depois/ **quando caiu a União Soviética** (...))

v. Longa

(32) (...) hay veces que nosotros/ **cuando estábamos chiquitos**// y este// mi mamá se la pasaba semanas en cama/. ((...) há vezes que nós/ **quando éramos menininhos**// e este// minha mamãe passava semanas na cama/). (ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01)

7. Forma e conector

i. Reduzida (infinitivo, participio, gerúndio)

(33) 99 I: y el camión iba a dar vuelta/ entonces <~entóns> yo saqué la punta del coche// y **al dar la vuelta** la dio muy cerrada él/ (...). (99 I: e o caminhão ia a dar a volta/ então eu tirei a ponta do carro// e **ao dar a volta** ele a deu muito fechada/ (...)). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

ii. Desenvolvida com conector *cuando* (quando)

(22) (...) vivía/ **cuando tenía**/ en la Vicente Guerrero (...) era cuando tenía siete años/ no acá ya cuando le dieron/ (...). ((...) vivia/ **quando tinha**/ na Vicente Guerreiro (...) era quando tinha sete anos/ não aqui já quando lhe deram/ (...)). (ENTREVISTA 96 – ME-308-12M-07)

iii. Desenvolvida com outros conectores temporais

(06) yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ *estoy desde que tengo trece años aquí* [trabajando]. (eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aqui <~aquí:>/ *estou desde que tenho treze anos aqui* [trabalhando]). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)

8. Tempo/modo da Temporal e de sua respectiva nuclear¹¹⁵

i. Igual

(25) entonces tú ves ahí/ *calculas cuando es un edificio// calculas el peso/ que va a soportar ese edificio/ (...)*. (então tu vês aí/ *calculas quando é um edifício// calculas o peso/ que vai suportar esse edifício/ (...)*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

ii. Distinto

(24) (...) *tenía/ al principio de su trabajo/ cuando entró/ pues <~pus> máquinas mecánicas (...)*. ((...) *tinha/ no início de seu trabalho/ quando entrou/ pois máquinas mecânicas (...)*). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

9. Distância referencial/ acessibilidade anafórica do referente sujeito da Temporal¹¹⁶ (GIVÓN, 1995)

i. Alta: localizável na cláusula precedente ou na nuclear em que a Temporal se insere

(04) sí/ *yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven// sí dije ay no/ pues <~pus> yo cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así]*. (sim/ *eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem// sim disse ai não/ pois eu quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]*). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

ii. Média: localizável na segunda cláusula precedente à Temporal

(33) 99 I: y el camión iba a dar vuelta/ entonces <~entóns> yo saqué la punta del coche// y *al dar la vuelta la dio muy cerrada él/ (...)*. (99 I: e o caminhão ia a dar a volta/ então eu tirei a ponta do carro// e *ao dar a volta ele a deu muito fechada/ (...)*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

¹¹⁵ No caso das reduzidas, consideramos tempo/modo contextual (MACAMBIRA, 1971; CAVALCANTE, 2017a).

¹¹⁶ No caso das reduzidas, consideramos sujeito contextual (MACAMBIRA, 1971; CAVALCANTE, 2017a).

iii. Baixa: localizável na terceira cláusula precedente à Temporal

(34) (...) yo yo tuve una experiencia muy triste/ que/ fui en una ocasión/ y// casi sobre la carretera estaba la selva// era una cosa// maravillosa/ increíble// y **la siguiente vez que fui// por la misma carretera/ yo no vi selva por ningún lado//**. ((...) eu eu tive uma experiência muito triste/ que/ fui em uma ocasião/ e// quase sobre a estrada estava a selva// era uma coisa// maravilhosa/ incrível// e **a seguinte vez que fui// pela mesma estrada/ eu não vi selva por nenhum lado//**). (Entrevista 14 – ME-056-32H-99)

iv. Não-tópico: não localizável em nenhuma das três cláusulas precedentes à Temporal

(35) pero no sabía otra cosa/ no sabía ni que se iba a morir ni nada// entonces/ **cuando entraron los papás/ sí fue un// un como que/ desahogo/**. ((...) mas não sabia outra coisa/ não sabia nem que ia morrer nem nada// então/ **quando entraram os pais/ sim foi um// um como que/ desabafo/**). (Entrevista 12 – ME-252-31M-05)

v. Não se aplica¹¹⁷

(28) (...) pero yo me he dado cuenta que **cuando llueve mucho// hay veces que la mata por ejemplo (...)**. ((...) mas eu me dei conta de que **quando chove muito// há vezes que a mata por exemplo (...)**). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99).

10. Grau de persistência tópica/ catafórica do referente sujeito da Temporal (GIVÓN, 1995)

i. Alta: presença nas três orações seguintes à primeira ocorrência da Temporal

(04) sí/ yo también **cuando la conocí/ pensé que era más joven//**sí dije ay no/ pues <~pus> yo cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así]. (sim/ eu também **quando a conheci/ pensei que era mais jovem//** sim disse ai não/ pois eu quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00);

¹¹⁷ Os fatores do tipo *não se aplica* dos grupos *distância referencial*, *grau de persistência tópica*, *estatuto informacional* e *manifestação do sujeito da Temporal* referem-se aos casos de sujeito indeterminado, e os fatores *não se aplica* desses grupos, além de *correferencialidade* e *pessoa do discurso do sujeito da Temporal*, dizem respeito aos casos de Temporal sem sujeito.

ii. Média: presença nas duas orações seguintes à primeira ocorrência ou em duas orações entre as três seguintes à Temporal

(27) yo no puedo trabajar// es <~es:>/ cuando <~cuando:>// *por ejemplo/ en las mañanas/ después de/ regresar de- del gimnasio/ pues <~pus> tengo toda la casa para mí solita/ y trabajo [súper bien].* (eu não posso trabalhar// é/ quando// *por exemplo/ às manhãs/ depois de/ regressar de- da academia/ pois tenho toda a casa para mim sozinha/ e trabalho [super bem]*). (ENTREVISTA 7 (ME-107-31M-00));

iii. Baixa: presença apenas na oração seguinte à primeira ocorrência ou em apenas uma das três orações seguintes à Temporal

(36) 216 I: entonces <~tos> ellos/ bien curioso/ **cuando llegué yo/ se empezaron a cerrar un poquito/** porque pensaban que porque yo era arquitecto/ y ellos técnicos/ o sea sent-/ se sentían más chiquitos/ (...). (216 I: *então eles/ bem curioso/ **quando eu cheguei/ começaram a se fechar um pouquinho/** porque pensavam que porque eu era arquiteto/ e eles técnicos/ ou seja sent-/ se sentiam mais pequeninos/ (...)*). (ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01)

iv. Não-persistência: ausência nas três orações seguintes à primeira ocorrência da Temporal

(37) (...) yo recuerdo que/ **la primera vez que fuimos// de repente en un restorán// en el restorán de un hotel/** pues había// pues no sé/ habría/ unas seis ocho personas ahí comiendo/ ¿verdad?/ turistas. ((...) eu recordo que/ **a primera vez que fomos// de repente em um restaurante// no restaurante de um hotel/** pois havia// pois não sei/ haveria/ umas seis oito pessoas aí comendo/ verdade?/ turistas). (Entrevista 28 – ME-245-33H-05)

v. Não se aplica

(28) (...) pero yo me he dado cuenta que **cuando llueve mucho//** hay veces que la mata por ejemplo (...). ((...) mas eu me dei conta de que **quando chove muito//** há vezes que a mata por exemplo (...)). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

11. Estatuto informacional do sujeito da Temporal (PRINCE, 1992)

i. Novíssimo/não-usado: dado ou novo na perspectiva do ouvinte, mas novo no texto

(38) 1156I: [es que es]/ impresionante/ y luego ves al Cid/ en una avenida/ él/ él está en Burgos// y entonces lo ves así este/ **cuando da el sol/ en la tarde/ y lo ves a contraluz/ (...)**. (1156I: [é que é]/ impresionante/ e logo vês ao Cid/ em uma avenida/ ele/ ele está em Burgos// e então o vês assim este/ **quando o sol bate/ à tarde/ e o vês na contraluz/ (...)**). (ENTREVISTA 33 – ME-227-33M-03)

ii. Evocado: dado na perspectiva do ouvinte e no texto

(39) 78 I: pero ese año/ este **cuando salí de la secundaria/ me casé///**. (78 I: mas esse ano/ este **quando saí do Ensino Médio/ me casei///**). (ENTREVISTA 33 – ME-227-33M-03)

iii. Inferível: inferido com base na existência de outras entidades

(40) (...) había gente que iba a vigilar que los menores de edad no estuvieran [trabajando]. (...) sí en ese tiempo estaba sí estaba muy prohibido/ que un <~un:> menor de edad trabajara/ y bueno/ *mis patrones en ocasiones cuando llegaban estas personas me decían (...)*. ((...) havia pessoas que iam vigiar para que os menores de idade não estivessem [trabalhando]. (...) sim nesse tempo era sim era extremamente proibido/ que um <~un:> menor de idade trabalhasse/ e bem/ *meus patrões nas ocasiões quando chegavam estas pessoas me diziam (...)*). (ENTREVISTA 72 – ME-283-23M-06);

iv. Não se aplica

(23) 174 I: no// yo me he dado cuenta// más o menos// que/ que el/ el huitlacoche le sale/ **cuando llueve mucho/ al maíz**. (174 I: não// eu me dei conta// mais ou menos// que/ que o/ o huitlacoche¹¹⁸ surge/ **quando chove muito/ no milho**). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

¹¹⁸ Espécie de fungo.

12. Correferencialidade dos sujeitos da temporal e da nuclear

i. Sujeitos correferenciais

(41) 372 I: (...) y *mientras estaba yo/ haciendo mi talacha/ ponía un disco/ otro disco/ tres discos/*. (372 I: (...) e *enquanto eu estava/ fazendo meu trabalho pesado/ punha um disco/ outro disco/ três discos/*). (ENTREVISTA 17 – ME-254-32H-05)

ii. Sujeitos não-correferenciais

(42) 777 I: y *después de eso ya este// de que esquiamos/ nos llevó así como a un <~un::~>// pues a donde había unas rocas/* (...). (777 I: e *depois disso já este// de que esquiamos/ nos levou assim como a um// pois aonde havia umas rochas/* (...)). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

iii. Não se aplica

(43) 9 I: (...) pues <~pus> ella recibió/ el alimento/ cuando había/ y *cuando no había/ ja través del canto!/ ella <~ella:> permitía que sus hijos olvidaran esa necesidad física/ ¿no?/*. (9 I: (...) pois ela recebeu/ o alimento/ quando havia/ e *quando não havia/ através do canto!/ ela permitia que seus filhos esquecessem essa necessidade física/ não?/*). (ENTREVISTA 36 – ME-264-33M-05)

13. Manifestação do sujeito da Temporal

i. Pronominal

(30) (...) *mi mamá/ cuando él empezó a estudiar medicina/ mi mamá/ él platicaba mucho con ella/*. ((...) *minha mamãe/ quando ele começou a estudar medicina/ minha mamãe/ ele falava muito com ela/*). (ENTREVISTA 31 – ME220-33M-02)

ii. Lexical

(44) 98 I: (...) *porque// pues desde que nació T// este/ pues <~pus> ha estado tranquilo/*. (98 I: (...) *porque// pois desde que T nasceu// este/ pois está tranquilo/*). (ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01)

iii. Elíptico

(45) 359 I: (...) yo *desde <~desde:>/ desde que me acuerdo he jugado futbol/*. (359 I: (...) eu *desde/ desde que me lembro jogo futebol/*). (ENTREVISTA 37 – ME-049-21H-99);

iv. Não se aplica

(23) 174 I: *no// yo me he dado cuenta// más o menos// que/ que el/ el huitlacoche le sale/ cuando llueve mucho/ al maíz.* (174 I: *não// eu me dei conta// mais ou menos// que/ que o/ o huitlacoche surge/ quando chove muito/ no milho*). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

14. Pessoa do discurso do sujeito da Temporal

i. 1ª pessoa

(46) 247 I: *sí/ ah/ la última vez que hablé con el L/ me estaba diciendo que querían que fuera// edificio inteligente.* (247 I: *sim/ ah/ a última vez que falei com o L/ estava me dizendo que queriam que fosse// edifício inteligente*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

ii. 2ª pessoa

(11) (...) *y es que es cierto/ cuando/ cuando ¡haces!/cuando crees/ cuando entras cuando asumes tu compromiso//en la danza// no lo puedes dejar.* ((...) *e é que é certo/ quando/ quando fazes!/ quando acreditas/ quando entras quando assumes teu compromisso// na dança// não podes deixá-lo*). (ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05);

iii. 3ª pessoa

(47) 22 I: *por comer tacos al pastor porque/ los tacos al pastor están sancochados/ la carne casi está cruda// entonces el/ el bicho pues lo mantienen así como calentito/ ¿no?/ calentito/ y cuando entra/ en cuanto entra al organismo/ (silbido) empieza/ a reproducirse a/ y a migrar/ ¿no?/.* (22 I: *por comer tacos al pastor porque/ os tacos al pastor são ferventados/ a carne quase é crua// então o/ o bicho pois o mantêm assim como quentinho/ não?/ quentinho/ e quando entra/ quando entra no organismo/ (assobio) começa/ a se reproduzir a/ e a migrar/ não?/*). (ENTREVISTA 18 – ME-257-32H-05)

iv. Não se aplica

(43) 9 I: (...) *pues <~pus> ella recibió/ el alimento/ cuando había/ y cuando no había/ ¡a través del canto!/ ella <~ella:> permitía que sus hijos olvidaran esa necesidad física/ ¿no?/.* (9 I: (...) *pois ela recebeu/ o alimento/ quando havia/ e quando não havia/ através do canto!/ ela permitia que seus filhos esquecessem essa necessidade física/ não?/*). (ENTREVISTA 36 – ME-264-33M-05)

15. Relação cronológico-temporal

i. Anterioridade

(02) (...) entonces/ *en el laboratorio/ cuando está seco// hay un aparato que los pone a compresión.* ((...) então/ *no laboratório/ quando está seco// há um aparelho que os põe à compressão*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99);

ii. Simultaneidade

(04) sí/ *yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven//sí dije ay no/ pues <~pus> yo cuando la conocí/ pensé que tendría unos/ veintisiete [o algo así].* (sim/ *eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem// sim disse ai não/ pois eu quando a conheci/ pensei que tinha uns/ vinte e sete [ou algo assim]*). (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00);

iii. Posterioridade

(19) (...) es bien curioso porque// *la primera vez que mi mamá me descubrió de una pinta/ que me fui de pinta/ me había ido yo a Chapultepec (...).* ((...) é bem curioso porque// *a primeira vez que minha mãe descobriu que eu faltei aula/ que faltei aula/ eu havia ido a Chapultepec (...)*). (ENTREVISTA 13 – ME-006-32H-97).

16. Relações lógico-semânticas

i. Tempo prototípico

(14) (...) y ya me puse a trabajar/ pero *cuando iba yo a ver a mi hijo <~mijo>/ todo estaba sucio/ maltratado (...).* ((...) e fui trabalhar/ mas *quando eu ia ver meu filho <~mijo>/ estava todo sujo/ maltratado (...)*). (ENTREVISTA 108 – ME-313-13M-07);

ii. Tempo e condição

(25) entonces tú ves ahí/ *calculas cuando es un edificio// calculas el peso/ que va a soportar ese edificio/ (...).* (então tu vêes aí/ *calculas quando é um edifício// calculas o peso/ que vai suportar esse edifício/ (...)*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99);

iii. Tempo e concessão

(48) (...) yo *cuando me fui no batallé nada*¹¹⁹. ((...) eu *quando fui não batalhei nada*). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99);

¹¹⁹ Heinämäki (1974) e García Fernández (2000) destacam o caráter de pressuposição da proposição expressa na Temporal (com duas exceções: (i) orações com *antes* em contexto contrafactual e (ii) com *hasta* indicando

iv. Tempo e motivo

(05) porque *al tomar nosotros el agua/ luego dejábamos sin agua allá abajo*. (porque *ao tomarmos a água/ em seguida deixávamos sem água lá embaixo*). (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97);

v. Tempo e proporção

(49) (...) con diferentes formas con/ pues/ ahora <~ora> sí que *viendo se aprende* (...). ((...)) com diferentes formas com/ pois/ agora sim que *viendo se aprende* (...). (ENTREVISTA 19 – ME-055-32M-99).

4.2.2.3.1 Dados descartados

Durante a coleta, alguns usos inevitavelmente são descartados, para evitar problemas de análise e delimitar o fenômeno da intercalação. Nesse sentido, descartamos os seguintes *types*:

- Orações Temporais em início absoluto de período

(50) 262 I: *cuando estás haciendo música/ es así//*. (262 I: *quando estás fazendo música/ é assim//*). (ENTREVISTA 2 – ME-105-31H-00);

- Orações Temporais em fim absoluto de período

(51) (...) y ya fue *cuando chocamos/*. ((...)) e já foi *quando chocamos/*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99);

consequência). Nesse dado, o entrevistado foi interrogado sobre sua experiência nos Estados Unidos e se tinha sido fácil encontrar trabalho. Ao responder “yo *cuando me fui no batallé nada*” (eu *quando fui não batalhei nada*), elencamos duas pressuposições: (i) o falante foi aos Estados Unidos e (ii) o falante deve ter buscado trabalho (pressuposição inferida na pergunta do entrevistador). Por isso, uma das análises plausíveis desse enunciado, observando fatores como o contexto, a relação entrevistador/entrevistado e a temática discutida (FORD, 1987), sugere a seguinte leitura concessiva desse período: “embora tenha ido (e, estando lá, precisava trabalhar para sobreviver), não trabalhei”.

- Oração Temporal como parte do sujeito de outra oração

(52) (...) *el mismo// el mismo dolor que va a sentir **cuando entra la aguja*** es como si entrara/ [la] (...). (*a mesma// a mesma dor que vai sentir **quando entra a agulha*** é como se entrasse/ [a] (...)). (ENTREVISTA 2 – ME-105-31H-00);

- Oração Temporal com função de sujeito

(53) (...) *y **cuando nos pidan cuentas de qué hemos hecho con la naturaleza// es cuando no vamos a sen-/ vamos a sentir miedo*** (...). ((...) e ***quando nos peçam contas do que fizemos com a natureza// é quando não vamos a sen- /vamos a sentir medo*** (...)) (ENTREVISTA 14 – ME-056-32H-99);

- Oração Temporal com função de predicativo

(54) (...) *y **cuando nos pidan cuentas de qué hemos hecho con la naturaleza// es cuando no vamos a sen-/ vamos a sentir miedo*** (...). ((...) e ***quando nos peçam contas do que fizemos com a natureza// é quando não vamos a sen- /vamos a sentir medo*** (...)) (ENTREVISTA 14 – ME-056-32H-99);

- Oração nuclear não recuperável pelo cotexto imediato ou de identificação duvidosa

(55) (...) *o sea/ como// como los doctores **cuando te// te meten unos clavos/ [o o placas]***. ((...) ou seja/ como// como os doutores ***quando te// te metem uns pregos/ [ou ou placas]***). (ENTREVISTA 2 – ME-105-31H-00).

4.2.2.4 Tratamento estatístico dos dados linguísticos

Esta investigação é de natureza quantitativo-qualitativa (DANTAS; CAVALCANTE, 2006; RICHARDSON *et al.*, 2012). O uso de métodos quantitativos “se mostra [apropriado] quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras numéricas, ou busca padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos” (DANTAS; CAVALCANTE, 2006, p. 2). Buscamos verificar, por meio

de frequências, as tendências de uso das intercaladas; já a análise qualitativa objetiva isolar casos, determinar padrões, selecionar, classificar e fazer generalizações (DANTAS; CAVALCANTE, 2006, p. 3). Esse tipo de análise é útil para o desenvolvimento de generalizações e conceitos por meio da observação de traços em comum localizados nos dados.

Nas análises quantitativas, lançamos mão do critério da frequência, pois, segundo Fox (2007) e Bybee (2007), a gramática é modelada por diversos princípios, entre os quais, a frequência. Os percentuais apontam para tendências de uso (GUY; ZILLES, 2007), que revelam os contextos de ocorrências, das prototípicas às não prototípicas. Por fim, mapeados os contextos e analisados os graus de prototipicidade, tornou-se possível propor uma configuração escalar para o fenômeno da intercalação.

4.3 Questões e hipóteses

4.3.1 Questão geral e hipótese básica

1) Qual a natureza do fenômeno da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Adverbiais Temporais?

Hipótese: considerando os diversos *loci* em que pode figurar ao longo da cláusula, a intercalação pode ser tratada como um fenômeno escalar, graduado, não discreto, cuja expressão se dá por meio de estruturas distintas, prototipicamente hierarquizadas, que refletem, cada uma, um pareamento forma-função. Esse modo de ver os fenômenos linguísticos é consoante aos pressupostos da LFCU (GIVÓN, 1986, 1995, 2001a; LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995; BYBEE, 2010, entre outros).

4.3.2 Questões específicas e hipóteses secundárias

1) Que critérios podem ser utilizados para caracterizar a intercalação das temporais?

Hipótese: os critérios para a caracterização das intercaladas podem ser baseados em: a) sua posição em relação ao verbo/locução verbal; b) sua posição em relação a itens sentenciais (sujeito, objetos, adjuntos, tópicos, etc.); c) os tipos oracionais em que figura e d) suas funções discursivas (topicalização, ponto de incidência, função anafórica, ponto de inserção de sujeito novo etc.). Tais critérios advêm do levantamento feito entre os autores que citam a

intercalação ou o tangenciam (BOLINGER, 1954-1955; QUIRK; GREENBAUM, 1973; GARCÍA DE PAREDES, 1993; GILI GAYA, 2000; GIVÓN, 2001b; DECAT, 2001; SOUZA, 2001; OLIVARES PARDO, 2002; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010; GARCÍA VELASCO, 2011; CONTI JIMÉNEZ, 2012; NEVES, 2013 e JIMÉNEZ NORBERTO, 2014).

2) Que posições configuram a intercalação das temporais?

Hipótese: com base em Mann; Thompson (1988), Dik (1997) e Halliday (2004), analisamos as Temporais como elementos de ordem relativamente livre, com função de satélite, que traz informação subsidiária ao núcleo. Por isso, “as OTs intercaladas podem posicionar-se após o sintagma adverbial (SAdv) temporal (...) ou após um sintagma nominal (SN) sujeito (...)” (SOUZA, 2001, p. 75). Também podem se posicionar antes, no meio ou depois do verbo, entre verbo e objetos, entre objetos, entre adjuntos, entre marcadores discursivos e/ou conectores, entre marcadores discursivos e a oração nuclear que escopa, e entre conector e oração coordenada/subordinada (CONTI JIMÉNEZ, 2012; JIMÉNEZ NORBERTO, 2014).

3) Considerando a intercalação como um fenômeno escalar, como se configuraria um modelo gradiente para a descrição e análise da intercalação das Cláusulas Temporais?

Hipótese: Amparando-nos na visão que concebe a gradualidade dos elementos linguísticos (GIVÓN, 1986, 1995, 2001a; LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995; BYBEE, 2010, entre outros) e os efeitos prototípicos que decorrem de tal característica (ROSCH; MERVIS, 1975; ROSCH, 1973a, 1973b, 1977, 1978), uma configuração escalar situaria as intercaladas em um *continuum*, que se desenvolve a partir de padrões prototípicos (mais internos à cláusula nuclear) a outros não prototípicos (menos internos à cláusula nuclear).

4) Em análise que considere traços sintático-semântico-discursivos, quais os contextos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Adverbiais Temporais no Espanhol mexicano oral?

Hipótese: o *continuum* que dispõe as intercaladas opera com polos de intercaladas prototípicas a não prototípicas. Por questões de marcação e iconicidade (GIVÓN, 1995; 2001a), acreditamos que as não prototípicas, por não se inserirem entre termos não agregados, seriam as intercaladas menos complexas estruturalmente e cognitivamente, sendo, por isso, mais frequentes. Um critério que acreditamos ser extremamente caracterizador é o grau de

interrupção, em cuja análise observamos se a intercalada se insere entre termos mais ou menos agregados.

Por meio de levantamento bibliográfico (BOLINGER, 1954-1955; QUIRK; GREENBAUM, 1973; GARCÍA DE PAREDES, 1993; GILI GAYA, 2000; GIVÓN, 2001b; DECAT, 2001; SOUZA, 2001; OLIVARES PARDO, 2002; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010; GARCÍA VELASCO, 2011; CONTI JIMÉNEZ, 2012; NEVES, 2013 e JIMÉNEZ NORBERTO, 2014), depreendemos algumas variáveis que podem descrever o comportamento das Temporais intercaladas: *distância da margem esquerda e direita; posição e distância da temporal em relação ao verbo/locução verbal; extensão, forma e conector; tempo/modo da intercalada e de sua respectiva nuclear; distância referencial, grau de persistência tópica, estatuto informacional, correferencialidade, manifestação e pessoa do discurso do seu sujeito; relação cronológico-temporal; e relações lógico-semânticas*. Dos fatores analisados, acreditamos que alguns manterão comportamento semelhante entre prototípicas¹²⁰ e não prototípicas. Dada a função de guia (LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; DIESSEL, 2001; DECAT, 2001) que marca fortemente as Temporais (CAVALCANTE, 2015), hipotetizamos que ambos os tipos se localizam próximos à margem esquerda e antes do verbo, ainda que as prototípicas tenderiam a se manter mais próximas ao verbo, já que são mais internas à oração nuclear. No que diz respeito à extensão, acreditamos que esse fator interfira diretamente no comportamento das prototípicas, que seriam mais curtas, já que ferem a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), inserindo-se entre termos agregados, ainda que em graus distintos. Quanto à forma e conector, ambas seriam desenvolvidas com o conector *cuando* (quando), mais utilizado entre as Temporais (MATE BON, 1992, v. I; SECO, 1996; GILI GAYA, 2000; GALÁN RODRÍGUEZ, 2005; PORTILLA, 2009; JIMÉNEZ NORBERTO, 2014, entre outros), embora acreditamos que possa haver alguma diferença no caso das prototípicas, que, devido à sua complexidade interna, rechaçariam conectores também complexos e seriam mais propensas à conexão com *cuando*, refletindo o princípio de expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012). No que diz respeito ao compartilhamento de tempo/modo, as prototípicas teriam maior compartilhamento do que as não prototípicas, uma vez que as primeiras estão mais incrustadas à oração nuclear. Em relação ao sujeito da Temporal, acreditamos que a maioria seja sujeito de primeira pessoa, tanto para as prototípicas quanto para as não prototípicas, dadas as características do gênero *entrevista sociolinguística* (LABOV; WALETZKY, 1967; FREITAG, 2014) e da noção

¹²⁰ Ressaltamos, no entanto, que o protótipo é um modelo idealizado e não necessariamente corresponde, em todos os traços, a certo dado. Isso reforça ainda mais o caráter não discreto dessa categoria.

funcionalista de perspectivização e ponto de vista (DELANCEY, 1981). Os tipos se diferenciariam quanto aos demais grupos: sujeito de alta acessibilidade anafórica e persistência catafórica, evocado, pronominal/elíptico e correferencial para as intercaladas prototípicas, pelo fato de que esse grupo traz informações sobre elementos da nuclear. Já as não prototípicas, que difeririam no fato de apresentarem menor acessibilidade anafórica que as prototípicas, já que estão mais vinculadas às cláusulas anteriores, funcionando como ponte de transição, operando retomada (GIVÓN, 1992; DECAT, 2001). No que tange à relação cronológico-temporal, as prototípicas, internas à nuclear, parecem apontar mais para simultaneidade, e as não prototípicas, às margens da nuclear, refletiriam anterioridade ou posterioridade, conforme se situassem antes ou depois da nuclear, validando a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). No que diz respeito às relações lógico-semânticas, hipotetizamos que as Temporais intercaladas não prototípicas exibiriam um variado repertório de relações além de tempo em detrimento das intercaladas prototípicas, que representam uma opção mais complexa de posicionamento de orações. Seria uma maneira de reduzir os esforços de codificação (DUBOS; VOTRE, 2012).

5) De que maneira os princípios funcionalistas de iconicidade e marcação estão correlacionados com a intercalação de orações temporais?

Hipótese: Quanto à marcação, a intercalação prototípica seria um padrão duplamente marcado, por ser mais complexo cognitivamente, estruturalmente e de baixa frequência tanto em relação à anteposição/posposição como entre os demais tipos de intercaladas¹²¹. Levando em consideração as demais posições da Temporal, as intercaladas seriam as mais marcadas. No entanto, observando apenas o grupo das intercaladas, as prototípicas seriam as mais marcadas, tendo em vista que separam verbo e seus argumentos (complexidade estrutural), e por isso, seriam as menos frequentes (baixa frequência). Já as não prototípicas seriam as menos marcadas levando-se em consideração essa divisão interna das intercaladas, porque, por se confundirem com antepostas ou pospostas e por se inserirem entre termos não agregados, poderiam não refletir tão alta complexidade estrutural como as prototípicas. Desse modo, esperamos que sua frequência seja mais alta que a das prototípicas. Quanto ao traço de complexidade cognitiva, acreditamos que, pela função de guia (LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; DIESSEL, 2001; DECAT, 2001) que as Temporais

¹²¹ Nesse caso, o fato de determinada cláusula temporal intercalada ser prototípica não implica que será a mais frequente. Exatamente por refletir mecanismos complexos estruturalmente, é possível que as intercaladas prototípicas sejam evitadas pelos falantes, a não ser que assumam função especial, cujo uso servirá para inserir comentários adicionais sobre o tópico em andamento.

comumente codificam (CAVALCANTE, 2015), a intercalação (prototípica e não prototípica) serviria para trazer informações necessárias para o entendimento da sentença nuclear, em um esforço de redução de complexidade cognitiva. Em ambos os grupos de intercaladas, haveria padrões intermediários internos, o que pode sugerir um *continuum* de marcação.

Quanto à iconicidade, as intercaladas prototípicas seriam preteridas, considerando os subprincípios de iconicidade *proximidade e relevância* e *proximidade e escopo* (GIVÓN, 1995, 2001a), já que a inserção de termos entre constituintes agregados tornaria a interpretação da sentença mais complexa. Por outro lado, as não prototípicas, por atenderem à iconicidade, não carregariam a sentença de complexidade.

5 AS CLÁUSULAS TEMPORAIS INTERCALADAS PROTOTÍPICAS E NÃO PROTOTÍPICAS – FORMA E FUNÇÃO

A análise dos 514 dados revelou importantes achados quanto ao uso das Temporais intercaladas, cujas ocorrências serão discutidas a partir deste capítulo. Inicialmente, explicitaremos os resultados gerais, dividindo as intercaladas em prototípicas e não prototípicas, com discussão organizada pelos grupos de fatores, dividindo-os por seções temáticas¹²². Dentro de cada seção, procuramos suscitar a discussão forma-função, de modo que os parâmetros relacionados às funções textual-discursivas estão presentes ao longo de toda a análise¹²³. Tais resultados possibilitarão o delineamento de traços gerais do uso das orações intercaladas, flagrados a partir da apresentação dos mecanismos formais de estruturação sintática. Nos dois capítulos seguintes, trataremos, respectivamente, dos subtipos de intercaladas prototípicas e dos subtipos de intercaladas não prototípicas.

Dentro da visão adotada neste trabalho, prototipicamente orientada (ROSCH, 1973a, 1973b, 1977, 1978; GIVÓN, 1986; LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995, entre outros), entendemos que os elementos de uma mesma categoria linguística apresentam, entre si, várias características típicas (ROSCH; MERVIS, 1975), mas não ‘suficientes e necessárias’ (GIVÓN, 1986). Segundo Givón (1986), esses traços tendem a coincidir estatisticamente, mas não absolutamente. Por isso, segundo Rosch (1978), os membros prototípicos são rapidamente identificados e processados. No caso das intercaladas, sua descrição frequentemente converge para uma inserção dentro da cláusula nuclear (GARCÍA DE PAREDES, 1993; SOUZA, 2001; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010; CONTI JIMÉNEZ, 2012; JIMÉNEZ NORBERTO, 2014, entre outros). Tal traço parece ser comum às intercaladas prototípicas, além de um aumento de marcação (maior complexidade) (GIVÓN, 1995, 2001a), por ferir a iconicidade (rompe termos agregados) (GIVÓN, 1995, 2001a), como veremos adiante. É certo, que, como sugere Taylor (1995), o protótipo é uma representação abstrata, e não se confunde com sua instanciação, o dado empírico.

¹²² A saber: (i) **traços relacionados à posição e extensão da oração**: extensão da Temporal, distância da margem esquerda, distância da margem direita, posição em relação ao verbo e distância entre temporal e verbo; (ii) **traços relacionados à apresentação formal do conector e do verbo**: forma/conector e tempo/modo da Temporal e da principal; (iii) **traços relacionados ao sujeito da Temporal**: distância referencial, acessibilidade anafórica, grau de persistência tópica, estatuto informacional, correferencialidade, manifestação e pessoa do discurso; e (iv) **traços relacionados às relações cronológicas e semânticas**: relação cronológico-temporal e relações lógico-semânticas.

¹²³ Achemos por bem adotar o viés qualitativo na abordagem das funções textual-discursivas para priorizar a relação forma-função em toda a análise e por entender que esse grupo é extremamente complexo para ser operacionalizado discretamente como mais um grupo de fator.

A primeira tabela que apresentamos diz respeito aos percentuais gerais de intercaladas prototípicas e não prototípicas. Já a segunda enfoca a distribuição dessas orações conforme seus subtipos:

Tabela 1 – Distribuição das cláusulas Temporais intercaladas prototípicas e não prototípicas

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>
Prototípicas	65/514/12.7
Não prototípicas	449/514/87.3

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 2 – Distribuição das orações intercaladas prototípicas e não prototípicas no *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México (CSCM)*

<i>Locus e tipo de intercalada</i>	<i>Aplicação</i>	<i>Total</i>	<i>Frequência type</i> ¹²⁴	<i>Ranking</i>	<i>Frequência token</i> ¹²⁵	<i>Ranking</i>
Não prototípicas						
Marcador discursivo (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear	129	449/514	28.7	2°	25.1	2°
Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Marcador discursivo	10	449/514	2.2	6°	1.9	7°
Tópico (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear	31	449/514	6.9	5°	6	6°
Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Antitema	1	449/514	0.2	7°	0.2	10°
Adjunto adverbial (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear	39	449/514	8.7	4°	7.6	5°
Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada	173	449/514	38.6	1°	33.7	1°
Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada	66	449/514	14.7	3°	12.8	3°
Total de não prototípicas	449	449/514	100		87.3	
Prototípicas						
Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo	51	65/514	78.5	1°	9.9	4°
Verbo (Δ) Temporal (Δ) Adjunto adverbial	4	65/514	6.2	3°	0.8	9°
Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Complemento nominal	1	65/514	1.5	4°	0.2	10°
Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto	1	65/514	1.5	4°	0.2	10°
Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto	7	65/514	10.8	2°	1.4	8°
Verbo auxiliar de perífrase (Δ) Temporal (Δ) Verbo principal de perífrase	1	65/514	1.5	4°	0.2	10°
Total de prototípicas	65	65/514	100	-	12.7	-
Total geral	514	514	100	-	100	-

Fonte: elaborada pelo autor.

Tomamos como hipótese o fato de que as intercaladas prototípicas seriam rechaçadas no uso; e as não prototípicas, preferidas, já que constituem o padrão menos

¹²⁴ Frequência no subgrupo de intercalada.

¹²⁵ Frequência em relação ao total geral de dados

complexo estruturalmente e cognitivamente, em relação às prototípicas, porém não em relação às antepostas/pospostas prototípicas (cláusulas em início ou fim absoluto de período). Os valores, que confirmam as hipóteses previstas, apontam para uma preferência pelo uso das orações intercaladas não prototípicas (449/87.3%), que se inserem entre termos não agregados entre si e, por isso, facilmente são confundidas com antepostas ou pospostas. Dessas, as mais frequentes, como mostra a tabela 2, são as inseridas dentro de uma oração coordenada, as intercaladas a uma oração coordenada (valores em relação ao grupo das não prototípicas: 173/38.6%, valores em relação a todas as intercaladas: 173/33.7%) e intercaladas entre marcador discursivo e oração nuclear (valores em relação ao grupo das não prototípicas: 129/28.7%, valores em relação a todas as intercaladas: 129/25.1%). Já a intercalação prototípica é codificada, de forma abundante, através do padrão *Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo* (valores em relação ao grupo das prototípicas: 51/78.5%). Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que as orações prototipicamente intercaladas representam uma quebra dos princípios de iconicidade e marcação (GIVÓN, 1995, 2001a). Com isso, confirmamos a assunção de que o protótipo não necessariamente se confunde com o item mais frequente. No grupo das prototípicas, acreditamos que as que mais se aproximam do protótipo são as menos frequentes, porque o protótipo de intercalação é uma estrutura altamente complexa estruturalmente e cognitivamente, inserida entre termos extremamente agregados e, por isso, pouco frequente. Em nossa interpretação dos resultados da tabela 2, argumentamos que a Temporal inserida entre sujeito e verbo, ainda que prototípica, é a mais distante do protótipo dentro do seu grupo, no que diz respeito apenas à frequência. Afirmamos isso porque esse padrão se trata de uma inserção entre elementos de menor aderência em relação às demais prototípicas, tornando-se, assim, a opção menos complexa estruturalmente e cognitivamente desse grupo, o que, conseqüentemente, leva à alta frequência¹²⁶.

Conforme verificou Cavalcante (2015), a intercalação se configura como a posição mais marcada, em termos de complexidade cognitiva, estrutural e de frequência, o que novamente é atestado neste estudo. Entretanto, acreditamos que, do ponto de vista da complexidade cognitiva, as intercaladas deveriam ser consideradas como não marcadas, já que essa estratégia permite que informações relevantes sejam introduzidas no início do período composto, para guiar o interlocutor. Como Cavalcante (2015) percebeu, a função guia motiva fortemente as intercaladas (42/22.1%/peso 0.609).

¹²⁶ Detalharemos a discussão no capítulo 7 **As intercaladas prototípicas**, quando apresentaremos cada um dos *loci* das Temporais intercaladas localizadas no *corpus*.

Em outras palavras, a intercalação seria um recurso de alta complexidade estrutural para reduzir a complexidade cognitiva da interpretação dos itens da sentença. No caso das intercaladas não prototípicas, embora abriguem formas de arranjo estrutural complexo, não o seria no mesmo nível das prototípicas, que se inserem entre os argumentos verbais. Esse último caso, no entanto, apesar de revelar o mais alto grau de complexidade estrutural, ferindo, em termos icônicos, as regras de espaçamento (GIVÓN, 1995, 2001a), insere-se dentro da cláusula-núcleo, adicionando informações sobre seus elementos, auxiliando na construção dos referentes.

Nessa discussão, argumentamos que o uso de intercalação não é um fenômeno que deva ser evitado, como sugerem algumas análises. Pelo contrário, esse arranjo formal muito contribui para a preparação do cenário no qual os eventos nucleares serão descritos. O enunciador intercala não para carregar sua sentença de complexidade, mas, pelo contrário, para reduzir a complexidade da interpretação, adicionando o máximo de informações que puder, para que a comunicação linguística tenha maior eficácia e alcance seus propósitos.

5.1 A posição e a extensão das Cláusulas Temporais intercaladas

Nesta seção, discutiremos os grupos de fatores que dizem respeito à ordem (posição e distância da temporal em relação ao verbo, distância da margem esquerda e distância da margem direita) e ao tamanho (extensão da Temporal) das intercaladas prototípicas e não prototípicas. Vejamos:

Tabela 3 – Tipo de intercalada e posição

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>			
	<i>Pré-verbal</i>	<i>Pós-verbal</i>	<i>Intraverbal</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	54/65/83.1	10/65/15.4	1/65/1.5	65/514/12.7
Não prototípica	437/449/97.3	12/454/2.7	0/454/0	449/514/87.3
Totais	491/514/95.5	22/514/4.3	1/514/0.2	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 4 – Tipo de intercalada e distância entre Temporal e verbo de sua nuclear

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>					
	<i>Interno</i>	<i>Contíguo</i>	<i>Curta</i>	<i>Média</i>	<i>Longa</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	1/65/1.5	27/65/41.5	30/65/46.2	2/65/3.1	5/65/7.7	65/514/12.7
Não prototípica	0/449/0	75/449/16.7	298/449/66.4	33/449/7.3	43/449/9.6	449/514/87.3
Totais	1/514/0.2	102/514/19.9	328/514/63.8	35/514/6.8	48/514/9.3	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Observando a tabela 3, percebemos que há uma tendência forte de ambas as orações, prototípicas e não prototípicas, serem posicionadas antes do verbo (54/83.1% e 437/97.3%, respectivamente), principalmente o último tipo, que pode adotar traço típico das antepostas, posição não marcada para as Temporais, como atestou Cavalcante (2015). Já a tabela 4, que trata da proximidade com o verbo, mostra que ambos os tipos de intercaladas apresentam-se próximos ao verbo (contíguo ou distância curta). Entretanto, ajustando a lupa, vemos que as prototípicas se situam ora contíguas ao verbo (27/41.5%), ora à curta distância (30/46.2%), enquanto as não prototípicas apresentam curta proximidade em relação ao verbo (298/66.4%), mas não necessariamente contiguidade (75/16.7%). Acreditamos que essa diferença se dá pelo fato de que, como as prototípicas se situam dentro da cláusula nuclear, sua proximidade com o verbo é imediata, atendendo ao subprincípio de iconicidade *proximidade e escopo* (GIVÓN, 1995, 2001a).

O que se percebe é que as cláusulas de tempo apresentam informação tão relevante que precisa ser mencionada, mesmo com preferência ante a predicação verbal, e, sob esse aspecto, a distinção entre intercaladas prototípicas e não prototípicas é muito sutil. É um traço que, cremos, caracteriza as Orações Temporais. Essas constatações ficam ainda mais evidentes quando observamos as frequências relacionadas à posição da Temporal em relação às margens do período em que se insere:

Tabela 5 – Tipo de intercalada e distância da margem esquerda

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>			
	<i>Curta</i>	<i>Média</i>	<i>Longa</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	40/65/61.5	11/65/16.9	14/65/21.6	65/514/12.7
Não prototípica	331/449/73.7	67/449/14.9	51/449/11.4	449/514/87.3
Totais	371/514/72.2	78/514/15.2	65/514/12.6	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 6 – Tipo de intercalada e distância da margem direita

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>			
	<i>Curta</i>	<i>Média</i>	<i>Longa</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	13/65/20	15/65/23.1	37/65/56.9	65/514/12.7
Não prototípica	64/449/14.3	81/449/18	304/449/67.7	449/514/87.3
Totais	77/514/15	96/514/18.7	341/514/66.3	514

Fonte: elaborada pelo autor.

As tabelas 5 e 6 mostram que ambos os tipos preferem aproximação à margem esquerda (distância curta: prototípicas (40/61.5%) e não prototípicas (331/73.7%)) e afastamento da margem direita (distância longa: prototípicas (37/56.9%) e não prototípicas (304/67.7%)). Embora os percentuais apontem preferência pela colocação da Temporal

intercalada nas porções iniciais do período, há uma tendência de que as não prototípicas atendam mais a esse padrão, por seus percentuais levemente mais altos.

Esse movimento em direção à margem esquerda do período composto pode ser explicado sob a ótica da iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), por meio da atuação do subprincípio de ordem e importância. Apesar de a cláusula nuclear frequentemente introduzir a informação mais importante, não é necessariamente a mais urgente. E parece-nos que essa distinção faz diferença na análise das Temporais. Posicionar essas cláusulas no início do período, mais próximas à margem esquerda, é um meio de introduzir, de imediato, informações que são imprescindíveis para a compreensão/interpretação do que será narrado na nuclear. Do ponto de vista da marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), parece-nos que as não prototípicas são as menos marcadas quanto à colocação à margem esquerda, pois apresentam maior frequência de aproximação à margem esquerda e distanciamento da margem direita, o que, embora se reflita em complexidade estrutural alta (posição não canônica da Temporal), aponta para complexidade cognitiva baixa, por sua função guiadora, traço que compartilham com as antepostas prototípicas. De acordo com Decat (2001, p. 148), “(...) se o falante quer orientar o ouvinte para o que deve ser entendido a seguir, a cláusula adverbial virá anteposta” (DECAT, 2001, p. 148). As Temporais seguem essa função, o que, no caso das intercaladas, tende à maior codificação por meio das não prototípicas. Resumindo: a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a) se valida no sentido de que as informações mais urgentes tendem a ser colocadas o mais próximo possível do início do período.

Vejamos um exemplo para cada um dos tipos de intercaladas discutidos aqui:

(56) 1019 I: [¡bendito sea Dios!] sí// pero los tres muy/ muy brillantes/ desde chiquitos/ *B/ cuando me quedé viuda/ estuvo con becas/ y ya ves que vivir con becas/ es muy difícil porque los niños se presionan/ y siempre sacaba dieces/ a pesar de las becas/ y dices/ “¡ay/ qué bendición!”*

1020 E: sí/ pero pues también era como una/ supongo que tienen una muy buena relación/ entonces era una man- manera de apoyarla

1021 I: *fíjate cuando me quedé viuda/ no teníamos un quinto/ la tragedia porque/ pues <~pus> había que pagar hospitales del papá (...).* (1019 I: [bendito seja Deus!] sim// mas os três muito/ muito brilhantes/ desde pequenininhos/ *B/ quando fiquei viúva/ recebia bolsas/ e vês que viver com bolsas/ é muito difícil porque os meninos são pressionados/ e sempre tirava vários dez/ apesar das bolsas/ e dizes/ “ai/ que bênção!”*

1020 E: sim/ mas pois também era como uma/ suponho que têm uma relação muito boa/ então era uma man- maneira de apoiá-la

1021 I: *olha quando fiquei viúva/ não tínhamos um quinto/ a tragédia porque/ pois havia que pagar hospitais do papai (...)*. (ENTREVISTA 31 – ME-220-33M-02)

No exemplo (56), a entrevistada começa a falar sobre as dificuldades em sua vida e na de seus filhos após a viuvez. Por isso, a informação relevante *quando me quedé viuda* (*quando fiquei viúva*) é ressaltada no mínimo duas vezes, nos turnos 1019 e 1021. No primeiro turno, a informante usa uma Temporal intercalada prototípica, entre o sujeito e o verbo, como recurso para ressaltar o referente B, um de seus filhos, já que, nos turnos anteriores, vinha falando de todos, mas sem detalhar nenhum. É um recurso para construir a referência de B com detalhes e guiar o interlocutor para um novo tópico a ser desenvolvido, sua viuvez. Nos termos de Souza (2001), essas temporais funcionariam como ponto de inserção de sujeito novo¹²⁷, pois, ao falar de si própria enquanto falava de seus filhos, a informante também insere a informação sobre sua viuvez.

A função guiadora da Temporal se acentua no turno 1021, quando o tópico *filhos* é suavizado em detrimento do tópico *viuvez*, ressaltado por intermédio do uso de uma Temporal intercalada não prototípica, entre marcador discursivo e oração nuclear. Ambos elementos linguísticos, marcador discursivo e temporal intercalada, juntos, contribuem para a interação, chamando a atenção para o novo tópico introduzido pela informante.

Na discussão sobre extensão, tomamos como hipótese o fato de que as Temporais intercaladas deveriam ser curtas (CAVALCANTE, 2015) e que, na divisão entre prototípicas e não prototípicas, o primeiro grupo deveria apresentar cláusulas ainda de menor extensão, por questões de iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a): já que separam termos mais agregados, as prototípicas feririam o previsto nas regras de espaçamento. Vejamos, na tabela que segue, os resultados:

Tabela 7 – Tipo de intercalada e extensão

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>			
	<i>Curta</i>	<i>Média</i>	<i>Longa</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	22/65/33.8	23/65/35.4	20/65/30.8	65/514/12.7
Não prototípica	110/449/24.5	162/449/36.1	177/449/39.4	449/514/87.3
Totais	132/514/25.7	185/514/36	197/514/38.3	514

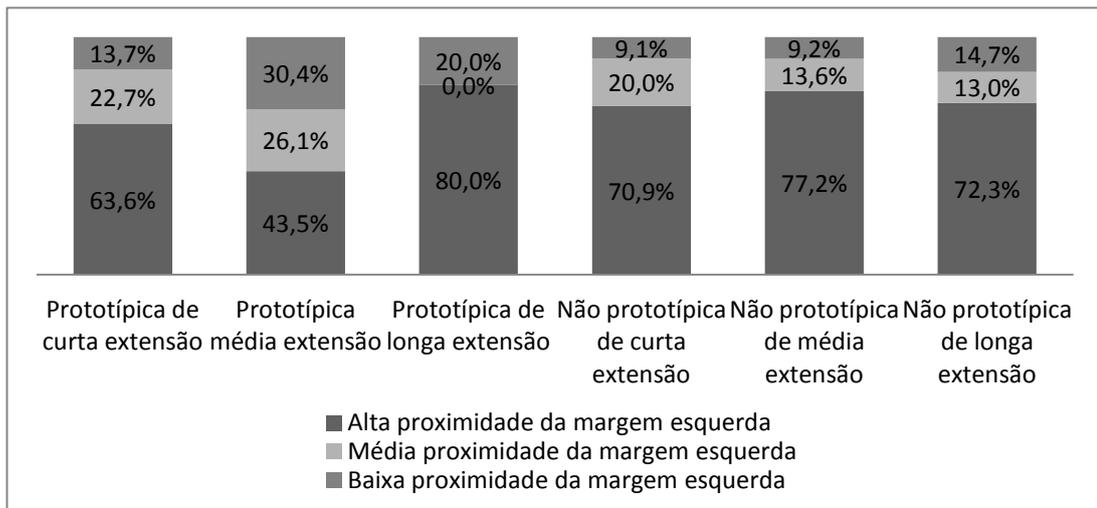
Fonte: elaborada pelo autor.

¹²⁷ Nesse caso, estamos aplicando essa definição pensando em *sujeito novo* como aquele não disponível na memória de curto prazo (sujeito novo considerando apenas a cláusula anterior), porque a entrevistada não estava falando de si, mas de seus filhos. Não seria, no entanto, de um caso de sujeito novo no discurso, já que a elipse aponta para informação dada, e o pronome de primeira pessoa destaca informação discursivamente evocada (PRINCE, 1981, 1992).

O que se pode perceber pela tabela 7 é que, quanto às prototípicas, a iconicidade parece se aplicar sutilmente, já que os percentuais são bastante aproximados (curtas: 22/33.8%; médias: 23/35.4%; longas: 20/30.8%). No caso das não prototípicas, percebemos que o maior percentual (177/39.4%) diz respeito às orações longas, o que confirma, pelo menos em parte, a hipótese de que quanto maior a Temporal for, menos prototípica será.

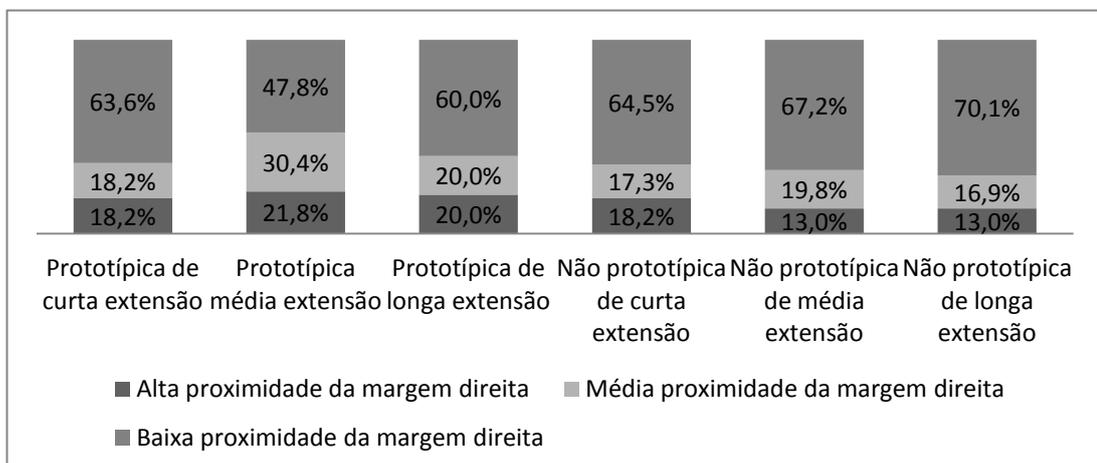
Tendo em vista não encontrarmos diferenças consideráveis nesse grupo, indagou-nos por que justamente as Temporais não atenderiam, com veemência, à iconicidade no que diz respeito ao tamanho da oração. Resolvemos, então, cruzar essa variável com outra, a fim de observar se alguma descoberta poderia ser relevante quanto à atuação dessa variável, a partir das observações de Quirk *et al* (1985) e Dik (1997), sob o argumento de que as orações mais longas, ou mais “pesadas”, situar-se-iam à margem direita do período composto e após o verbo. Observemos, nos gráficos que seguem, esses cruzamentos:

Gráfico 1 – Cruzamento entre extensão da Temporal e distância da margem esquerda



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 2 – Cruzamento entre extensão da Temporal e proximidade da margem direita



Fonte: elaborado pelo autor.

Como vimos no início desta seção, as Temporais intercaladas preferem proximidade da margem esquerda e distância da margem direita. No gráfico 1, que diz respeito ao cruzamento entre extensão e distância da margem esquerda, percebemos que as não prototípicas apresentam valores bastante aproximados (curtas: 78/70.9%; médias: 125/77.2%; longas: 128/72.3%) no que diz respeito à maior proximidade com a margem esquerda. No entanto, as intercaladas prototípicas apresentam uma diferença considerável em relação à proximidade com a margem esquerda (curtas: 14/63.6%; médias: 10/43.5%; longas: 16/80%).

Já o gráfico 2 comprova que todos os tipos de intercaladas se afastam da margem direita. Segundo Chafe (1984), Diessel (2001, 2005) e Decat (2001), a margem esquerda é lugar preferencial para a expressão da função pragmática de orientação; e a margem direita serve para acrescentar informações sobre o que foi mencionado (CHAFE, 1984), o que, no caso das Temporais, serve para retomar algum elemento da cláusula nuclear, emoldurar o evento ou expressar algum tipo de comentário avaliativo. Isso reforça a ideia de que, como afirmam Matthiessen; Thompson (1988), a sequência entre a oração nuclear e seu satélite é fortemente motivada por fatores discursivos.

Entendemos, então, que, pelo fato de a oração Temporal funcionar preferencialmente como guia, necessita ser mais extensa, o que, também, reflete iconicidade. Segundo Givón (1995, 2001a), se as informações previsíveis ou não importantes tendem à expressão zero, a dedução lógica é de que as informações importantes deveriam ser detalhadas, ganhando em aumento de forma. Se a Temporal tende refletir a função de orientação, é natural que seja mais longa, para trazer o máximo de informação co(n)textual que facilite a interpretação do que será narrado na oração nuclear. No entanto, um conflito de motivações parece atuar em relação às prototípicas, que, por serem inseridas entre termos mais agregados da oração, precisariam ser mais curtas, para não sobrecarregar a sentença de complexidade. Possivelmente, isso explicaria os valores tão aproximados de intercaladas prototípicas curtas, médias e longas, embora o cruzamento tenha permitido mostrar que essas orações são mais longas à margem esquerda.

Do ponto de vista da marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), ambos os tipos seriam considerados menos marcados, já que trariam mais informação em um contexto que assim a requer. Observemos os seguintes exemplos, que ilustram esses casos:

(57) 108 I: para empezar yo no soy muy afecto al estilo de actuación que representa Stanislavski/ que uno asocia en literatura y en teatro con el realismo y el naturalismo/ que es

justamente/ el teatro que menos me interesa hacer// y/ no es la única manera de actuar/ que es la otra cosa que luego se olvida/ *los actores/ cuando quieren ponerse muy serios formales y académicos/ sienten que/ o se estudia lo que se supone que es Stanislavski/ o no hay otra manera de ser actores o de preparar un trabajo de actuación/ eso no es cierto//*. (108 I: para começar eu não sou muito afeito ao estilo de atuação que representa Stanislavski/ que se associa em literatura e em teatro com o realismo e o naturalismo/ que é justamente/ o teatro que menos me interessa fazer// e/ não é a única maneira de atuar/ que é a outra coisa que logo se esquece/ *os atores/ quando querem ficar muito sérios formais e acadêmicos/ sentem que/ ou se estuda o que se supõe que é Stanislavski/ ou não há outra maneira de ser atores ou de preparar um trabalho de atuação/ isso não é certo//*). (ENTREVISTA 17 – ME-254-32H-05)

(58) 637 I: pero/ pero/ insuficiente/ de todas maneras/ para lo que en un momento dado/ tuve necesidad de/ de de aprender *porque/ cuando entré a trabajar a una empresa que tenía relación con/ empresas/// estadounidenses/ pues eh/ tuve yo necesidad/ de aprender más*. (637 I: mas/ mas/ insuficiente/ de todas maneiras/ para o que em um momento dado/ tive necessidade de/ de de aprender *porque/ quando comecei a trabalhar em uma empresa que tinha relação com/ empresas/// estadunidenses/ pois é/ eu tive necessidade/ de aprender mais*). (ENTREVISTA 28 – ME-245-33H-05)

No exemplo (57), o informante inicia o turno falando sobre o estilo de Stanislavski, mas insere um novo subtópico, para tratar dos atores que se valem desse jeito de fazer teatro. O uso da Temporal intercalada ajuda a construir o referente *atores*, explicando qual a delimitação está sendo dada a eles (apenas os que querem ficar mais sérios/formais/acadêmicos)¹²⁸. No exemplo (58), o início do turno aponta para o tópico *necesidade de aprender*, mas o falante precisa delimitar ainda mais esse assunto e explicar em quais circunstâncias precisou aprender ainda mais. Para isso, insere uma oração coordenada explicativa e, dentro dela, uma Temporal intercalada não prototípica, reunindo informações bastante específicas sobre o tema. Percebemos que, em ambos os exemplos, a Temporal é inserida como forma de acrescentar informações sobre um novo subtópico relacionado ao que estava em andamento. Para tanto, a informação precisa ser detalhada, a fim de cercear melhor o novo assunto, e, por isso, precisa de mais material linguístico, condicionando o falante ao uso de uma oração mais longa.

¹²⁸ Nesse sentido, as Temporais guardam estreita relação com as relativas, como defendem Portilla (2009) e a Real Academia Española (2010).

5.2 Apresentação formal das intercaladas e de seus verbos

Nesta seção, reunimos as discussões em torno da apresentação formal das Temporais intercaladas e do compartilhamento de traços verbais com suas respectivas nucleares. Nossa intenção era investigar se haveria alguma diferença nesses aspectos entre as Temporais intercaladas prototípicas e as não prototípicas ou se ambos os tipos seguiriam o padrão *oração desenvolvida com cuando*, consoante a hipótese postulada, que se apoiava em constatações anteriores (MATTE BON, 1992, v. I; SECO, 1996; GILI GAYA, 2000; GALÁN RODRÍGUEZ, 2005; PORTILLA, 2009; JIMÉNEZ NORBERTO, 2014, entre outros). Entretanto, nossa hipótese também previa que haveria alguma sutil diferença entre as prototípicas e as não prototípicas, de forma que o primeiro grupo, por representar uma opção mais complexa e ainda mais marcada, evitaria o uso de conectores também complexos, para não sobrecarregar ainda mais o enunciado, refletindo o princípio de expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012). Do mesmo modo, por estarem mais internas à cláusula núcleo, hipotetizamos que as prototípicas compartilhariam tempo/modo com a nuclear, também para evitar um procedimento ainda mais marcado de não correspondência de tempo/modo verbais. Vejamos, então, os resultados:

Tabela 8 – Tipo de intercalada e forma/conector

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>				<i>Totais</i>
	<i>Desenvolvida (quando)</i>	<i>Desenvolvida (outros conectivos)</i>	<i>Reduzida (gerúndio)</i>	<i>Reduzida (infinitivo)</i>	
Prototípica	51/65/78.4	8/65/12.3	2/65/3.1	4/65/6.2	65/514/12.7
Não prototípica	339/449/75.5	63/449/14	28/449/6.2	19/449/4.3	449/514/87.3
Totais	390/514/75.9	71/514/13.8	30/514/5.8	23/514/4.5	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 9 – Tipo de intercalada e compartilhamento de tempo/modo entre a Temporal e sua respectiva nuclear

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		<i>Totais</i>
	<i>Igual</i>	<i>Diferente</i>	
Prototípica	54/65/83.1	11/65/16.9	65/514/12.7
Não prototípica	321/449/71.5	128/449/28.5	449/514/87.3
Totais	375/514/73	139/514/27	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados também apontam para uma confirmação parcial das hipóteses. Contrariando nossas expectativas, não houve tão relevante diferença entre as prototípicas e não prototípicas com relação às variáveis analisadas. No entanto, confirmamos a tendência forte ao uso de orações temporais desenvolvidas com *quando* (prototípicas: 51/78.4% e não prototípicas: 339/75.5%). As hipóteses são confirmadas em parte, porque há apenas uma leve

tendência de as prototípicas apresentarem conectores mais simples e mais prototípicos, como o *cuando* (51/78.4% contra 339/75.5%), além de mostrarem uma tendência sutilmente mais alta de compartilhar tempo/modo com a nuclear (54/83.1% contra 321/71.5%). Observemos um exemplo:

(59) 224 I: (...) *entonces la gente/ las señoras/ los señores/ por ejemplo/ **cuando las señoras van a/ a a moler su maíz/ para las tortillas/ o a comprar pan/ o van a chismosear con la señora del otro lado// van con sus hojas de palma/***. (224 I: (...) *então as pessoas/ as senhoras/ os senhores/ por exemplo/ **quando as senhoras vão moer seu milho/ para as tortillas/ ou comprar pão/ ou vão fofocar com a senhora do outro lado// vão com suas folhas de coqueiro/***). (ENTREVISTA 18 – ME-257-32H-05)

Notamos que, no exemplo (59), uma Temporal longa se interpõe entre o sujeito *la gente/las señoras/ los señores* (*as pessoas/ as senhoras/ os senhores*) e a cláusula nuclear *van con sus hojas de palma* (*vão com suas folhas de coqueiro*). Vemos que há muita informação entre o sujeito e o verbo da cláusula núcleo, necessária para compreender as circunstâncias do que as pessoas iam fazer, mesmo sem largar suas folhas de coqueiro. Neste exemplo, a cláusula Temporal intercalada ainda está coordenada com outras pelo conector alternativo *o* (ou), o que robustece ainda mais sua extensão.

Desse modo, na intenção de não carregar ainda mais a sentença, o falante utiliza o conector temporal mais simples e mais frequente *cuando* (*quando*), em lugar de outros mais complexos que também poderiam ter sido utilizados nesse mesmo contexto, como é o caso de *mientras* (*enquanto*), *en el momento en que* (*no momento em que*), *en cuanto* (*quando*), citados por Pilar Garcés (1994). Além disso, observamos não só um compartilhamento entre tempo/modo dos verbos da Temporal e da nuclear, mas também a repetição do próprio item lexical verbal *van* (*vão*). Todos esses recursos são favorecedores de uma suavização da complexidade cognitiva do arranjo proporcionado pela intercalada.

Sendo assim, no que diz respeito ao tipo de oração, uso de conector e compartilhamento de tempo/modo, há uma leve tendência de os contextos menos marcados serem favorecidos pela oração intercalada prototípica, produzida em associação a elementos mais frequentes e menos complexos, para suavizar sua inerente carga estrutural.

5.3 O sujeito das Temporais intercaladas

Nesta seção, discutiremos aspectos relacionados ao sujeito da Oração Temporal intercalada. Em primeiro lugar, trataremos dos resultados relacionados à acessibilidade anafórica e à persistência catafórica dos referentes em função de sujeito da Temporal. Baseamo-nos na proposta de Givón (1995) e na divisão graduada estabelecida por Lima (2009). O primeiro parâmetro mede o quão acessível o referente é, verificando sua presença em até três cláusulas anteriores (acessibilidade alta, média, baixa ou não acessível/não tópico), enquanto o segundo parâmetro mede se a informação sobre o referente progride nas três orações posteriores (persistência alta, média, baixa ou não persistência). Hipotetizamos que a principal diferença entre as prototípicas e as não prototípicas seria o fato de que as últimas, por estarem ligadas às cláusulas anteriores, apresentariam menor acessibilidade anafórica em relação às primeiras, que estão inseridas na oração nuclear. Em ambas, no entanto, persistiria o referente sujeito ao longo das cláusulas seguintes. Vejamos os resultados:

Tabela 10 – Tipo de intercalada e distância referencial/acessibilidade anafórica do sujeito da Oração Temporal

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>					<i>Totais</i>
	<i>Alta</i>	<i>Média</i>	<i>Baixa</i>	<i>Não se aplica</i>	<i>Não tópico</i>	
Prototípica	49/65/75.4	2/65/3.1	2/65/3.1	1/65/1.5	11/65/16.9	65/514/12.7
Não prototípica	206/449/45.9	59/449/13.1	21/449/4.7	38/449/8.5	125/449/27.8	449/514/87.3
Totais	255/514/49.6	61/514/11.9	23/514/4.5	39/514/7.6	136/514/26.4	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 11 – Tipo de intercalada e grau de persistência tópica do sujeito da Oração Temporal

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>					<i>Totais</i>
	<i>Alto</i>	<i>Médio</i>	<i>Baixo</i>	<i>Não se aplica</i>	<i>Não persistência</i>	
Prototípica	27/65/41.5	13/65/20	14/65/21.5	1/65/1.5	10/65/15.5	65/514/12.7
Não prototípica	123/449/27.4	88/449/19.6	82/449/18.3	38/449/8.4	118/449/26.3	449/514/87.3
Totais	150/514/29.2	101/514/19.6	96/514/18.7	39/514/7.6	128/514/24.9	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 12 – Tipo de intercalada e correferencialidade dos sujeitos da Oração Temporal e de sua respectiva nuclear

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>			<i>Totais</i>
	<i>Correferenciais</i>	<i>Não correferenciais</i>	<i>Não se aplica</i>	
Prototípica	49/65/75.4	15/65/23.1	1/65/1.5	65/514/12.7
Não prototípica	204/449/45.4	231/449/51.4	14/449/3.1	449/514/87.3
Totais	253/514/49.2	246/514/47.9	15/514/2.9	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados nos mostram que as prototípicas apresentam maior tendência em ter seus sujeitos recuperáveis na cláusula anterior (49/75.4% de acessibilidade alta) e os fazem progredir nas três cláusulas seguintes (27/41.5% de alta persistência), mantendo a correferencialidade com o sujeito da nuclear (49/75.4%). O sujeito das não prototípicas também tende a apresentar alta acessibilidade (206/45.9%), mas se divide quanto à persistência (alta persistência: 123/27.4% e não persistência: 118/26.3%) e a correferencialidade (correferencialidade: 204/45.4% e não correferencialidade: 231/51.4%). Vejamos alguns exemplos:

(60) 182 I: (...) este/ empezó a hacer amistad con esta niña/ con V por cierto/ V/ *este// antes de/ de entrar creo que aquí a la/ a la carrera/ había estado/ en Suiza/ y/ y pues <~pus> sabía hablar inglés y francés/ entonces cuando/ lo conocí/ (...).* (182 I: (...) este/ começou a fazer amizade com esta menina/ com V por certo/ V/ *este// antes de/ de entrar creio que aqui na/ na carreira/ havia estado/ na Suíça/ e/ e pois sabia falar inglês e francês/ então quando/ o conheceu/(...).* (ENTREVISTA 18 – ME-257-32H-05)

(61) 34 I: en un diálogo muy íntimo// con el árbol// y el árbol está percibiendo que uno/ tiene una buena intención con él// *porque cuando el árbol percibe inexperiencia// cuando el árbol percibe// impreparación// el árbol empieza a temblar de miedo// el árbol teme// teme ser dañado// teme// perder// alguna de sus ramas// una de sus hojas// por el trato inadecuado de la persona que lo está manipulando/ ¿no?//.* (34 I: em um diálogo muito íntimo// com a árvore// e a árvore está percebendo que a pessoa/ tem uma boa intenção com ela// *porque quando a árvore percebe inexperiência// quando a árvore percebe// despreparo// a árvore começa a tremer de medo// a árvore teme// teme ser ferida// teme// perder// algum de seus ramos// uma de suas folhas// pelo trato inadecuado da pessoa que a está manipulando/ não?//).* (ENTREVISTA 14 – ME-056-32H-99)

(62) 33 I: (...) yo <~yo:>/ colaboro eh mm/ desde hace bastantes años/ en un taller de teoría y crítica literaria de mujeres// que se llama D M/ este/ grupo/ tiene veinte años y fracción/ de/ ¡trabajar!/ yo tengo/ pues a lo mejor/ dieciséis/ o diecisiete años/ de estar ahí/ eh participamos/ el grupo/ se llama/ D M/ en <~en:> r-/ memoria de una de nuestras compañeras/ que/ fueron de las/ ¡fundadoras!/ una poetisa// panameña/ que/ trabajó/ también aquí en la U/ estudió en M/ llegó a Panamá/ exiliada por/ problemas políticos/ ella fue/ ¡candidata! a la/

vicepresidencia de Panamá/ era una mujer/ encantadora/ realmente/ una mujer negra/ muy sensible <~sensible:>/ muy/ eh mm/ ¡dinámica! y/ luchadora política// y pues/ tuvimos la suerte de conocerla/ y de convivir con ella// yo he trabajado algo de su poesía/ porque además eh/ ¡muy discreta!/ nunca da a conocer su poesía/ su/ publicación es póstuma/ y <~y:>/ **cuando hicimos un homenaje aquí/ pues yo empecé a tener/ ¡contacto con su poesía!/ (...).** (33 I: (...) eu/ colaboro é huum/ há bastantes anos/ em uma oficina de teoria e crítica literária de mulheres// que se chama D M/ este/ grupo/ tem vinte anos e poucos/ trabalhando!/ eu tenho/ pois talvez/ dezesseis/ ou dezessete anos/ aí/ é participamos/ o grupo/ se chama/ D M/ em r-/ memória de uma de nossas companheiras/ que/ foram das/ fundadoras!/ uma poetisa// panamenha/ que/ trabalhou/ também aqui na U/ estudou em M/ chegou ao Panamá/ exilada por/ problemas políticos/ ela foi/ candidata! à/ vice-presidência do Panamá/ era uma mulher/ encantadora/ realmente/ uma mulher negra/ muito sensível/ muito/ é huum/ dinâmica! e/ lutadora política// e pois/ tivemos a sorte de conhecê-la/ e de conviver com ela// eu trabalhei algo de sua poesia/ porque ademais é/ muito discreta!/ nunca dá a conhecer sua poesia/ sua/ publicação é póstuma/ e/ **quando fizemos uma homenagem aqui/ pois eu comecei a ter/ contato com sua poesia!/ (...).** (ENTREVISTA 36 – ME-264-33M-05)

Nos exemplos (60) e (61), temos, respectivamente, casos de oração intercalada prototípica e não prototípica, cujos sujeitos apresentam alta acessibilidade, alta persistência e correferencialidade com o sujeito da nuclear, retomando um elemento citado na cláusula precedente e fazendo-o progredir. No dado (62), a Temporal *cuando hicimos un homenaje aqui* (*quando fizemos uma homenagem aqui*) é também um caso de intercalada não prototípica com sujeito não tópico, não persistente e não correferencial ao sujeito *yo* (*eu*) da nuclear *pues yo empecé a tener/ ¡contacto con su poesía!/ (pois eu comecei a ter/ contato com sua poesia!)*. Nessa situação, a hipotática retoma a informação acerca do grupo em que a informante atuava, por meio da elipse do pronome *nosotros* (*nós*). O que o enunciador do exemplo (62) faz é rerepresentar a informação sobre o grupo de literatura e suas ações em homenagem à escritora citada, referente tópico nesse recorte. Já que o foco é descrever a poetisa, todos os elementos linguísticos são usados com esse propósito, o que acaba suavizando a movimentação dos demais referentes.

Acreditamos que a alta acessibilidade e a persistência do sujeito que marcam as prototípicas se deem por conta de sua maior integração com a oração nuclear, o que não acontece com as não prototípicas, pelo menos não com as pré-verbais, que costumam funcionar como *ponte de transição* (GIVÓN, 1992; DECAT, 2001), vinculando-se ao período

anterior. Segundo Decat (2001), essa função textual-discursiva serve de remissão a uma cadeia anterior, que se inter-relaciona pragmaticamente à porção subsequente, mantendo, ainda assim, o papel de guia. A distinção entre não prototípica pré e pós verbal pode levar a uma diferença que as assemelhe ora às antepostas, ora às pospostas¹²⁹, diluindo os resultados.

Do ponto de vista da iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), é mais icônico que as intercaladas prototípicas retomem e façam progredir os sujeitos da oração à qual estão inseridas, tendência que se confirma nos dados. Em relação à marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), temos que os casos não marcados para as prototípicas são sujeitos de alta acessibilidade, persistência e correferenciais, e os casos não marcados para as não prototípicas são alta acessibilidade, mas competição de motivações interna aos grupos de persistência (alta: 123/27.4% e não persistência: 118/26.3%) e correferencialidade (correferencialidade: 204/45.4% e não correferencialidade: 231/51.4%), o que parece comprovar que se trata de um grupo complexo, cujos subgrupos serão detalhados nos capítulos seguintes.

Em relação às variáveis *estatuto informacional*, *manifestação* e *pessoa do discurso* do sujeito da oração temporal, esperávamos que o gênero entrevista sociolinguística, por se tratar de narrativa de experiência pessoal (LABOV; WALETZKY, 1967; FREITAG, 2014), motivasse fortemente o uso de sujeitos de primeira pessoa, que, por serem evocados situacionalmente (PRINCE, 1981, 1992), tenderiam à elipse, confirmando a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Nossa hipótese também se baseou nos postulados de Delancey (1981), quando afirma que as sentenças tendem a ser narradas, preferencialmente, do ponto de vista da primeira pessoa. Vejamos os resultados:

Tabela 13 – Tipo de intercalada e pessoa do discurso do sujeito da Oração Temporal

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>				
	<i>1ª pessoa</i>	<i>2ª pessoa</i>	<i>3ª pessoa</i>	<i>Não se aplica</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	38/65/58.4	2/65/3.1	25/65/38.5	0/65/0	65/514/12.7
Não prototípica	231/449/51.4	16/449/3.6	195/449/43.4	7/449/1.6	449/514/87.3
Totais	269/514/52.3	18/514/3.5	220/514/42.8	7/514/1.4	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 14 – Tipo de intercalada e estatuto informacional do sujeito da Oração Temporal

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>				
	<i>Evocado</i>	<i>Inferível</i>	<i>Novíssimo</i>	<i>Não se aplica</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	61/65/93.8	2/65/3.1	1/65/1.5	1/65/1.5	65/514/12.7
Não prototípica	381/449/84.8	9/449/2	16/449/3.6	43/449/9.6	449/514/87.3
Totais	442/514/86	11/514/2.1	17/514/3.3	44/514/8.6	514

Fonte: elaborada pelo autor.

¹²⁹ O assunto será mais detalhado nos capítulos seguintes, quando se apresentarão os resultados relativos a cada subgrupo de intercalada dentro dos grupos maiores, prototípicas e não prototípicas.

Tabela 15 – Tipo de intercalada e manifestação do sujeito da Oração Temporal

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>				
	<i>Elíptico</i>	<i>Pronominal</i>	<i>Lexical</i>	<i>Não se aplica</i>	<i>Totais</i>
Prototípica	52/65/80	5/65/7.7	7/65/10.8	1/65/1.5	65/514/12.7
Não prototípica	281/449/62.6	73/449/16.3	54/449/12	41/449/9.1	449/514/87.3
Totais	333/514/64.7	78/514/15.2	61/514/11.9	42/514/8.2	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados confirmam nossas hipóteses. A maioria dos sujeitos é de 1ª pessoa (prototípicas: 38/58.4% e não prototípicas: 231/51.4%), evocado (prototípicas: 61/93.8% e não prototípicas: 381/84.8%) e elíptico (prototípicas: 52/80% e não prototípicas: 281/62.6%). Tudo levaria a crer que, nesse aspecto, prototípicas e não prototípicas apresentariam comportamento semelhante. Entretanto, os percentuais da tabela 13 mostram valores aproximados para as não prototípicas com sujeito de 1ª pessoa (231/51.4%) e de 3ª pessoa (195/43.4%). Parece, então, que, nesse grupo de orações intercaladas, há um conflito de motivações: de um lado, as pressões do gênero textual motivam a expressão da primeira pessoa; por outro lado, a função referencial dessas narrativas (LABOV; WALETZKY, 1967) determina que o enunciador também apresente Temporais com sujeito de 3ª pessoa. Isso só acontece nas não prototípicas, provavelmente, por uma pressão relacionada à expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012), inserção de mecanismos complexos em um contexto menos complexo, o que veremos adiante. Por ora, observemos alguns exemplos dos casos não marcados, entre os quais o último é retomado:

(63) 558 I: *bueno/ sí sí sí/ yo **cuando me acuesto**/ pongo la televisión/ y muchas veces a los tres minutos ya/ le apago porque ya estoy listo para <~pa> dormir/ ¿verdad?* (558 I: *bem/ sim sim sim/ eu **quando me deito**/ ponho a televisão/ e muitas vezes aos três minutos já/ lhe desligo porque já estou pronto para dormir/ verdade?*). (ENTREVISTA 28 – ME-245-33H-05)

(64) 105 I: *no/ todavía ni nos conocíamos// no/ pues <~ps> no teníamos este coche/ teníamos otro/ uno gris// y ya// y **después ya/ que me arreglé con el señor**/ me dijo/ (...)*. (105 I: *não/ ainda nem nos conhecíamos// não/ pois não tínhamos este carro/ tínhamos outro/ um cinza// e já// e **depois já/ que me ajitei com o senhor**/ me disse/ (...)*). (ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

(47) 22 I: por comer tacos al pastor porque/ los tacos al pastor están sancochados/ la carne casi está cruda// entonces el/ el bicho pues lo mantienen así como calentito/ ¿no?/ calentito/ y **cuando entra/ en cuanto entra al organismo/** (silbido) *empieza/ a reproducirse a/ y a migrar/ ¿no?/*. (22 I: por comer tacos al pastor porque/ os tacos al pastor são ferventados/ a carne quase é crua// então o/ o bicho pois o mantêm assim como quentinho/ não?/ quentinho/ e **quando entra/ quando entra no organismo/** (assobio) *começa/ a se reproduzir a/ e a migrar/ não?/*). (ENTREVISTA 18 – ME-257-32H-05)

No exemplo (63), o sujeito da intercalada prototípica *cuando me acuesto (quando me deito)* é evocado e elíptico por ser facilmente recuperável na desinência verbal e no vocábulo precedente *yo (eu)*. No dado da não prototípica em (64), apesar de o referente não ser recuperável nas cláusulas anteriores, é esperado tendo em vista o gênero textual e ativado pela desinência do verbo *arreglé (ajeitei)* e pelo pronome *me*. Na oração não prototípica em (47), o sujeito de *entra* é recuperável na posição de tópico da cláusula anterior (*el bicho/o bicho*).

Nos exemplos citados, a preferência pela omissão do sujeito é explicada em termos de iconicidade, em observância ao subprincípio de *expressão zero e previsibilidade* (GIVÓN, 1995, 2001a). Tal princípio atua ainda mais fortemente nas intercaladas prototípicas, por questões de proximidade da informação omitida, o que se confirma nos resultados percentuais. Assim, os casos não marcados para esse subgrupo de intercaladas são sujeitos de primeira pessoa, evocados e elípticos, mecanismos menos complexos para reduzir os esforços de codificação (DUBOIS; VOTRE, 2012). Por outro lado, como as intercaladas não prototípicas representam os casos menos marcados para o grupo das intercaladas, há a possibilidade de o falante se valer de recursos que não são esperados pelo contexto (expressão de primeira pessoa na entrevista sociolinguística) sem o ônus de carregar a sentença de complexidade.

Desse modo, parece haver, no princípio de marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), a explicação para a competição de motivações na expressão dos sujeitos das intercaladas não prototípicas. O mesmo parece valer para os resultados referentes à persistência tópica e a correferencialidade das não prototípicas. Temos, então, dois meios para explicar os resultados desse subgrupo das intercaladas: (i) sua complexidade ou (ii) atuação do princípio de marcação. Nos capítulos seguintes, quando afunilaremos ainda mais cada um dos tipos de intercaladas, poderemos confirmar qual dessas duas respostas mais se aplica ao caso.

5.4 As relações cronológicas e semânticas

Nesta seção, analisaremos os resultados que dizem respeito às relações cronológico-temporais e lógico-semânticas que a Temporal intercalada estabelece com sua nuclear. Nossa hipótese para o primeiro grupo dessas relações é a de que, por questões de iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), as intercaladas prototípicas refletiriam simultaneidade, por se posicionarem dentro da nuclear, enquanto as não prototípicas expressariam anterioridade ou posterioridade, por sua posição às margens. Os resultados foram os seguintes:

Tabela 16 – Tipo de intercalada e relação cronológico-temporal

Fatores	Aplicação/Total/ %			
	Anterioridade	Simultaneidade	Posterioridade	Totais
Prototípica	22/65/33.8	41/65/63.1	2/65/3.1	65/514/12.7
Não prototípica	180/449/40.1	251/449/55.9	18/449/4	449/514/87.3
Totais	202/514/39.3	292/514/56.8	20/514/3.9	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados apontam para a não confirmação de nossas hipóteses. Ambas, prototípicas (41/63.1%) e não prototípicas (251/55.9%) tendem a expressar simultaneidade, o que parece ser uma característica de todas as Temporais intercaladas, como apontou Cavalcante (2015). Para as prototípicas, o subprincípio de iconicidade *ordem de ocorrência e ordem reportada* (GIVÓN, 1995, 2001a) se aplica, mas o mesmo não acontece com as não prototípicas, que costumam se situar às margens (direita ou esquerda), entre termos não agregados. Do ponto de vista da marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), os resultados apontam que os casos não marcados tanto para as prototípicas quanto para as não prototípicas são os que expressam relação de simultaneidade temporal entre a circunstancial e a nuclear. Vejamos exemplos desses casos:

(65) 325 I: mm/ sí/ por no haber estado/ mucho mucho/ y porque crecí como admirándolo mucho/ ¿no?/ o sea porque/ mi abuela “es que está guapísimo”/ y es no sé qué y es no”/ *pero yo cuando estoy chiquita no lo veo así*/ o sea yo lo veo como es mi papá y no está/ conmigo/ ¿no?/ (...). (325 I: huum/ sim/ por não haver estado/ muito muito/ e porque cresci admirando-o muito/ não?/ ou seja porque/ minha avó “é que está belíssimo”/ e é não sei o que e é não”/ *mas eu enquanto criança não o vejo assim*/ ou seja eu o vejo como é meu papai e não está/ comigo/ não?/ (...)). (ENTREVISTA 48 – ME-265-21M-06)

(66) 748 I: (...) *o sea* <~sea:>// **cuando** <~cuando:>// *mi suegro vivía*/ *pues* <~pus> *les nos/ les dio a todos sus hijos su/ su casa/ su/ donde iban a vivir/ (...)*. (748 I: (...) *ou seja*// **quando** // *meu sogro era vivo/ pois/ deu a todos seus filhos sua/ sua casa/ sua/ onde iam viver/ (...)*). (ENTREVISTA 37 – ME-049-21H-99)

No exemplo (65), a Temporal *cuando estoy chiquita* (*enquanto criança*) se interpõe entre o sujeito e o verbo da oração nuclear, denotando simultaneidade: enquanto era criança, em sua percepção, não via o pai com bons olhos, por ele não estar por perto. Em (66), a circunstancial *cuando mi suegro vivía* (*quando meu sogro era vivo*) se interpõe entre o marcador discursivo *o sea* (*ou seja*) e a oração nuclear, expressando também simultaneidade: o sogro da informante, ainda vivo, deu uma casa a seus filhos. Em ambos os casos, a Temporal emoldura os eventos narrados na nuclear, situando-se próxima à margem esquerda, apresentando informação relevante para a compreensão do estado-de-coisas narrado na cláusula núcleo. Entendemos que as funções de moldura e guia se diferenciam pelos seguintes traços: Temporal que expressa simultaneidade emoldura os eventos da principal, enquanto Temporal que expressa anterioridade orienta a interpretação dos eventos da nuclear (CAVALCANTE, 2015). Enquanto as temporais que emolduram podem ser pré-verbais ou pós-verbais, as temporais com função de guia/orientação são pré-verbais e se posicionam próximas à margem esquerda.

No que diz respeito às relações lógico-semânticas, postulamos como hipótese, com base no princípio de expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012), que as intercaladas prototípicas expressariam preferencialmente relações de tempo prototípico, para não sobrecarregar a sentença, que já reflete mecanismo complexo, inserindo-se entre os argumentos da oração nuclear. Vejamos os resultados:

Tabela 17 – Tipo de intercalada e relações lógico-semânticas

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
	<i>Prototípica</i>	<i>Não prototípica</i>	<i>Totais</i>
Tempo e concessão	7/65/10.8	18/449/4	25/514/4.8
Tempo e condição	2/65/3.1	22/449/4.9	24/514/4.7
Tempo e motivo	9/65/13.9	126/449/28.1	135/514/26.3
Tempo e proporção	0/65/0	4/449/0.9	4/514/0.8
Tempo prototípico	16/65/24.6	106/449/23.6	122/514/23.7
Tempo, concessão e motivo	3/65/4.6	10/449/2.2	13/514/2.5
Tempo, condição e concessão	1/65/1.5	4/449/0.9	5/514/1
Tempo, condição e motivo	21/65/32.3	118/449/26.3	139/514/27
Tempo, condição, motivo e concessão	3/65/4.7	10/449/2.2	13/514/2.5
Tempo, proporção e concessão	0/65/0	2/449/0.4	2/514/0.4
Tempo, proporção e condição	1/65/1.5	0/449/0	1/514/0.2
Tempo, proporção e motivo	1/65/1.5	3/449/0.7	4/514/0.8
Tempo, proporção, concessão e motivo	0/65/0	1/449/0.2	1/514/0.2
Tempo, proporção, condição e concessão	0/65/0	1/449/0.2	1/514/0.2
Tempo, proporção, condição e motivo	1/65/1.5	20/449/4.5	21/514/4.1
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	0/65/0	4/449/0.9	4/514/0.8
Totais	65/514/12.7	449/514/87.3	514

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados mostram que as relações de *tempo*, *condição* e *motivo* (prototípicas: 21/32.3%, não prototípicas: 118/26.3%) e *tempo prototípico* (prototípicas: 16/24.6%, não prototípicas: 106/23.6%) são as mais salientes para ambos os padrões de intercalação, constituindo os casos não marcados, com a diferença de que as não prototípicas também exibem, com certa frequência, relações de *tempo e motivo* (126/28.1%). Vejamos alguns exemplos, entre os quais o primeiro e o segundo são retomados:

(60) 182 I: (...) este/ empezó a hacer amistad con esta niña/ con V por cierto/ V/ este// **antes de/ de entrar creo que aquí a la/ a la carrera/ había estado/ en Suíza/ y/ y pues <~pus> sabía hablar inglés y francés/ entonces cuando/ lo conoció/ (...).** (182 I: (...) este/ começou a fazer amizade com esta menina/ com V por certo/ V/ este// **antes de/ de entrar creio que aqui na/ na carreira/ havia estado/ na Suíça/ e/ e pois sabia falar inglês e francês/ então quando/ o conheceu/ (...).** (ENTREVISTA 18 – ME-257-32H-05)

(36) 216 I: *entonces <~tos> ellos/ bien curioso/ cuando llegué yo/ se empezaron a cerrar un poquito/ porque pensaban que porque yo era arquitecto/ y ellos técnicos/ o sea sent-/ se sentían más chiquitos/ (...).* (216 I: *então eles/ bem curioso/ quando eu cheguei/ começaram a se fechar um pouquinho/ porque pensavam que porque eu era arquiteto/ e eles técnicos/ ou seja sent-/ se sentiam mais pequeninos/ (...).*) (ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01)

(67) 442 I: porque pobrecitos/ no les da el sol/ y **cuando les da el sol hasta se enferman** creo (risa). (442 I: porque pobrezinhos/ não tomam sol / y **cuando tomam sol até adoecem** creio (risos)). (ENTREVISTA 19 – ME-055-32M-99)

Nos exemplos (60) e (36), apresentamos intercaladas prototípicas, inseridas entre sujeito e verbo, expressando, respectivamente, relações de tempo prototípico e tempo e motivo. Em (36), a temporal *cuando llegué yo (quando eu cheguei)*, introduz o momento e motivo pelo qual os técnicos mudaram seu comportamento, já que estavam diante de um arquiteto. Em (67), a temporal intercalada não prototípica *cuando les da el sol (quando tomam sol)* está inserida entre o conector coordenativo *y (e)* e a oração coordenada que vem adiante. A circunstancial exprime, além de tempo (adoecem após tomar sol), condição (se tomam sol, adoecem) e motivo (adoecem porque tomam sol).

O que se pode notar é que as relações de motivo estão intrinsecamente relacionadas às de tempo. É provável que, em termos de iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), a atuação do subprincípio de ordem de ocorrência e ordem reportada, observado na análise das Temporais, também favoreça a leitura causa-consequência. A hipotática de realce temporal, então, funcionaria como um meio polissêmico para a veiculação de um acontecimento temporal que é, ao mesmo tempo, desencadeador dos fatos que serão narrados na oração nuclear. É um processo denotador da abstratização da categoria de tempo (BRAGA, 2002), que validaria novas leituras.

5.5 Síntese da discussão

Neste primeiro capítulo de análise, fizemos um panorama geral das variáveis relacionadas ao uso das intercaladas prototípicas e não prototípicas, observando semelhanças e diferenças entre esses grupos, na intenção de atestar a heterogeneidade das formas de intercalar Temporais no espanhol mexicano oral. Para tanto, apresentamos os resultados percentuais advindos da análise de 514 dados, que revelou as tendências de uso e de atuação de cada um dos fatores escolhidos. Percebemos uma tendência alta de uso de orações intercaladas não prototípicas (449/87.3%), já que, por se situarem entre termos não agregados, não feririam a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), revelando-se um padrão com o menor grau de complexidade estrutural em comparação às prototípicas. Em seguida, dividimos o texto em quatro seções, organizando os grupos de análise em seções temáticas.

Na primeira seção, discutimos a posição e extensão das intercaladas. Os resultados mostraram que ambos os grupos tendem a ser expressos em cláusulas próximas à margem esquerda (prototípicas: 40/61.5% e não prototípicas: 331/73.7%) e pré-verbais (prototípicas: 54/83.1% e não prototípicas: 437/97.3%). A diferença entre ambas, muito sutil, opõe-nas quanto à distância entre Temporal e verbo da nuclear: enquanto as prototípicas aparecem à curta distância (30/46.2%) ou contíguas (27/41.5%), as não prototípicas apresentam distância curta em relação ao verbo da nuclear (298/66.4%). Os resultados confirmam a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), dada a função de guia a que servem as Temporais como um todo, o que se reflete em baixa complexidade cognitiva. Em relação à extensão, notamos que a iconicidade parece se aplicar sutilmente em relação às prototípicas, que tendem a ser mais longas quando próximas à margem esquerda, a fim de apresentar informações detalhadas sobre um referente. Já as intercaladas não prototípicas tendem a ser mais longas (177/39.4%), talvez pela função de guia das Temporais: quanto mais informação relevante a cláusula traz, maior precisa ser, fato explicável em termos icônicos.

Na segunda seção, tratamos da apresentação formal das intercaladas. Confirmamos parcialmente a hipótese de que as prototípicas evitariam conectores mais complexos, já que ambos os grupos são frequentemente encabeçados por *cuando* (*quando*) (prototípicas: 51/78.4% e não prototípicas: 339/75.5%) e compartilham tempo\modo verbais com a nuclear (prototípicas: 54/83.1% e não prototípicas: 321/71.5%).

Na terceira seção, apresentamos os grupos que diziam respeito ao sujeito das intercaladas. Nossa hipótese era a de que as não prototípicas apresentariam menor acessibilidade anafórica em relação às prototípicas, que estão inseridas na oração nuclear, embora acreditássemos que, em ambas, persistiria o sujeito ao longo das cláusulas seguintes. Os resultados mostraram que o sujeito de ambas tende a apresentar alta acessibilidade (prototípicas: 49/75.4% e não prototípicas: 206/45.9%) e correferencialidade (prototípicas: 49/75.4% e não prototípicas: 204/45.4%). Quanto à persistência, os sujeitos das prototípicas se apresentaram como mais persistentes (27/41.5%), mas os da não prototípica se apresentaram com dupla motivação (alta persistência: 123/27.4% e não persistência: 118/26.3%). Tal competição pode ser explicada pela diferença de posição pré e pós verbal dessas orações: as pré-verbais retomariam os sujeitos das cláusulas anteriores, e as pós-verbais fariam remissão ao sujeito de sua nuclear.

Quanto às variáveis *estatuto informacional*, *manifestação* e *pessoa do discurso do sujeito da oração temporal*, hipotetizamos que a entrevista sociolinguística seria gênero motivador do uso de sujeitos de primeira pessoa, evocados situacionalmente, que tenderiam à

expressão zero (elipse). Tal hipótese foi confirmada no sentido de que a maioria dos sujeitos é evocado (prototípicas: 61/93.8% e não prototípicas: 381/84.8%), elíptico (prototípicas: 52/80% e não prototípicas: 281/62.6%) e de primeira pessoa, apenas para as prototípicas (38/58.4%). No caso das não prototípicas, houve tendência à dupla codificação (frequência similar) nos resultados para o grupo *pessoa do discurso*, na expressão dos sujeitos de 1ª pessoa (231/51.4%) e de 3ª pessoa (195/43.4%), o que parece apontar para um conflito de motivações entre as pressões do gênero *entrevista* e da função referencial das narrativas.

Por fim, a última seção tratou das relações cronológicas e semânticas. Acreditávamos que as prototípicas expressariam mais relações de simultaneidade e tempo prototípico, em detrimento das não prototípicas, que exibiriam anterioridade ou posterioridade e múltiplas relações semânticas além da de tempo preferencial. Os resultados são curiosos, já que confirmam a hipótese apenas no caso das prototípicas com relação de simultaneidade temporal (41/63.1%). Nos demais casos, as hipóteses foram refutadas, porque houve um percentual significativo de não prototípicas também com relação de simultaneidade (251/55.9%) e de relações semânticas múltiplas para ambos os tipos: *tempo, condição e motivo* (prototípicas: 21/32.3%, não prototípicas: 118/26.3%) e *tempo prototípico* (prototípicas: 16/24.6%, não prototípicas: 106/23.6%).

Os resultados deste primeiro capítulo suscitaram reflexões bastante pertinentes. Em alguns casos, variáveis relacionadas às prototípicas e às não prototípicas são bastante similares, o que leva a crer que apontam para as características inerentes à oração Temporal intercalada como se fosse um grupo homogêneo. Em outras situações, os resultados são radicalmente diferentes, revelando polarização entre esse tipo de cláusula. Houve, também, resultados diferentes dentro de um mesmo grupo de intercalada. Portanto, ratificamos a necessidade da divisão das intercaladas (prototípicas *versus* não prototípicas), mas propomos ainda outra subdivisão, em grupos menores, os quais passaremos a detalhar nos próximos capítulos.

Embora consideremos intercalação como fenômeno gradiente e escalar, a divisão dos capítulos desta tese e o senso de didatismo nos impõem a separação em grupos discretos, a saber: intercaladas não prototípicas e intercaladas prototípicas. cremos, assim, equilibrar gradiência e discretude (GIVÓN, 1995).

6 AS INTERCALADAS NÃO PROTOTÍPICAS

Como vimos, as intercaladas não prototípicas são as mais comuns no *corpus* (449/87.3%). Argumentamos que essa alta frequência diz respeito à menor complexidade estrutural que essas estruturas impõem ao período. Além disso, esse grupo engloba, a uma só vez, orações consideradas antepostas/pospostas, mas que não estão em início/fim absoluto de período. Na tabela 18, apresentamos as estruturas intercaladas não prototípicas, acompanhadas do número de dados e de seus respectivos percentuais. Há, também, duas colunas referentes a *rankings*, no grupo e geral, que se referem à ordem decrescente de frequência. Assim, a estrutura classificada em 1º lugar é a mais frequente em seu grupo (não prototípicas) e/ou no número geral de dados.

Tabela 18 – Distribuição das orações intercaladas não prototípicas no *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM)

<i>Locus e tipo de intercalada</i>	<i>Aplicação</i>	<i>Total</i>	<i>Frequência type</i>	<i>Ranking</i>	<i>Frequência token</i>	<i>Ranking</i>
Marcador discursivo (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear (Marc (Δ) Temp (Δ) N)	129	449/ 514	28.7	2º	25.1	2º
Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Marcador discursivo (N (Δ) Temp (Δ) Marc)	10	449/ 514	2.2	6º	1.9	7º
Tópico (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear (Top (Δ) Temp (Δ) N)	31	449/ 514	6.9	5º	6	6º
Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Antitema (N (Δ) Temp (Δ) Ant)	1	449/ 514	0.2	7º	0.2	10º
Adjunto adverbial (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear AdjAdv (Δ) Temp (Δ) N	39	449/ 514	8.7	4º	7.6	5º
Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada (ConecCoord (Δ) Temp (Δ) OCoord)	173	449/ 514	38.6	1º	33.7	1º
Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada (ConecSub (Δ) Temp (Δ) OSub)	66	449/ 514	14.7	3º	12.8	3º
Total de não prototípicas	449	449/ 514	100	-	87.3	-

Fonte: elaborada pelo autor.

A partir de agora, discutiremos os resultados específicos da atuação dos grupos de fatores em relação a cada um desses *loci* da Temporal intercalada não prototípica. Faremos a apresentação na mesma ordem em que esses padrões estão dispostos na tabela 18, dos termos

que guardam pouca relação entre si aos que estão de alguma forma conectados, ainda que minimamente.

6.1 O padrão *Marcador discursivo* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração Nuclear* (*Marc* (Δ) *Temp* (Δ) *N*)

O *type Marc* (Δ) *Temp* (Δ) *N* figura no *corpus* com 129 dados (28.7% no grupo e 25.1% geral), o que lhe confere a segunda posição em termos de frequência, tanto em meio ao contingente total de dados como dentro do grupo das não prototípicas. Vejamos a atuação dos fatores desse *locus* de intercalação:

Tabela 19 – Resultados relativos à intercalação não prototípica *Marcador discursivo* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração Nuclear*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	128	129	99.2
Intraverbal	-	129	-
Pós-verbal	1	129	0.8
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	82	129	63.6
Média	13	129	10.1
Longa	15	129	11.6
Contíguo	19	129	14.7
Interno	-	129	-
Distância da margem esquerda			
Curta	109	129	84.5
Média	11	129	8.5
Longa	9	129	7
Distância da margem direita			
Curta	18	129	14
Média	28	129	21.7
Longa	83	129	64.3
Extensão			
Curta	38	129	29.4
Média	49	129	38
Longa	42	129	32.6
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	101	129	78.3
Desenvolvida (outros conectores)	16	129	12.4
Reduzida (gerúndio)	10	129	7.7
Reduzida (infinitivo)	2	129	1.6
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	88	129	68.2
Diferente	41	129	31.8
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	52	129	40.3
Média	15	129	11.6
Baixa	9	129	7
Não se aplica	11	129	8.5
Não tópico	42	129	32.6
Grau de persistência tópica			
Alto	28	129	21.7

Médio	26	129	20.2
Baixo	31	129	24
Não se aplica	11	129	8.5
Não persistência	33	129	25.6
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	54	129	41.8
Não correferencial	73	129	56.6
Não se aplica	2	129	1.6
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	70	129	54.2
2ª pessoa	2	129	1.6
3ª pessoa	56	129	43.4
Não se aplica	1	129	0.8
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	112	129	86.8
Inferível	3	129	2.3
Novíssimo	2	129	1.6
Não se aplica	12	129	9.3
Manifestação do sujeito			
Elíptico	78	129	60.5
Pronominal	23	129	17.8
Lexical	17	129	13.2
Não se aplica	11	129	8.5
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	54	129	41.9
Simultaneidade	71	129	55
Posterioridade	4	129	3.1
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	8	129	6.2
Tempo e condição	4	129	3.1
Tempo e motivo	42	129	32.6
Tempo e proporção	1	129	0.8
Tempo prototípico	31	129	24
Tempo, concessão e motivo	3	129	2.3
Tempo, condição e concessão	-	129	-
Tempo, condição e motivo	32	129	24.8
Tempo, condição, motivo e concessão	3	129	2.3
Tempo, proporção e concessão	1	129	0.8
Tempo, proporção e condição	-	129	-
Tempo, proporção e motivo	-	129	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	1	129	0.8
Tempo, proporção, condição e concessão	1	129	0.8
Tempo, proporção, condição e motivo	1	129	0.8
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	1	129	0.8
Total em relação ao locus	129	129	100
Total em relação às demais não prototípicas	129	449	28.7
Total em relação a todas as intercaladas	129	514	25.1

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo dados da tabela, os resultados apontam para: **(i) posição e extensão**¹³⁰: pré-verbal (128/99.2%), distância curta da margem esquerda (109/84.5%), distância longa da margem direita (83/64.3%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (82/63.6%) e oração de extensão média (49/38%); **(ii) apresentação formal**: desenvolvida, encabeçada

¹³⁰ No intuito de sintetizar a apresentação dos resultados, continuamos, como fizemos no capítulo anterior, a organizar os fatores em grupos: (i) posição e extensão; (ii) apresentação formal; (iii) codificação do sujeito; e (iv) relações cronológicas e semânticas.

pelo conector *cuando* (*quando*) (101/78.3%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (88/68.2%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (52/40.3%), não persistência tópica (33/25.6%), não correferencial ao da nuclear (73/56.6%), evocado (112/86.8%), elíptico (78/60.5%), de primeira pessoa (70/54.2%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (71/55%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (42/32.6%).

Analisemos o exemplo a seguir:

(68) 31 I: sí/ todavía/ y habitualmente cuando// pues no sé/ cuando <~quando:>/ termina uno de comer/ ah/ pues no sé/ tienes/ tres cuatro/ cinco personas/ y pues no te da tanta flojera/ ¿verdad? <~verdá>// y y cuando yo llegué/ cuando tenía seis años/ llegando llegando en la terminal este/ por ahí <~ai>/ nos paramos a/ a comer algo/ y entonces/ **cuando yo terminé me/ me** <~me:>/ *hínqué en una de las sillas y me puse a ver toda* <~to:da> *la gente que había ahí/ ¿no?!*. (31 I: sim/ ainda/ e habitualmente quando// pois não sei/ quando alguém termina de comer/ ah/ pois não sei/ tens/ três quatro/ cinco pessoas/ e pois não te dá tanta moleza/ verdade?// e e quando eu cheguei/ quando tinha seis anos/ chegando chegando no terminal este/ por aí/ paramos a/ a comer algo/ e então/ **quando eu terminei me/ me/ finquei em uma das cadeiras e comecei a ver toda as pessoas que havia aí/ não?!).** (ENTREVISTA 55 – ME-110-22M-00)

No contexto de (68), a informante, após relatar um costume da cidade de Oaxaca (agradecer a todos os presentes depois de acabar uma refeição), explica que, durante uma de suas viagens de infância, seus acompanhantes chegaram a um terminal e pararam para comer algo. Após essa primeira parte do relato, introduz a temporal intercalada *cuando yo terminé* (*quando eu terminei*) junto ao sequenciador *y entonces* (*e então*), a fim de descrever suas ações posteriores (sentar-se em uma cadeira e observar as pessoas ao redor).

Acreditamos que o *type Marc* (Δ) *Temp* (Δ) *N* pode expressar variadas funções, a depender do tipo de marcador escolhido pelo falante. Na tipologia de Poblete Bennett (1997), há (i) marcadores relacionantes, que conectam estruturas, organizam o fluxo discursivo ou operam reformulações no discurso; (ii) marcadores apelativos/interativos, que apontam para a troca interativa entre os sujeitos; e (iii) conectores modais, que gerenciam a força argumentativa dos enunciados. No exemplo (68), deparamo-nos com um marcador relacionante, com função continuativa, que, acoplado à intercalada, auxilia na continuidade discursiva. Assim, essa Temporal pode servir como ponte de transição (DECAT, 2001),

valendo-se de material linguístico citado para dar continuidade ao relato. Isso pode explicar a proximidade à margem esquerda e a alta persistência tópica, por exemplo.

6.2 O padrão *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Marcador discursivo* (*N* (Δ) *Temp* (Δ) *Marc*)

A estrutura *N* (Δ) *Temp* (Δ) *Marc* ocorre em 10 dados no *corpus* (2.2% no grupo e 1.9% geral), o que lhe confere a sexta posição quanto à frequência dentro de seu grupo e a sétima posição no geral. Observemos os resultados:

Tabela 20 – Resultados relativos à intercalada não prototípica *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Marcador discursivo*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	-	10	-
Intraverbal	-	10	-
Pós-verbal	10	10	100
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	6	10	60
Média	-	10	-
Longa	1	10	10
Contíguo	3	10	30
Interno	-	10	-
Distância da margem esquerda			
Curta	1	10	-
Média	3	10	-
Longa	6	10	60
Distância da margem direita			
Curta	10	10	100
Média	-	10	-
Longa	-	10	-
Extensão			
Curta	1	10	10
Média	1	10	10
Longa	8	10	80
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	10	10	100
Desenvolvida (outros conectores)	-	10	-
Reduzida (gerúndio)	-	10	-
Reduzida (infinitivo)	-	10	-
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	7	10	70
Diferente	3	10	30
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	7	10	70
Média	1	10	10
Baixa	-	10	-
Não se aplica	-	10	-
Não tópico	2	10	20
Grau de persistência tópica			
Alto	4	10	40
Médio	1	10	10

Baixo	1	10	10
Não se aplica	-	10	-
Não persistência	4	10	40
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	7	10	70
Não correferencial	3	10	30
Não se aplica	-	10	-
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	5	10	50
2ª pessoa	-	10	-
3ª pessoa	5	10	50
Não se aplica	-	10	-
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	8	10	80
Inferível	-	10	-
Novíssimo	1	10	10
Não se aplica	1	10	10
Manifestação do sujeito			
Elíptico	7	10	70
Pronominal	1	10	10
Lexical	2	10	20
Não se aplica	-	10	-
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	3	10	30
Simultaneidade	6	10	60
Posterioridade	1	10	10
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	-	10	-
Tempo e condição	1	10	10
Tempo e motivo	3	10	30
Tempo e proporção	-	10	-
Tempo prototípico	1	10	10
Tempo, concessão e motivo	1	10	10
Tempo, condição e concessão	-	10	-
Tempo, condição e motivo	3	10	30
Tempo, condição, motivo e concessão	-	10	-
Tempo, proporção e concessão	-	10	-
Tempo, proporção e condição	-	10	-
Tempo, proporção e motivo	-	10	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	10	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	10	-
Tempo, proporção, condição e motivo	1	10	10
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	10	-
Total em relação ao locus	10	10	100
Total em relação às demais não prototípicas	10	449	2.2
Total em relação a todas as intercaladas	10	514	1.9

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo dados da tabela, os resultados apontam para: **(i) posição e extensão:** pós-verbal (10/100%), distância longa da margem esquerda (6/60%), distância curta da margem direita (10/100%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (6/60%) e oração de extensão longa (8/80%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (10/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (7/70%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (7/70%), alta persistência tópica (4/40%) e não persistência tópica (4/40%), correferencial ao da nuclear (7/70%),

evocado (8/80%), elíptico (7/70%), de primeira pessoa (5/50%) e de terceira pessoa (5/50%);
(iv) relações cronológicas e semânticas: relação cronológico-temporal de simultaneidade (6/60%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (3/30%) e *tempo, condição e motivo* (3/30%).

Essa tipologia de oração intercalada pode ser ilustrada pelo exemplo (17), retomado:

(17) 72 E: y ¿le daba a usted buen tiempo de cuando viajaba quedarse así a pasear un ratito por los lugares?

73 I: me lo daba/ [sí]

74 E: [¿sí?]

75 I: sí/ sí// *generalmente trabajas muy fuerte cuando eres/ camionero/ [¿no?]*. (72 E: e você se dava um bom tempo quando viajaba para ficar assim passeando um tempinho pelos lugares?

73 I: me dava/ [sim]

74 E: [sim?]

75 I: sim/ sim// *geralmente se trabalha muito pesado quando se é/ caminhoneiro/ [não?]*. (ENTREVISTA 50 – ME-054-22H-99)

Neste exemplo, enquanto fala sobre seu trabalho, o informante argumenta sobre quão duro é o trabalho de um caminhoneiro, justificando a necessidade de separar um tempo para conhecer os lugares por onde passa. A intercalada pós-verbal *cuando eres/ camionero* (quando se é caminhoneiro) cumpre função de fundo avaliativo, que, juntamente com o marcador *¿no?* (*não?*), amplifica a força de seu argumento. Já o marcador discursivo, de função apelativa/interativa (POBLETE BENNETT, 1997), cria um ponto de contato com seu interlocutor, convocando-o a concordar com seu ponto de vista. Esse grupo de intercaladas é *locus* propício para o estabelecimento de operações argumentativas no discurso.

6.3 O padrão *Tópico (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear (Top (Δ) Temp (Δ) N)*

O padrão *Top (Δ) Temp (Δ) N* responde por 31 dados, o que corresponde a 6.9% entre as não prototípicas e 6% entre o total de intercaladas, ou seja, em termos de frequência, ocupa a 5ª posição em seu grupo e 6ª total de dados. Vejamos, na tabela a seguir, os traços definidores desse *type*:

Tabela 21 – Resultados relativos à intercalada não prototípica *Tópico (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	31	31	100
Intraverbal	-	31	-
Pós-verbal	-	31	-
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	19	31	61.3
Média	3	31	9.7
Longa	5	31	16.1
Contíguo	4	31	12.9
Interno	-	31	-
Distância da margem esquerda			
Curta	18	31	58.1
Média	7	31	22.6
Longa	6	31	19.4
Distância da margem direita			
Curta	2	31	6.5
Média	3	31	9.7
Longa	26	31	83.8
Extensão			
Curta	7	31	22.6
Média	14	31	45.2
Longa	10	31	32.2
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	25	31	80.6
Desenvolvida (outros conectores)	2	31	6.5
Reduzida (gerúndio)	4	31	12.9
Reduzida (infinitivo)	-	31	-
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	22	31	71
Diferente	9	31	29
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	21	31	67.7
Média	-	31	-
Baixa	-	31	-
Não se aplica	3	31	9.7
Não tópico	7	31	22.6
Grau de persistência tópica			
Alto	14	31	45.2
Médio	7	31	22.6
Baixo	2	31	6.5
Não se aplica	3	31	9.7
Não persistência	5	31	16.1
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	13	31	41.9
Não correferencial	16	31	51.6
Não se aplica	2	31	6.5
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	20	31	64.5
2ª pessoa	1	31	3.2
3ª pessoa	7	31	22.6
Não se aplica	3	31	9.7
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	26	31	83.9
Inferível	1	31	3.2
Novíssimo	1	31	3.2
Não se aplica	3	31	9.7
Manifestação do sujeito			

Elíptico	21	31	67.7
Pronominal	5	31	16.1
Lexical	2	31	6.5
Não se aplica	3	31	9.7
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	11	31	35.5
Simultaneidade	20	31	64.5
Posterioridade	-	31	-
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	-	31	-
Tempo e condição	3	31	9.7
Tempo e motivo	9	31	29
Tempo e proporção	-	31	-
Tempo prototípico	7	31	22.6
Tempo, concessão e motivo	-	31	-
Tempo, condição e concessão	1	31	3.2
Tempo, condição e motivo	8	31	25.8
Tempo, condição, motivo e concessão	1	31	3.2
Tempo, proporção e concessão	-	31	-
Tempo, proporção e condição	-	31	-
Tempo, proporção e motivo	1	31	3.2
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	31	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	31	-
Tempo, proporção, condição e motivo	1	31	3.2
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	31	-
Total em relação ao locus			
	31	31	100
Total em relação às demais não prototípicas			
	31	449	6.9
Total em relação a todas as intercaladas			
	31	514	6

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme os resultados da tabela 21, os traços caracterizadores desse *locus* da Temporal intercalada são: **(i) posição e extensão:** pré-verbal (31/100%), distância curta da margem esquerda (18/58.1%), distância longa da margem direita (26/83.8%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (19/61.3%) e oração de extensão média (14/45.2%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (25/80.6%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (22/71%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (21/67.7%), alta persistência tópica (14/45.2%), não correferencial ao da nuclear (16/51.6%), evocado (26/83.9%), elíptico (21/67.7%), de primeira pessoa (20/64.5%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (20/64.5%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (9/29%).

Analisemos um exemplo:

(69)51 I: (...) bueno/ sí eran porque/ en el tiempo de antes/ eran las <~la:s> cosas/ muy baratas/ no eran caras/ yo **cuando vivía con mi suegra/ este me decía** <~decía:>/ “vamos a lavar”/ “sí”/ “vete a/ a la <~la:>/ a donde venden el jabón”/ me daba una cubeta/ “te/ te traes tanto de jabón y/ y te dan la lejía”. (51 I: (...) bem/ sim eram porque/ antigamente/ as coisas eram/ muito baratas/ não eram caras/ eu **quando vivia com minha sogra/ este me dizia/**

“vamos lavar”/ “sim”/ “vai a/ a a/ onde vendem o sabão”/ me dava um balde/ “traz tanto de sabão e/ e te dão a água sanitária”). (ENTREVISTA 108 – ME-313-13M-07)

Em (69), a informante está relatando acerca do preço dos produtos, que, antigamente, não eram caros. Entretanto, precisa operar mudança tópica para narrar uma situação em que ela precisava comprar produtos de limpeza. Para tanto, utiliza dois recursos a fim de alcançar seus propósitos comunicativos: a inserção de um elemento com função pragmática de tópico (*yo* – eu) (GIVÓN, 2001a, 2001b) e a oração temporal intercalada *quando vivía com mi suegra* (quando vivia com minha sogra), que traz mais informações sobre esse referente. Sendo assim, a Temporal cumpre, juntamente com o tópico, função de guia, para a informação que seguirá. Nos termos de Dik (1997b), podemos falar em função pragmática de orientação; neste caso, orientação com referente tópico/orientação referencial.

6.4 O padrão *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Antitema* (*N*) (Δ) *Temp* (Δ) *Ant*

O padrão *N* (Δ) *Temp* (Δ) *Ant* responde por apenas 1 dado¹³¹, o que corresponde a 0.2% tanto no grupo das não prototípicas (7ª posição) como no total de intercaladas (10ª posição), no quesito frequência. A atuação dos fatores desse grupo revelou os seguintes traços:

Tabela 22 – Resultados relativos à intercalada não prototípica *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Antitema*

<i>Fatores</i>	<i>Posição</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Pré-verbal		-	1	-
Intraverbal		-	1	-
Pós-verbal		1	1	100
Distância entre Temporal e verbo da nuclear				
Curta		-	1	-
Média		-	1	-
Longa		1	1	100
Contíguo		-	1	-
Interno		-	1	-
Distância da margem esquerda				
Curta		-	1	-
Média		-	1	-
Longa		1	1	100
Distância da margem direita				
Curta		1	1	100

¹³¹ A baixa frequência de uma categoria não a invalida, já que “cumpre lembrar que não é somente a frequência elevada que é reveladora, mas idem os casos infrequentes. A descoberta, em uma dada sincronia, de poucos ou mesmo um único dado de uma certa espécie – se passível de comparação com frequências maiores ou menores em épocas anteriores – pode revelar inícios ou finais de trajetórias. Talvez uma forma esteja se despedindo de certa função gramatical ou começando sua carreira em um novo domínio funcional...” (TAVARES, 2003, p. 60).

Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Extensão			
Curta	-	1	-
Média	1	1	100
Longa	-	1	-
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	1	1	100
Desenvolvida (outros conectores)	-	1	
Reduzida (gerúndio)	-	1	
Reduzida (infinitivo)	-		
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	-	1	-
Diferente	1	1	100
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	1	1	100
Média	-	1	-
Baixa	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Não tópico	-	1	-
Grau de persistência tópica			
Alto	-	1	-
Médio	-	1	-
Baixo	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Não persistência	1	1	100
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	-	1	-
Não correferencial	1	1	100
Não se aplica	-	1	-
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	-	1	-
2ª pessoa	-	1	-
3ª pessoa	1	1	100
Não se aplica	-	1	-
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	1	1	100
Inferível	-	1	-
Novíssimo	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Manifestação do sujeito			
Elíptico	1	1	100
Pronominal	-	1	-
Lexical	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	-	1	-
Simultaneidade	1	1	100
Posterioridade	-	1	-
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	-	1	-
Tempo e condição	-	1	-
Tempo e motivo	-	1	-
Tempo e proporção	-	1	-
Tempo prototípico	1	1	100
Tempo, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, condição e concessão	-	1	-
Tempo, condição e motivo	-	1	-
Tempo, condição, motivo e concessão	-	1	-
Tempo, proporção e concessão	-	1	-

Tempo, proporção e condição	-	1	-
Tempo, proporção e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	1	-
Tempo, proporção, condição e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	1	-
Total em relação ao locus	1	1	100
Total em relação às demais não prototípicas	1	449	0.2
Total em relação a todas as intercaladas	1	514	0.2

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme a tabela, os traços desse *type* são: **(i) posição e extensão:** pós-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), distância longa em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão média (1/100%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (1/100%) e não compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (1/100%), não persistência tópica (1/100%), não correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de terceira pessoa (1/100%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* (1/100%).

Um exemplo desse *type* é o dado (70), que traz o relato das aparições do fantasma de um senhor idoso em uma colina. Na defesa de que a lenda realmente é verídica, o informante conta que ele já apareceu a seus irmãos e, para dar credibilidade à sua narração, informa, ainda, o tempo em que isso ocorreu: *cuando eran más chicos* (*quando eram mais jovens*). Em seguida, introduz um antitema¹³² (*tail*) (DIK, 1997b), a fim de aclarar/reforçar a informação de que os jovens eram seus irmãos. Essa Temporal também exerce uma função de fundo avaliativo, já que serve como suporte argumentativo. Além disso, apresenta função fórica, “retomando e especificando a informação anterior” (SOUZA, 2001, p. 76).

- (70) 761 I: pues <~ps> ahí en el cerro hay una/ de un viejito que se aparece/ en/ en el cerro
762 E: ihh/ ¿un viejito?
763 I: sí/ vestido de blanco
764 ¿qué?/ ¿murió él ahí o [por qué aparece?]
765 I: [quién] sabe/ no no/ no sé// a mí nunca se me ha aparecido/ *al que se le apareció es a*
<~a:>/ *mis dos hermanos más chicos/ cuando eran más chicos ellos.*
(761 I: pois lá na colina há uma/ de um velhinho que aparece/ na/ na colina
762 E: ihh/ um velhinho?

¹³² Tradução de Pezatti (1998) para o termo *tail*, de Dik (1997b).

763 I: sim/ vestido de branco

764 G: quê?/ ele morreu lá ou [por que aparece?]

765 I: [quem] sabe/ não não/ não sei// para mim nunca apareceu/ *a quem apareceu foi a/ meus dois irmãos mais jovens/ **quando eram mais jovens eles***. (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

6.5 O padrão *Adjunto adverbial* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração nuclear* (*AdjAdv* (Δ) *Temp* (Δ) *N*)

O padrão *AdjAdv* (Δ) *Temp* (Δ) *N* responde por 39 dados, o que, em termos percentuais de frequência, corresponde a 8.7% em relação às demais não prototípicas (quarta posição) e 7.6% em relação ao total geral de dados (quinta posição). Os valores da tabela a seguir delineiam suas características:

Tabela 23 – Resultados relativos à intercalada não prototípica *Adjunto adverbial* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração nuclear*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	39	39	100
Intraverbal	-	39	-
Pós-verbal	-	39	-
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	25	39	64.1
Média	3	39	7.7
Longa	4	39	10.3
Contíguo	7	39	17.9
Interno	-	39	-
Distância da margem esquerda			
Curta	20	39	51.3
Média	15	39	38.5
Longa	4	39	10.3
Distância da margem direita			
Curta	1	39	2.6
Média	7	39	17.9
Longa	31	39	79.5
Extensão			
Curta	9	39	23.1
Média	20	39	51.3
Longa	10	39	25.6
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	30	39	76.9
Desenvolvida (outros conectores)	3	39	7.7
Reduzida (gerúndio)	4	39	10.3
Reduzida (infinitivo)	2	39	5.1
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	29	39	74.4
Diferente	10	39	25.6
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	16	39	41

Média	8	39	20.5
Baixa	1	39	2.6
Não se aplica	4	39	10.3
Não tópico	10	39	25.6
Grau de persistência tópica			
Alto	17	39	43.6
Médio	4	39	10.3
Baixo	5	39	12.8
Não se aplica	4	39	10.3
Não persistência	9	39	23
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	15	39	38.5
Não correferencial	24	39	61.5
Não se aplica	-	39	-
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	23	39	59
2ª pessoa	2	39	5.1
3ª pessoa	13	39	33.4
Não se aplica	1	39	2.6
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	32	39	82
Inferível	1	39	2.6
Novíssimo	1	39	2.6
Não se aplica	5	39	12.8
Manifestação do sujeito			
Elíptico	26	39	66.7
Pronominal	6	39	15.4
Lexical	2	39	5.1
Não se aplica	5	39	12.8
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	17	39	43.6
Simultaneidade	20	39	51.3
Posterioridade	2	39	5.1
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	2	39	5.1
Tempo e condição	3	39	7.7
Tempo e motivo	15	39	38.5
Tempo e proporção	-	39	-
Tempo prototípico	13	39	33.3
Tempo, concessão e motivo	-	39	-
Tempo, condição e concessão	-	39	-
Tempo, condição e motivo	5	39	12.8
Tempo, condição, motivo e concessão	1	39	2.6
Tempo, proporção e concessão	-	39	-
Tempo, proporção e condição	-	39	-
Tempo, proporção e motivo	-	39	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	39	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	39	-
Tempo, proporção, condição e motivo	-	39	-
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	39	-
Total em relação ao locus	39	39	100
Total em relação às demais não prototípicas	39	449	8.7
Total em relação a todas as intercaladas	39	514	7.6

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo a tabela, suas características são: (i) **posição e extensão:** pré-verbal (39/100%), distância curta da margem esquerda (20/51.3%), distância longa da margem direita (31/79.5%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (25/64.1%) e oração de

extensão média (20/51.3%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (30/76.9%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (29/74.4%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (16/41%), alta persistência tópica (17/43.6%), não correferencial ao da nuclear (24/61.5%), evocado (32/82%), elíptico (26/66.7%), de primeira pessoa (23/59%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (20/51.3%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (15/38.5%).

Para fomentar a discussão, consideremos o dado (71), em que a informante está falando sobre como cuida de seus filhos, apesar de trabalhar fora. Ao narrar a rotina de refeições deles, explica que, como chegam à tarde, precisam comer novamente e situa o momento em que isso acontece, *en la noche* (*à noite*), detalhando a informação de que é o período da noite quando eles chegam (*cuando llegan ellos*).

(71) 220 E: no además a qué hora ves a tus hijos [¿no?]

221 I: [y luego] voy a descuidar más a mis hijos y todo y digo “ay no”/ y así al menos en la mañana les hago de comer/ y ya les di de comer o de almorzar lo que sea/ y ya *en la noche cuando llegan ellos ya comen otra vez porque van en la tarde*.

(220 E: não além disso que horas você vê seus filhos [não?])

221 I: [e logo] vou descuidar mais dos meus filhos e tudo e digo “ai não”/ e assim ao menos de manhã lhes faço algo para comer/ e já lhes dei comida ou almoço o que seja/ e já *à noite quando eles chegam já comem outra vez porque vão à tarde*. (ENTREVISTA 96 – ME-308-12M-07)

O *type AdjAdv* (Δ) *Temp* (Δ) *N* é bastante variado, tendo em vista as diversas subclasses de adjuntos adverbiais existentes (Cf. RAE, 2010: maneira, instrumento, meio, matéria, companhia, quantidade ou grau, lugar, tempo, causa, finalidade, proveito ou benefício); entretanto, em todos, predomina a noção de circunstância, que delimita o estado-de-coisas expresso na oração nuclear. Além disso, ainda temos os advérbios oracionais que “podem abarcar a oração em seu conjunto, mas também algum elemento modal que a contém” (RAE, 2010, p. 591)¹³³. Esses adjuntos são os que, de acordo com Di Tullio (1997), “encabeçam a cláusula e estabelecem o marco locativo e/ou temporal em que deve ser

¹³³ “pueden abarcar la oración en su conjunto, pero también algún elemento modal que la contiene” (RAE, 2010, p. 591).

interpretado o resto da cláusula” (DI TULLIO, 1997, p. 118)¹³⁴ e os que “modificam toda a cláusula, indicando a atitude do falante com respeito a todo o enunciado” (DI TULLIO, 1997, p. 118)¹³⁵.

Em todos esses casos, a intercalada que segue esses adjuntos funciona como um guia circunstancial, restringindo mais ainda as coordenadas da situação narrada, o que pode, inclusive, incidir sobre o período inteiro, tendo em vista sua proximidade à margem esquerda. Isso explica também seu valor semântico de *tempo e motivo* (15/38.5%), mas, principalmente, o de *tempo prototípico* (13/33.3%).

6.6 O padrão *Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada (ConecCoord (Δ) Temp (Δ) OCoord)*

O padrão *ConecCoord (Δ) Temp (Δ) OCoord* apresenta 173 dados (38.6% entre as não prototípicas e 33.7% entre todos os dados), o que o leva, em termos de frequência, à primeira posição tanto em seu grupo como em relação a todos os dados. Dentro deste universo de pesquisa, revelou-se como o *type* mais comum, o que diz muito sobre essa estrutura e sobre como interpor orações temporais em Espanhol. Vejamos seus traços característicos:

Tabela 24 – Resultados relativos à intercalada não prototípica *Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	173	173	100
Intraverbal	-	173	-
Pós-verbal	-	173	-
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	118	173	68.2
Média	13	173	7.5
Longa	15	173	8.7
Contíguo	27	173	15.6
Interno	-	173	-
Distância da margem esquerda			
Curta	162	173	93.6
Média	10	173	5.8
Longa	1	173	0.6
Distância da margem direita			
Curta	28	173	16.2
Média	27	173	15.6
Longa	118	173	68.2
Extensão			
Curta	37	173	21.4

¹³⁴ “encabezan la cláusula y establecen el marco locativo y/o temporal en el que debe interpretarse el resto de la cláusula” (DI TULLIO, 1997, p. 118).

¹³⁵ “modifican a toda la cláusula, indicando la actitud del hablante con respecto a todo el enunciado” (DI TULLIO, 1997, p. 118).

Média	58	173	33.5
Longa	78	173	45.1
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	128	173	74
Desenvolvida (outros conectores)	27	173	15.6
Reduzida (gerúndio)	8	173	4.6
Reduzida (infinitivo)	10	173	5.8
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	126	173	72.8
Diferente	47	173	27.2
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	81	173	46.8
Média	25	173	14.5
Baixa	8	173	4.6
Não se aplica	14	173	8.1
Não tópico	45	173	26
Grau de persistência tópica			
Alto	45	173	26
Médio	36	173	20.8
Baixo	30	173	17.3
Não se aplica	14	173	8.1
Não persistência	48	173	27.8
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	83	173	48
Não correferencial	82	173	47.4
Não se aplica	8	173	4.6
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	84	173	48.5
2ª pessoa	4	173	2.4
3ª pessoa	84	173	48.5
Não se aplica	1	173	0.6
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	148	173	85.5
Inferível	4	173	2.3
Novíssimo	5	173	2.9
Não se aplica	16	173	9.3
Manifestação do sujeito			
Elíptico	106	173	61.3
Pronominal	28	173	16.2
Lexical	23	173	13.3
Não se aplica	16	173	9.2
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	71	173	41
Simultaneidade	94	173	54.3
Posterioridade	8	173	4.6
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	4	173	2.3
Tempo e condição	6	173	3.4
Tempo e motivo	43	173	24.9
Tempo e proporção	3	173	1.7
Tempo prototípico	40	173	23.1
Tempo, concessão e motivo	5	173	2.9
Tempo, condição e concessão	2	173	1.2
Tempo, condição e motivo	51	173	29.5
Tempo, condição, motivo e concessão	4	173	2.3
Tempo, proporção e concessão	1	173	0.6
Tempo, proporção e condição	-	173	-
Tempo, proporção e motivo	1	173	0.6
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	173	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	173	-

Tempo, proporção, condição e motivo	10	173	5.8
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	3	173	1.7
Total em relação ao locus	173	173	100
Total em relação às demais não prototípicas	173	449	38.6
Total em relação a todas as intercaladas	173	514	33.7

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo a tabela, suas características são: **(i) posição e extensão:** pré-verbal (173/100%), distância curta da margem esquerda (162/93.6%), distância longa da margem direita (118/68.2%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (118/68.2%) e oração de extensão longa (78/45.1%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (128/74%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (126/72.8%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (81/46.8%), não persistência tópica (48/27.8%), correferencial ao da nuclear (83/48%), evocado (148/85.5%), elíptico (106/61.3%), de primeira pessoa e terceira pessoa (84/48.5%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (94/54.3%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (51/29.5%).

Esse *type*, ilustrado abaixo, também é analisado como um padrão multifacetado, considerando os valores semânticos expressos pelas orações coordenadas. Segundo a RAE (2010), distinguem-se três tipos de grupos coordenados: “conjuntos cujos elementos são somados (copulativas), alternam entre si ou se prestam a uma escolha (disjuntivas) ou se opõem de diversas formas (adversativas)” (RAE, 2010, p. 603-604)¹³⁶.

(72) 426 I: bueno de de hecho cuando son extras son doubles

427 E: mh

428 I: *pero cuando ya es obligatorio/ el día de descanso se paga triple*

(426 I: bem de de fato quando são extras são dobrados

427 E: mh

428 I: *mas quando já é obrigatório/ o dia de descanso é pago triplicado*). (ENTREVISTA 73 – ME-258-11H-05)

A descrição desse padrão nos revela um período composto por coordenação e uma Temporal, que se intercala entre o conector e o que tradicionalmente se reconhece como oração coordenada sindética, que se torna sua nuclear. Em (72), a coordenada adversativa *pero cuando ya es obligatorio/ el día de descanso se paga triple* (*mas quando já é*

¹³⁶ “conjuntos cuyos elementos se suman (copulativas), alternan entre sí o se prestan a una elección (disyuntivas) o se oponen de diversas formas (adversativas)” (RAE, 2010, p. 603-604).

obligatorio/ o dia de descanso é pago triplicado) abriga também estrutura de hipotaxe, com uma hipotática de realce temporal *cuando ya es obligatorio (cuando já é obrigatório)* com sua respectiva nuclear, *el día de descanso se paga triple (o dia de descanso é pago triplicado)*.

Desse modo, percebemos uma função de guia sentencial, que se acopla à função semântica da coordenada que encabeça. Em se tratando de relação adversativa, contribui ainda mais para realçar o valor adversativo da sentença que virá adiante. Por se valer de material anterior e encabeçar novas informações a partir dele, também identificamos a função de ponte de transição (DECAT, 2010).

6.7 O padrão *Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada (ConecSub (Δ) Temp (Δ) OSub)*

O padrão *ConecSub (Δ) Temp (Δ) OSub* apresenta 66 dados (14.7% entre as não prototípicas e 12.8% entre todos os dados). No *ranking* da frequência, é o terceiro *locus* mais comum em seu grupo e em relação a todos os dados. O comportamento de seus elementos se apresenta como segue:

Tabela 25 – Resultados relativos à intercalada não prototípica *Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	66	66	100
Intraverbal	-	66	-
Pós-verbal	-	66	-
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	48	66	72.7
Média	1	66	1.5
Longa	2	66	3
Contíguo	15	66	22.8
Interno	-	66	-
Distância da margem esquerda			
Curta	21	66	31.8
Média	21	66	31.8
Longa	24	66	36.4
Distância da margem direita			
Curta	4	66	6.1
Média	16	66	24.2
Longa	46	66	69.7
Extensão			
Curta	18	66	27.3
Média	19	66	28.8
Longa	29	66	43.9
Forma e Conector			
Desenvolvida (cuando)	44	66	66.7
Desenvolvida (outros conectores)	15	66	22.7
Reduzida (gerúndio)	2	66	3
Reduzida (infinitivo)	5	66	7.6

Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	49	66	74.2
Diferente	17	66	25.8
Distância referencial/ acessibilidade anafórica			
Alta	28	66	42.4
Média	10	66	15.2
Baixa	3	66	4.5
Não se aplica	6	66	9.1
Não tópico	19	66	28.8
Grau de persistência tópica			
Alto	15	66	22.7
Médio	14	66	21.2
Baixo	13	66	19.7
Não se aplica	6	66	9.1
Não persistência	18	66	27.3
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	32	66	48.5
Não correferencial	32	66	48.5
Não se aplica	2	66	3
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	29	66	43.9
2ª pessoa	7	66	10.6
3ª pessoa	29	66	43.9
Não se aplica	1	66	1.6
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	54	66	81.8
Inferível	-	66	-
Novíssimo	6	66	9.1
Não se aplica	6	66	9.1
Manifestação do sujeito			
Elíptico	42	66	63.6
Pronominal	10	66	15.2
Lexical	8	66	12.1
Não se aplica	6	66	9.1
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	24	66	36.4
Simultaneidade	39	66	59.1
Posterioridade	3	66	4.5
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	4	66	6.1
Tempo e condição	5	66	7.6
Tempo e motivo	14	66	21.2
Tempo e proporção	-	66	-
Tempo prototípico	13	66	19.7
Tempo, concessão e motivo	1	66	1.5
Tempo, condição e concessão	1	66	1.5
Tempo, condição e motivo	19	66	28.8
Tempo, condição, motivo e concessão	1	66	1.5
Tempo, proporção e concessão	-	66	-
Tempo, proporção e condição	-	66	-
Tempo, proporção e motivo	1	66	1.5
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	66	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	66	-
Tempo, proporção, condição e motivo	7	66	10.6
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	66	-
Total em relação ao locus			
	66	66	100
Total em relação às demais não prototípicas			
	66	449	14.7
Total em relação a todas as intercaladas			
	66	514	12.8

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo a tabela, suas características são: **(i) posição e extensão:** pré-verbal (66/100%), distância longa da margem esquerda (24/36.4%), distância longa da margem direita (46/69.7%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (48/72.7%) e oração de extensão longa (29/43.9%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (44/66.7%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (49/74.2%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (28/42.4%), não persistência tópica (18/27.3%), correferencial e não correferencial ao da nuclear (32/48.5%), evocado (54/81.8%), elíptico (42/63.6%), de primeira pessoa e terceira pessoa (29/43.9%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (39/59.1%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (19/28.8%).

Observemos um exemplo:

(73) 340 I: es mi papá [es el que]

341 E: [ah él es tu] papá [ajá]

342 I: [ajá]/ y es el que me ve/ el que es el que <~que:> anda al anda al al tanto de mí

343 E: ajá

344 I: checando preguntándome que qué ando haciendo/ que <~que:>/ qué es lo que hago ¿no?/ *porque antes sí/ te digo que **cuando dejé de vender <de> este la droga/ empecé a meterle/ me drogaba/** y no faltaba que le dijieran (sic) este "su muchacho está allá atrás/ se anda drogando"/ que "su muchacho ya anda bien borracho" que "vaya por él"/ dos tres veces me llegó [a ir]*

(340 I: é meu pai [é o que]

341 E: [ah ele é teu] pai [aham]

342 I: [aham]/ e é o que me vê/ o que é o que se preocupa comigo

343 E: aham

344 I: checando me perguntando que que ando fazendo/ que/ o que é que eu faço não?/ *porque antes sim/ te digo que **quando deixei de vender este a droga/ comecei a usar/ me drogava/** e não faltava quem dissesse a ele este "su rapaz está ali atrás/ se anda drogando"/ que "seu rapaz já anda bem bêbado" que "vá busca-lo"/ duas três vezes chegou [a ir]).*

(ENTREVISTA 77 – ME-304-11H-07)

No exemplo (73), o informante relata situações que lhe ocorriam no passado, enquanto tinha relação com drogas: venda e uso. Da mesma forma que no caso das orações coordenadas, as orações justapostas *empecé a meterle/ me drogaba* (*comecei a usar/me*

drogava)¹³⁷ ao mesmo tempo que são subordinadas à *te digo que* são também nucleares à hipotática de realce temporal *cuando dejé de vender este la droga (quando deixei de vender este a droga)*. A Temporal se intercala entre o conector de uma subordinada e a própria subordinada, instituindo-lhe um guia sentencial para a compreensão do que será narrado na oração seguinte. A diferença é o traço de modalização, tendo em vista que o contexto em que se insere (entre o verbo e uma oração completiva) é marcadamente mais modalizado (GIVÓN, 2001a).

6.8 Nível de afastamento do protótipo

Para medir o nível de afastamento do prototótipo, consideramos, quanto a essas orações, apenas dois critérios: *semelhança de traços* e *frequência* (quanto mais traços semelhantes ao grupo das não prototípicas tiver e quanto mais frequente for, mais se afastará do protótipo), com pontuação de 1 a 7 para cada critério, já que são sete *types* de não prototípicas. Entretanto, em *semelhança de traços*, duas estruturas apresentaram comportamento semelhante (*Marc (Δ) Temp (Δ) N* e *AdjAdv (Δ) Temp (Δ) N*), o que nos levou a, apenas nesse quesito, considerar 6 como pontuação máxima.

A título de exemplo, tomemos o *type Top (Δ) Temp (Δ) N*: essa estrutura é 93.3% similar ao grupo total das não prototípicas, já que demonstra semelhança com seu grupo de catorze dos quinze traços analisados. Por isso, recebe pontuação máxima – seis pontos – no parâmetro *semelhança de traços*. Em relação à frequência em seu grupo, figura como o quinto lugar, o que lhe confere três pontos¹³⁸. Ao total, então, esse *type* é representado com nove pontos.

Vejamos, no quadro que segue, um resumo dessas características e a pontuação atribuída a cada *type*. Os valores da última linha dizem respeito à pontuação conferida a cada uma das estruturas, o que será detalhado em seguida:

¹³⁷ Como afirmamos, a justaposição é vista nas gramáticas ora como um subtipo das coordenadas (SECO, 1996; GÓMEZ TORREGO, 2005) ora como categoria à parte (DI TULLIO, 1997; ALARCOS LLORACH, 2000; GILI GAYA, 2000; MASIP, 2010; RAE, 2010). Inclínados mais à segunda posição, analisamos como justapostos esses enunciados, tendo em vista os critérios comumente citados pelos autores: independência sintática, contiguidade, ausência de nexos e equitatividade de hierarquia.

¹³⁸ Como os itens mais frequentes devem receber mais pontos, a distribuição foi a seguinte: 1º lugar (mais frequente) (7 pontos), 2º lugar (6 pontos), 3º lugar (5 pontos), 4º lugar (4 pontos), 5º lugar (3 pontos), 6º lugar (2 pontos), 7º lugar (menos frequente) (1 ponto).

Quadro 10 – Comparação entre os traços dos *types* de intercaladas não prototípicas¹³⁹

Grupos de fatores	Types							
	Não prototípicas	Marc (Δ) Temp (Δ) N	N (Δ) Temp (Δ) (Δ) Marc	Top (Δ) Temp (Δ) N	N (Δ) Temp (Δ) Ant	AdjAdv (Δ) Temp (Δ) N	ConecCoord (Δ) Temp (Δ) OCoord	ConecSub (Δ) Temp (Δ) OSub
Posição	Pré-verbal	Pré-verbal	Pós-verbal	Pré-verbal	Pós-verbal	Pré-verbal	Pré-verbal	Pré-verbal
Distância entre Temporal e verbo	Curta	Curta	Curta	Curta	Longa	Curta	Curta	Curta
Distância da margem esquerda	Curta	Curta	Longa	Curta	Longa	Curta	Curta	Longa
Distância da margem direita	Longa	Longa	Curta	Longa	Curta	Longa	Longa	Longa
Extensão da Temporal	Longa	Longa	Longa	Longa	Média	Média	Longa	Longa
Forma/ Conector	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)
Compartilhamento de tempo/modo com a nuclear	Igual	Igual	Igual	Igual	Diferente	Igual	Igual	Igual
Distância referencial/ Acessibilidade anafórica	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta
Persistência tópica	Alta	Não persistência	Alta Não persistência	Alta	Não persistência	Alta	Não persistência	Não persistência
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear	Não correferencial	Não correferencial	Correferencial	Não correferencial	Não correferencial	Não correferencial	Correferencial	Correferencial Não correferencial
Pessoa do discurso do sujeito da Temporal	1ª pessoa	1ª pessoa	1ª pessoa 3ª pessoa	1ª pessoa	3ª pessoa	1ª pessoa	1ª pessoa 3ª pessoa	1ª pessoa 3ª pessoa
Estatuto informacional do sujeito da Temporal	Evocado	Evocado	Evocado	Evocado	Evocado	Evocado	Evocado	Evocado
Manifestação do sujeito da Temporal	Elíptico	Elíptico	Elíptico	Elíptico	Elíptico	Elíptico	Elíptico	Elíptico
Relação cronológico-temporal	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade
Relações lógico-semânticas	Tempo, condição e motivo	Tempo e motivo	Tempo e motivo Tempo, condição e motivo	Tempo e motivo	Tempo prototípico	Tempo e motivo	Tempo, condição e motivo	Tempo, condição e motivo
Total de traços semelhantes ao grupo	15/15 (100%)	13/15 (86.7%)	8/15 (53.3%)	14/15 (93.3%)	6/15 (40%)	13/15 (86.7%)	12/15 (80%)	11/15 (73.3%)
Ranking de semelhança de traços	-	2º	5º	1º	6º	2º	3º	4º
Ranking de frequência no grupo	-	2º	6º	5º	7º	4º	1º	3º
Pontuação	-	5+6=11	2+2=4	6+3=9	1+1=2	5+4=9	4+7=11	3+5=8

Fonte: elaborada pelo autor.

¹³⁹ Os fatores em negrito referem-se aos pontos que divergem dos traços da segunda coluna, que representa os traços gerais das não prototípicas.

Em relação ao *ranking* de semelhança de traços, baseados na informação de que, quanto mais central um membro for, mais refletirá redundantemente os parâmetros de sua categoria (ROSCH; MERVIS, 1975; ROSCH, 1978), aplicamos a seguinte pontuação para cada *type* de intercalada: embora haja sete subcategorias de não prototípicas, duas delas apresentam o mesmo número de traços correspondentes a seu grupo, ou seja, atribuímos uma pontuação de 1 a 6, em que o maior número representa o padrão ao qual se considerou o primeiro lugar neste critério¹⁴⁰. Deste modo, a pontuação ficou assim determinada:

- 1º lugar: *Top* (Δ) *Temp* (Δ) *N* (6 pontos);
- 2º lugar: *Marc* (Δ) *Temp* (Δ) *N* e *AdjAdv* (Δ) *Temp* (Δ) *N* (ambos com 5 pontos);
- 3º lugar: *ConecCoord* (Δ) *Temp* (Δ) *OCoord* (4 pontos);
- 4º lugar: *ConecSub* (Δ) *Temp* (Δ) *OSub* (3 pontos);
- 5º lugar: *N* (Δ) *Temp* (Δ) *Marc* (2 pontos);
- 6º lugar: *N* (Δ) *Temp* (Δ) *Ant* (1 ponto).

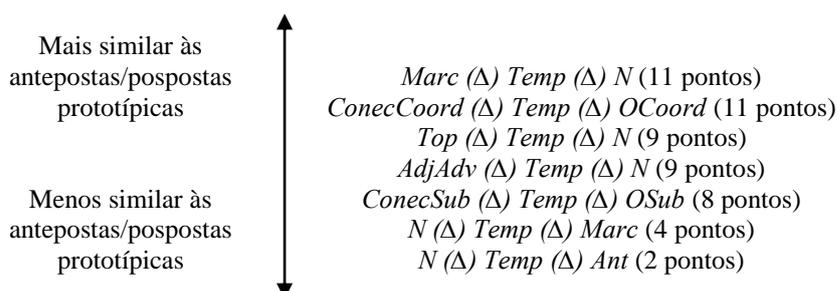
No critério da frequência, tendo em vista que as formas não marcadas são mais frequentes (GIVÓN, 1995, 2001a), e como não havia itens com o mesmo nível de frequência, pudemos atribuir 1 a 7 pontos para cada *type*, entendendo que, quanto mais frequente fosse, maior pontuação teria. Sendo assim, obtivemos o seguinte *ranking*:

- 1º lugar: *ConecCoord* (Δ) *Temp* (Δ) *OCoord* (7 pontos);
- 2º lugar: *Marc* (Δ) *Temp* (Δ) *N* (6 pontos);
- 3º lugar: *ConecSub* (Δ) *Temp* (Δ) *OSub* (5 pontos);
- 4º lugar: *AdjAdv* (Δ) *Temp* (Δ) *N* (4 pontos);
- 5º lugar: *Top* (Δ) *Temp* (Δ) *N* (3 pontos);
- 6º lugar: *N* (Δ) *Temp* (Δ) *Marc* (2 pontos);
- 7º lugar: *N* (Δ) *Temp* (Δ) *Ant* (1 ponto).

Somando as pontuações referentes aos critérios de semelhança de traços e frequência, obtivemos este *continuum* de afastamento do protótipo de intercalada:

¹⁴⁰ Escolhemos como pontuação máxima o número 7 para representar o número de estruturas. Nesse quesito, no entanto, como há *types* com valor similar, a pontuação máxima cai para 6.

Quadro 11 – Graus de afastamento do protótipo de intercalada



Fonte: elaborado pelo autor.

Como a literatura revela haver membros centrais e marginais em qualquer categoria (ROSCH, 1978; MOURE, 1994; BYBEE, 2016), percebemos que os membros que mais se assemelham às antepostas/pospostas prototípicas são os *types Marc* (Δ) *Temp* (Δ) *N* e *ConecCoord* (Δ) *Temp* (Δ) *OCoord*, por estarem associados a estratégias bastante comuns na produção linguística: o uso de marcadores discursivos no início das cláusulas e o de conectores coordenados, elementos que não são fortemente aderidos às sentenças em que estão inseridos. Por outro lado, quando se associam com marcadores discursivos de fim de cláusula e antitema, essas Temporais entram em contextos mais complexos, em que há um maior valor avaliativo do que de guia/orientação.

6.9 Síntese da discussão

Neste capítulo, ocupamo-nos em apresentar os *types* das Temporais intercaladas não prototípicas, os que mais se assemelham às antepostas/pospostas. Entre os 449 dados de Temporais intercaladas não prototípicas (87.3% do total), localizamos sete padrões, analisados segundo suas características:

a) **Marcador discursivo (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear (129 dados - 28.7% no grupo e 25.1% geral): (i) **posição e extensão:** pré-verbal (128/99.2%), distância curta da margem esquerda (109/84.5%), distância longa da margem direita (83/64.3%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (82/63.6%) e oração de extensão média (49/38%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (101/78.3%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (88/68.2%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (52/40.3%), não persistência tópica (33/25.6%), não correferencial ao da nuclear (73/56.6%), evocado (112/86.8%), elíptico (78/60.5%), de primeira pessoa (70/54.2%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de**

simultaneidade (71/55%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (42/32.6%). **Função pragmática:** ponte de transição.

b) **Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Marcador discursivo: (i) posição e extensão (10 dados – 2.2% no grupo e 1.9% geral):** pós-verbal (10/100%), distância longa da margem esquerda (6/60%), distância curta da margem direita (10/100%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (6/60%) e oração de extensão longa (8/80%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (10/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (7/70%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (7/70%), alta persistência tópica (4/40%) e não persistência tópica (4/40%), correferencial ao da nuclear (7/70%), evocado (8/80%), elíptico (7/70%), de primeira pessoa (5/50%) e de terceira pessoa (5/50%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (6/60%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (3/30%) e *tempo, condição e motivo* (3/30%). **Função pragmática:** fundo avaliativo.

c) **Tópico (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear (31 dados – 6.9% no grupo e 6% geral): (i) posição e extensão:** pré-verbal (31/100%), distância curta da margem esquerda (18/58.1%), distância longa da margem direita (26/83.8%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (19/61.3%) e oração de extensão média (14/45.2%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (25/80.6%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (22/71%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (21/67.7%), alta persistência tópica (14/45.2%), não correferencial ao da nuclear (16/51.6%), evocado (26/83.9%), elíptico (21/67.7%), de primeira pessoa (20/64.5%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (20/64.5%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (9/29%). **Função pragmática:** orientação com referente tópico/orientação referencial.

d) **Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Antitema (1 dado – 0.2% no grupo e no geral): (i) posição e extensão:** pós-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), distância longa em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão média (1/100%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (1/100%) e não compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (1/100%), não persistência tópica (1/100%), não correferencial ao da nuclear (1/100%),

evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de terceira pessoa (1/100%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* (1/100%). **Função pragmática:** fundo avaliativo e função fórica.

e) **Adjunto adverbial (Δ) Temporal (Δ) Oração nuclear (39 dados – 8.7% no grupo e 7.6% geral):** **(i) posição e extensão:** pré-verbal (39/100%), distância curta da margem esquerda (20/51.3%), distância longa da margem direita (31/79.5%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (25/64.1%) e oração de extensão média (20/51.3%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (30/76.9%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (29/74.4%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (16/41%), alta persistência tópica (17/43.6%), não correferencial ao da nuclear (24/61.5%), evocado (32/82%), elíptico (26/66.7%), de primeira pessoa (23/59%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (20/51.3%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (15/38.5%). **Função pragmática:** guia circunstancial.

f) **Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada (173 dados – 38.6% no grupo e 33.7% geral):** **(i) posição e extensão:** pré-verbal (173/100%), distância curta da margem esquerda (162/93.6%), distância longa da margem direita (118/68.2%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (118/68.2%) e oração de extensão longa (78/45.1%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (128/74%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (126/72.8%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (81/46.8%), não persistência tópica (48/27.8%), correferencial ao da nuclear (83/48%), evocado (148/85.5%), elíptico (106/61.3%), de primeira pessoa e terceira pessoa (84/48.5%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (94/54.3%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (51/29.5%). **Função pragmática:** guia sentencial e ponte de transição.

g) **Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada (66 dados – 14.7% no grupo e 12.8% geral):** **(i) posição e extensão:** pré-verbal (66/100%), distância longa da margem esquerda (24/36.4%), distância longa da margem direita (46/69.7%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (48/72.7%) e oração de extensão longa

(29/43.9%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (44/66.7%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (49/74.2%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (28/42.4%), não persistência tópica (18/27.3%), correferencial e não correferencial ao da nuclear (32/48.5%), evocado (54/81.8%), elíptico (42/63.6%), de primeira pessoa e terceira pessoa (29/43.9%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (39/59.1%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (19/28.8%). **Função pragmática:** guia sentencial modal.

Ainda neste capítulo, a partir dos critérios de *semelhança de traços e frequência*, elaboramos um *continuum* que trata do nível de afastamento do protótipo de intercalada, a partir de uma pontuação atribuída a cada um dos *types*. Desse modo, percebemos que os padrões que mais se afastam do protótipo de intercalada e mais se aproximam do protótipo de oração anteposta/posposta são os *types Marc (Δ) Temp (Δ) N* e *ConecCoord (Δ) Temp (Δ) OCoord*. Associamos esse resultado ao contexto em que ocorrem, com a presença de elementos mais típicos na língua atrelados a ambientes de guia/orientação: os marcadores discursivos e os conectores coordenativos, e que não necessariamente têm uma relação de aderência sintática forte com a cláusula a que pertencem.

7 AS INTERCALADAS PROTOTÍPICAS

As intercaladas prototípicas são aquelas que se inserem entre termos agregados. Por esse motivo, quanto à marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), figuram em contexto estruturalmente marcado, o que redundava em baixa frequência (65/12.7%). Entretanto, essa estratégia é interpretada por nós como útil para a compreensão de determinado elemento da sentença, um reflexo do princípio de expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012). Essa estratégia seria relevante para reduzir os esforços de codificação da cláusula.

No *corpus* sob análise, tal estratégia aparece codificada por seis *types*, os quais podem ser visualizados na tabela que segue:

Tabela 26 – Distribuição das orações intercaladas prototípicas no *Corpus* Sociolinguístico de la Ciudad de México (CSCM)

<i>Locus e tipo de intercalada</i>	<i>Aplicação</i>	<i>Total</i>	<i>Frequência type</i>	<i>Ranking</i>	<i>Frequência token</i>	<i>Ranking</i>
Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo (Suj (Δ) Temp (Δ) V)	51	65/514	78.5	1°	9.9	4°
Verbo (Δ) Temporal (Δ) Adjunto adverbial (V (Δ) Temp (Δ) AdjAdv)	4	65/514	6.2	3°	0.8	9°
Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Complemento nominal (N (Δ) Temp (Δ) ComplNom)	1	65/514	1.5	4°	0.2	10°
Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto (V (Δ) Temp (Δ) OI)	1	65/514	1.5	4°	0.2	10°
Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto (V (Δ) Temp (Δ) OD)	7	65/514	10.8	2°	1.4	8°
Verbo auxiliar de perífrase (Δ) Temporal (Δ) Verbo principal de perífrase (V1 (Δ) Temp (Δ) V2)	1	65/514	1.5	4°	0.2	10°
Total de prototípicas	65	514	100	-	12.7	-
Total geral	514	65/514	100	-	100	-

Fonte: elaborada pelo autor.

Como se pode perceber, os casos menos frequentes são: *N (Δ) Temp (Δ) ComplNom*, *V (Δ) Temp (Δ) OI* e *V1 (Δ) Temp (Δ) V2*. Considerando apenas o critério da frequência, esses *types* seriam os que mais se aproximariam do protótipo de Temporal intercalada. Entretanto, além desse critério, consideramos também o *grau de aderência dos termos que separa* e *grau de similaridade ao seu grupo*. Essa discussão será feita no final deste capítulo. Antes, vejamos traços característicos e exemplos dessas cláusulas.

7.1 O padrão *Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo (Suj (Δ) Temp (Δ) V)*

O padrão *Suj (Δ) Temp (Δ) V*, cujos traços mostramos na tabela a seguir, é representado em 51 dados (78.5% entre as prototípicas e 9.9% entre todos os dados). No que tange à frequência, ocupa o primeiro lugar em relação ao seu grupo e o quarto lugar no total geral de dados.

Tabela 27 – Resultados relativos à intercalada prototípica *Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	51	51	100
Intraverbal	-	51	-
Pós-verbal	-	51	-
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	25	51	49
Média	1	51	2
Longa	4	51	7.8
Contíguo	21	51	41.2
Interno	-	51	-
Distância da margem esquerda			
Curta	35	51	68.6
Média	10	51	19.6
Longa	6	51	11.8
Distância da margem direita			
Curta	9	51	17.7
Média	12	51	23.5
Longa	30	51	58.8
Extensão			
Curta	17	51	33.3
Média	17	51	33.3
Longa	17	51	33.3
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	39	51	76.5
Desenvolvida (outros conectores)	7	51	13.7
Reduzida (gerúndio)	2	51	3.9
Reduzida (infinitivo)	3	51	5.9
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	43	51	84.3
Diferente	8	51	15.7
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	41	51	80.4
Média	2	51	3.9
Baixa	2	51	3.9
Não se aplica	-	51	-
Não tópico	6	51	11.8
Grau de persistência tópica			
Alto	24	51	47.1
Médio	11	51	21.6
Baixo	12	51	23.5
Não se aplica	-	51	-
Não persistência	4	51	7.8
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	44	51	86.3
Não correferencial	7	51	13.7
Não se aplica			

Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	30	51	58.8
2ª pessoa	1	51	2
3ª pessoa	20	51	39.2
Não se aplica	-	51	-
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	50	51	98
Inferível	1	51	2
Novíssimo	-	51	-
Não se aplica	-	51	-
Manifestação do sujeito			
Elíptico	43	51	84.4
Pronominal	4	51	7.8
Lexical	4	51	7.8
Não se aplica	-	51	-
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	18	51	35.3
Simultaneidade	31	51	60.8
Posterioridade	2	51	3.9
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	6	51	11.7
Tempo e condição	2	51	3.9
Tempo e motivo	8	51	15.7
Tempo e proporção	-	51	-
Tempo prototípico	12	51	23.5
Tempo, concessão e motivo	2	51	3.9
Tempo, condição e concessão	1	51	2
Tempo, condição e motivo	16	51	31.4
Tempo, condição, motivo e concessão	3	51	5.9
Tempo, proporção e concessão	-	51	-
Tempo, proporção e condição	-	51	-
Tempo, proporção e motivo	1	51	2
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	51	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	51	-
Tempo, proporção, condição e motivo	-	51	-
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	51	-
Total em relação ao locus	51	51	100
Total em relação às demais prototípicas	51	65	78.5
Total em relação a todas as intercaladas	51	514	9.9

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo a tabela, suas características são: **(i) posição e extensão:** pré-verbal (51/100%), distância curta da margem esquerda (35/68.6%), distância longa da margem direita (30/58.8%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (25/49%) e oração de extensão curta, média e longa (17/33.3%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (39/76.5%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (43/84.3%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (41/80.4%), alta persistência tópica (24/47.1%), correferencial ao da nuclear (44/86.3%), evocado (50/98%), elíptico (43/84.4%), de primeira pessoa (30/58.8%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (31/60.8%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (16/31.4%).

No exemplo (74), a seguir, a hipotática *cuando era niño* (quando era criança) se intercala entre o sujeito *yo* (eu) e o sintagma verbal *iba mucho a la iglesia* (ia muito à igreja). Como vimos afirmando, por pressões relacionadas à iconicidade e marcação (GIVÓN, 1995, 2001a), as intercaladas prototípicas tendem à baixa frequência, já que separam termos agregados entre si. Entretanto, também cremos em graus diferentes de prototipicidade, a depender do nível de aderência dos termos que a intercalada rompe. Na escala proposta por Carone (2003), o elemento sujeito figura como o menos aderido dos elementos argumentais do verbo. Por isso, esse *type* é o de mais alta frequência entre os demais, no grupo das prototípicas.

(74) 873 E: en ese sentido te fue ayudando la <~la:> [cuestión religiosa]

874 I: [pues <~pus> sí/ sí *porque yo*] **cuando este** <~este:>/ **cuando era niño** pues este/ mm *iba mucho a la iglesia/ pues <~pus> casi cada domingo* me acuerdo que <~que:> mi abuelita la mamá de mi mamá/ este <~este:>/ mm siempre nos este nos inculcó <~inculcó:> la religión católica a nosotros

(873 E: nesse sentido te foi ajudando a [questão religiosa]

874 I: [pois sim/ sim *porque eu*] **quando este/ quando era criança** pois este/ mm *ia muito à igreja/ pois quase cada domingo* me lembro que minha vizinha a mãe de minha mãe/ este/ mm sempre nos este nos instigou a religião católica a nós). (ENTREVISTA 78 – ME-305-11H-07)

No que diz respeito à função, como essa Temporal tende a retomar o sujeito da nuclear, e, assim, delimitá-lo, identificamos a função de ponto de incidência (SOUZA, 2001), ou o que podemos chamar de guia/orientação referencial, já que ajuda a construir informações detalhadas sobre o referente sujeito da nuclear. Essa focalização atrelada aos sujeitos de primeira pessoa confirma a assunção de Delancey (1981), segundo a qual o *eu* é ponto de vista preferencial em uma sentença.

7.2 O padrão *Verbo (Δ) Temporal (Δ) Adjunto adverbial (V (Δ) Temp (Δ) AdjAdv)*

O padrão *V (Δ) Temp (Δ) AdjAdv* possui 4 dados no *corpus*, correspondendo a 6.2% de frequência no grupo (terceiro lugar) e 0.8% entre todos os *tokens* (nono lugar). Suas características estão arroladas na tabela que segue:

Tabela 28 – Resultados relativos à intercalada prototípica *Verbo (Δ) Temporal (Δ) Adjunto adverbial*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>	
Posição		
Pré-verbal	-	4 -
Intraverbal	-	4 -
Pós-verbal	4	4 100
Distância entre Temporal e verbo da nuclear		
Curta	1	4 25
Média	1	4 25
Longa	1	4 25
Contíguo	1	4 25
Interno	-	4 -
Distância da margem esquerda		
Curta	1	4 25
Média	-	4 -
Longa	3	4 75
Distância da margem direita		
Curta	1	4 25
Média	2	4 50
Longa	1	4 25
Extensão		
Curta	1	4 25
Média	2	4 50
Longa	1	4 25
Forma e Conector		
Desenvolvida (quando)	4	4 100
Desenvolvida (outros conectores)	-	4 -
Reduzida (gerúndio)	-	4 -
Reduzida (infinitivo)	-	4 -
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear		
Igual	4	4 100
Diferente	-	4 -
Distância referencial/acessibilidade anafórica		
Alta	2	4 50
Média	-	4 -
Baixa	-	4 -
Não se aplica	-	4 -
Não tópico	2	4 50
Grau de persistência tópica		
Alto	-	4 -
Médio	-	4 -
Baixo	1	4 25
Não se aplica	-	4 -
Não persistência	3	4 75
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear		
Correferencial	1	4 25
Não correferencial	3	4 75
Não se aplica	-	4 -
Pessoa do discurso do sujeito		
1ª pessoa	1	4 25
2ª pessoa	-	4 -
3ª pessoa	3	4 75
Não se aplica	-	4 -
Estatuto informacional do sujeito		
Evocado	2	4 50
Inferível	1	4 25
Novíssimo	1	4 25
Não se aplica	-	4 -
Manifestação do sujeito		
Elíptico	2	4 50

Pronominal	-	4	-
Lexical	2	4	50
Não se aplica	-	4	-
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	-	4	-
Simultaneidade	4	4	100
Posterioridade	-	4	-
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	-	4	-
Tempo e condição	-	4	-
Tempo e motivo	-	4	-
Tempo e proporção	-	4	-
Tempo prototípico	2	4	50
Tempo, concessão e motivo	-	4	-
Tempo, condição e concessão	-	4	-
Tempo, condição e motivo	1	4	25
Tempo, condição, motivo e concessão	-	4	-
Tempo, proporção e concessão	-	4	-
Tempo, proporção e condição	-	4	-
Tempo, proporção e motivo	-	4	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	4	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	4	-
Tempo, proporção, condição e motivo	1	4	25
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	4	-
Total em relação ao locus			
	4	4	100
Total em relação às demais prototípicas			
	4	65	6.2
Total em relação a todas as intercaladas			
	4	514	0.8

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme observado, os traços desse *type* são: **(i) posição e extensão:** pós-verbal (4/100%), distância longa da margem esquerda (3/75%), distância média da margem direita (2/50%), distância curta, média, longa e contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/25%) e oração de extensão média (2/50%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (4/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (4/100%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica e não tópico (2/50%), não persistência tópica (3/75%), não correferencial ao da nuclear (3/75%), evocado (2/50%), elíptico e lexical (2/50%), de terceira pessoa (3/75%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (4/100%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* (2/50%).

O *type V* (Δ) *Temp* (Δ) *AdjAdv*, ilustrado em (75), figura como o segundo na escala de aderência, proposta por Carone (2003), apesar de o adjunto adverbial nem sempre ser um termo requerido pelo verbo, o que o difere dos complementos circunstanciais. Entretanto, sempre guarda com esse elemento central alguma relação.

(75) 1150I: ay sí/ ¡por Dios!/ en Compostela/ e- en Santiago de Compostela/ ¡ay!/ no sabes qué impresionante catedral

1151E: [sí]

1152I: [es] preciosa

1153E: sí/ es famosa además la la la [<...>]

1154I: [no no no no es que es...]

1155E: el Cid/ cargando [<...> (risa)]

1156I: [es que es]/ impresionante/ y luego ves al Cid/ en una avenida/ él/ él está en Burgos// y *entonces lo ves así este/ cuando da el sol/ en la tarde/* y lo ves a contraluz/ y se ve tan

1157E: [impresionante]

1158I: [tan impresionante]/

(1150I: ai sim/ por Deus!/ em Compostela/ e- em Santiago de Compostela/ ai!/ não sabes que impresionante catedral

1151E: [sim]

1152I: [é] preciosa

1153E: sim/ é famosa também a a a [<...>]

1154I: [não não não não é que é...]

1155E: o Cid/ carregando [<...> (risos)]

1156I: [é que é]/ impresionante/ e logo vês o Cid/ em uma avenida/ ele/ ele está em Burgos// e *então o vês assim este/ quando dá o sol/ à tarde/* e o vês a contraluz/ e se vê tão

1157E: [impresionante]

1158I: [tão impresionante]/). (ENTREVISTA 33 – ME-227-33M-03)

Em (75), a Temporal *cuando da el sol* (*quando dá o sol*) se intercala entre o verbo *ves* (*vês*) e o adjunto adverbial *en la tarde* (*à tarde*), ajudando a compor elementos circunstanciais da oração. Vemos, nesse padrão, uma intercalada com função de moldura temporal, compondo uma lista de enumeração de circunstâncias, apresentando as coordenadas do processo verbal. Como explicamos quando da apresentação do *type AdjAdv* (Δ) *Temp* (Δ) *N*, o elemento *AdjAdv* é multifacetado em funções semânticas, embora todos compartilhem a noção de circunstância.

7.3 O padrão *Oração Nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Complemento nominal* (*N* (Δ) *Temp* (Δ) *ComplNom*)

O padrão *N* (Δ) *Temp* (Δ) *ComplNom*, representado na tabela que segue, é codificado em 1 único dado, ou seja, 1.5% entre as prototípicas (4ª posição) e 0.2% entre todos os dados (10ª posição).

Tabela 29 – Resultados relativos à intercalada prototípica *Oração nuclear* (Δ) *Temporal* (Δ) *Complemento nominal*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	1	1	100
Intraverbal	-	1	-
Pós-verbal	-	1	-
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	-	1	-
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Contíguo	1	1	100
Interno	-	1	-
Distância da margem esquerda			
Curta	-	1	-
Média	-	1	-
Longa	1	1	100
Distância da margem direita			
Curta	1	1	100
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Extensão			
Curta	-	1	-
Média	-	1	-
Longa	1	1	100
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	1	1	100
Desenvolvida (outros conectores)	-	1	-
Reduzida (gerúndio)	-	1	-
Reduzida (infinitivo)	-	1	-
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	1	1	100
Diferente	-	1	-
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	-	1	-
Média	-	1	-
Baixa	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Não tópico	1	1	100
Grau de persistência tópica			
Alto	-	1	-
Médio	-	1	-
Baixo	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Não persistência	1	1	100
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	-	1	-
Não correferencial	1	1	100

Não se aplica	-	1	-
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	1	1	100
2ª pessoa	-	1	-
3ª pessoa	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	1	1	100
Inferível	-	1	-
Novíssimo	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Manifestação do sujeito			
Elíptico	1	1	100
Pronominal	-	1	-
Lexical	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	-	1	-
Simultaneidade	1	1	100
Posterioridade	-	1	-
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	-	1	-
Tempo e condição	-	1	-
Tempo e motivo	-	1	-
Tempo e proporção	-	1	-
Tempo prototípico	-	1	-
Tempo, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, condição e concessão	-	1	-
Tempo, condição e motivo	1	1	100
Tempo, condição, motivo e concessão	-	1	-
Tempo, proporção e concessão	-	1	-
Tempo, proporção e condição	-	1	-
Tempo, proporção e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	1	-
Tempo, proporção, condição e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	1	-
Total em relação ao locus			
	1	1	100
Total em relação às demais prototípicas			
	1	65	1.5
Total em relação a todas as intercaladas			
	1	514	0.2

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo a tabela, o comportamento desse padrão é descrito como segue: (i) **posição e extensão:** pré-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão longa (1/100%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); (iii) **codificação do sujeito:** não tópico (1/100%), não persistência tópica (1/100%), não correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de primeira pessoa (1/100%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (1/100%).

Em (76), a oração *llevo huevos duros* (*levo ovos cozidos*) completa o sentido do termo *la costumbre* (*o costume*), inserido em *entonces yo/ siempre tengo la costumbre de* (*então eu/ sempre tenho o costume de*). Entre essas cláusulas, está presente a intercalada *cuando salimos así de viaje largo/ y de corto también* (*quando saímos assim de viagem longa/ e curta também*), com função de guia.

(76) 1245 E: [salía]

1246 I: [salía] el agua/ *entonces yo/ siempre tengo la costumbre de **cuando salimos así de viaje largo/ y de corto también***/ *llevo huevos duros/ llevo sándwiches <~sángüiches>/ llevo fruta/ llevo/ llevamos refresco/ o si no pasamos en la caseta y compramos refresco*

(1245 E: [saía]

1246 I: [saía] a água/ *então eu/ sempre tenho o costume de **quando saímos assim de viagem longa/ e curta também***/ *levo ovos cozidos/ levo sanduíches/ levo fruta/ levo/ levamos refresco/ ou se não passamos na barraquinha e compramos refresco*). (ENTREVISTA 56 – ME-219-22M-02)

Esse arranjo sintático é carregado de complexidade estrutural, já que há termos agregados sendo separados por uma Temporal, que tem como nuclear orações completivas em lista (MANN; THOMPSON, 1988). Fato curioso é que as completivas assumem a forma verbal flexionada *llevo* (*levo*) e não a forma reduzida, o que seria mais típico. Provavelmente, por questões de proximidade, a flexão verbal da Temporal intercalada interfira na da completiva, que é sua nuclear, em atendimento ao subprincípio de iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Queremos dizer que o fato de uma oração se intercalar em outra pode ocasionar uma separação que leve o falante a obedecer a determinados padrões estruturais distintos, dado o peso de princípios funcionais.

7.4 O padrão *Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto (V (Δ) Temp (Δ) OI)*

O padrão *V (Δ) Temp (Δ) OI* também foi revelado em apenas 1 dado, o que, assim como o padrão anterior, representa 1.5% das prototípicas (4ª posição) e 0.2% de todos os dados de intercaladas (10ª posição). Vejamos seus traços:

Tabela 30 – Resultados relativos à intercalada prototípica *Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	-	1	-
Intraverbal	-	1	-
Pós-verbal	1	1	100
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	-	1	-
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Contíguo	1	1	100
Interno	-	1	-
Distância da margem esquerda			
Curta	-	1	-
Média	-	1	-
Longa	1	1	100
Distância da margem direita			
Curta	1	1	100
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Extensão			
Curta	1	1	100
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Forma e Conector			
Desenvolvida (quando)	1	1	100
Desenvolvida (outros conectores)	-	1	-
Reduzida (gerúndio)	-	1	-
Reduzida (infinitivo)	-	1	-
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	1	1	100
Diferente	-	1	-
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	-	1	-
Média	-	1	-
Baixa	-	1	-
Não se aplica	1	1	100
Não tópico	-	1	-
Grau de persistência tópica			
Alto	-	1	-
Médio	-	1	-
Baixo	-	1	-
Não se aplica	1	1	100
Não persistência	-	1	-
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	-	1	-
Não correferencial	-	1	-
Não se aplica	1	1	100
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	-	1	-
2ª pessoa	-	1	-
3ª pessoa	-	1	-
Não se aplica	1	1	100
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	-	1	-
Inferível	-	1	-
Novíssimo	-	1	-
Não se aplica	1	1	100
Manifestação do sujeito			
Elíptico	-	1	-

Pronominal	-	1	-
Lexical	-	1	-
Não se aplica	1	1	100
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	1	1	100
Simultaneidade	-	1	-
Posterioridade	-	1	-
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	-	1	-
Tempo e condição	-	1	-
Tempo e motivo	-	1	-
Tempo e proporção	-	1	-
Tempo prototípico	-	1	-
Tempo, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, condição e concessão	-	1	-
Tempo, condição e motivo	1	1	100
Tempo, condição, motivo e concessão	-	1	-
Tempo, proporção e concessão	-	1	-
Tempo, proporção e condição	-	1	-
Tempo, proporção e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	1	-
Tempo, proporção, condição e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	1	-
Total em relação ao locus	1	1	100
Total em relação às demais prototípicas	1	65	1.5
Total em relação a todas as intercaladas	1	514	0.2

Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo a tabela, o comportamento desse padrão é descrito como segue: **(i) posição e extensão:** pós-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão curta (1/100%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); **(iii) codificação do sujeito:** sujeito inexistente (não se aplica) (1/100%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de anterioridade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (1/100%).

O exemplo (23), retomado, é ilustrativo desse padrão:

(23) 174 I: no// yo me he dado cuenta// más o menos// que/ que el/ el huitlacoche le sale/
cuando llueve mucho/ al maíz. (174 I: não// eu me dei conta// mais ou menos// que/ que o/ o
huitlacoche surge/ quando chove muito/ no milho). (ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

Esse dado é bastante complexo por ser marcado estruturalmente (GIVÓN, 1995, 2001a), por isso, notamos baixíssima frequência. Por outro lado, cognitivamente, já que indica a condição de aparecimento do fungo, implica menor complexidade. A Temporal *cuando llueve mucho* (*quando chove muito*) se intercala entre o verbo *sale* (*sai/surge*) e seu

complemento indireto *al maíz* (ao milho/no milho), que aparece reduplicado por meio do pronome *le* (*lhe*), em posição pré-verbal.

No relato, o informante tenta explicar que um fungo surge no milho, entretanto, como não delimitou a circunstância temporal no início da cláusula, lembra-se da informação e a insere tardiamente. A consequência disso é a ruptura entre verbo e seu complemento, mesmo que seja para especificar/detalhar as condições em que esse fungo surge, fornecendo uma importante orientação a seu ouvinte. Como vimos argumentando, essa estratégia, apesar de carregar a sentença de maior complexidade, pode ser explicada em termos de expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012): ao invés de exigir mais custo cognitivo/estrutural (GIVÓN, 1995, 2001a), “um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço de codificação” (DUBOIS; VOTRE, 2012, p. 69).

7.5 O padrão *Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto (V (Δ) Temp (Δ) OD)*

Na tabela 31, mostramos os traços do *type V (Δ) Temp (Δ) OD*, bem como sua frequência no *corpus*: apresenta-se em 7 dados, em um percentual de 10.8% dentre as prototípicas (2ª posição) e 1.4% do total geral de dados (8ª posição).

Tabela 31 – Resultados relativos à intercalada prototípica *Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	2	7	28.6
Intraverbal	-	7	-
Pós-verbal	5	7	71.4
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	4	7	57.1
Média	-	7	-
Longa	-	7	-
Contíguo	3	7	42.9
Interno	-	7	-
Distância da margem esquerda			
Curta	3	7	42.9
Média	1	7	14.2
Longa	3	7	42.9
Distância da margem direita			
Curta	-	7	-
Média	1	7	14.3
Longa	6	7	85.7
Extensão			
Curta	3	7	42.9
Média	3	7	42.9
Longa	1	7	14.2
Forma e Conector			
Desenvolvida (cuando)	6	7	85.7
Desenvolvida (outros conectores)	-	7	-
Reduzida (gerúndio)	-	7	-

Reduzida (infinitivo)	1	7	14.3
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	4	7	57.1
Diferente	3	7	42.9
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	5	7	71.4
Média	-	7	-
Baixa	-	7	-
Não se aplica	-	7	-
Não tópico	2	7	28.6
Grau de persistência tópica			
Alto	2	7	28.6
Médio	2	7	28.6
Baixo	1	7	14.2
Não se aplica	-	7	-
Não persistência	2	7	28.6
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	3	7	42.9
Não correferencial	4	7	57.1
Não se aplica	-	7	-
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	5	7	71.4
2ª pessoa	1	7	14.3
3ª pessoa	1	7	14.3
Não se aplica	-	7	-
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	7	7	100
Inferível	-	7	-
Novíssimo	-	7	-
Não se aplica	-	7	-
Manifestação do sujeito			
Elíptico	5	7	71.4
Pronominal	1	7	14.3
Lexical	1	7	14.3
Não se aplica	-	7	-
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	3	7	42.9
Simultaneidade	4	7	57.1
Posterioridade	-	7	-
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	-	7	-
Tempo e condição	-	7	-
Tempo e motivo	1	7	14.3
Tempo e proporção	-	7	-
Tempo prototípico	2	7	28.6
Tempo, concessão e motivo	1	7	14.3
Tempo, condição e concessão	-	7	-
Tempo, condição e motivo	2	7	28.6
Tempo, condição, motivo e concessão	-	7	-
Tempo, proporção e concessão	-	7	-
Tempo, proporção e condição	1	7	14.3
Tempo, proporção e motivo	-	7	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	7	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	7	-
Tempo, proporção, condição e motivo	-	7	-
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	7	-
Total em relação ao locus	7	7	100
Total em relação às demais prototípicas	7	65	10.8
Total em relação a todas as intercaladas	7	514	1.4

Fonte: elaborada pelo autor.

Consoante os resultados da tabela, o comportamento desse padrão pode ser assim descrito: **(i) posição e extensão:** pós-verbal (5/71.4%), distância curta e longa da margem esquerda (3/42.9%), distância longa da margem direita (6/85.7%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (4/57.1%) e oração de extensão curta e média (3/42.9%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (6/85.7%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (4/57.1%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade anafórica (5/71.4%), alta, média e não persistência tópica (2/28.6%), não correferencial ao da nuclear (4/57.1%), evocado (7/100%), elíptico (5/71.4%), de primeira pessoa (5/71.4%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (4/57.1%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* e *tempo, condição e motivo* (2/28.6%).

No trecho (77), adiante, pode-se observar que a conexão entre o verbo *acuerdas* (*lembras*) e o complemento direto *que de pronto me dice* (*que de repente me diz*) é interrompida pela Temporal *cuando estábamos parados platicando* (*quando estávamos parados conversando*). Antes dessa hipotática, o falante ainda ensaia um adjunto, *en la mesa* (*na mesa*). O que podemos perceber é que o falante está tentando trazer à memória do ouvinte determinado fato. Para isso, deve norteá-lo de todas as informações da situação em que o fato ocorreu. Entretanto, nem se sempre se lembra de fazer essa operação e, como dissemos, realiza-a tardiamente, após o verbo, contextualizando a cena no tempo/espço.

(77) 629 I: [pues <~pus> ya ves] cómo andaba de/ de ofrecida esta chava/ pues <~pus> tú estabas/ (...)// *no te acuerdas en la mes-/ **cuando estábamos parados platicando**/ que de pronto me dice <~ice>/ “pues <~pus> hay confianza/ si quieres agarra”/ que tú le dijiste “ya párale/ ¿no?”/ tú le dijistes (sic).*

(629 I: [pois já vês] como era/ ofrecida esta garota/ pois tu estavas/ (...)// *não te lembras na mes-/ **quando estávamos parados conversando**/ que de repente me diz/ “pois há confiança/ se queres agarra”/ que tu lhe disseste “já para-lhe/ não?”/ tu lhe dissestes). (ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01)*

Essa estratégia sintática deixa claro que, em termos de iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a), há informações que não podem aparecer apenas no fim da cláusula, dada sua relevância para a compreensão do enunciado. No exemplo que trouxemos, apresentar a informação de quando estavam conversando é de crucial importância para o entendimento do teor desta mesma conversa.

7.6 O padrão *Verbo auxiliar de perífrase* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verbo principal de perífrase* (V1 (Δ) *Temp* (Δ) V2)

O padrão V1 (Δ) *Temp* (Δ) V2, cujos traços se podem ver na tabela 32, também se expressa em 1 único dado, em um percentual de 1.5% dentre as prototípicas (4ª posição) e 0.2% do total geral de dados (10ª posição). Acompanhando Altieri Fernández (2002), consideramos perífrase verbal o agrupamento de verbo auxiliar seguido de um verboide, em que o primeiro verbo perde seu significado, total ou parcialmente.

Tabela 32 – Resultados relativos à intercalada prototípica *Verbo auxiliar de perífrase* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verbo principal de perífrase*

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/ %</i>		
Posição			
Pré-verbal	-	1	-
Intraverbal	1	1	100
Pós-verbal	-	1	-
Distância entre Temporal e verbo da nuclear			
Curta	-	1	-
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Contíguo	-	1	-
Interno	1	1	100
Distância da margem esquerda			
Curta	1	1	100
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Distância da margem direita			
Curta	1	1	100
Média	-	1	-
Longa	-	1	-
Extensão			
Curta	-	1	-
Média	1	1	100
Longa	-	1	-
Forma e Conector			
Desenvolvida (cuando)	-	1	-
Desenvolvida (outros conectores)	1	1	100
Reduzida (gerúndio)	-	1	-
Reduzida (infinitivo)	-	1	-
Compartilhamento de Tempo/modo com a nuclear			
Igual	1	1	100
Diferente	-	1	-
Distância referencial/acessibilidade anafórica			
Alta	1	1	100
Média	-	1	-
Baixa	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Não tópico	-	1	-
Grau de persistência tópica			
Alto	1	1	100
Médio	-	1	-
Baixo	-	1	-
Não se aplica	-	1	-

Não persistência	-	1	-
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear			
Correferencial	1	1	100
Não correferencial	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Pessoa do discurso do sujeito			
1ª pessoa	1	1	100
2ª pessoa	-	1	-
3ª pessoa	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Estatuto informacional do sujeito			
Evocado	1	1	100
Inferível	-	1	-
Novíssimo	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Manifestação do sujeito			
Elíptico	1	1	100
Pronominal	-	1	-
Lexical	-	1	-
Não se aplica	-	1	-
Relação cronológico-temporal			
Anterioridade	-	1	-
Simultaneidade	1	1	100
Posterioridade	-	1	-
Relações lógico-semânticas			
Tempo e concessão	1	1	100
Tempo e condição	-	1	-
Tempo e motivo	-	1	-
Tempo e proporção	-	1	-
Tempo prototípico	-	1	-
Tempo, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, condição e concessão	-	1	-
Tempo, condição e motivo	-	1	-
Tempo, condição, motivo e concessão	-	1	-
Tempo, proporção e concessão	-	1	-
Tempo, proporção e condição	-	1	-
Tempo, proporção e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, concessão e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição e concessão	-	1	-
Tempo, proporção, condição e motivo	-	1	-
Tempo, proporção, condição, motivo e concessão	-	1	-
Total em relação ao locus	1	1	100
Total em relação às demais prototípicas	1	65	1.5
Total em relação a todas as intercaladas	1	514	0.2

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados da tabela mostram que esse *type* tem os seguintes traços: **(i) posição e extensão:** intraverbal (1/100%), distância curta da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), interno ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão média (1/100%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada por outros conectores (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade anafórica (1/100%), alta persistência tópica (1/100%), correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de primeira

pessoa (1/100%); (iv) **relações cronológicas e semânticas**: relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo e concessão* (1/100%).

O dado a seguir (06), é, sem dúvida, o mais saliente caso de intercalação detectado neste trabalho, seja por sua frequência, seja por sua complexidade, critérios propostos por Givón (1995, 2001a), para avaliar marcação. Além de ter sido o dado que motivou este estudo, percebe-se claramente que ele revela o protótipo de uma estrutura bastante complexa.

(06) 104 I: (...) yo yo me vine de/ doce años/ y de trece años aquí <~aquí:>/ *estoy desde que tengo trece años aquí [trabajando]*. (eu eu vim aos/ doze anos/ e aos treze anos aqui/ *estou desde que tenho treze anos aqui [trabalhando]*). (ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)

Em (06), a perífrase *estoy trabajando* (*estou trabalhando*) é interrompida por dois elementos de valor circunstancial, a oração temporal *desde que tengo trece años* (*desde que tenho treze anos*) e o adjunto adverbial *aquí* (*aqui*). No contexto, o entrevistado explica que trabalha no lugar em que está desde adolescente, e para isso, utiliza uma perífrase de gerúndio de sentido durativo, com o verbo *estar* (ALTIERI FERNÁNDEZ, 2002). Pelo sentido da perífrase, a informante sente a necessidade de apresentar o ponto de início da ação e o local onde iniciou, utilizando, para tanto, a Temporal intercalada e o adjunto mencionados. Novamente, percebe-se uma função de guia/orientação codificada por esses meios sintáticos.

Embora fira o subprincípio de iconicidade *proximidade e escopo* (GIVÓN, 1995, 2001a), separando termos agregados, a função de guia dessas orações parece determinar sua posição próxima à margem esquerda e sua média extensão. No entanto, quanto à sua realização, o informante operou uma escolha marcada, optando por um item não prototípico, o conector *desde que*, atendendo ao princípio de marcação (GIVÓN, 1995, 2001a). Provavelmente, essa opção por um item diferente de *cuando* (*quando*) tenha se dado pelo valor semântico de *desde que*, que é classificado por Pilar Garcés (1994) como um meio que apresenta o momento em que uma ação inicia. Acreditamos que a função de guia requer maior detalhamento de informação em contextos como esse, o que leva o falante a realizar opções como feito em (06).

7.7 Nível de aproximação do protótipo

A fim de medir o nível de aproximação do protótipo de oração intercalada, observamos três critérios: *grau de aderência dos termos que rompe* (complexidade estrutural),

semelhança de traços e *frequência* (quanto maior for a aderência dos itens que rompe, quanto mais traços semelhantes ao seu grupo tiver e quanto menos frequente, mais se aproximará do protótipo). Tais parâmetros são baseados nos postulados de Rosch (1978) e Givón (1995, 2001a).

Consideramos uma pontuação de 1 a 6 para os dois primeiros quesitos, mas 1 a 4 para o último, já que houve três estruturas com frequência similar (*V (Δ) Temp (Δ) ComplNom*, *V (Δ) Temp (Δ) OI* e *V1 (Δ) Temp (Δ) V2*).

Exemplificamos a pontuação com o *type Suj (Δ) Temp (Δ) N*: sua similaridade com os traços gerais das intercaladas prototípicas é de 93.3% (apresenta catorze traços iguais aos de seu grupo, entre os quinze observados). Por isso, em *semelhança de traços*, figura como o primeiro lugar e recebe pontuação máxima (6 pontos). No critério *frequência*, essa estrutura, por ser a mais frequente, figura em primeiro lugar e, por acreditarmos que o protótipo de intercalada é uma forma de baixa frequência, esse padrão recebe a menor pontuação (1 ponto). No quesito *grau de aderência dos termos que rompe*, o *type* em questão representa o menor nível de aderência de constituintes em relação aos demais e, por isso, aparecendo em 6º lugar, recebe a menor pontuação (1 ponto). No somatório final, a estrutura recebeu um total de 8 pontos. A seguir, vejamos um resumo dos traços das prototípicas e a pontuação atribuída a cada uma delas:

Quadro 12 – Comparação entre os traços dos *types* de intercaladas prototípicas¹⁴¹

<i>Grupos de fatores</i>	<i>Types</i>						
	Prototípicas	Suj (Δ) Temp (Δ) N	V (Δ) Temp (Δ) AdjAdv	V (Δ) Temp (Δ) ComplNom	V (Δ) Temp (Δ) OI	V (Δ) Temp (Δ) OD	V1 (Δ) Temp (Δ) V2
Posição	Pré-verbal	Pré-verbal	Pós-verbal	Pré-verbal	Pós-verbal	Pós-verbal	Intraverbal
Distância entre Temporal e verbo	Curta	Curta	Curta Média Longa Contíguo	Contíguo	Contíguo	Curta	Interno
Distância da margem esquerda	Curta	Curta	Longa	Longa	Longa	Curta Longa	Curta
Distância da margem direita	Longa	Longa	Média	Curta	Curta	Longa	Curta
Extensão da Temporal	Média	Curta Média Longa	Média	Longa	Curta	Curta Média	Média
Forma/ Conector	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>cuando</i>)	Desenvolvida (<i>outros</i>)
Compartilhamento de tempo/mo com a nuclear	Igual	Igual	Igual	Igual	Igual	Igual	Igual
Distância referencial/ Acessibilidade anafórica	Alta	Alta	Alta Não tópico	Não tópico	Não se aplica	Alta	Alta
Persistência tópica	Alta	Alta	Não persistência	Não persistência	Não se aplica	Alta Média Não persistência	Alta
Correferencialidade dos sujeitos da Temporal e da nuclear	Correferencial	Correferencial	Não correferencial	Não correferencial	Não se aplica	Não correferencial	Correferencial
Pessoa do discurso do sujeito da Temporal	1ª pessoa	1ª pessoa	3ª pessoa	1ª pessoa	Não se aplica	1ª pessoa	1ª pessoa
Estatuto informacional do sujeito da Temporal	Evocado	Evocado	Evocado	Evocado	Não se aplica	Evocado	Evocado
Manifestação do sujeito da Temporal	Elíptico	Elíptico	Elíptico Lexical	Elíptico	Não se aplica	Elíptico	Elíptico
Relação cronológico-temporal	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade	Simultaneidade	Anterioridade	Simultaneidade	Simultaneidade
Relações lógico-semânticas	Tempo, condição e motivo	Tempo, condição e motivo	Tempo prototípico	Tempo, condição e motivo	Tempo, condição e motivo	Tempo prototípico Tempo, condição e motivo	Tempo e concessão
Total de traços semelhantes ao grupo	15/15	14/15	5/15	8/15	3/15	9/15	10/15
Percentual de semelhança	100%	93.3%	33.3	53.3	20%	60%	66.6%
<i>Ranking</i> de semelhança de traços	-	1º	5ª	4º	6ª	3º	2º
<i>Ranking</i> de frequência no grupo	-	1º	3º	4º	4º	2º	4º
<i>Ranking</i> de complexidade estrutural	-	6º	5º	4º	3º	2º	1º
Pontuação	-	6+1+1=8	2+3+2=7	3+4+3=10	1+4+4=9	4+2+5=11	5+4+6=15

Fonte: elaborada pelo autor.

¹⁴¹ Os fatores em negrito referem-se aos pontos que divergem dos traços da segunda coluna, que representa os traços gerais das prototípicas.

No que diz respeito ao grau de aderência, acreditamos que o protótipo de intercalada reflete uma opção mais complexa estruturalmente, uma categoria mais marcada (GIVÓN, 1995, 2001a) e, por isso, separaria termos mais aderidos entre si. Pautados na escala de Carone (2003)¹⁴², e como há seis *types* de intercaladas prototípicas, estabelecemos uma pontuação de 1 a 6, em que a maior pontuação reflete o padrão que ocupa o primeiro lugar neste quesito:

- 1º lugar: *V1* (Δ) *Temp* (Δ) *V2* (6 pontos);
- 2º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *OD* (5 pontos);
- 3º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *OI* (4 pontos);
- 4º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *ComplNom* (3 pontos);
- 5º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *AdjAdv* (2 pontos);
- 6º lugar: *Suj* (Δ) *Temp* (Δ) *N* (1 ponto).

Em relação à semelhança de traços, acreditamos que o exemplar mais central é o que mais espelha os traços de sua categoria (ROSCH; MERVIS, 1975; ROSCH, 1978). Por isso, estabelecemos uma pontuação de 1 a 6, em que o maior número aponta para o para o *type* que tem mais parâmetros semelhantes com o grupo inteiro das intercaladas prototípicas:

- 1º lugar: *Suj* (Δ) *Temp* (Δ) *N* (6 pontos);
- 2º lugar: *V1* (Δ) *Temp* (Δ) *V2* (5 pontos);
- 3º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *OD* (4 pontos);
- 4º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *ComplNom* (3 pontos);
- 5º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *AdjAdv* (2 pontos);
- 6º lugar: *V* (Δ) *Temp* (Δ) *OI* (1 ponto).

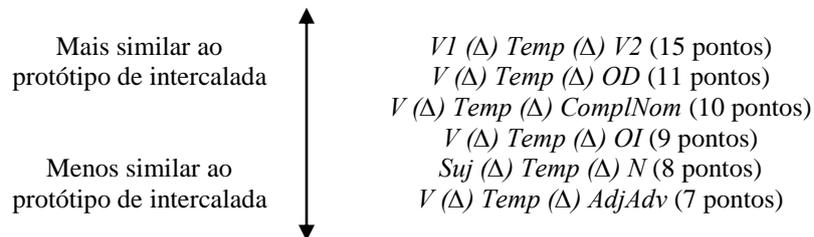
Quanto ao critério da frequência, acreditamos que as intercaladas prototípicas são mais marcadas e, por isso, menos frequentes (GIVÓN, 1995, 2001a), atribuímos uma pontuação de 1 a 4, já que houve empate entre três padrões. Nesse quesito, a maior pontuação foi relacionada às formas menos frequentes:

¹⁴² A saber: (+aderido) morfemas modo-temporais > morfemas número-pessoais > predicados nominais, tempos compostos, voz passiva, locuções verbais > objeto direto > objeto indireto > adjunto adverbial (posposto) > sujeito > conjunções, advérbio de frase (adjunto anteposto), marcadores discursivos (-aderido).

- 1º lugar: *Suj (Δ) Temp (Δ) N* (1 ponto);
 2º lugar: *V (Δ) Temp (Δ) OD* (2 pontos);
 3º lugar: *V (Δ) Temp (Δ) AdjAdv* (3 pontos);
 4º lugar: *V (Δ) Temp (Δ) ComplNom*, *V (Δ) Temp (Δ) OI* e *VI (Δ) Temp (Δ) V2* (4 pontos cada);

Ao final do somatório das pontuações, pudemos esquematizar o seguinte *continuum* de aproximação do protótipo de intercalada:

Quadro 13 – Graus de aproximação do protótipo de intercalada



Fonte: elaborado pelo autor.

Amparando-nos, principalmente, nas reflexões de Rosch (1978), Moure (1994) e Bybee (2016), voltamos nosso olhar para os membros centrais e marginais da categoria *Oração Temporal intercalada* e pudemos observar, em nosso universo de pesquisa, que o *type* que mais se assemelha ao protótipo dessa categoria é *VI (Δ) Temp (Δ) V2*, opção organizacional em que a intercalada se insere entre os elementos de uma perífrase verbal, tornando o ambiente em que ocorre mais complexo estruturalmente e, por isso, menos frequente. Por outro lado, o padrão *V (Δ) Temp (Δ) AdjAdv* mostrou-se como o mais distante desse modelo, talvez pelo caráter multifacetado da categoria dos adjuntos adverbiais e por sua relação de dependência com o verbo, que é mais semântica que sintática.

7.8 Síntese da discussão

Neste capítulo, apresentamos os resultados relativos às Orações Temporais intercaladas prototípicas, que se inserem entre termos com aderência sintática mais forte. Os 65 dados dessas orações (12.7%) revelam sua baixa frequência e confirmam sua maior complexidade estrutural. Os *types* localizados neste grupo e seus traços foram os seguintes:

a) **Sujeito (Δ) Temporal (Δ) Verbo (51 dados – 78.5% no grupo e 9.9% geral): (i) **posição e extensão:** pré-verbal (51/100%), distância curta da margem esquerda (35/68.6%), distância longa da margem direita (30/58.8%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (25/49%) e oração de extensão curta, média e longa (17/33.3%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (39/76.5%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (43/84.3%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (41/80.4%), alta persistência tópica (24/47.1%), correferencial ao da nuclear (44/86.3%), evocado (50/98%), elíptico (43/84.4%), de primeira pessoa (30/58.8%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (31/60.8%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (16/31.4%). **Função pragmática:** guia/orientação referencial.**

b) **Verbo (Δ) Temporal (Δ) Adjunto adverbial (4 dados – 6.2% no grupo e 0.8% geral): (i) **posição e extensão:** pós-verbal (4/100%), distância longa da margem esquerda (3/75%), distância média da margem direita (2/50%), distância curta, média, longa e contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/25%) e oração de extensão média (2/50%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (4/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (4/100%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica e não tópica (2/50%), não persistência tópica (3/75%), não correferencial ao da nuclear (3/75%), evocado (2/50%), elíptico e lexical (2/50%), de terceira pessoa (3/75%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (4/100%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* (2/50%). **Função pragmática:** moldura temporal.**

c) **Oração Nuclear (Δ) Temporal (Δ) Complemento nominal (1 dado – 1.5% no grupo e 0.2% no geral): (i) **posição e extensão:** pré-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão longa (1/100%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); (iii) **codificação do sujeito:** não tópica (1/100%), não persistência tópica (1/100%), não correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de primeira pessoa (1/100%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:****

relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (1/100%). **Função pragmática:** guia.

d) **Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto (1 dado – 1.5% no grupo e 0.2% geral): (i) **posição e extensão:** pós-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão curta (1/100%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); (iii) **codificação do sujeito:** sujeito inexistente (não se aplica) (1/100%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de anterioridade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (1/100%). **Função pragmática:** guia/ orientação temporal.**

e) **Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto (7 dados – 10.8% no grupo e 1.4% geral): (i) **posição e extensão:** pós-verbal (5/71.4%), distância curta e longa da margem esquerda (3/42.9%), distância longa da margem direita (6/85.7%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (4/57.1%) e oração de extensão curta e média (3/42.9%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (6/85.7%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (4/57.1%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade anafórica (5/71.4%), alta, média e não persistência tópica (2/28.6%), não correferencial ao da nuclear (4/57.1%), evocado (7/100%), elíptico (5/71.4%), de primeira pessoa (5/71.4%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (4/57.1%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* e *tempo, condição e motivo* (2/28.6%). **Função pragmática:** guia/orientação temporal.**

f) **Verbo auxiliar de perífrase (Δ) Temporal (Δ) Verbo principal de perífrase (1 dado – 1.5% no grupo e 0.2% geral): (i) **posição e extensão:** intraverbal (1/100%), distância curta da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), interno ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão média (1/100%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada por outros conectores (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade anafórica (1/100%), alta persistência tópica (1/100%), correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de primeira pessoa (1/100%); (iv) **relações****

cronológicas e semânticas: relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo e concessão* (1/100%). **Função pragmática:** guia/orientação temporal.

Tendo em vista a aferição do grau de similaridade com o protótipo, aplicamos três critérios à análise dessas orações: *aderência dos termos que rompe*, *semelhança de traços* e *frequência*. Após atribuição de pontuação, o *type V1 (Δ) Temp (Δ) V2* revelou-se como a opção que mais se assemelha ao protótipo de Temporal intercalada, tendo em vista o alto grau de aderência dos termos que separa, maior similaridade com os traços de sua categoria e baixa frequência. Ou seja, intercalar uma Temporal dentro da perífrase verbal é uma escolha que redundante em um contexto mais complexo e, por isso, pouco utilizada. Entretanto, o falante pode valer-se dessa configuração para situar o interlocutor, em uma tentativa de diminuir a complexidade cognitiva do enunciado.

8 CONCLUSÕES

Nesta tese, com base em pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), analisamos os efeitos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Adverbiais Temporais no Espanhol mexicano oral. A corrente teórica adotada admite os postulados da Linguística Funcional de vertente norte-americana (BYBEE, 2007, 2010; CHAFE, 1980, 1984; DUBOIS, 1985; GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1987, 1979, 1991; HOPPER; THOMPSON, 1980; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; LEHMANN, 1988, entre outros) e da Linguística Cognitiva (CROFT, 1991; LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987, 1991; TAYLOR, 1995, 1998; TOMASELLO, 1998, entre outros). Além disso, valemo-nos das discussões sobre efeitos de prototipicidade (ROSCH, 1973a, 1973b, 1977, 1978; LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995, entre outros). Ao longo do trabalho, apresentamos uma alternativa de caracterização da categoria *Oração Hipotática Adverbial Temporal intercalada*, defendendo sua gradiência, analisando-a por um modelo prototipicamente orientado e, por isso, preessupondo a existência de exemplares mais/menos típicos, escalarmente hierarquizados.

A fim de alcançar tal intento, (i) recorreremos à identificação de critérios para caracterizar essas orações; (ii) mapeamos seus *loci*; (iii) propusemos uma configuração escalar, considerando a gradiência da categoria; (iv) analisamos seus contextos de uso, com base em traços sintático-semântico-discursivos (*posição da Temporal intercalada em relação ao verbo/locução verbal; extensão da Temporal; distância da margem esquerda, direita e entre Temporal e verbo da nuclear; forma/conector; tempo/modo da Temporal e de sua respectiva nuclear; grau de acessibilidade anafórica, persistência catafórica, estatuto informacional, correferencialidade, manifestação e pessoa do discurso do sujeito da Temporal; relação cronológico-temporal; e relações lógico-semânticas*); e (v) correlacionamos os resultados aos princípios de iconicidade e marcação (GIVÓN, 1995, 2001a).

Após análise de 54 entrevistas do *Corpus Sociolinguístico* de la Ciudad de México, localizamos 514 dados de Temporais intercaladas e os dividimos em duas categorias, que, por sua vez, foram divididas em novos subtipos. O primeiro grupo, intercaladas não prototípicas, contemplou 449 dados (87.3%), refletindo os casos de inserção Hipotática Temporal entre termos não agregados; e o segundo, intercaladas prototípicas, mostrou-se em 65 dados (12.7%), abarcando Temporais que se inserem entre termos aderidos entre si. Tais resultados confirmaram a hipótese de que as intercaladas prototípicas seriam evitadas pelos

falantes, dada sua complexidade estrutural, ferindo as regras de espaçamento postuladas no princípio de iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Em contrapartida, acreditamos que essa estratégia é utilizada pelos usuários da língua para acrescentar informações relevantes ao entendimento de determinadas porções da cláusula em que se insere, refletindo o princípio de expressividade (DUBOIS; VOTRE, 2012).

A categoria das intercaladas não prototípicas se comportou da seguinte maneira: **(i) quanto à posição e extensão:** pré-verbal (437/97.3%), distância curta em relação ao verbo (298/66.4%), distância curta da margem esquerda (331/73.7%), distância longa da margem direita (304/67.7%), extensão longa (177/39.4%); **(ii) quanto à sua apresentação formal e de seus verbos:** desenvolvida com *cuando* (339/75.5%), compartilhamento de tempo/modo com o verbo da nuclear (321/71.5%); **(iii) quanto ao sujeito:** alta acessibilidade tópica (206/45.9%), alta persistência tópica (123/27.4%) e não persistência (118/26.3%), correferencial (204/45.4%) e não correferencial ao da nuclear (231/51.4%), de primeira pessoa (231/51.4%) e de terceira pessoa (195/43.3%), evocado (381/84.8%), elíptico (281/62.6%); **(iv) quanto às relações cronológicas e semânticas:** simultaneidade (251/55.9%), tempo e motivo (126/28.1%), tempo condição e motivo (118/26.3%) e tempo prototípico (106/23.6%).

Essas características confirmam o fato de que a informação expressa por uma Temporal, que exerce fortemente a função de guia, precisa ser inserida no início do período e ser de extensão mais longa nessa posição, dada sua relevância comunicativa, confirmando a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Atestam também para o uso não marcado de *cuando* (*quando*) como conector típico. Apesar da alta acessibilidade de seus sujeitos, um conflito de motivações parece explicar o embate em persistência (alta e não persistente) e correferencialidade (correferencial e não correferencial). No que tange à expressão do sujeito, o gênero textual *entrevista* parece motivar o uso de sujeito de primeira pessoa, enquanto a função referencial das narrativas pressiona para a expressão de sujeitos de terceira pessoa. Além disso, essas orações reverberam a relação cronológico-temporal de simultaneidade, traço típico das temporais intercaladas. Em suas relações lógico-semânticas, percebemos que, nesse grupo, a noção de tempo se amalgama também à de motivo e à de condição, refletindo a leitura causa-consequência.

O grupo das não prototípicas foi subdividido nos seguintes *types*, com suas respectivas características:

a) **Marcador discursivo (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear (129 dados - 28.7% no grupo e 25.1% geral): (i) **posição e extensão:** pré-verbal (128/99.2%), distância curta da margem esquerda (109/84.5%), distância longa da margem direita (83/64.3%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (82/63.6%) e oração de extensão média (49/38%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (101/78.3%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (88/68.2%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (52/40.3%), não persistência tópica (33/25.6%), não correferencial ao da nuclear (73/56.6%), evocado (112/86.8%), elíptico (78/60.5%), de primeira pessoa (70/54.2%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (71/55%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (42/32.6%). **Função pragmática:** ponte de transição.**

b) **Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Marcador discursivo: (i) **posição e extensão (10 dados – 2.2% no grupo e 1.9% geral):** pós-verbal (10/100%), distância longa da margem esquerda (6/60%), distância curta da margem direita (10/100%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (6/60%) e oração de extensão longa (8/80%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (10/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (7/70%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (7/70%), alta persistência tópica (4/40%) e não persistência tópica (4/40%), correferencial ao da nuclear (7/70%), evocado (8/80%), elíptico (7/70%), de primeira pessoa (5/50%) e de terceira pessoa (5/50%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (6/60%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (3/30%) e *tempo, condição e motivo* (3/30%). **Função pragmática:** fundo avaliativo.**

c) **Tópico (Δ) Temporal (Δ) Oração Nuclear (31 dados – 6.9% no grupo e 6% geral): (i) **posição e extensão:** pré-verbal (31/100%), distância curta da margem esquerda (18/58.1%), distância longa da margem direita (26/83.8%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (19/61.3%) e oração de extensão média (14/45.2%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (25/80.6%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (22/71%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (21/67.7%), alta persistência tópica (14/45.2%), não correferencial ao da nuclear (16/51.6%), evocado (26/83.9%), elíptico (21/67.7%), de primeira pessoa (20/64.5%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (20/64.5%) e relação lógico-**

semântica de *tempo e motivo* (9/29%). **Função pragmática:** orientação com referente tópico/orientação referencial.

d) **Oração nuclear (Δ) Temporal (Δ) Antitema (1 dado – 0.2% no grupo e no geral):** (i) **posição e extensão:** pós-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), distância longa em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão média (1/100%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (1/100%) e não compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (1/100%), não persistência tópica (1/100%), não correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de terceira pessoa (1/100%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* (1/100%). **Função pragmática:** fundo avaliativo e função fórica.

e) **Adjunto adverbial (Δ) Temporal (Δ) Oração nuclear (39 dados – 8.7% no grupo e 7.6% geral):** (i) **posição e extensão:** pré-verbal (39/100%), distância curta da margem esquerda (20/51.3%), distância longa da margem direita (31/79.5%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (25/64.1%) e oração de extensão média (20/51.3%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (30/76.9%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (29/74.4%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (16/41%), alta persistência tópica (17/43.6%), não correferencial ao da nuclear (24/61.5%), evocado (32/82%), elíptico (26/66.7%), de primeira pessoa (23/59%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (20/51.3%) e relação lógico-semântica de *tempo e motivo* (15/38.5%). **Função pragmática:** guia circunstancial.

f) **Conector de oração coordenada (Δ) Temporal (Δ) Oração coordenada (173 dados – 38.6% no grupo e 33.7% geral):** (i) **posição e extensão:** pré-verbal (173/100%), distância curta da margem esquerda (162/93.6%), distância longa da margem direita (118/68.2%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (118/68.2%) e oração de extensão longa (78/45.1%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (128/74%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (126/72.8%); (iii)

codificação do sujeito: alta acessibilidade tópica (81/46.8%), não persistência tópica (48/27.8%), correferencial ao da nuclear (83/48%), evocado (148/85.5%), elíptico (106/61.3%), de primeira pessoa e terceira pessoa (84/48.5%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (94/54.3%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (51/29.5%). **Função pragmática:** guia sentencial e ponte de transição.

g) **Conector de oração subordinada (Δ) Temporal (Δ) Oração subordinada (66 dados – 14.7% no grupo e 12.8% geral): (i) **posição e extensão:** pré-verbal (66/100%), distância longa da margem esquerda (24/36.4%), distância longa da margem direita (46/69.7%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (48/72.7%) e oração de extensão longa (29/43.9%); (ii) **apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *quando* (*quando*) (44/66.7%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (49/74.2%); (iii) **codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (28/42.4%), não persistência tópica (18/27.3%), correferencial e não correferencial ao da nuclear (32/48.5%), evocado (54/81.8%), elíptico (42/63.6%), de primeira pessoa e terceira pessoa (29/43.9%); (iv) **relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (39/59.1%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (19/28.8%). **Função pragmática:** guia sentencial modal.**

Após o mapeamento de seus traços sintático-semântico-discursivos, distribuimos os subgrupos de intercaladas não prototípicas em um *continuum*, aplicando os critérios de *semelhança de traços e frequência*. Assim, notamos que os padrões mais distantes do protótipo de intercalação são *Marc (Δ) Temp (Δ) N* e *ConecCoord (Δ) Temp (Δ) OCoord*, e argumentamos no sentido de que marcadores discursivos e conectores coordenativos se associam mais a ambientes de guia/orientação, portanto, mais marginais e não necessariamente inseridos na cláusula-núcleo, nem dependentes a ela.

O grupo das intercaladas prototípicas se comportou da seguinte maneira: (i) **quanto à posição e extensão:** pré-verbal (54/83.1%), distância curta (30/46.2%) e contígua (27/41.5%) em relação ao verbo, distância curta da margem esquerda (40/61.5%), distância longa da margem direita (37/56.9%), extensão média (23/35.4%); (ii) **quanto à sua apresentação formal e de seus verbos:** desenvolvida com *quando* (51/78.4%), compartilhamento de tempo/modo com o verbo da nuclear (54/83.1%); (iii) **quanto ao sujeito:** alta acessibilidade tópica (49/75.4%), alta persistência tópica (27/41.5%),

correferencial ao da nuclear (49/75.4%), de primeira pessoa (38/58.4%), evocado (61/93.8%), elíptico (52/80%); **(iv) quanto às relações cronológicas e semânticas:** simultaneidade (41/63.1%), tempo, condição e motivo (21/32.3%) e tempo prototípico (16/24.6%).

Estes traços podem ser explicados pela imprescindibilidade da informação que a Temporal veicula, pressão que atua como força que a impele para o início do período e atua no sentido de que essas orações sejam mais longas, validando a iconicidade (GIVÓN, 1995, 2001a). Do mesmo modo que ocorre com as não prototípicas, tem como conector mais frequente o *cuando* (*quando*), o menos marcado para introduzir a noção de tempo, além de sujeitos de primeira pessoa, evocados e elípticos, estratégias que, utilizadas junto a esse grupo de intercaladas, ajuda a suavizar sua complexidade estrutural. Além disso, a alta acessibilidade e persistência de seu sujeito corroboram sua maior integração com a oração nuclear. No que diz respeito à relação cronológico-temporal, percebemos que não houve diferença entre prototípicas e não prototípicas quanto à expressão de simultaneidade, característica de todas as intercaladas.

Seus subtipos, bem como suas características, são os descritos a seguir:

a) ***Sujeito* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verbo* (51 dados – 78.5% no grupo e 9.9% geral):** **(i) posição e extensão:** pré-verbal (51/100%), distância curta da margem esquerda (35/68.6%), distância longa da margem direita (30/58.8%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (25/49%) e oração de extensão curta, média e longa (17/33.3%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (39/76.5%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (43/84.3%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade tópica (41/80.4%), alta persistência tópica (24/47.1%), correferencial ao da nuclear (44/86.3%), evocado (50/98%), elíptico (43/84.4%), de primeira pessoa (30/58.8%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (31/60.8%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (16/31.4%). **Função pragmática:** guia/orientação referencial.

b) ***Verbo* (Δ) *Temporal* (Δ) *Adjunto adverbial* (4 dados – 6.2% no grupo e 0.8% geral):** **(i) posição e extensão:** pós-verbal (4/100%), distância longa da margem esquerda (3/75%), distância média da margem direita (2/50%), distância curta, média, longa e contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/25%) e oração de extensão média (2/50%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando* (*quando*) (4/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (4/100%); **(iii) codificação do sujeito:** alta

acessibilidade tópica e não tópico (2/50%), não persistência tópica (3/75%), não correferencial ao da nuclear (3/75%), evocado (2/50%), elíptico e lexical (2/50%), de terceira pessoa (3/75%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (4/100%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* (2/50%). **Função pragmática:** moldura temporal.

c) **Oração Nuclear (Δ) Temporal (Δ) Complemento nominal (1 dado – 1.5% no grupo e 0.2% no geral):** **(i) posição e extensão:** pré-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão longa (1/100%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando (quando)* (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); **(iii) codificação do sujeito:** não tópico (1/100%), não persistência tópica (1/100%), não correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de primeira pessoa (1/100%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (1/100%). **Função pragmática:** guia.

d) **Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto indireto (1 dado – 1.5% no grupo e 0.2% geral):** **(i) posição e extensão:** pós-verbal (1/100%), distância longa da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), contiguidade em relação ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão curta (1/100%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando (quando)* (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); **(iii) codificação do sujeito:** sujeito inexistente (não se aplica) (1/100%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de anterioridade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo, condição e motivo* (1/100%). **Função pragmática:** guia/ orientação temporal.

e) **Verbo (Δ) Temporal (Δ) Objeto direto (7 dados – 10.8% no grupo e 1.4% geral):** **(i) posição e extensão:** pós-verbal (5/71.4%), distância curta e longa da margem esquerda (3/42.9%), distância longa da margem direita (6/85.7%), distância curta em relação ao verbo da nuclear (4/57.1%) e oração de extensão curta e média (3/42.9%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada pelo conector *cuando (quando)* (6/85.7%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (4/57.1%); **(iii) codificação do sujeito:** alta

acessibilidade anafórica (5/71.4%), alta, média e não persistência tópica (2/28.6%), não correferencial ao da nuclear (4/57.1%), evocado (7/100%), elíptico (5/71.4%), de primeira pessoa (5/71.4%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (4/57.1%) e relação lógico-semântica de *tempo prototípico* e *tempo, condição e motivo* (2/28.6%). **Função pragmática:** guia/orientação temporal.

f) *Verbo auxiliar de perífrase* (Δ) *Temporal* (Δ) *Verbo principal de perífrase* (1 dado – 1.5% no grupo e 0.2% geral): **(i) posição e extensão:** intraverbal (1/100%), distância curta da margem esquerda (1/100%), distância curta da margem direita (1/100%), interno ao verbo da nuclear (1/100%) e oração de extensão média (1/100%); **(ii) apresentação formal:** desenvolvida, encabeçada por outros conectores (1/100%) e compartilhamento de tempo/modo com a nuclear (1/100%); **(iii) codificação do sujeito:** alta acessibilidade anafórica (1/100%), alta persistência tópica (1/100%), correferencial ao da nuclear (1/100%), evocado (1/100%), elíptico (1/100%), de primeira pessoa (1/100%); **(iv) relações cronológicas e semânticas:** relação cronológico-temporal de simultaneidade (1/100%) e relação lógico-semântica de *tempo e concessão* (1/100%). **Função pragmática:** guia/orientação temporal.

Na intenção de verificar qual desses *types* refletiria melhor o protótipo de oração intercalada, aplicamos os critérios de *aderência dos termos que rompe, semelhança de traços e frequência* e verificamos que o padrão *V1* (Δ) *Temp* (Δ) *V2* seria o mais próximo desse modelo, tendo em vista a ruptura de elementos bastante agregados, os traços redundantes aos de sua categoria e a baixa frequência. Embora seja estratégia que reflete alta complexidade estrutural, pode ser recurso para prover a cláusula-núcleo de informações necessárias a seu entendimento.

Aos pesquisadores, restam, ainda, temas e questões que podem suscitar novas investigações, entre os quais: a aplicação/reelaboração do modelo em outros *corpora* escritos e/ou orais; o acréscimo de novos dados, considerando as distintas variedades do Espanhol; o cruzamento entre variáveis; e a análise exclusiva de cada um dos *types* elencados, em especial, o padrão *Conector de oração subordinada* (Δ) *Temporal* (Δ) *Oração subordinada*, que, apesar de ter sido incluído entre as não prototípicas, pela frouxa relação entre conector e subordinada, envolve dependência entre o verbo da oração matriz e a dependente que o complementa, o que coloca a *Temporal* em um contexto interoracional, assumindo, também, caráter de intercalada prototípica. Creemos, também, ser viável uma análise que observe as

diferenças entre temporais (não)prototípicas pré e pós verbais, a fim de verificar se a posição em relação ao verbo exige a distinção em novas categorias. Destacamos, também, a importância de um estudo posterior sobre os graus de integração da oração intercalada (prototípica e não prototípica) com os elementos que a precedem ou a sucedem.

Em suma, destacamos a relevância deste trabalho em várias perspectivas: (i) no apurado levantamento de estudos sobre intercalação; (ii) na relevância para os estudos descritivos em Língua Espanhola, em especial, a variedade mexicana; (iii) na proposição de critérios que ajudaram a caracterizar o tão complexo fenômeno da intercalação; (iv) no modelo construído, vinculado à Teoria dos Protótipos, que possibilitou uma alternativa de análise das intercaladas no uso real; e (v) na análise de diversos fatores, que permitiram uma descrição pormenorizada de cada *type*.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. 2. reimpr. Real Academia Española, Madrid: Espasa Calpe, 2000.
- ALTIERI FERNÁNDEZ, Nicolina. **Manual de Morfosintaxis**. 3. ed. corregida y aumentada. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2002.
- ARIZA, Manuel. Contribución al estudio del orden de palabras en español. **Anuario de estudios filológicos**, n. 1, p. 9-42, 1978.
- BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Caracas: La Casa de Bello, 1995.
- BERLIN, Brent; KAY, Paul. **Basic color terms: their universality and evolution**. Berkeley: University of California Press, 1969.
- BOLINGER, Dwight L. Meaningful word order in Spanish. **Boletín de Filología**, v. 8, p. 45-56, 1954-1955.
- BRAGA, Maria Luiza. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. *In*: KOCH, Ingedore G. (Org.). **Gramática do Português Falado**. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 239-258.
- BRAGA, Maria Luiza; PAIVA, Maria da Conceição de. Linguística Textual e Sintaxe. *In*: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações – Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaga Koch**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 189-210.
- BRITO, Ana Maria. As orações temporais. *In*: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A, 2003. p. 721-728.
- BYBEE, Joan. **Frequency of use and the organization of language**. New York: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha e Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- CAMPOS, Júlia Langer; CEZARIO, Maria Maura; ALONSO, Karen Sampaio Braga. Formação da construção Xmente. **Delta**, v. 33, n. 1, p. 133-158, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v33n1/1678-460X-delta-33-01-00133.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARRASCO GUTIÉRREZ, Ángeles. El tiempo verbal y la sintaxis oracional. La *consecutio temporum*. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Dirs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española** – Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa Calpe, S. A., 1999. v. 2. p. 3061-3128. (Colección Nebrija y Bello).

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Análise sociofuncionalista da ordenação de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no Espanhol mexicano oral**. 2015. 182 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. A influência dos fatores escolaridade, idade e tipo de oração/conectivo na ordem de Orações Temporais. In: SEMANA ACADÊMICA DOS CURSOS DE LETRAS NOTURNO DA UFC, 2., 2016, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará, 2016a.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza; CARDOSO, Maria Neurielli Figueiredo. Análise funcionalista da ordenação de orações temporais em relatos da Revista Seleções. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, p. 108-126, jan./jun. 2016.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. Análise das Orações Temporais reduzidas em Espanhol pelo viés do princípio de marcação. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 27, n. 55, p. 83-107, jul./dez. 2017a.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. A ordem de Cláusulas Hipotáticas Adverbiais Temporais no Espanhol mexicano oral e suas motivações discursivas, semânticas e sociais. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA CONECTIVOS E CONEXÃO DE ORAÇÕES, 1., 2017b, Niterói-RJ. **Anais...** Niterói – RJ: Letras da UFF, 2017b.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, Wallace L (Ed.). **The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

CHAFE, Wallace L. How People Use Adverbial Clauses. **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, [S.l.], p. 437-449, oct. 1984. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/1936>. Acesso em: 16 set. 2017.

CHEDIER, Carolina Moreira. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CONTI JIMÉNEZ, Carmen. Subordinación periférica y subordinación dependiente: clasificación estructural de la subordinación adverbial en español. In: MAIRAL, Ricardo; GUERRERO, Lilián; GONZÁLEZ VERGARA, Carlos. (Eds.). **El funcionalismo en la teoría lingüística: La Gramática del Papel y la Referencia**. Madrid: Akal, 2012. p. 269-286.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editora Ariel, S.A., 1999.

DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DANTAS, Marcelo; CAVALCANTE, Vanessa. **Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quantitativa**. 2006. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/14344653/Pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>. Acesso em: 17 set. 2015.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, Maria Beatriz Nascimento; SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; LIBERATO, Yara Goulart (Orgs.). **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. 1. ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001, v. 5. p. 103-166.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. **Veredas atemática**, Juiz de Fora (MG), v. 18, n. 2, p. 123-135, 2014.

DEHÉ, Nicole; KAVALOVA, Yordanka. Parentheticals – An introduction. DEHÉ, Nicole; KAVALOVA, Yordanka (Eds). **Parentheticals**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 1-22.

DELANCEY, Scott. An interpretation of split ergativity and related patterns. **Language**, Baltimore, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español - Desarrollos teóricos. Ejercicios. Soluciones**. Buenos Aires: Edicial, 1997.

DIESEL, Holger. The ordering distribution of main and adverbial clauses: a typological study. **Language**, v. 77, n. 3, p. 433-455, set. 2001.

DIESEL, Holger. Competing motivations for the ordering of main and adverbial clauses. **Linguistics**, v. 43, n. 3, p. 449-470, set. 2005.

DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar** – Part 1: The structure of the Clause. 2. ed. rev. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar** – Part 2: Complex and derived constructions. 2. ed. rev. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

DUBOIS, John Wayne. Competing motivations. *In*: HAIMAN, John (Org.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1985.

DUBOIS, John Wayne. Discourse and grammar. *In*: TOMASELLO, Michael. (Ed.). **The new psychology of language**. v. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 47-87.

DUBOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião Josué. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. *In*: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 49-71.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FORD, Cecilia. Overlapping relations in text structure. *In: ANNUAL MEETING OF THE PACIFIC LINGUISTICS CONFERENCE*, 2., 1986, Oregon. **Proceedings...** DELANCEY, Scott; TOMLIN, Russell S. (Eds.). Oregon: University of Oregon, Dept. of Linguistics, 1987.

FOX, Barbara. Principles shaping gramatical practices: an exploration. **Discourse studies**, Los Angeles, London, v. 9, n. 3, p. 299-318, 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. *In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.). **Variação estilística** – Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 123-139.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática***. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003. p. 29-55.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta***. Rio de Janeiro: MAUAD X: FAPERJ, 2013. p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Cognição e gramática. *In: PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emilia Maria Peixoto. (Orgs.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos percursos***. 2. Ed. Rev. e Atual. Caxias do Sul, RS: EducS, 2014. p. 51-62.

GALÁN RODRÍGUEZ, Carmen. **Las oraciones subordinadas adverbiales: temporales, locativas y modales**. Madrid: Liceus, Servicios de Gestión y Comunicación S. L., 2005.

GARCÍA BERRIO, Antonio. Bosquejo para una descripción de la frase compuesta en español. **Anales de la Universidad de Murcia**, XXVIII-3/4, 1970, p. 209-231, Murcia.

GARCÍA DE PAREDES, Elena Mendéz. Sobre el orden de palabras en español: la colocación de la subordinada temporal en castellano antiguo. **Verba**, n. 20, p. 199-219, 1993.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal. *In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Dirs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española** – Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa Calpe, S. A., 1999. v. 2. p. 3129-3208. (Colección Nebrija y Bello).

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **La gramática de los complementos temporales**. Madrid: Visor Libros, S. L., 2000.

GARCÍA VELASCO, Daniel. Discontinuity and Displacement in a Functional Theory of Grammar. *In: IBÁÑEZ IBÁÑEZ, José R.; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, José Francisco (Eds.).*

A View from the South: Contemporary English and American Studies. AEDEAN INTERNATIONAL CONFERENCE, 34, 2010, Almería. **Atas...** Almería: AEDEAN / U de Almería / Ministerio de Ciencia e Innovación, 2011, p. 412-420. CD-ROM.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILI GAYA, Samuel. **Curso Superior de Sintaxis Española**. Barcelona: Bibliograf, S.A., 2000.

GIVÓN, Talmy. Historical syntax and synchronic morphology: An archaologist's fiel trip. **Papers from the Chicago Linguistic Society**, v. 7, p. 394-415, 1971.

GIVÓN, Talmy. Topic, pronoun and grammatical agreement. *In*: LI, Charles (Ed.). **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. Nova York: Academic Press, 1979a.

GIVÓN, Talmy. (Ed.) **Syntax and Semantics**. Discourse and Syntax. Vol 12. San Diego, California: Academic Press, 1979b.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: a functional-typological introduction. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. *In*: CRAIG, Colette. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 77-102.

GIVÓN, Talmy. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. **Studies in language**, v. 15, n.1. Philadelphia: J. Benjamins, 1991a.

GIVÓN, Talmy. Markedness in grammar: distributional, communicative and cognitive correlates of syntactic structure. **Studies in Language**, v. 15, n. 2, p. 90-98. Oregon: University of Oregon. 1991b.

GIVÓN, Talmy. **English grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1992.

GIVÓN, Talmy. **English grammar**: a function-based introduction. Amsterdam: John Benjamins. v.1, 1993.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: An Introduction – Volume I. Amsterdam: J. Benjamins, 2001a.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: An Introduction – Volume II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001b.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español**. São Paulo: Edições SM, 2005.

GÖRSKI, E. M. Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. **Letras de Hoje**, PUC-RS. Porto Alegre, v. 35, p. 97-120, 2000.

GUERRERO, Lilián; BELLORO, Valeria A.; CONTI JIMÉNEZ, Carmen. Motivaciones en conflicto en la posición de adjuntos temporales de secuencia. **Onomázein**, Chile, v. 3, n. 36, p. 98-121, jun. 2017.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolingüística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 3. Ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Hodder Education, 2004.

HEINÄMÄKI, O. T. **Semantics of English Temporal Connectives**. Tesis (Doctorado) – University of Texas at Austin, 1974.

HOPPER, Paul. Aspect and Foregrounding in Discourse. *In*: GIVÓN, Talmy. (Ed.) **Syntax and Semantics**. Discourse and Syntax. Vol 12. San Diego, California: Academic Press, 1979. p. 213-241.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, Paul. On some principles in the grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. “Centrípeto”. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 437.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. “Estúpido”. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 845.

JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, Rafael. Sobre el uso de las oraciones circunstanciales en niños de 11 a 13 años. **Cauce**, n. 20-21, p. 813-844, 1997-1998.

JIMÉNEZ NORBERTO, Laura. **Las oraciones subordinadas adverbiales propias de tiempo y lugar en el español de México**. 203 p. Tesis (Doctorado en Humanidades – Línea de Lingüística) – Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Iztapalapa, México D.F., 2014.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Inserção: Um Fenômeno de Descontinuidade Na Organização Tópica. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). **Gramática do Português Falado**. 1. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, FAPESP, 1993, v. III. p. 61-74.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Para Uma Descrição Textual-Interativa das Funções da Parentetização. *In*: KATO, Mary Aizawa Kato. (Org.). **Gramática do Português Falado**. 1. ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/FAPESP. v. V, 1996a. p. 339-354.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Parênteses: Propriedades Identificadoras. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. (Org.). **Gramática do Português Falado**. 1. ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/FAPESP. v. IV, 1996b. p. 411-421.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Funções textuais-interativas dos parênteses. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org.). **Gramática do Português Falado**. 1. ed. Campinas/SP: Humanitas/FFLCH/USP; Editora da UNICAMP. v. II, 1999. p. 131-158.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. O metadiscurso entre parênteses. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, p. 293-303, 2009.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Fenômenos intrínsecos da oralidade. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil – a construção do texto falado**. Vol. I. São Paulo: Contexto, 2015a. p. 47.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Tópico discursivo. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. (Org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 85-126. (Gramática do português culto falado no Brasil; v.1/ coordenada por Ataliba Teixeira de Castilho).

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Parentetização. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: a construção do texto falado**. Vol. I. São Paulo: Contexto. 2015c. p. 279-331.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi *et al.* Organização tópica da conversação. *In*: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do português falado – Volume II: Níveis de análise linguística**. 4. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 341-428.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. The boundaries of words and their meaning. *In*: BAILEY, C.; SHUY, R. (eds.). **New ways of analyzing variation in English**. Washington DC: Georgetown University Press, 1973. p. 340-373.

LABOV, William. Denotational Structure. *In*: FARKAS, D.; JAKOBSEN, W; TODRYS, K. (eds.). **Papers from the Parasession on the Lexicon**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1978a. p. 220-260.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop. A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978b.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some Sociolinguistic Principles. *In*: PAULSTON, Christine Bratt; TUCKER, G. Richard (orgs.) **Sociolinguistics**. The essential readings. New York: Cambridge, 2003.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: cognitive and cultural factors. v. 3. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, June. (ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teorias, hipóteses e variáveis. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: UCP, 1987.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 181-225.

LESSA, Márcia da Silva Mariano. **Ordenação de circunstanciais temporais e locativos na escrita jornalística contemporânea**. 2012. 139 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LIMA, Maria Claudete. **A não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344**. 2009. 471 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LOBO, Maria. **Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística/Sintaxe) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2003.

LÓPEZ GARCÍA, Ángel. **Gramática del Español – I. La Oración Compuesta**. Madrid: Editorial ARCO LIBROS. S. L., 1994.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura da oração reduzida**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1971.

MANN, William; THOMPSON, Sandra A. **Relational propositions in discourse**. California: University of Southern California, 1983.

MANN, William; THOMPSON, Sandra A. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. **Text**, v. 8, n.3, p. 243-281, 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Hesitação. *In*: JUBRAN, Célia Spinardi. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil** – a construção do texto falado. Vol. I. São Paulo: Contexto, 2015. p. 49-68.

MARTÍN BUTRAGUEÑO, Pedro; LASTRA, Yolanda. (Coords.). **Corpus sociolingüístico de la ciudad de México (CSCM)**. México: El Colegio de México, 2011-2015. Disponível em: <http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/CSCM/Corpus.htm>. Acesso em: 24 out. 2017.

MARTÍN BUTRAGUEÑO, Pedro; LASTRA, Yolanda. **Corpus sociolingüístico de la ciudad de México**. Vol. I: Hablantes de instrucción alta. México: El Colegio de México, 2011. Disponível em: <http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/CSCM/Introduccion%20a%20los%20materiales%20de%20la%20ciudad%20de%20Mexico%20nivel%20superior.pdf>. Acesso em 30 ago. 2017.

MARTÍN BUTRAGUEÑO, Pedro; LASTRA, Yolanda. **Corpus sociolingüístico de la ciudad de México**. Vol. II: Hablantes de instrucción media. México: El Colegio de México, 2012. Disponível em: <http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/CSCM/Introduccion%20a%20los%20materiales%20de%20la%20ciudad%20de%20Mexico%20nivel%20medio.pdf>. Acesso em 24 out. 2017.

MARTÍN BUTRAGUEÑO, Pedro; LASTRA, Yolanda. **Corpus sociolingüístico de la ciudad de México**. Vol. III: Hablantes de instrucción baja. México: El Colegio de México, 2015. Disponível em: <http://lef.colmex.mx/images/Publicaciones/CSCMbajo.pdf>. Acesso em 24 out. 2017.

MASIP, Vicente. **Gramática Española para Brasileños: Fonología y Fonética, Ortografía, Morfosintaxis**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MATTE BON, Francisco. **Gramática Comunicativa del Español** – Tomo I – De la lengua a la idea. Madrid: Difusión, 1992.

MATTE BON, Francisco. **Gramática Comunicativa del Español** – Tomo II – De la idea a la lengua. Madrid: Difusión, 1992.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and ‘subordination’. *In*: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 275-329.

MOURE, Teresa. La teoría de prototipos y su aplicación en gramática (I y II). **Contextos**, XII/23-24, p. 167-219, 1994.

NEBRIJA, Antonio de. **Gramática de la lengua castellana**. Ed. de A. Quilis. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces, 1990 [1492].

NEVES, Maria Helena de Moura. A articulação de orações: reflexões de base funcionalista. *In*: CONGRESSO DA ABRALIN. **Anais**. Maceió: Mimeo, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. *In*: VOTRE, Sebastião Votre; RONCARATI, Cláudia. (Orgs.). **Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 254-264.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática do Português revelada em textos**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e Gramaticalização: uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. esp., 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 jun 2010.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of Grammar. **Annual Review of Anthropology**, v. 13, p. 97-117, 1984.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. **A posição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil**. 1999. 241f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 1999.

OITICICA, José. **Teoria da correlação**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

OLIVARES PARDO, María Amparo. El tiempo y los tiempos en las subordinadas temporales. Estudio de casos. *In*: FIGUEROLA CABROL, María Carme; PARRA, Montserrat; SOLÀ, Pere. (eds.). **La lingüística francesa en el nuevo milenio**. Lleida: Editorial Milenio, 2002, p. 541-550.

OROZCO, Leonor. Tú genérico en el español de México. **Borealis – An International Journal of Hispanic Linguistics**, v. 8, n. 2, p. 275-294, 2019.

PADILLA GARCÍA, Xosé. **El orden de palabras en español coloquial**. Barcelona: Ariel, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição de. Restrições à posição de S_{preps} temporais na modalidade falada. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 56, n. 1, UNESP, São José do Rio Preto, 2012.

PÉREZ JIMÉNEZ, María Isabel; MORENO QUIBÉN, Norberto. El margen izquierdo oracional en español: cláusulas absolutas periféricas y predicados incidentales. *In*: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LINGÜÍSTICA (SEL), 37, 2008, Pamplona. **Atas...** Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2008. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/handle/10171/21166>. Acesso em: 12 set. 2017.

PERINI, Mário Alberto. **Estudos de gramática descritiva** – as valências verbais. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEZATTI, Erotilde Goreti. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre Tema, tópico e foco. **Alfa**, São Paulo, v. 42, p. 133-150, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4272/3861>. Acesso em: 28 jan. 2020.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PIATTI, Guillermina Inés. Algunas observaciones sobre el orden sintáctico en la oralidad. **Plurentes**, ano 1, n. 2, p. 1-22, 2012.

PILAR GARCÉS, María. **La oración compuesta en español, estructuras y nexos**. Madrid: Verbum, 1994. 189 p. (Colección Cervantes).

PINHEIRO, Clemilton Lopes. **Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto**: um estudo a partir da topicalidade. 421 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis, Assis, 2003a. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/102480?locale-attribute=es>. Acesso em: 22 dez. 2016.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto: um estudo sobre o uso de formas referenciais na organização tópica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 37-64, jul./dez. 2003b. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/254. Acesso em: 22 dez. 2016.

POBLETE BENNETT, María Teresa. Los marcadores discursivo-conversacionales en la construcción del texto oral. **Onomazein**, Santiago, v. 2, p. 67-81, 1997. Disponível em: http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/2/2_Poblete.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

POBLETE BENNETT, María Teresa. La cohesión de los marcadores discursivos en distintos tipos de discurso. **Estudios Filológicos**, Valdivia, n. 34, p. 165-180, 1999. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0071-17131999003400012&script=sci_arttext. Acesso em: 25 mar. 2020.

PORROCHE BALLESTEROS, Margarita. **Aspectos de gramática del español coloquial para profesores de español como L2**. Madrid: Editorial Arcolibros, 2009.

PORTILLA, Mario. Las oraciones circunstanciales en español. **Filología y Linguística**, Costa Rica, v. 35, n. 2, p. 191-205, 2009. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/filyling/article/view/1172/1235>. Acesso em: 11 maio 2019.

PRINCE, Ellen. Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, Peter. (ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

PRINCE, Ellen. The ZPG letter: Subjects, Definiteness, and Information Status. *In*: THOMPSON, Sandra; MANN, William. (Eds.). **Discourse Description: Diverse Analyses of a Fund Raising Text**. Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 295-325.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney. **A University Grammar of English**. England: Longman, 1973.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVATRVIK, Jan. **A comprehensive grammar of the English language**. Londres: Longman, 1985.

RAMSAY, Violeta. The functional distribution of preposed and postposed “if” and “when” clauses in written discourse. *In*: TOMLIN, Russell S (Ed.). **Coherence and Grounding in Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 383-408.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española: manual**. Madrid: Asociación de Academias de La Lengua Española, 2010. 993 p. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=JtsFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=es&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 06 dez. 2012.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Interpolar. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario da la lengua española**. Madrid: Real Academia Española, 2014. Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=LwIT8WI>. Acesso em: 30 ago. 2017.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Desgajar. *In*: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario da la lengua española**. Madrid: Real Academia Española, 2014. Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=D0Ib0ws>. Acesso em: 30 ago. 2017.

RELVAS, Vanessa Pernas Ferreira. **O conector quando: uma análise pancrônica**. 2013. 178 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26258592-O-conector-quando-uma-analise-pancronica.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. 14. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

RIFÓN, Antonio. Habitualidad e iteratividad en la derivación verbal española. **Verba**, v. 21, p. 183-206, 1994.

RIJKHOFF, Jan. Word order universals revisited: the principle of Head Proximity. **Belgian Journal of Linguistics**, v. 1, p. 95-125, 1986.

RODRIGUES, Violeta Virginia. O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão. *In*: BERNARDO, Sandra Pereira & CARDOSO, Vanda de (org.) Estudos da linguagem: Renovação e síntese. CONGRESSO DA ASSEL-RIO, 8., 1998, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro, 1998. p. 761-769.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Correlação. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Em foco a correlação. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 122-139, Dezembro 2014. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4028/3006>. Acesso em: 01 set. 2017.

RODRÍGUEZ RAMALLE, Teresa. **Manual de Sintaxis del Español**. Madrid: Editorial Castalia, 2005.

ROMERO GUALDA, María Victoria. Orden de los elementos oracionales en español. **Rilce - Revista de Filología Hispánica**, v. 1, n. 1. p. 91-111, ene./jun. 1985.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

ROSCH, Eleanor. Natural categories. **Cognitive Psychology**, v. 4, p. 328-350, 1973a.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. *In*: MOORE, Timothy E. (Ed.). **Cognitive Development and the Acquisition of Language**. New York: Academic Press, 1973b. p. 111-144.

ROSCH, Eleanor. Human categorization. *In*: WARREN, Neil. (Ed.). **Advances in Cross-Cultural Psychology**. London: Academic Press, 1977.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. *In*: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara. (Eds.). **Cognition and Categorization**. Nueva Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1978. p. 27-48.

ROSCH, Eleanor; MERVIS, Carolyn B. Family resemblances: Studies in the internal structure of categories. **Cognitive Psychology**, v. 7, p. 573-605, 1975.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SARMIENTO, Ramón; SÁNCHEZ, Aquilino. **Gramática básica del español: norma y uso**. 14. ed. Madrid: Sociedad General Espanola de Libreria, 2007. 336 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SECO, Rafael. **Manual de Gramática Española**. 11. Ed. Madrid: Aguilar, 1996.

SILVA, Cristiany Fernandes da; SALLES, Heloísa. Orações temporais iniciadas por *quando*: uma comparação entre o português e o espanhol. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17., 2014, João Pessoa, Paraíba. **Anais...** João Pessoa: ALFAL, 2014, p. 3923-3933. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0185-1.pdf>. Acesso em 19 set. 2017 às 20h16.

SILVEIRA, Elisabeth. **O aluno entende o que se diz na escola?** Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997.

SOUZA, Maria Suely Crocci de. O papel discursivo e coesivo das orações temporais. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Descrição do Português**: definindo rumos de pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001. p. 67-78.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAYLOR, John R. **Linguistic categorization** – Prototypes in Linguistic Theory. 2. ed. Oxford: OUP, 1995.

TESNIÈRE, Lucien. **Éléments de Syntaxe Structurale**. 2. ed. Paris: C. Klincksieck, 1965.

TOMASELLO, Michael. Introduction: a Cognitive-Functional Perspective on Language Structure. *In*: TOMASELLO, Michael. (Ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. v. 1. London: LEA, 1998. p. vii-xxiii.

TOMLIN, Russel. **Basic word order**: Functional principles. London: Routledge (CroonHelm), 1986.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Conditional markers. *In*: HAIMAN, John. (Ed.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 289-307.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, 1968.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical investigations**. 2. Ed. Oxford: Blackwell, 1958.